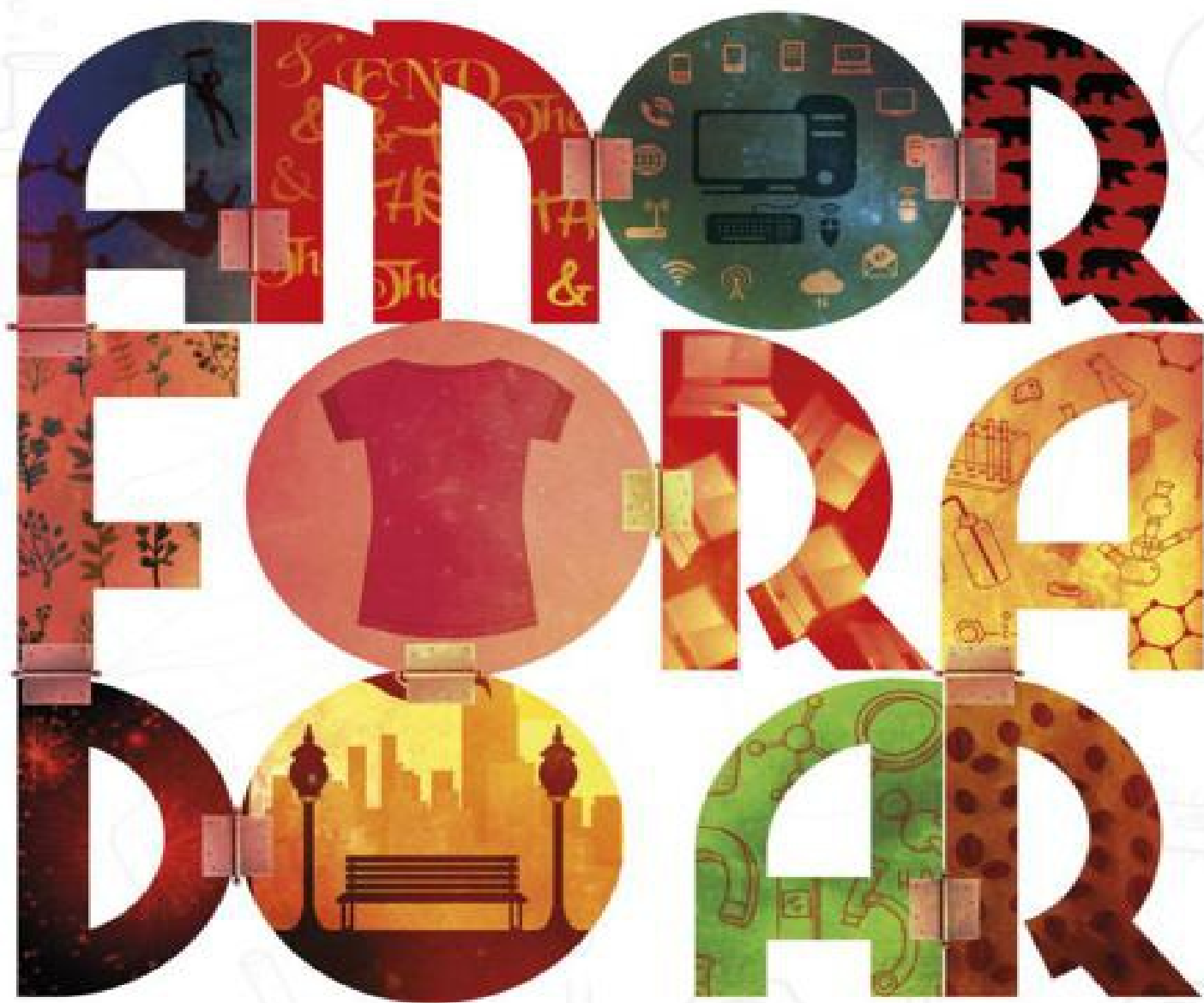


JESSICA PARK

AUTORA BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*





Encontre mais livros como este no [e-Livros](#)

[e-Livros.xyz](#)

[e-Livros.site](#)

[e-Livros.website](#)

Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Ficha catalográfica](#)

[Parte 1](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Parte 2](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Parte 3](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

Jessica Park

Amor fora do ar

Tradução de Bianca Briones



Copyright © Jessica Park, 2015

Todos os direitos reservados
Copyright © 2015 by Editora Pandorga

Título original: *Flat-Out Love*

Direção Editorial
Sílvia Vasconcelos

Editora
Barbara Castro

Assistente editorial
Gisely Malvezzi

Tradução
Bianca Briones

Preparação e revisão
Aline Salles (AS Edições)

Diagramação
Claudio Tito Braghini Junior

Composição de capa
Renato Klisman

Diagramação Digital
Claudio Tito Braghini Junior

TEXTO DE ACORDO COM AS NORMAS DO NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA
(DECRETO LEGISLATIVO Nº 54, DE 1995)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Park, Jessica
Amor fora do ar / Jessica Park ; [tradução Bianca Briones]. –
Carapicuíba, SP : Pandorga Editora e Produtora, 2015.

Título original: Flat out love.
1. Ficção juvenil I. Título.

15-01788

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção: Literatura juvenil 028.5

2015
IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRAZIL
DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À
EDITORIA PANDORGA
Avenida São Camilo, 899
CEP 06709-150 - Granja Viana - Cotia - SP
Tel. (11) 4612-6404
www.editorapandorga.com.br

Para Lori, que faz suas próprias dobradiças.

Não é o que você sabe – ou o quanto você vê – que importa.
É a jornada.



Parte 1



Capítulo 1

Julie Seagle olhou para frente e prometeu a si mesma uma coisa: ela nunca mais iria alugar um apartamento por meio de classificados. A alça de sua bagagem de mão afundou em seu ombro, e ela a deixou cair sobre as duas malas que estavam na calçada. Não que ela tivesse algum lugar para levá-las agora. Julie olhou, incrédula, para a placa de néon que piscava indicando os melhores burritos em Boston. Rer a impressão do e-mail não mudou as coisas.

Sim, aquele era o endereço correto. Mesmo que ela amasse um bom burrito e o pequeno restaurante tivesse um certo charme, era bem claro que o edifício de um andar não incluía um apartamento de três quartos capaz de abrigar alunos de faculdade. Ela suspirou e pegou o celular em sua bolsa.

— Oi, mãe.

— Querida! Acho que você já chegou em Boston, certo? Ohio já está sentindo sua falta. Não consigo acreditar que já está na faculdade. Como é o apartamento? Você já conheceu seus colegas de quarto?

Julie pigarreou e olhou para o telhado plano do restaurante.

— O apartamento... é arejado. Tem sacada muito espaçosa.

— Como é o seu quarto? É minúsculo? — Sua mãe parecia preocupada. — Bem, mesmo que seja, provavelmente é melhor do que um dormitório, certo?

— O meu quarto? Ah, é, ãh, bastante pequeno, eu diria. — Julie sentou-se em uma de suas malas. Um ônibus da cidade guinchou ao frear atrás dela, e ela se encolheu com o ruído agudo.

— O que foi isso? Seu quarto é próximo da rua? Oh, Deus, você está no primeiro andar? Isso é perigoso, Julie. É muito mais fácil para um criminoso invadir. Tem trancas nas janelas? Deixe-me perguntar ao seu tio sobre isso. Talvez haja algo que você possa fazer para deixá-lo mais protegido.

— Eu não estou vendo nenhuma janela no momento, mamãe. — Julie sentiu seus olhos começando a lacrimejar. Aquilo era um pesadelo. Ela havia estado em Boston, ou, mais especificamente, no Jamaica Plain, por apenas uma hora, e suas expectativas de uma vida glamourosa na faculdade estavam começando a cheirar muito mais como uma especialidade sul-americana do que ela imaginou. — Eu acho que não tenho realmente um quarto.

Sua mãe fez uma pausa.

— O que quer dizer com não ter um quarto? Enviei o primeiro pagamento e o último, e um depósito de segurança, assim como pediu o senhorio. Um cheque, pelo amor de Deus! Ele deu seu quarto para outra pessoa? — O pânico crescente na voz de sua mãe não estava ajudando.

— Eu estou no endereço correto. O motorista de táxi me garantiu que eu estava no lugar certo. Mas o meu suposto prédio de apartamentos é um restaurante de burritos.

— Burritos! Santa mãe de Deus!

— Eu sei. Burritos são sempre alarmantes. — Julie olhou ao redor, totalmente sem saber o que deveria fazer em seguida. — Mãe, o que eu vou fazer? — Embora ela não quisesse assustar a mãe mais do que já estava, Julie não pôde evitar que sua voz vacilasse. Ela estava sozinha em uma cidade estranha, não conhecia ninguém ali, e estava sentada sobre uma montanha de bagagem.

Pelo menos, a vantagem de estar encalhada em uma rua movimentada era que ninguém parecia pensar que ela estava fora de lugar. Muita gente tinha andado por ali sem lhe dar uma segunda olhada. Era a primeira semana de setembro, e ela estava em uma cidade universitária, mais de um caminhão de mudança poderia ser visto durante o tráfego, entregando estudantes e seus pertences para seus apartamentos que não funcionavam como restaurantes.

Julie rapidamente enxugou os olhos e tirou os óculos escuros. Ela daria tudo para estar andando em um desses caminhões em movimento, abarrotado com um monte de amigos.

— Eu não tenho onde morar. E todo o dinheiro que você gastou... Isto deveria ser mais barato do que os dormitórios. E não deveria cheirar como burritos. — Sair de casa pela primeira vez, ser enganada ao pagar por um apartamento inexistente e se ver uma desabrigada em Boston estava complicado demais.

— Julie, não se preocupe com o dinheiro agora. Isso não é culpa sua. Achei que o anúncio fosse perfeitamente normal também. Sente-se e aguarde por alguns minutos que eu vou ligar para a faculdade e ver se eles podem ajudar você, ok? Apenas aguarde um pouco. Você está bem?

Julie fungou.

— Sim, eu estou bem.

— Não se mexa. Vou ligar de volta para você e vamos corrigir isso.

Julie colocou seus fones de ouvido e passou vinte minutos excruciantes ouvindo música melancólica, tirando lascas do esmalte roxo-escuro que tinha passado na noite anterior, ao mesmo tempo que atualizava seu *status* no Facebook.

Julie Seagle *Boston, dia 1: Recuso-me a me referir à cidade pelo seu apelido, isso seria parecer muito turista. Sou residente agora, apesar de não ter efetivamente uma residência.*

Um calor irradiava do asfalto, e até agora aquela sauna de cidade não estava parecendo muito legal. Um pouco de autopiedade parecia justo.

Tudo o que ela queria era uma experiência universitária normal e a oportunidade de desfrutar da escola sem se preocupar que seus amigos iriam achar ridículo que ela realmente gostasse de aprender. Ela não precisava ir para a universidade mais cara do país, a escola de excelência ou para a mais cotada. Ela só queria não ser obrigada a esconder quem realmente era.

Seria bom finalmente estar confortável em admitir que ela era louca por literatura, que achava que se envolver com um livro era reconfortante, e que não queria nada mais do que se aprofundar em discussões animadas em salas de aula.

Então, querer um lugar para viver, enquanto ela começava sua carreira universitária, parecia razoável o suficiente.

Certamente, a Faculdade Whitney não deixaria uma estudante transferida do Sul de Ohio e cada vez mais ansiosa cuidar de si mesma nas ruas de Boston.

Ela poderia sempre passar a noite em um hotel, obviamente, mas com certeza seria preferível encontrar uma solução mais permanente. Devia haver alguns alunos que mudaram os planos na última hora, liberando um dormitório, certo? Talvez.

Bem, o restaurante de burrito estava contratando, por esta razão, talvez fosse um sinal de que ela devesse revisar seu espanhol, cultivar um interesse em culinária étnica...

O telefone de Julie mal tinha dado um toque completo antes de ela atender.

— Mãe?

— Essa maldita faculdade não ajudou em nada. Aparentemente, todas as faculdades dentro de um raio de cinquenta quilômetros estão numa mesma crise horrível de habitação, e Whitney está presa se responsabilizando por colocar os estudantes em hotéis. Eu tive outra ideia. Você se lembra de Erin Watkins?

— Sua colega de quarto da faculdade? A grande advogada? Eu não sabia que vocês ainda eram amigas.

— Bem, nós não somos realmente. Eu não converso com ela há anos, mas me lembro de ler na revista dos alunos que ela vive em Cambridge. A nota dizia que ela leciona em Harvard agora, e, por um golpe de sorte, eu a encontrei em seu escritório.

— Deus, isso é embaraçoso, mas ela sabe de algum apartamento? — Julie perguntou esperançosa.

— Bem, não. Mas ela insistiu para você ir e ficar com ela até que possa encontrar uma alternativa adequada. Seu filho, Matthew, está a caminho para buscá-la. Eu dei o endereço a ela. Erin disse que você não está em uma parte boa da cidade, e é melhor que sejam apenas quatro horas da tarde e não esteja escuro. Ele está dirigindo um Volvo azul e deve estar aí a qualquer minuto.

— Ok. Matt. Cidade perigosa. Volvo azul. Se eu entrar no carro errado, for assassinada e jogada em um beco, quero que você saiba o quanto eu te amo. E não olhe na terceira gaveta da minha mesa.

— Isso não é engraçado. De qualquer forma, Matthew vai para o MIT. Algum tipo de graduação em física. Ou era matemática? Você pode acreditar nisso? Com os genes de Erin, eu não deveria ficar surpresa que ela tenha um filho gênio.

— Tenho certeza de que ele é incrivelmente legal. Mas a palavra física já me deixa com calor e palpitação.

— Não estou fazendo um serviço de acompanhantes aqui, Julie. Estou tentando fazer com que você fique em algum lugar seguro, onde não vou me preocupar como uma boba com você.

— Sim, mamãe. Vou encontrar outro serviço de encontros on-line para a região de Boston. — Julie levantou-se e alisou a frente de sua blusa. Ela se virou para a rua, aliviada por, pelo menos, ser capaz de ficar na expectativa da espera de uma carona em vez de tentar não parecer perdida. — Quando foi a última vez que você falou com Erin mesmo?

— Anos atrás. Só nos falamos algumas vezes desde a graduação. De vez em quando, ouço alguma coisa sobre ela. Os amigos que você faz na faculdade são amigos que vai ter para a vida, mesmo que não converse por anos. Você vai ver.

Um carro escuro reduziu a velocidade e parou, estacionando em fila dupla na frente de Julie.

— Mãe, eu tenho que ir. Acho que o tal Matt está aqui.

— Você tem certeza de que é ele?

Julie olhou para o carro enquanto a janela se abaixava.

— Eu vejo um cara que parece um maníaco com doces coloridos e brilhantes em uma mão e está acenando com uma sangrenta foice com a outra. Oh! Ele está me chamando para entrar no carro. Deve ser a minha carona.

— Julie, pare com isso! — sua mãe ordenou. — Você não tem ideia de como eu me sinto sabendo que a minha única filha está presa em Boston. Eu gostaria de estar aí com você. Certifique-se de que é Matthew. Peça para ver sua carteira de motorista.

— Com certeza, vou fazer isso. Ligo se eu chegar na casa. Eu te amo, mamãe.

— Eu também te amo, querida. Sinto muito sobre essa confusão. Agradeça a Erin por mim, e vou falar com vocês duas mais tarde.

Julie desligou e olhou, esperançosa, para o cara saindo do carro e caminhando em sua direção.

— Matt?

— Acho que, pelas malas, você deve ser a Julie? Ou então estou prestes a raptar a garota errada. — Ele sorriu suavemente e estendeu a mão para cumprimentá-la.

Ele era alto, pelo menos um metro e oitenta, com cabelos loiros-escuros que pendiam sobre os olhos. Sua pele pálida mostrava a Julie que ele não tinha visto muito Sol no verão anterior, e uma olhada na sua camiseta deu uma pista do porquê.

Na camiseta, presa em sua calça jeans mal-ajustada, lia-se “Nietzsche é meu Garoto”. Claramente, ele não era o tipo de cara que se misturava na multidão, e ela suspeitava de que ele tivesse ficado enfurnado na biblioteca durante todo o verão. Mas ele foi gentil o suficiente para largar tudo o que estava fazendo para buscá-la.

Além disso, Julie também teve seus momentos nerds, embora não fosse burra o suficiente para anunciá-los em uma camiseta. Ela escondia. Como qualquer pessoa que quer se encaixar socialmente.

— Muito obrigada por me buscar. Realmente não sabia o que fazer. Espero que eu não esteja te atrapalhando... — Julie ajudou Matt a carregar as malas para o porta-malas do Volvo e, em seguida, deslizou para o banco da frente. O Sol de setembro tinha aquecido o carro e Julie puxou sua camiseta, tentando obter algum ar que fluísse pela sua pele.

— Não tem problema. Desculpe se está tão quente. O ar-condicionado não funciona neste carro, e ninguém parece incomodado em consertá-lo. Não é uma longa viagem, de qualquer forma. — Matt girou a chave para ligar o carro, e uma explosão de ruídos crepitantes deixaram Julie com medo de uma estadia mais longa naquela rua que ela agora odiava. — Não se preocupe. É sempre assim quando eu tento ligá-lo logo após desligá-lo. Apenas um pouco mais... Lá vamos nós!

Julie vislumbrou a si mesma no espelho do lado do passageiro. Ela parecia negavelmente abatida. E suada. E nem suada de uma maneira que possa ser interpretado como brilhando. Ela correu um dedo em cada olho, enxugando o delineador marrom que tinha começado a escorrer e, rapidamente, tentou alisar a franja, que começava a enrolar. Seu cabelo castanho brilhante não estava se saindo bem naquela umidade. Ela não queria pegar um pó compacto e aplicar sobre a camada de sardas que tinha no nariz, mas preferiria causar uma primeira impressão melhor quando aparecesse nos Watkins.

Matt puxou o volante para a direita, evitando, por pouco, bater em um carro em alta velocidade que o fechou.

— Bem-vinda a Boston, conhecida, principalmente, por sua agressividade veicular.

— Estou amando isso já. Entre ser enganada, ficar sem dinheiro, sem habitação permanente, e prestes a começar a faculdade, estou realmente tendo um bom começo aqui hein? — Julie sorriu fracamente, encostando a cabeça na moldura da janela, tomando um ar.

— Poderia ser pior. Você poderia estar vivendo em casa, como eu faço. E vai amar Boston. Qualquer grande cidade tem seus inconvenientes, mas Boston é um ótimo lugar para ir à faculdade. Quando você começar e tudo se endireitar, vai ficar bem. Você entrou na

Whitney?

— Sim. Mas não é exatamente o MIT — ela disse com um sorriso irônico. — Tenho certeza de que Literatura 101 não pode competir com o quê? Adoração de Equações Diferenciais?

Matt riu.

— Quase. Esse foi no ano passado. Este ano é Devoção obsessiva à Teoria de Análise e Aplicações de Fourier. E, o meu favorito, Física Quântica II: Envolvimentos Românticos de energia e matéria.

Julie virou a cabeça para Matt.

— Você está em uma graduação dupla? Física e matemática? Jesus...

— Eu sei. Nerd. — Ele encolheu os ombros.

— Não, eu estou impressionada. Estou surpresa que seu cérebro se encaixe na sua cabeça.

— Fui equipado com um filtro de compactação especialmente projetado para permitir que informações excessivas permaneçam latentes até que eu precise acessá-las. É apenas a versão Beta, por isso, me desculpe por quaisquer problemas que possam aparecer. Realmente não posso ser responsabilizado.

— Obrigada pelo aviso. — Julie assentiu séria. — Não sei no que eu vou me graduar. Talvez psicologia? Ou inglês? Não tenho certeza. Então, estamos ainda no Jamaica Plain?

— Não. Agora estamos em Cambridge. E esse — ele começou, enquanto eles viraram uma esquina e estavam sobre uma ponte — é o Rio Charles. Este é Memorial Drive, e Harvard Square é logo ali. Nós podemos atravessar, se quiser ver. — Julie assentiu ansiosa. — Há uma parada de transporte aqui e é a poucos minutos a pé da casa dos meus pais.

Pela primeira vez, desde que o avião tinha pousado, Julie sentiu-se animada por estar ali. O rio era lindo e pontilhado com pessoas praticando canoagem e caiaque, seus coletes brilhantes marcavam superficialmente a água com cor.

Eles dirigiram por arcadas e portões de ferro, calçadas lotadas, caminhos de paralelepípedos entre os prédios e muitas lojas e restaurantes. Ela gostou da atmosfera agitada dali.

— Até que ponto é Whitney? Será que eu consigo encontrar um apartamento por aqui?

— Não muito longe. Whitney está localizada em Black Bay, que pertence a Boston, não Cambridge, assim, você sai em Hynes. É bem perto da Faculdade Berklee de Música.

— Legal. Então, se eu tiver um impulso de vestir alguma roupa da Lady Gaga, vou ser capaz de encontrar alguns cantores de *backing vocal*, sem quaisquer problemas. — Julie franziu a testa ao ver o olhar confuso de Matt. — Lady Gaga? Chapéus atrozes? Ombreiras em abundância? Causou uma revolução no mundo da música há poucos anos? Roupas coladas no corpo com penas e couro e fivelas, ah, meu? Nada?

— Não faço ideia — ele disse. — Bem, aqui estamos. — Matt virou o carro para a entrada de uma grande casa azul acinzentada com persianas brancas e guarnições pretas.

Aquele lado da rua estava deliciosamente verde com árvores e jardins luxuosos e casas antigas lindas situadas atrás de uma cerca ou uma proteção de cerca viva. Era difícil de acreditar que era próximo de uma estrada principal, muito perto da animação de Harvard Square. Não precisou ser um aluno do MIT para ver que aquele era um bairro extremamente rico.

— Minha mãe já deve estar em casa agora. Ela queria estar aqui quando você chegasse. E meu pai e Celeste estão, provavelmente, a caminho de casa. Ele tinha uma reunião em sua escola.

— Sua irmã? — Julie supôs.

Matt saiu do carro.

— Sim. Ela tem apenas 13 anos. Espero que você goste de jantar fora. Ninguém aqui cozinha há anos.

— Se não for burritos, vou adorar.

Matt abriu o porta-malas e, em seguida, parou.

— Julie? Eu, provavelmente, deveria... — Sua voz sumiu.

— Sim? — Ela olhou para Matt. — O que foi? Tem algo errado? Falei besteira? Nós vamos comer burritos, não vamos? — Ele balançou a cabeça. — Oh. Eu sabia. Seus pais estão totalmente irritados que eu fui empurrada para eles, certo? Ninguém quer que uma estranha fique em sua casa.

— Não. Nem um pouco. É só que Celeste é... — Ele parecia lutar para descobrir como dizer o que queria. — Bem, ela é uma garota interessante.

— Eu gosto de interessante — Julie disse, puxando uma mala do porta-malas. — Gosto muito de interessante.



Capítulo 2

Julie considerou a possibilidade de que pudesse ter entrado em uma biblioteca em vez de uma residência. O hall de entrada era revestido com prateleiras brancas repletas de livros. E não livros comuns. Aquela, obviamente, não era uma casa de leitores casuais. Um pequeno cômodo se abria à direita, onde um piano ocupava a maior parte do espaço iluminado. Ela seguiu Matt à esquerda pela sala e, imediatamente, amou o sentimento evocado pela decoração. Máscaras culturais e pinturas cobriam as paredes, um globo e um espesso mapa-múndi ficavam em duas mesas de canto que encerravam a confortável divisória em bege.

Julie não pôde deixar de notar o gritante contraste entre aquela casa e a dela. Ela gostava da afinidade da mãe com o padrão xadrez, paredes amarelas e achados de venda de jardim, e a forma como a casa estava sempre em ordem e limpa. Simples, mas acolhedora. Mas quando olhou em torno daquele cômodo, Julie teve de admitir que havia algo terrivelmente sedutor sobre a massa desordenada de estátuas únicas, em negrito, travesseiros estampados e a aura geral acadêmica.

— Matt? É você? Você a encontrou? — A voz veio de outro cômodo e foi seguida do som de passos apressados. Julie viu o alívio surgir no rosto da mulher que entrou na sala. — Julie Seagle! Você é a cara de sua mãe ou o quê? Sou Erin Watkins. Bem-vinda. Graças a Deus sua mãe conseguiu me encontrar. — Ela atravessou a sala e apertou a mão de Julie.

— Muito obrigada por me ajudar. É muito gentil da sua parte me deixar ficar aqui esta noite. Vou procurar um apartamento logo amanhã pela manhã.

Erin era quase tão alta quanto Matt, e Julie podia sentir os ossos de Erin no aperto de mão. Meu Deus, a mulher era magra. Não raquítica, mas certamente frágil.

Erin acenou com a mão e depois tirou um fio de cabelo espesso, firmemente preso a um coque.

— Eu faria qualquer coisa por Kate, então você é mais que bem-vinda para ficar até encontrar um lugar. Falando de sua mãe, você deve avisá-la que está segura. Deixe-me levá-la para cima e lhe mostrar seu quarto, e, em seguida, você pode ligar.

— Vou mostrar a ela. — Matt caminhou a passos largos até as bagagens de Julie.

— Bobagem. Eu sei que você tem trabalhos escolares para fazer. Eu te aviso quando seu pai e Celeste chegarem em casa com o jantar. Julie, siga-me. — Erin se moveu sem problemas pela sala e pegou uma das malas de Julie. — Espero que você fique confortável aqui. Sei que estava esperando estar em seu apartamento hoje, mas pelo menos não ficará em um hotel.

— Mãe, eu realmente preciso falar com você.

— Sim, sim, Matt. Relaxe — Erin disse.

Julie pegou suas outras malas e seguiu Erin, enquanto Matt permaneceu aparentando estar congelado no lugar. Ela virou a cabeça para trás.

— Obrigada, novamente, por me buscar.

Matt assentiu com a cabeça e balançou para trás em seus calcanhares, com as mãos nos bolsos.

— Sem problema.

Matt parecia um bom rapaz. Ele era fácil de conversar, apesar de não ser um completo gostoso, e certamente era inteligente e tinha senso de humor. Ele era um pouco peculiar, ela supôs, mas Julie era muito boa lidando com peculiaridades.

Julie percorreu a arejada escada para o segundo andar. O patamar era uma praça espaçosa com quatro portas que, presumivelmente, levava aos quartos e um pequeno corredor de um dos lados. Mais paredes brilhantes brancas e caras obras de arte.

— Você ficará bem aqui — Erin disse ao empurrar a porta com o ombro.

O quarto tinha um toque masculino visível, com roupa de cama e móveis de madeira escura, prateleiras e alguns livros, imagens, equipamentos de som e DVDs. Uma pequena TV de tela plana pendurada em frente à cama, e um lugar vazio na mesa tinha apenas o espaço suficiente para um laptop.

— Fique à vontade. O banheiro é no fim do corredor. Vou colocar algumas toalhas para você e... Ah, deve ser uma ligação de Roger. — Erin virou a cabeça para um telefone tocando em outro cômodo. — Você gosta de comida tailandesa?

— Sim. E está tudo ótimo. Obrigada.

— Leve o tempo que quiser para se acomodar. Lá estão gavetas vazias, se você quiser desfazer a mala — Erin disse, retirando-se do quarto para atender a chamada.

Julie sentou-se na cama e observou o quarto. Sim, aquele quarto tinha um toque de menino por todo ele. Não que ela se importasse. Ela gostava de meninos, afinal.

Mas estava ansiosa para correr até uma loja de decoração e decorar seu próprio quarto com acessórios de menininha com parte do dinheiro que tinha guardado no verão. Graças a Deus ela ganhara um concurso de redação do distrito escolar a que concorreu, ou teria que usar todas as suas economias em um computador.

Ela tinha levado semanas para escrever a peça sobre as respostas dos Estados Unidos às catástrofes e desastres naturais, mas não foi um mau negócio para um novo laptop Mac. Foi bom que seus amigos não seguissem as notícias da escola, a não ser que tivessem a ver com esporte, danças ou uma batalha de bandas, porque ela teria sido zombada impiedosamente por ter participado de algo tão relacionado a comportamento social inadequado.

A verdade é que seus amigos não a entendiam completamente. A mãe dela não a entendia também, embora certamente ficasse orgulhosa de como Julie agia em suas aulas. Na verdade, a mãe dela tinha mantido em segredo o fato de que Julie ficara depois da escola para fazer créditos extras para sua aula de inglês. Seus amigos teriam gargalhado se soubessem.

E mesmo que Julie tenha ficado feliz em sacrificar o tempo depois da escola para ouvir os pensamentos do professor sobre Graham Greene, ela não estava disposta a tentar explicar aos amigos menos acadêmicos por que tinha feito isso.

Eles simplesmente não se preocupavam com a escola do jeito que ela fazia e, boa parte do tempo, não pareciam entender o que ela estava falando. Jared, seu ex, teria revirado os olhos pela ideia de voluntariado para gastar mais tempo estudando.

Falando em Jared, Julie se perguntou o que ele estaria fazendo agora.

Provavelmente ostentando uma toga e fazendo levantamento de barril na miserável universidade estadual que ele estudava. Babaca. Ela esperava que ele estivesse perdido em uma multidão de atletas idiotas e sendo rejeitado por todas as peitudas, que usam blusinhas, de cabeça vazia e bronzeado falso que ele desse em cima. Arizona podia ficar com ele.

Mesmo assim, Julie não conseguiu resistir a ver se ele comentou algo em seu *status* no Facebook.

Ela colocou o laptop sobre a mesa e o ligou. Sim, ela tinha seu telefone extravagante, mas simplesmente não era uma grande fã de digitação no teclado em miniatura, a não ser que fosse necessário. Ela gostava de letras maiúsculas e alguma semelhança de pontuação, e a margem de erro no dispositivo portátil era muito grande. Julie era uma datilógrafa tradicional.

Ela percebeu que precisava de uma senha para acessar a rede dos Watkins.

Beleza. Ela estava na casa como intrusa e agora precisava pedir aquilo. O acesso à internet vinha antes de orgulho. Julie encontrou Erin enquanto ela estava desligando o telefone.

— Sra. Watkins? Detesto incomodá-la, mas eu queria saber se posso usar a senha para entrar na internet?

— Me chame de Erin. Por favor. E é claro que pode. Deixe-me ver com Matthew. Ele gerou um código aleatório, sem sentido, assim nenhum dos vizinhos seria capaz de furar nossa internet. Ele é o nosso especialista nesses casos. Espere um pouco. — Erin desapareceu por um momento e voltou segurando um pedaço de papel.

— Obrigada. — Julie pegou o papel e olhou para a senha de quinze dígitos.

Muito paranoico? Ninguém se lembraria daquilo. Só Matthew pelo jeito.

— Eu vou te avisar quando o jantar chegar. — Erin fechou a porta.

Julie abriu seu perfil na página do Facebook e franziu o cenho. Já havia oito comentários em seu *status* de amigos interessados que realmente se importavam com ela (“O que aconteceu??”, “O q vc vai fazer?”, “Que droga! Me fala!”), mas nada de Jared. Ela clicou em sua página. Huh. Bem, foi bom que ele tivesse tempo para postar fotos de si mesmo nos seus primeiros dias na faculdade, ainda que não tenha se preocupado em ligar ou enviar e-mail a ela desde que terminou com ela um mês antes de eles irem para a faculdade.

Jared decidiu e anunciou que não deveriam sequer tentar manter um relacionamento a longa distância, e, por isso, ele, preventivamente, rompeu com ela.

Não que realmente importasse. Julie não tinha dúvida de que Jared era o caso clássico de um menino que satisfazia seus impulsos homossexuais participando de esportes de muito contato.

Deus, quantas vezes ela se sentou nos bastidores de um dos seus jogos de luta, aplaudindo freneticamente enquanto ele rangia o corpo contra o outro lutador vestindo malha, com um olhar de alegria estampado no rosto? Não é à toa que ele ganhou uma bolsa lutando. Ele poderia usar outra garota em suas desajeitadas tentativas para parecer heterossexual, sua língua grande pulsando repugnantemente em sua boca, e seus gemidos barulhentos enquanto ele Tateava sob sua camisa. Boa viagem. Julie poderia ter sido burra o suficiente para namorar com ele, mas pelo menos nunca foi tão burra a ponto de dormir com ele. Ele nem tinha sido capaz de fingir que queria isso.

Ela deveria ter terminado com ele há meses.

Agora, ela estava fora da pequena cidade de Ohio, da escola abaixo da média, e fora de um círculo social dominado por meninas cegas torcendo por seus namorados esportistas.

Boston poderia ser diferente. Seria diferente. Ela poderia ser quem era sem se preocupar com emburrecer seu vocabulário ou ocultar seu interesse pela faculdade.

Julie deu uma última olhada em Jared e seus novos amigos da faculdade de luta, silenciosamente desejou-lhe o bem (ou quase bem) e prontamente o removeu de sua lista de amigos. Sua nova atualização de *status*?

Julie Seagle sobreviveu nas ruas de Boston sem lesões permanentes (salvo pelo esmagamento do ego devido à estupidez de ter caído no golpe de alugar quarto invisível via site nefasto na internet) e estou atualmente em um porto seguro.

Julie recostou-se na cadeira.

Ela hesitou por um momento, e então verificou a conta do Gmail que criara. Seu pai era a única pessoa que tinha o endereço do e-mail, e sua caixa de entrada estava vazia. Ele ia escrever quando tivesse tempo. Então fechou o laptop.

Ela suspirou, soprou a franja para longe de seus olhos e pegou um porta-retratos da mesa.

A foto era de alguém enrolado em roupas de inverno em uma encosta nevada, prancha de *snowboard* na mão. Não se parecia com Matt, embora fosse difícil distinguir quem poderia estar na imagem embaçada.

Julie retirou algumas coisas da mala, dobrando as roupas cuidadosamente e colocando-as no armário, juntamente com alguns vestidos. Por mais que odiasse manter todas as roupas embrulhadas em malas, onde estavam ficando permanentemente enrugadas, não parecia certo desempacotar tudo o que tinha, como se estivesse se mudando por um longo prazo.

Depois do jantar, ela ficaria na internet e tentaria encontrar um lugar para morar. A orientação dos calouros de Whitney era na quinta-feira e isso dava a ela todo o dia seguinte para encontrar algo. Ela realmente gostaria de cuidar daquilo rapidamente e, numa cidade tão grande, simplesmente tinha que existir algo decente disponível.

Ela olhou para seu reflexo no espelho e rapidamente vasculhou sua bagagem até que localizou sua bolsa de maquiagem e chapinha. Poucos minutos depois, ela praticamente se assemelhava a um ser humano normal novamente.

Talvez não pelas normas de uma líder de torcida, mas passaria pelo jantar sem que ninguém se assustasse e, em seguida, tomaria um bom banho antes de dormir.

— Julie? Você precisa de alguma coisa? — Matt bateu quando abriu a porta.

— Eu pensei que você estivesse estudando — ela brincou. — Obrigada, eu estou bem acomodada. A propósito, no quarto de quem eu estou?

— Finn. — Ele observou por cima do ombro, olhando distraidamente para o quarto. — Ele está fora. Viajando.

— Finn é seu irmão?

— Sim. Ele é meu irmão.

Julie sorriu. Deus, Matt era tão... estranho.

— Mais velho ou mais novo? — ela perguntou.

— Mais velho. Dois anos.

— Então ele tem...?

Ele baixou a cabeça, seu cabelo caindo sobre o olho, e riu baixinho.

— Vinte e três.

— Então você tem vinte e um. E é um calouro? Quando é seu aniversário? Você ficou um ano de folga após o Ensino Médio?

— Sim. Sabe, você parece gostar de matemática. Este seu perceptível fascínio por números pode significar que está preparada para uma nova graduação.

Julie cruzou os braços.

— Improvável. Eu não vim equipada com um ultramoderno filtro de compressão.

— Eu poderia te colocar em contato com quem o desenvolve. Talvez colocá-la na lista

para o próximo modelo?

— Eu dispenso, mas obrigada.

— Sim. Esta versão Beta ainda precisa de alguns ajustes.

Julie sorriu.

— Não quero, não. Está tudo bem assim.



Capítulo 3

— O jantar vai chegar em poucos minutos. Você deve estar faminta. — Erin pegou uma pilha de pratos de cerâmica no armário da cozinha. Ela tinha trocado de roupa para um colete de linho e jeans escuros, e refez seu coque elegante na nuca.

O ar-condicionado da casa foi um alívio perto do ar quente que fez Julie sofrer durante todo o dia, e ela sabia que deveria apreciá-lo enquanto podia, pois as chances de alugar um apartamento com ar-condicionado eram extremamente improváveis.

Julie pegou os pratos das mãos de Erin.

— Eu faço isso.

— Obrigada. Matthew, pegue os jogos americanos e talheres. — Ela assentiu com a cabeça em direção à sala de jantar. — Ah, Julie? Você falou com sua mãe?

— Eu liguei. E ela me pediu para agradecer de novo.

— Não precisa mais agradecer. É uma coisa boa que ela não tenha enviado o resto de suas coisas ainda. Elas estariam paradas em uma esquina. Eu disse a ela apenas para enviar tudo para cá, e Matthew pode ajudar a levá-las quando você encontrar algum lugar.

Julie foi para a sala de jantar enquanto Matt colocava o último garfo. Ela colocou os pratos sobre a mesa e franziu o cenho quando contou os lugares.

— Haverá cinco pessoas, certo? Você, eu, Erin, seu pai e Celeste? Temos um conjunto de jantar extra. — Julie foi remover o prato.

— Não. Apenas... hum... — Matt limpou a garganta. — Deixe aí. Eu tinha que te contar...

— ele começou, enquanto ocupava-se com os guardanapos — que Celeste tem essa coisa que ela faz. Ela tem isso... eu acho que seria considerado...

Julie esperou enquanto ele começou e parou algumas vezes, e finalmente ela se inclinou para sussurrar:

— Eu vou precisar ouvir palavras de verdade para entender você.

— Não sei como explicar isso para você. — Ele suspirou. — Celeste...

A porta da frente se abriu e Matt resmungou alguma coisa.

Julie olhou interrogativamente para ele.

— O quê?

Ele balançou a cabeça.

— Apenas tente acompanhar.



Bem, a comida era boa. Os restaurantes tailandeses de Cambridge eram claramente superiores ao único restaurante tailandês próximo à casa de Julie e que servia porções generosas de pratos distintamente não apetitosos. E a companhia era divertida, se não alternadamente acolhedora ou completamente inteligível.

Erin falava bastante sobre a política de Massachusetts (a teia de corrupção, nepotismo e consternação geral), a hierarquia dos Professores de Harvard e oportunidades para exploração (dominado por uma maldita infraestrutura social infeliz) e a história do sistema de transporte público de Boston (uma mistura tóxica de mau planejamento e engenharia arcaica). Bem quando ela temia que Erin pudesse ficar absolutamente sem respiração e desmaiasse de cara na comida, Julie conseguiu perguntar a Roger no que ele trabalha, incentivando o homem mais silencioso a soltar uma pequena quantidade de informações.

— Estou, particularmente, atraído no estudo da dinâmica de nutrientes e investigações interdisciplinares de habitats costeiros. — O marido de Erin, Roger, estava agora no meio de uma explicação complexa sobre seu mais recente trabalho de pesquisa. Ele era um pesquisador do Laboratório de Oceanografia Microbiológica e recebeu uma bolsa para viajar para o Sudeste da Ásia. — Mas a minha viagem vai se concentrar, principalmente, em mecanismos de defesa e de imunomodulação para melhorar a sustentabilidade e reduzir o uso de antibióticos na cultura de camarão.

Julie cutucou seu curry.

— Cultura de camarão. Sim. — Ela basicamente não tinha ideia do que Roger estava falando, mas gostava de seu entusiasmo.

Ele tinha uma aparência verdadeira de pai: camisa abotoada, calças cáqui, mocassins sem meias, cabelo grisalho em queda, olhos azuis suaves e encantadoras rugas que apareciam quando ele insinuava um sorriso.

Roger ajeitou os óculos e inclinou sua estrutura fina na mesa, gesticulando com uma

garfada de frango *satay*. Apesar de seus agitados movimentos de mão, sua voz era suave, calmante.

— Refinar técnicas para determinar a atividade de mecanismos de defesa do camarão é importante. Atividade fagocitária, atividade fenol e, claro, capacidade de apuramento bacteriano. Haverá uma grande quantidade de exploração nesta viagem. — Ele derramou um pouco de molho de amendoim sobre o botão de baixo do punho de sua enrugada camisa manchada e secou com um guardanapo. — O que me faz lembrar que tenho que voltar ao escritório hoje. Eu tenho mais papelada que precisa ser preenchida para a Comissão de concessão.

Erin alcançou um recipiente de macarrão aromatizado com gengibre.

— Eu tenho que ir para o escritório hoje à noite também. Tenho um monte de trabalho à minha frente, e ainda tenho que finalizar o currículo para as classes que estou ensinando neste semestre. Sinto muito, Julie. E, Matt, as aulas começam na próxima semana para você também, por isso deve ter uma reunião para coleta de material preliminar para o estudo independente. Eu tenho certeza de que você poderia encontrar algo mais desafiador do que o último conjunto de artigos que o vi lendo. — Ela fez uma careta para ele.

Matt permaneceu inexpressivo, como ele esteve durante a maior parte da refeição.

— Claro. Eu adoraria. — Havia uma frieza em sua voz que silenciou momentaneamente a mesa.

Erin colocou o garfo para baixo.

— Matthew, não precisa ficar chateado. Um desses artigos que você estava lendo foi publicado por uma revista desconhecida e não estava ao seu nível.

— Talvez Julie possa ajudar Matt — Celeste sugeriu.

Julie olhou para a mesa e sorriu para Celeste. Aos 13 anos de idade, era impressionante, e Julie achou impossível não ser atraída por sua aparência.

Parecia uma daquelas crianças miseráveis forçada a vestir asas ridículas e posar para calendários temáticos de anjos. Mas, com seus longos cabelos loiros que caíam em ondas selvagens e aqueles penetrantes olhos azuis, Celeste era positivamente... Bem, *etérea*, apropriadamente.

— Celeste, tenho certeza de que Julie tem zero interesse em me ajudar a pesquisar na internet artigos para bases de dados — Matt disse. — Não é todo mundo que acha o Instituto Americano de Física algo excitante como eu acho, caramba.

— Oh! — Celeste bateu a mão na boca, abafando o riso. — Matt disse uma palavra feia!

— Eu disse caramba não porra.

— Agora você disse uma palavra feia! — Celeste gritou.

Erin suspirou alto.

— Matthew, isso é necessário?

— É apenas uma pequena interação social no jantar. Nada para ficar chateada. Além disso, você é a única que é propensa a discorrer sobre termos, como sistema penal e anais da lei.

— Matthew! Isso é o suficiente! — Erin falou em voz alta a fim de ser ouvida sobre as risadas de Celeste. Erin franziu a testa em sinal de desaprovação, mas Julie detectou o início de um sorriso. — Celeste, controle-se.

Julie teve que morder a bochecha para que o riso de Celeste não a contagiasse.

— De qualquer forma, tenho certeza de que eu seria mais um obstáculo para Matt do que uma ajuda. Talvez depois que eu tiver um semestre de faculdade como experiência.

Celeste, que conseguiu se recompor, estudou o rosto de Julie.

— Você parece muito inteligente para estar indo para Whitney.

— Meu Deus, Celeste! — Erin disse acentuadamente. — Julie, eu peço desculpas. Não sei o que está acontecendo com este jantar.

Julie riu.

— Está tudo bem. Vou considerar como um elogio. Eu sei que Whitney não é a faculdade de maior prestígio.

— Por que escolheu Whitney? — Roger perguntou. — Você está muito longe de casa. Existe algum programa lá que você esteja muito interessada?

Julie não sabia como responder àquilo. Ela estava ciente de que estudar em Whitney provavelmente não fosse visto em alta consideração pela plateia de Harvard/ MIT/ Laboratório de Oceanografia Microbiológica à mesa.

— Eu acho que só queria tentar algo novo. Mudar-me para uma cidade grande. E, para ser honesta, não entrei em alguns dos outros lugares que me candidatei — Julie admitiu. — Mesmo que as minhas notas e os resultados dos testes fossem bons, a reputação do meu colégio provavelmente não carregaria muito peso nos escritórios de admissão. Consegui entrar em algumas outras escolas que teriam sido ótimas, mas não tive a ajuda financeira que precisaria. Eu teria que fazer grandes empréstimos para pagar tudo isso.

— Whitney é uma boa escola — Erin tranquilizou-a. — O processo de admissão da faculdade é quase impossível. E você sempre pode transferir para outra escola, se for bem em Whitney.

— Você já escolheu suas aulas? Eu poderia ajudá-la — Celeste se ofereceu.

— Eu li todo o catálogo de cursos on-line quando Finn estava em Brandeis. Ele se formou em escrita criativa e se especializou em jornalismo.

Julie sorriu.

— Eu tenho que me matricular na sexta-feira e gostaria de sua ajuda.

Celeste era pequena, parecia mais com o pai do que Matthew, e seu rosto redondo ainda não havia perdido os traços de menina. E apesar de ser obviamente brilhante e excessivamente

articulada, havia algo muito imaturo sobre ela. O vestido verde-claro de estilo avental que usava parecia mais apropriado para uma menina do primeiro ano do que uma adolescente. Julie nunca teria sido pega vestindo algo assim nem morta, e ela só poderia imaginar o quão bem ele era visto pelos colegas de Celeste.

Mas o que mais impressionou Julie sobre Celeste tinha a ver com o que — ou quem? — estava na cadeira ao lado dela.

— Oh, Julie! Eu não o apresentei corretamente, não é? — Celeste a tocou alegremente e, em seguida, virou-se para o assento ao lado dela. — Pôster do Finn, esta é Julie. Julie, esse é o Pôster do Finn.

Erin serviu-se de água mineral, e Roger continuou sonhando acerca de oceanos, mas Julie tinha certeza de que ouviu Matt prender a respiração. Ela olhou para o lugar novamente.

Francamente, ela estava esperando conseguir ultrapassar o jantar sem abordar aquela questão.

Ninguém mais tinha mencionado nada sobre aquilo até agora, mas isso deve ser o que Matt tinha começado a lhe contar: um pôster de papelão em tamanho natural recortado de seu irmão Finn estava inclinado rigidamente contra a cadeira, o olhar fixo na luminária do teto.

O engraçado foi que, mesmo com o olhar fixo, Finn era inegavelmente bonito. Sexy, na verdade, o que Julie sabia que era descabido pensar, considerando que, exceto pela forma de papelão liso, isso tinha muito em comum com uma boneca inflável murcha. Ela não tinha conseguido dar uma boa olhada no verdadeiro Finn na fotografia com o *snowboard*, mas naquela versão grande ela via cabelos loiros perfeitamente despenteados, corpo atlético, pele bronzeada e uma estrutura magra, mas forte.

Finn era decididamente adorável. Mesmo na forma de panqueca.

Julie olhou para o outro lado da mesa e tentou não fazer uma pausa muito longa antes de falar.

— É muito bom conhecê-lo, Pôster do Finn. Eu pensei que você estivesse viajando.

Celeste franziu o nariz.

— Finn é quem está viajando. Agora ele é voluntário em uma reserva de caça para animais resgatados. Este é o Pôster do Finn. É uma representação simbólica do meu irmão.

Ok, isso obviamente não era normal. Na verdade, era completamente estranho. Mas Julie era uma convidada em sua casa, e seria tão educada com essa coisa de pôster do Finn como ela era com o resto da família.

— Nesse caso, Pôster do Finn, gostaria de um pouco de pato ao capim-limão e manjerição?

Celeste rapidamente balançou a cabeça.

— Ele já jantou. Está experimentando não comer depois das cinco horas, porque suspeita que possa melhorar seu metabolismo e ficar mais magro. Ele que disse, não eu. É muito interessado em mulheres, embora ele ache que teria melhor sorte se pudesse apenas se livrar de

seus pequenos pneuzinhos. — Ela revirou os olhos, sussurrando: — Eu sei, é muito estranho. Ele parece estar bem do jeito que é.

— Admiro o seu autocontrole — Julie disse. — Veja se eu posso deixar passar sundae de chocolate à meia-noite.

Celeste olhou para o pôster do Finn.

— Ele não aprova. Mas acho que está apenas com inveja porque você tem uma aparência naturalmente esbelta.

— Se o Pôster do Finn conseguir atingir a sua meta, vou recompensá-lo com um sundae.

— Fechado. Mas é melhor minha mãe não lhe dar Oreos às escondidas. São seu deleite favorito.

— Eu prometo. — Erin ergueu a mão, palma para cima, prometendo não servir cookies para o gêmeo indiferente de seu filho.

Julie encolheu os ombros para si mesma.

Ela não se preocupava particularmente com a presença do Pôster do Finn. Se todos queriam atuar como se fosse perfeitamente normal a estranheza de pendurar um membro da família replicado em um pôster, estava bem para ela. Afinal de contas, ele era educado, não de todo ruim para olhar e não monopolizava mais do que seu quinhão dos bolinhos tailandeses. Claro, ele não falava, mas era, provavelmente, apenas tímido com novas pessoas...

“Olha, todo mundo tem algumas idiossincrasias psicológicas, certo?”, Julie refletiu.

Ela provavelmente tinha algumas, e esta era a de Celeste. Inferno, havia coisas piores do que isso. Talvez não mais bizarras, mas havia pior. Provavelmente.

— Julie, sabe onde Finn está agora? — Celeste perguntou animadamente.

— Antártica?

— Não.

— Na Síria? Mongólia? Nova Zelândia? Tallahassee? Não? Deve ser Boise, então.

— Não há reservas de caça em Boise. Pelo menos, não que eu saiba. Está na África do Sul. O Cabo Oriental, junto ao Oceano Índico. Ele me enviou fotos de antílopes ontem e disse que na próxima vez irá enviar uma foto de um tigre branco. Eles são muito raros.

— Muito legal — Julie concordou. — Há quanto tempo ele está fora?

— Não sei direito — Celeste disse. — Ele vem conhecendo todo o mundo há meses, e ainda tem uma longa lista de lugares que quer ver. Ele encontra empregos e trabalhos voluntários por onde passa, por isso não é apenas um garoto mimado em férias permanentes. Ele pode até mesmo subir o Kilimanjaro.

— Isso parece assustador — Erin disse. — Eu, particularmente, não gosto de alturas, mas Finn certamente é qualificado. Ele subiu Denali e Rainier.

— Sério? — Julie disse. — Isso é impressionante.

Matt tossiu e fez um alarde para alcançar o outro lado da mesa para pegar uma embalagem de alimentos.

— Ele é. Eu vou te mostrar as fotos mais tarde também — Celeste disse.

Erin sorriu.

— Finn é o nosso filho aventureiro. Quando ele tinha 8 anos, cheguei em casa do trabalho um dia para encontrá-lo na parte superior do poste fora da nossa casa. A babá estava falando ao telefone e não percebeu que quem ela deveria olhar tinha escalado doze metros. Eu a despedi, obviamente, e quando perguntei a Finn o que o levou a fazer aquilo, ele disse que estava tentando ver a janela do quarto de Ellie Livingston.

— Tentando espreitar uma menina de sua sala de aula? — Julie adivinhou.

Erin riu.

— A mãe dela, na verdade. Sra. Livingston ouviu falar sobre isso e ficou lisonjeada. Ela enviou uma bandeja de biscoitos mais uma nota de agradecimento. Finn foi uma criança interessante. — Erin limpou a boca com o guardanapo, os dedos apertados firmemente em torno do pano, e se levantou. — Eu odeio correr, mas realmente tenho que ir.

— Eu vou com você — Roger disse. — É uma bela noite. Devo terminar em torno das onze. Você estará pronta?

— Perfeito. Julie, você pode usar o carro amanhã para olhar apartamentos. As chaves estão penduradas na cozinha. Nós partimos cedo para o trabalho, por isso vamos nos ver no jantar. E eu adoraria ouvir mais sobre a sua mãe. — Erin empurrou sua cadeira. — Ok, boa noite a todos.

Erin e Roger desapareceram em um piscar de olhos, deixando Julie e Matt sozinhos com Celeste e o pôster do Finn.

Matt recostou-se em sua cadeira e olhou ironicamente para Julie.

— Interessante o suficiente para você?



Capítulo 4

Julie estudou o rosto de Celeste, observando-a ler o catálogo de curso de Whitney. Elas estavam no sofá juntas durante a última meia hora, pesando os prós e contras das aulas que Julie teria que escolher. Era estranha a forma como aquela menina de 13 anos de idade estava colada à listagem de cursos. Mas a verdade é que ela tinha sido surpreendentemente útil em descobrir o cronograma da faculdade. Julie ainda estava apenas começando a se acostumar com o estilo de expressão bastante formal dela.

A casa estava mais fria agora, com o ar-condicionado central em plena explosão, e Celeste puxou um cobertor leve sobre seu colo. Julie ajustou o computador que estava no colo e descansou os dedos nas teclas. Ela olhou para os rabiscos de Celeste no livro.

— Então, qual aula de inglês que vou escolher? A das oito e meia?

— Não. Inglês é às dez na terça e na quinta-feira, e Introdução à Psicologia é ao meio-dia de segunda-feira, quarta-feira e sexta-feira. Anote estes números de cursos. — Celeste apontou para a página e esperou que Julie escrevesse.

— Olha, você tem que estar totalmente preparada na sexta-feira de manhã, ou não vai ter o horário que você quer. Pelo menos pode se matricular on-line e evitar a espera em uma fila com muitas pessoas irritantes.

— Então você acha que todos os meus colegas vão ser chatos? Eu estava esperando fazer amigos, mas agora eu não sei...

Celeste fechou o livro.

— As pessoas normais podem se tornar muito chatas se colocadas em situações irritantes.

— Isso é verdade. Então, você está certa. Estou feliz por me matricular de casa.

Celeste inclinou a cabeça para trás no sofá.

— Você tem um monte de amigos em casa? E um namorado? Aposto que você tem um namorado. Ele é muito bonito?

— Eu ainda tenho muitos amigos em casa. Eles não evaporaram quando eu saí. Só não vou poder vê-los tanto agora que estou em Boston. Eu tive um namorado e, sim, ele era bonito, mas também era um pé no saco sem cérebro.

— Você tem fotos de todos? — perguntou Celeste.

— É claro. — Julie abriu a pasta de fotos e rolou os álbuns até que encontrou um conjunto de fotos de agosto. — Estas são da minha festa de despedida. Minha mãe fez um churrasco em nosso quintal.

— Você teve uma grande festa? Parece maravilhosa — Celeste disse sem fôlego.

— Sim. Cachorros-quentes, salada de macarrão congelado, um bolo com o meu nome escrito errado, tudo. Ok, aqui estou com Kristen e Mariam. E aqui está uma de Amy e minha mãe. — Julie percorreu inúmeras fotos enquanto Celeste exigia mais detalhes sobre quase tudo.

— Você tem uma foto de seu pai?

Julie continuou mostrando as fotos.

— Não. Ele estava em uma viagem de negócios. Mas me mandou o telefone mais tecnologicamente avançado que existe como presente. E ligou durante a festa. Ah, aqui está o bolo. Fofo, né?

— Quem é esse? Você tinha uma banda tocando? É o seu namorado? Seu vestido é muito bonito. — Celeste queria cada detalhe. — Onde você comprou isso? Como entrou e saiu dele? Seus peitos parecem enormes! Não me admira que tivesse um namorado!

— Antes de tudo, este não é um vestido apertado. É justo. E meus seios são do tamanho normal. E não estamos falando sobre eles. Mas, sim, a festa foi muito divertida. Eu não queria nada muito extravagante, então foi perfeito. Então, que tipo de festas de aniversário você faz? — perguntou Julie.

Celeste olhou para a frente, aparentemente paralisada por algo na prateleira.

— Eu realmente não faço mais festas. Elas nunca funcionam muito bem para mim — disse ela simplesmente. — Temos que mostrar ao Pôster do Finn aquele vestido vermelho. Ele vai amar! E a de você na graduação. Você parece tão feliz recebendo o diploma.

Celeste empurrou o cobertor para o lado e pegou o boneco de papelão de seu irmão que tinha deixado no piano da pequena sala fora do salão principal. De acordo com Celeste, o Pôster do Finn detestava praticar escalas, mas ele sabia que Erin nunca iria perdoá-lo se reduzisse a velocidade. Mesmo irmãos de papelão sentiam-se obrigados a agradar seus pais. Celeste entrou na sala carregando o recorte na frente dela, assustadoramente dando a impressão de que o Pôster do Finn era capaz de deslizar por aí. Ela o colocou ao lado da mesa de café

perto de Julie e ajustou os painéis na parte de baixo que o mantinham de pé, lutando para fazê-lo equilibrar-se no tapete espesso.

— Vamos lá, Pôster do Finn! — ela murmurou, a figura vacilante pairando sobre ela. Ela observou sua cabeça, seus cachos loiros caindo de seu rosto e revelando a determinação nos olhos. — Por favor — ela disse com agitação.

— Você tem que ajudar.

Ela estendeu a mão no meio do papelão, tentando desesperadamente mantê-lo na vertical, mas cada vez que ela parecia encontrar o local perfeito para a base da aba, o Pôster do Finn se inclinava perigosamente para a frente ou para trás, fazendo com que Celeste apertasse sua mão livre. Julie podia ver que o carpete não ia permitir um resultado positivo, e o rosto de Celeste corou enquanto ela ficava cada vez mais frustrada. Em pânico mesmo.

— Você já fez isso antes, Pôster do Finn! Você pode fazer isso — ela implorou. Julie observava a cena à sua frente e se perguntava em que diabos ela tinha se metido entrando naquela casa.

Celeste estava parecendo um pouco agitada, e era difícil assistir à garota em tal estado, assim, Julie se levantou e pegou o Pôster do Finn pelos ombros. Se todo mundo ia agir normalmente com isso, ela poderia muito bem entrar no vagão em movimento.

— Você sabe de uma coisa? Caras sempre gostam de deitar-se e apenas se esparramar. Eles são preguiçosos assim. Eu me pergunto se é isso que ele quer. — Julie notou Matt parado nervosamente do outro lado da sala, considerando claramente se deveria ou não intervir. Ele deu um passo para a frente. Julie lançou-lhe um olhar e ele recuou. — Além disso — ela continuou para Celeste —, o Pôster do Finn não pode ver o computador lá de cima. Ele deve ficar no sofá com a gente.

Celeste olhou para Julie por um momento e, em seguida, seu rosto se iluminou.

— Eu acho que ele gostaria muito disso.

Julie levantou o Pôster do Finn do carpete áspero e inadequado, virou-o de lado e o colocou ao seu lado no sofá.

— Tenha cuidado — Celeste falou agachada.

— Ele está bem. E ainda há espaço para nós. — Julie sentou-se novamente, deixando espaço suficiente para o Pôster do Finn não arriscar ficar mais liso. — Só não se incline para trás, ou estaremos em apuros. Venha, sente-se, e me diga as fotos que ele quer ver.

Celeste contornou a mesa e se sentou cautelosamente para baixo. Ela inclinou a cabeça sobre o colo de Julie, olhando para o rosto do Pôster do Finn projetando-se por trás das costas de Julie.

— Ele definitivamente quer ver o vestido vermelho em primeiro lugar. Finn me ouviu falar sobre ele e suspeita que você tenha ficado bonita e sensual. Mais uma vez, as palavras dele, não minhas.

Julie riu.

— Bem, eu suspeito que o Pôster do Finn é um pervertido e vai ficar desapontado, mas ele pode ver as fotos de qualquer maneira. — Julie abriu a foto e esperou por uma avaliação. Ela estava bonita naquele dia, tinha que admitir. Enquanto o vestido era um pouco decotado e ficava a poucos centímetros acima do joelho, também era suave e fluido. Ela gostava de como as tiras atravessavam suas costas e eram amarradas em um arco.

Celeste fez uma pausa por um momento.

— Ele não está decepcionado. Acha que você é linda e que deve enviar um convite para Finn no Facebook. — Ela fez uma pausa novamente. — Ele não quis ser tão pervertido como pareceu.

Julie engoliu em seco.

— O Pôster do Finn está no Facebook? — Ela adoraria ver as atualizações de *status*.

Hoje fiquei preso no topo do carro quando ia para o Starbucks. Teria gostado de saborear um mocha caramelo, mas não posso mover os braços, assim, fui forçado a olhar ansiosamente para a deliciosa bebida quente.

Será que a graça nunca vai acabar?

Celeste suspirou, claramente exasperada com a estupidez de Julie.

— Não o Pôster do Finn. Finn. Procure-o no Facebook. Você tem Facebook, não é? Matty e Finn têm, e Matty me deixa entrar com ele para que eu possa ver a página de Finn. Shhhh — ela disse, segurando um dedo aos lábios. — Minha mãe e meu pai não aprovariam nada disso. Eles odeiam qualquer tipo de rede social local e as consideram indicativo de menor inteligência.

— Eu suponho que ele tenha Twitter também?

— Absolutamente não. Você tem?

Julie balançou a cabeça.

— Eu tenho uma forte aversão ao Twitter, e mesmo assim há uma obrigação social que me força a olhar e espionar celebridades de vez em quando. Não entendo o Twitter. É impossível acompanhar os tópicos de conversação, e é muito fácil passar horas e horas clicando em nomes aleatórios, e a próxima coisa que você sabe é que está apaixonada pelas fotos dos tweets das Kardashian.

Celeste olhou para ela.

— Então tem ou não Facebook?

Cara, essa garota era peculiar.

— Sim, eu tenho Facebook. E se não disser a seus pais que tenho, então não vou dizer a eles sobre você e Matthew. E ficaria honrada em ser amiga de Finn. — Julie entrou no site. — Finneas ou Finn? — ela perguntou a Celeste.

— Sempre Finn. Ele odeia Finneas. Mas ele fez sua conta com o nome Finn é Deus.

Julie riu.

— Por que ele fez isso?

— Porque ele não tem interesse em encontrar pessoas indesejáveis do colégio. Consegue se esconder um pouco mais assim. Ser seletivo. Isso é importante para ele. Ser seletivo com os amigos.

Julie bateu no teclado, encontrou o verdadeiro Finn, e enviou um pedido de amizade. Com apenas trinta e dois amigos em comparação aos quatrocentos e algo de Julie, ele era, de fato, seletivo. Ela viu o nome de Matthew na lista de amigos de Finn e o adicionou também. A filosofia de Julie era que você nunca teria muitos amigos. Virtuais, pelo menos. Ela tinha alguns reais que não poderia viver sem.

— Atualize seu *status*! Atualize seu *status*! — Celeste exigiu. — Algo engraçado.

Julie pensou por um momento.

— Como isso?

Julie Seagle *Nunca sairá com um lobisomem!*

Celeste encostou a cabeça no ombro de Julie.

— Eu gosto. É prático e espirituoso. O Pôster do Finn gosta também. Faça um para ele.

Isso era novo. Julie nunca tivera que fazer uma atualização de *status* direcionado para o pôster do irmão de alguém.

Julie Seagle *é incapaz de encontrar quaisquer tentilhões financeiramente finlandeses para o Pôster do Finn, mas continuará procurando e pintando com seus dedos elegantes por um final feliz.*¹

— Você fez uso substancial de aliteração — Celeste disse para a tela de computador. — O Pôster do Finn está pensando sobre isso — disse ela, olhando para Julie. — Eu, no entanto, não gosto muito dessa atualização.

Julie digitou novamente.

Julie Seagle *Você nunca pode ser muito rico ou muito Finn*².

Celeste deu um tapinha no braço de Julie.

— Melhor.



Julie torceu a forma de gelo e jogou alguns cubos em seu copo de água.

— Você quer um pouco?

Matt assentiu.

— Obrigado.

— Celeste está dormindo? — Julie pegou um copo do armário.

— Como uma pedra.

— Você está separando o seu almoço para amanhã? — Ela olhou para a seleção saudável

de palitos de cenoura, uvas, bolachas integrais e uma bebida de iogurte que Matt estava colocando em um saco.

— Não é para mim, é para Celeste. Aquela maldita escola particular em que ela está faz com que as crianças façam uma pausa e se alimentem antes que os professores continuem a doutriná-los com aulas tolas sobre o Egito pré-dinástico e sonetos curtais. — Matt pegou uma fatia de queijo e começou a cortar em fatias uniformes.

— Que diabos é um soneto curtal? — Julie levantou-se para se sentar no balcão e roubou um pedaço de queijo. — Isso me faz pensar em coalhada e soro de leite.

— Foi inventado por um cara, Hopkins, e o soneto curtal tem exatamente três quartos da estrutura de um soneto petrarquiano reduzido proporcionalmente. Curiosamente o suficiente, ele tem uma equação para isso, e alguns argumentam que um verdadeiro interesse em sonetos decorre de sua relação com a matemática. Se o soneto petrarquiano é descrito como oito mais seis igual a catorze, então, o soneto curtal seria doze sobre dois mais nove sobre dois... — Matt colocou a faca para baixo. — Julie?

— Desculpe, acho que adormeci por um minuto. — Julie bocejou e afagou as próprias bochechas. — Brincadeira! Estou brincando! A unificação da matemática e da poesia é de cair o queixo de tão interessante. Mas você me perdeu na equação.

Matt sorriu.

— Bem, é interessante porque muitos dos poemas têm imagens ou estruturas matemáticas. Poemas concretos triangulares e versos silábicos, por exemplo. Você sabia que nós, inconscientemente, controlamos as propriedades do som na poesia?

— Não, você, subconscientemente, controla as propriedades sonoras e, em seguida, destrói uma poesia perfeitamente legal para dividi-la em elementos matemáticos. Alguns de nós apenas apreciam boa e velha poesia.

Matt fechou o zíper da embalagem do almoço de Celeste e mudou de lugar para ficar na frente de Julie.

— Eu também aprecio. Apenas de uma maneira diferente do que você faz. Não posso me conter. Sou um nerd.

— Se você diz...

— Suspeito que, em algum nível, você responde aos componentes matemáticos na escrita.

— E eu suspeito que você esteja errado.

Julie pulou do balcão e apontou para a lancheira.

— Então, o Pôster do Finn precisa de um almoço também?

— Não. Ele toma um bom café da manhã. Uma pilha de panquecas, um omelete branco com pimentões verdes e salsicha suíça, e uma vitamina de fruta. Que, geralmente, o mantém até o jantar.

Julie cruzou os braços.

— Estou falando sério. O Pôster do Finn não pode ir para a escola com ela, certo?

— Ele já estudou na Brandeis então, não, ele não precisa repetir o oitavo ano. Embora o tenha feito realizar um monte de provas a fim de se qualificar. Ele mal passou nos exames orais, entretanto, porque os instrutores acharam que ele tinha uma retenção na fala e era lacônico. É um sistema extremamente tendencioso, mas pelo menos ele passou e não terá que sofrer na reencenação da primeira Ação de Graças anual da escola. Ele tem fobia aos peregrinos.

— Engraçado. Realmente, o que é esse negócio com o pôster do Finn?

— Depois de um incidente infeliz envolvendo Wile E. Coyote e uma bigorna, Finn Tridimensional teve que mudar seu nome.

Julie riu.

— Matt, vamos lá! Eu presumo que isso tem algo a ver com seu irmão estar longe...

Matt gemeu.

— Algo assim. — Ele foi para a geladeira, colocou a embalagem com o almoço em uma prateleira e reorganizou a sobra em caixas.

— E ninguém sugeriu que ela perdesse o acessório? Quero dizer, ela é um pouco velha para esse tipo de coisa, você não acha? Não que eu possa pensar em uma boa idade para isso.

Ele deu de ombros.

— Eu realmente não sei. Apenas sigo as ordens, aceno e sorrio.

— Bem, quando o verdadeiro Finn volta? Isso resolveria tudo, certo? Ela leva o pôster do Finn para fora de casa? O que seus amigos pensam quando ela aparece no treino de futebol e pergunta se o Pôster do Finn pode jogar como zagueiro?

— Não faço ideia quando Finn voltará para casa. Ele está fora em suas aventuras, sendo legal e despreocupado — disse ele bruscamente e fechou a geladeira. — E, a menos que ela esteja na escola, Celeste leva o Pôster do Finn em todos os lugares. Mas ela não... ela não sai muito. Restaurantes não são realmente uma opção, consequentemente, está explicado o costume de encomendar o jantar. Ela não joga futebol e não tem amigos. Mais alguma coisa, ou você vai continuar tirando sarro dela?

— Ei... — Julie suavizou seu tom. — Eu não estou tirando sarro dela. Gosto dela. Do Pôster do Finn também. E você disse consequentemente?

— Sim, eu disse consequentemente. — Matt ocupou-se limpando o balcão da cozinha. — Eu acho que essa palavra está voltando à sociedade.

— Mas eu não entendo por que Celeste...

— Deixa quieto — disse Matt bruscamente. — Eu não vou dizer mais nada sobre isso, ok? E, por favor, não fale sobre esse assunto com meus pais.

Julie congelou.

— Sinto muito — ela gaguejou. — Não é da minha conta. Eu não deveria me intrometer.

— Não, eu sinto muito — disse Matt desculpando-se. — Esqueça isso. Escute, tenho que levar Celeste para a escola amanhã de manhã, mas depois eu poderia ajudá-la a encontrar um apartamento. Liguei para um amigo meu que conhece um corretor de imóveis que tenho o contato, e ele tem alguns lugares para você ver. Achei que não se importaria com um pouco de ajuda.

— Sério? Isso é incrível. Muito obrigada. — Ela não estava prestes a recusar qualquer dica de apartamento. — Você não está ocupado amanhã?

— Eu tenho tempo. Este corretor de imóveis disse que poderia encontrá-la às dez horas, e vamos sair de lá. Está bem?

— Muito bem.

¹ No original, Julie atualiza seu *status* com uma frase onde todas as palavras começam por “fin” para caracterizar a homenagem a Finn (N. E.).

² Trocadilho com a palavra “Thin”, do inglês “magro” (N. T.).



Capítulo 5

Julie franziu os lábios. Ela não gostava daquele corretor de imóveis. Como a sua calça poderia estar caindo quando ele tinha uma barriga substancial disposta a segurá-la? Mas a verdadeira razão pela qual ela não gostava daquele idiota era porque ele tinha acabado de trazê-la para outro apertado e provavelmente condenado apartamento.

— Bem, este é, obviamente, o apartamento que eu deveria ter. Não admira que o do Jamaica Plain não deu certo. Foi sinal de Deus que eu precisava encontrar esta joia. As baratas são um bônus agradável. Sempre quis viver com os animais. E eu posso ganhar dinheiro extra trabalhando como prostituta. Essas meninas do lado de fora pareciam realmente amigáveis e tenho certeza de que eles me colocariam debaixo de sua asa e me ensinariam os truques do comércio. Perdoem o trocadilho.

Matt pisou tranquilamente em uma barata particularmente musculosa.

— As probabilidades são que seu cafetão ficaria altamente interessado em ter os serviços de uma garota legal do Centro-Oeste. Homens de Boston estão sempre reclamando das mesmas velhas prostitutas da costa Leste.

O corretor de imóveis rosnou e puxou sua calça caída.

— Olha, vocês dois, este é o oitavo maldito lugar que mostrei. Isto é o que tem na sua faixa de preço, mocinha. É pegar ou largar.

— Ela vai precisar ver outro maldito lugar, então, porque as baratas são sindicalizadas e resolveram parar as negociações relativas à entrada de novos inquilinos. Além disso, acho que sinto o cheiro de um corpo morto.

O corretor de imóveis jogou as mãos para cima na direção de Julie.

— Querida, com o que você está disposta a pagar, você estaria melhor se se espremesse com cinco colegas em apartamento de um quarto. E eu não tenho esse tipo de imóvel. Use os classificados.

Julie apertou os olhos.

— A querida não vai usar os classificados. A querida não viverá aqui. A querida provavelmente entrará em colapso por desespero e voltará para Ohio, onde irá servir mesas no Dirk's Drink Dive e desistir do seu sonho de frequentar pelo menos uma aula da faculdade antes da virada do século.

Ela brevemente considerou a possibilidade de chamar seu pai para ajudá-la naquele inferno. Isso se ela pudesse ao menos encontrá-lo. Esquece. Seria muito embaraçoso. Ela pagava a faculdade com o dinheiro de sua mãe e empréstimos estudantis, e certamente poderia resolver aquela situação sem se humilhar para o pai. Ela enxugou a testa. Deus, era abafado e fétido ali, e podia praticamente sentir o suor escorrendo em suas costas. Quem diria que Boston era tão úmida? Bem, as pessoas de Boston, provavelmente.

Julie sabia que era melhor sair do edifício antes que insultasse mais aquele idiota. Ela já tinha sido rude o suficiente, mas não poderia ser considerada responsável por aquilo que saía de sua boca agora. O pobre Matt tinha ido em vários bairros de Boston com ela analisando um lugar mais inabitável que o outro.

Depois de quatro horas de pesquisa, ela não estava mais perto de encontrar um lugar para viver do que quando tinha iniciado. E agora estava murmurando e agindo como uma louca total.

Ela inspirou profundamente.

— Olha o que eu vou fazer. Eu vou... — ela começou lentamente, esperando que falando positivamente uma ideia brilhante viria e a deixaria completar a frase. — Vou considerar as muitas soluções simples para a minha crise de habitação e deduzir qual será a melhor estratégia. — Ela fez uma pausa. — E eu escolho passear e... e olhar para os cartazes de pessoas em busca de colegas de quarto. Sim. Esse é o plano.

Matt parecia duvidoso.

— Se é isso o que você quer, claro. Vamos voltar a Harvard Square. É, provavelmente, a sua melhor aposta. E menos cadavérico.

— Cadavérico? Sério? É uma palavra da MIT?

— Pode apostar que sim. Vamos dar o fora daqui.

Julie seguiu Matt para fora do apartamento e caminhou em silêncio ao lado dele por dez minutos até que ele parou.

— Onde nós estamos de novo? Eu estou totalmente confusa.

— Próximo da Davis Square. É principalmente uma área agradável, mas, como em qualquer lugar, tem a parte não tão boa.

— Eu aprecio sua ajuda. Realmente aprecio. Isso tudo é culpa minha, e você não tem que desistir de seu dia para visitar cada inferno em um raio de dez quilômetros. — Julie estava exausta e deprimida. Ela estava começando a perceber que, com a quantidade de dinheiro que tinha para o aluguel mensal, encontrar acomodações razoáveis ia ser quase impossível.

Matt segurou a porta para a estação de trem e abriu para ela. Julie pensou que parecia terrivelmente lotada para um dia de semana à tarde, e o último patamar das escadas estava lotado com as pessoas falando em telefones celulares, batendo nela e bloqueando sua vista. O calor da multidão de passageiros se somou a sua crescente exaustão e desconforto. Ela ficou mais perto de Matt para que não se perdesse e o seguiu para a escada. Ou o que ela achava que fosse a escada.

E então seu coração começou a bater.

— Espere, não! Não! Não nas escadas rolantes. Matt, eu não ando em escadas rolantes. — Julie tentou dar um passo para fora, mas era tarde demais, agora se sentindo como estivesse mergulhando direto para baixo, insegura e indefesa. Ela olhou para a parte inferior da aterragem, ciente do declive terrivelmente íngreme e o ritmo lento da escada rolante. Tonta e esmagadoramente ansiosa, Julie podia ver formas começarem a se confundir e sentiu os joelhos tremerem quando a vertigem tomou conta dela.

— Julie? Julie? — Ela estava consciente da voz de Matt, mas parecia nebulosa e distante. Ela pôde ver sua camiseta verde quando ele se virou para ela, deslizando os braços em volta de sua cintura e puxando-a quando ela começou a cair. — Peguei você — ele disse. — Não vou deixar você cair. Apenas segure. — Ele a segurou com força contra o peito, e ela brevemente se perguntou se ele estava usando desodorante corporal Axe.

— Boooo — ela murmurou.

— O que você disse? Você está bem? Se segure em mim por mais um minuto.

De repente, eles estavam fora da escada rolante horrível, Julie ainda desajeitadamente caída em seus braços, enquanto as pessoas passavam ao redor deles.

— Oh. Sinto muito.

Alerta o suficiente para saber que não queria desmaiar em uma estação de trem, ela se afastou um pouco, tentando se firmar contra Matt enquanto forçava as pernas a se levantarem. Ele era surpreendentemente forte para alguém que provavelmente passava a maior parte do dia debruçado sobre uma calculadora científica.

Lentamente, o mundo entrou em foco novamente, e ela se viu olhando para a camisa que entusiasticamente anunciava FTW!

— For The Win — ela murmurou e fechou os olhos em desespero.

Sentia-se embriagada, do jeito que se sentiu depois de três doses de aguardente de hortelã podre no baile. Ela não era uma grande bebedora (como evidenciou naquela noite, quando vomitou tudo no banheiro feminino no Hotel Carnegie) e não gostava do sentimento semelhante que tinha agora.

Ela bateu o dedo em seu peito.

— Matthew, meu amigo, você precisa de algumas roupas novas.

— Obrigado.

Ela olhou para ele vertiginosamente.

— Você tem uma camisa nerd para cada dia da semana?

— Mais do que isso. Não se preocupe.

— Olha, é um alívio.

— Você está bem agora?

— Oh. — Julie percebeu que ainda estava agarrada nele. — Sim. Eu estou... Eu estou perfeitamente bem. Ótima. — Ela deixou cair as mãos de seu peito e deu um passo para trás. Pronto. Podia enxergar normalmente, e seus joelhos não eram mais compostos exclusivamente de gelatina. — Desculpe por isso. Vamos pegar o nosso trem.

Matt olhou para ela com ceticismo.

— Se você está certa disso.

— Sim. Eu estou bem. Olha? — Ela pulou para cima e para baixo. — Toda a função motora foi restaurada. Integridade fisiológica está intacta. Agora posso continuar a não encontrar um apartamento.

— Você é muito boba.

A área de plataforma subterrânea era ótima e ajudou Julie a se sentir humana novamente. A desvantagem era que agora ela podia ter plena noção de como seu feitiço de quase desmaiar a deixou envergonhada. Ela era muito boa em evitar situações que levavam a um ataque, mas não tinha sido capaz de ver aquela maldita escada rolante entre todos os transeuntes da estação.

Eles só tiveram que esperar alguns minutos antes do próximo trem gritar entrando na parada. Ela e Matt entraram no trem e se sentaram em assentos que ficavam no centro. Julie cruzou as pernas e tentou aparentar estar tão incomodada como podia depois de tal incidente.

Ela colocou o cabelo atrás das orelhas.

— Então, agora você sabe que eu não gosto de escadas rolantes. Ou elevadores, imagino, embora eu não entre em um há anos. Talvez eu tenha melhorado. Isso me faz desmaiar. Eu chamo de Síndrome de Surtar com Mudança de Alturas.

— Isso não faz qualquer sentido — Matt informou. — Você é acrofóbica, que é a fobia de espaço e movimento. Você tem um medo irracional de alturas que resulta em grave desconforto. E você não surtou exatamente. Provavelmente experimentou tonturas e pânico, certo?

— Obrigada por arruinar a minha tentativa de trazer leveza para meu evento traumático. — Julie conseguiu não parecer ameaçadora, embora tenha se esforçado.

— Não vou arruinar sua tentativa de leveza, mas você deve chegar a um nome que seja bem preciso. — Matt levantou-se e pegou uma barra de metal que corria acima de sua cabeça, balançando com o movimento do trem.

— Eu posso chegar a qualquer que seja o inferno de nome que eu quiser. É a minha síndrome, então posso nomeá-la.

— Bem, não é realmente a sua síndrome considerando que outras pessoas...

— Ah, meu Deus! — Julie clamou. — Podemos não brigar sobre como essa coisa mortificante é chamada?

— Nós não estamos brigando. Estamos discutindo. E você não deve ficar mortificada. E realmente não é tão incomum.

— Eu não me importo se é comum ou não, tenho o direito de ficar mortificada se quiser.

— Claro que tem o direito. Estou apenas dizendo que, se o seu sentimento de mortificação é baseado na crença de que esta é uma patologia incomum, então, estatisticamente falando, você não tem razão para tal. — Ele estava mais animado agora do que Julie tinha visto antes, havia cor aparecendo em suas bochechas e seus olhos cinzentos estavam realmente brilhando. — Você pode se sentir bem em fazer parte de uma comunidade. Se olhar para o percentual de pessoas com qualquer fobia, então você tem companhia substancial.

— Então, agora eu sou patológica? — Julie apertou as mãos. Bom Deus, Matt era irritante, especialmente porque ele tinha um sorriso irritante estampado no rosto e parecia se deliciar demais em ser difícil. Ótimo. Ela finalmente tinha o irmão irritante que nunca quis.

— Não, você não é patológica, mas acrofobia é patológica no sentido de que sua reação à altura se desvia da norma.

— Por que você tem que corrigir tudo que eu digo? — Julie olhou para a camiseta “FTW!”. — De nós dois, não acho que sou a única que se desvia da norma. — O trem parou em uma estação. — Você é o único que sai discutindo.

— Você é exatamente como Finn. Estamos trocando ideias. Debatendo. — Matt olhou para baixo. — E até agora eu estou ganhando.

— Não seja rude. Então vamos chamar de empate, e vamos concordar em discordar. Vamos lá. Será que posso conseguir um café por aqui? Preciso de cafeína se vou me recompor e encontrar um apartamento hoje. — Julie pisou na plataforma com Matt indo atrás dela.

— Cuidado — alertou. — A escada começa aqui. Esta estação também tem uma escada rolante muito íngreme.

Eles pegaram as escadas e saíram no centro de Harvard Square. Matt dirigiu-se a um mural comunitário onde as pessoas colocavam informações sobre tudo de bandas e trabalhos a palestras, séries e noites de cinema gratuitas. Julie gostava dali, onde um público diverso poderia fazer alguém se sentir confortável: os alunos, professores, pais com crianças e adolescentes rebeldes faltando à escola, todos lotando as calçadas de tijolos. Grupos de pessoas estavam reunidos; músicos estavam tocando instrumentos e cantando músicas de James Taylor, e um titereiro do outro lado da rua estava fazendo uma dança elaborada de marionetes enquanto crianças pequenas riam. Mesmo o homem em um vestido floral em patins que estava gritando uma profana versão da Declaração de Independência parecia pertencer àquele lugar.

Havia uma energia ali que ela achava cativante.

— E quanto a este? — Matt apontou para um panfleto anunciando um apartamento de um quarto.

— Primeiro, eu não posso pagar isso. Segundo, este anúncio parece muito velho. Todos os bilhetinhos de números de telefone foram arrancados.

— Você nunca sabe. Talvez eles tenham uma série de eventos indesejáveis e baixaram o preço normal, esperando que alguém fosse ligar. Aposto que o último candidato era rico, mas um demente palhaço de meia-idade que tentou enganar os colegas de quarto.

Julie levantou uma sobrancelha.

— Ou foi um nerd desequilibrado do MIT que queria levar para o apartamento suas engrenagens tecnológicas, deixando pouco espaço para as coisas necessárias, como móveis.

Matt bateu na lateral de sua cabeça.

— Agora você está pensando.

Havia alguns anúncios que pareciam possibilidades, então Julie salvou os números em seu telefone. Matt tinha que voltar para casa para pegar o carro e buscar Celeste na escola, então eles compraram sanduíches embalados para viagem de um lugar na Rua Monte Auburn e Julie começou a pesquisar sobre a localização de sua bebida de café cobiçada tão rapidamente quanto possível.

— Preciso de um Coolatta, Matt. Se eu não beber um, vou surtar. Por favor, diga-me que podemos pegar um aqui? Eu posso, acidentalmente, reencenar o acontecimento da escada rolante se eu não encontrar um logo. — Julie tropeçou na calçada de paralelepípedos. — Está vendo? Já estou começando a me atrapalhar.

— Sim. Imediatamente.

Matt levou-os pela praça para a rua lateral mais calma, em seguida, de volta para a Avenida Mass, depois, por uma curta rua de mão única, ocasionalmente olhando para Julie.

Julie seguiu obedientemente, perguntando por que ele tinha passado por três Dunkin' Donuts sem entrar em nenhum deles. Ela parou e inclinou a cabeça para o lado.

— Oh, coitadinho. Você não sabe o que um Coolatta é, não é?

Matt realmente pareceu remexer-se um pouco.

— Bem, não. Eu não sei.

— Espere, tenho que marcar este evento. — Julie pegou o celular e atualizou seu *status* no Facebook, que ela leu em voz alta para Matt.

Julie Seagle já descobriu uma lacuna perceptível na base de dados de um sabe-tudo. Vai comemorar notícia encantadora com Coolatta.

Ela foi incapaz de reprimir um sorriso.

Matt pôs as mãos nos quadris.

— Hilária. Eu nunca disse que sabia tudo. Estou confiante de que sou bem informado sobre muitos assuntos.

— Aparentemente, não sobre temas importantes.

Julie marchou à frente.

— E, a propósito, há uma diferença entre confiante e arrogante. Olhe, há um Dunkin' no topo da rua. Você sabe o quanto tenho que dirigir em casa para encontrar um? E aqui está você, cercado por um em cada esquina da rua! Esta é, obviamente, a melhor cidade do mundo. E a razão de você nunca ter ouvido falar de minha bebida favorita é porque você é provavelmente um tipo de cara que toma café expresso-double sem açúcar?

— Eu sou miseravelmente previsível, não é?

— Não. Eu sou uma vidente do café. Você tem esse olhar de duplo expresso amargo sobre você. Mas hoje vai juntar-se com as massas e vai comprar um Coolatta.

Poucos minutos depois, Julie estava feliz inalando sua grande bebida de café congelado enquanto eles se dirigiam para fora da praça.

Matt parecia menos do que emocionado e fez uma cara de nojo exagerada depois de sua primeira experiência.

— Esta é uma bebida muito popular, você sabe — Julie informou. — Não há razão para você fazer essa cara.

— Deve ser por isso que não sou um ícone social. Você finalmente descobriu. Eu não sigo cegamente o amor de cultura popular para misturas excessivamente doces, pseudocafés, com cristais de gelo. É um alívio finalmente entender por que meu *status* social está tão baixo.

— É isso ou são as camisas — Julie murmurou. — Ei, podemos ir para casa pelo rio? — Julie pouco tinha conseguido vislumbrar o azul da água de onde eles tinham andado e estava ansiosa para caminhar de volta para casa ao longo do caminho pitoresco que corria pela grama.

Matt afastou o cabelo desgrenhado de seu rosto.

— Infelizmente, nós realmente não temos tempo agora. É mais rápido cortar diretamente através da Square, e eu tenho que pegar Celeste.

— Claro. Não tem problema. — Julie tomou mais um gole de sua bebida. — Obrigada por me ajudar hoje. Tenho certeza de que foi uma enorme chatice, mas realmente agradeço. Foi extremamente agradável da sua parte, e sinto muito se fui ranzinza. Não esperava começar meu ano de caloura desse jeito. Você se tornou um ícone social para mim — ela brincou.

— Sim, certo. Você não tem sido ranzinza. Você tem sido expressiva e mal-humorada. Gosto de ambos. Considerando-se que os seus primeiros dias em Boston estão longe de ser o que você estava esperando, acho que está indo muito bem. Fico feliz em ajudar.

Eles caminharam em silêncio por alguns minutos, e Julie percebeu que, apesar da trégua na conversa, não se sentia minimamente desconfortável em estar com Matt.

— Então, você pega Celeste todos os dias? — Ela esperava que ele não fosse ficar aborrecido por esta pergunta relacionada a Celeste.

Ele acenou com a cabeça.

— E você fica com ela depois da faculdade, até que seus pais cheguem em casa?

— Eu fico.

— Quando você começa a fazer os seus trabalhos da faculdade? Imagino que você tenha mais lição de casa do que a média dos estudantes.

Ele deu de ombros.

— Não é uma grande coisa. Eu fico acordado até tarde, o que eu gosto. Às vezes volto para a escola à noite, se preciso usar um dos laboratórios. Funciona muito bem.

— É por isso que você não mora nos dormitórios? Ou em um apartamento?

— Seria bastante tolo pagar aluguel quando a casa dos meus pais está tão perto da faculdade.

— Eu acho que sim.

Matt tomou outro gole de sua bebida. A-há! Julie sorriu para si mesma e seguiu andando. Ele gostou da Coolatta. Todo mundo gosta.



Capítulo 6

Julie bateu o pé ansiosamente enquanto ouvia a mensagem. Ela tinha acabado de ligar para o último número do grupo de apartamentos em potencial para aluguel e estava esperando que fosse o certo. Uma menina com voz aguda disse:

— Ei! Você ligou para Sally (que sou eu!) E Megan, Barb e nossa mais nova colega de quarto, Chelsea! Deixe-nos uma mensagem e, se não estivermos muito ocupadas nos divertindo, ligaremos de volta! — Julie resmungou e desligou.

Ela não sabia se estava com inveja dessa quarta colega de quarto ou não. Essa Sally soava muito como a multidão ensandecida que ela tinha deixado para trás em casa. Por outro lado, havia algo a ser dito de um bando de garotas que gostariam de nada mais do que pedir pizza, fazer o cabelo umas das outras e assistir a reality shows de mau gosto.

Julie deixou uma mensagem de texto para sua mãe com a voz falsamente otimista dizendo que havia algumas possibilidades muito altas de habitação e, provavelmente, estaria felizmente instalada em um novo lugar até o fim de semana. Isso poderia acontecer, certo? Só que estava ficando claro para Julie que ela e sua mãe tinham sido muito ingênuas sobre o que implicaria viver em Boston.

Agora ela estava a um passo de ter que ligar para seu pai por dinheiro. Era quarta-feira à noite, o que lhe dava alguns dias para ficar bem com sua mentira. Ela tinha a orientação do dia seguinte, e só tinha que pedir a todos que encontrassem dicas de apartamentos.

Julie virou-se em seu computador e verificou os sites de aluguel que tinha marcado. Nada de novo havia chegado. Mesmo que seus primeiros dias em Boston tenham sido um pouco instáveis, ela não podia reclamar. Pelo menos tinha um bom lugar para ficar, mesmo que fosse

temporário. O quarto de Finn era confortável, e isso, de alguma forma, fazia parecer natural ela estar ali. As coisas iriam dar certo.

Além disso, ela estava dando um pontapé inicial para seu ensino de graduação apenas por jantar com o clã Watkins.

O jantar daquela noite tinha sido comida indiana complementada por uma discussão temática sobre a diversidade religiosa da Índia, casamentos arranjados e o escândalo dos votos comprados de 2008. Não que Julie tivesse muito a contribuir, uma vez que seu conhecimento da cultura e da política indiana era vergonhosamente limitado, mas ela gostou da discussão acalorada.

Erin havia batido na mesa várias vezes para esclarecer um ponto, Roger tinha, cuidadosamente, abaixado a cabeça e comentado mansamente que simpatizava com o povo da Índia, e Matt tinha referido vários eventos históricos, citando anos e datas exatas. Mesmo que ela tivesse apenas ouvido a maior parte da refeição, Julie tinha achado a conversa agradável.

Isto é como ela esperava que suas aulas na faculdade fossem: diálogos instigantes dinâmicos, pilhas de novas informações e todo o oposto dos ensinamentos de sala de aula maçante de sua escola. Embora, provavelmente, não houvesse personagens de papelão nas salas de aula da faculdade.

Naquele momento, Celeste estava dormindo com o Pôster do Finn em pé ao lado dela na cabeceira. Erin e Roger estavam de volta ao trabalho novamente, e Matt estava enfiado em seu quarto. Ele era aplicado e foi aceito para ser assistente de pesquisa de um de seus professores, e, assim, aquela noite ele estava pensando sobre “estratégias de decomposição eficazes para determinados problemas de otimização convexos não lineares”. Qualquer que seja o inferno que isso significasse. De acordo com Matt, o trabalho envolvia muita codificação e testes de um novo algoritmo e, em seguida, fazer experimentos numéricos sobre o desempenho do referido algoritmo cintilante. Isso era, aparentemente, o topo da excitação para Matt. Talvez ele tivesse um bom hobby convencional que ela não sabia?

O e-mail de Julie informou que agora ela era amiga de Facebook de Matt e Finn. Ah, e que Finn comentou em sua página sobre nunca ter sido tão rico ou tão magro. Melhor. Atualização. De Sempre, ele tinha escrito. Então, ele tinha um senso de humor. Embora Julie se perguntasse se ele ao menos sabia quem ela era. Alguém em sua família contou-lhe que ela era uma hóspede em sua casa? Ela enviou-lhe uma mensagem privada rápida:

Caro Finn,

Apesar das aparências, não sou, de fato, uma maluca que faz amizade com estranhos no Facebook e brinca com seus nomes em atualizações de status. Pelo menos não normalmente. Nossas mães foram para a faculdade juntas e eu estou em Boston começando na Whitney em poucos dias. Deu um problemão no lugar que eu ia morar e seus pais foram bons o suficiente para me deixar ficar em seu quarto enquanto ajeito as coisas. Não tenho certeza se alguém lhe contou sobre mim...

Alguma armadilha aqui que eu deva saber? Eu não gostaria que o Pôster do Finn tivesse um acidente se passasse aqui para conversar.

Julie

Julie clicou na página de perfil de Finn.

Ele tinha um monte de álbuns, e ela viu toneladas de fotos dele em um local mais pitoresco que o outro: posando com uma cordilheira como pano de fundo; remando em um rio cercado por vegetação tropical; empacotado em equipamento de esqui durante condições de nevasca, e de caiaque em um lago primitivo. E havia fotos que documentavam seu trabalho voluntário mostrando-o descarregando caixas de comida da parte de trás de um caminhão frágil, aconchegado com um grupo de crianças em uma sala de aula, e balançando em uma escada enquanto martelava pregos para a viga de uma casa em construção. E o seu favorito, um Finn bronzeado emergindo do mar com uma prancha e vestindo apenas um calção de banho. Ela não conseguia se controlar.

Finn era decididamente lindo, e qualquer uma teria babado um pouco. Robusto, esguio, cabelo perfeito, sorriso adorável...

Seu alerta soou. Ela tinha uma mensagem de Finn.

Oi, Julie,

Sinceramente, estou um pouco desapontado que você não é uma perseguidora.

Eu tenho feito o que posso para atrair uma e pensei que finalmente iria conseguir. Ah, bem. Vou continuar tentando. Espero que os monstros debaixo da minha cama não prendam você à noite. (Eles tendem a desfrutar de festas tarde da noite e música alta.) Se lhe derem algum problema, sugiro cantar qualquer coisa de 2000 a 2006. Eles não ligam para esses anos, porque foi durante esse tempo que a economia monstro caiu, e todos eles tiveram que recuar.

Experimente um pouco de Green Day (monstros não respondem bem a qualquer hino do pop rock). John Mayer costumava funcionar, mas depois que ele disse algo sobre “A Árvore Joshua das Vaginas”, os monstros não conseguiam parar de rir.

Ruidosamente. Se tudo isso falhar, há um taco de beisebol no meu armário. Não tenha medo de usá-lo.

Então o Pôster do Finn não te assustou muito? Ele é um cara legal. Fique de olho nele, no entanto. Ele gosta de sair com o carro de vez em quando e nunca abastece o tanque.

Finn

Julie riu e escreveu de volta.

Finn,

Obrigada pelos alertas. Tive um pressentimento de que o PF pudesse fazer alguma gracinha. Ele tem aquele olhar. Algo sobre a maneira como se recusa a fazer contato visual.

Agradeço as dicas. Os monstros de Ohio só podem ser banidos mostrando reprises de According to Jim, mas nunca fui capaz de fazer isso sozinha.

Julie

Ela clicou no feed de notícias do Facebook. Tanto Matt como Finn tinham atualizações recentes. Oh, bom Senhor. Esses eram irmãos meio estranhos.

Matthew Watkins *Eu gosto do Facebook mais do que gosto de conversar com pessoas reais, porque aqui não tenho que esperar até que alguém tenha terminado de falar antes que eu diga alguma coisa que seja realmente fútil e tangencial.*

Finn é Deus *Dizem que se suas orelhas estão queimando, então alguém está falando sobre você. Isso é verdade? Porque tenho uma pergunta sobre o que significa se for uma parte diferente do corpo.*

Julie poderia brincar de esquisita também.

Julie Seagle *tem uma palavra em seu status que realmente não significa nada.*

Ela verificou sua conta do Gmail. Por fim, havia uma mensagem de seu pai.

Cara Julie,

O que você pensa sobre uma viagem para a Califórnia nas suas férias de inverno? Três semanas para cima e para baixo da costa. Envie a minha secretária as datas de suas férias e nós passaremos o Natal juntos. Sua mãe disse que isso seria aceitável para ela, então espero que você concorde.

Pai

Julie releu o e-mail. Isso seria mais tempo do que ela passou com seu pai desde que era uma criança. Mas e sua mãe? Ela ficaria chateada por não ter Julie em casa para as férias, embora obviamente já tivesse conversado sobre isso com o pai de Julie e concordara. Claro que Kate tinha entendido que aquela oportunidade não poderia ser deixada de lado. Ela era aquele tipo de mãe. Julie escreveu ao seu pai de volta.

Oi, papai!

Muito feliz em ter notícias suas! Sim! A viagem parece perfeita. Estou tão animada para vê-lo! Me ligue e me diga mais.

Eu te amo.

Julie

Ela mandou para seu pai o número do seu celular no caso de ele ter perdido, bem como o número de telefone da casa dos Watkins.

Julie fechou o computador e separou sua roupa para o dia seguinte. A orientação começava com café e baguetes às 8h30 e duraria até 14h15. Ela enfiou um caderno, uma caneta, um mapa da escola e as orientações que Matt lhe dera em uma bolsa enorme. Quando se atrapalhou para colocar tudo na bolsa, um papel escorregou para o chão. Julie pegou e riu. Matt pusera um mapa do sistema de trens de Boston em suas coisas e colocara um gigantesco crânio e símbolos de caveiras próximos às estações com escadas rolantes. Perto do canto do mapa, ele tinha adicionado uma descrição identificando: “Terrível ameaça. Esteja em alerta máximo”.

Julie riu. Mas, veja? Ela realmente não tinha nada a questionar sobre o Pôster do Finn

quando não podia sequer entrar em uma maldita escada rolante sem ter um colapso total. Claro, ela preferiria desmaiar em público que andar por aí com um pôster.

Ela apagou a luz e se arrastou para a cama, puxou o lençol frio sobre ela e facilmente adormeceu. Durante algumas horas.

O barulho do trem das 2h15 de Ohio costumava acordá-la. Mesmo do outro lado da cidade, Julie podia ouvir a buzina e o estalido rítmico que o trem deixava pelo caminho. Demorou meses após a mudança do horário do trem para ela se acostumar com o som e ser capaz de dormir com ele. Lembrou-se de quando os problemas de sono começaram, porque tinha sido na mesma época que seu pai tinha se mudado.

Agora ela sentia falta daquele barulho, e o silêncio a acordou.

Julie acendeu a pequena lâmpada ao lado da cama e pegou seu livro na mesa de cabeceira. Normalmente, ela podia ler até que fosse impossível manter os olhos abertos por mais tempo e adormecer se tornasse inevitável. Mas aquela noite ela estava bem acordada e incapaz de se concentrar. Tinha menos a ver com estar nervosa sobre começar a faculdade e muito mais com impaciência para achar uma casa nova. Ela deixou cair o livro e pegou uma foto na mesinha. Ela sorriu para a imagem de Finn correndo pelo quintal enquanto carregava uma jovem Celeste nas costas. Ela tinha as mãos sobre os olhos dele e a cabeça jogada para trás enquanto gritava com prazer.

Julie achou que ela deveria ter cerca de 5 anos de idade e era tão bonita, tanto quanto era agora.

Julie apagou a luz e passou trinta minutos se contorcendo e se virando. Ela tinha que desligar seu cérebro e dormir um pouco, mas havia tanta agitação em sua cabeça: faculdade, onde morar, estranha e maravilhosa Celeste com seu irmão de papelão, camisas nerds de Matt, seu patético quase colapso na escada rolante, o camarão de Roger, as opiniões fortes de Erin sobre quase tudo...

Ela puxou um travesseiro sobre a cabeça e tentou retratar cenas serenas.

Em seguida, tentou se entediar para dormir pensando em coisas como o iogurte e a estrutura de um pedal de gás. Não estava funcionando. Deveriam ser aqueles malditos monstros debaixo da cama.

Julie rolou de costas, querendo saber como limpar a cabeça. Ela teve uma ideia. Era estúpida, mas ela estava ficando desesperada.

Ela começou a cantar baixinho. Deus, aquilo era idiota. Pelo menos Green Day era a ideia idiota de Finn e não dela. Julie passou as mãos pelos cabelos e respirou fundo. Quem diabos pode adormecer com Green Day? Julie cantarolou por um momento e depois continuou cantando.

Levou apenas um verso para Julie acalmar os monstros debaixo da cama.

Quando ela adormeceu, sabia que tinha que agradecer a Finn.



Capítulo 7

Julie cruzou as pernas e tentou ficar confortável no assento duro do auditório. Mas não ia dar certo. Os bancos, obviamente, foram projetados para maximizar o desconforto físico e impedir os estudantes de caírem no sono durante as aulas. Eficaz, se não fosse cruel. Ela sobreviveu a uma entediante recepção com café da manhã durante a qual os alunos, silenciosamente, ficavam acenando e sorrindo uns para os outros enquanto esperavam a orientação começar. Aquela palestra de boas-vindas tinha que ser melhor. Os assentos diferenciados estavam em frente a um atril onde algumas pessoas estavam tentando colocar um vídeo de orientação Whitney para funcionar.

— Desculpe — Julie se desculpou com a menina no assento ao lado, a quem ela acidentalmente deu uma cotovelada enquanto tentava tirar o bloco de notas da bolsa.

— Não tem problema. Somos como malditas sardinhas nestas cadeiras, né? — A menina sorriu para Julie. — Eu sou Dana. Não conheço ninguém aqui e estou esperando que você seja uma pessoa normal que vai ser boa comigo. Ao contrário do homem no trem esta manhã que acariciou minha perna. Embora ele parecesse pensar que estava sendo gentil.

— Eu sou Julie de Ohio, e prometo não acariciar sua perna.

— Graças a Deus! — Dana disse, olhando para cima e batendo palmas. — Vou cobrar isso de você.

O cara do lado esquerdo da Julie inclinou-se para Dana.

— Eu, por outro lado, posso acariciar sua perna. Já peço desculpas antecipadamente. Realmente não consigo me controlar. Sinto muito.

Julie riu.

— Como você avisou, talvez ela te desculpe.

Ele estendeu a mão.

— Sou Jamie. Eu cresci em Milford, a oeste de Boston.

Julie e Dana apertaram sua mão. Os cabelos negros de Dana estavam cortados perfeitamente em um Chanel curtinho e mal se moveu quando acenou para Jamie.

— Menino de Milford, você é muito mais legal do que o cara pervertido do trem, então eu até poderia deixar você acariciar minha perna. Por uma pequena taxa.

— Vou me lembrar disso — disse Jamie, suas covinhas apareceram quando ele sorriu. Ele caiu para trás em sua cadeira, ajeitou o boné de beisebol e esfregou a barba. Definitivamente parecia que tinha saído da cama cerca de cinco minutos atrás. — Em qual dormitório você está? Estou em Thompson.

— Na verdade, eu estou morando em um apartamento fora do *campus* — disse Dana. — Julie, onde você está?

— Em nenhum lugar, na verdade. Bem, em algum lugar obviamente. Vou ficar com alguns amigos da família até que eu consiga encontrar um lugar. Vocês sabem de alguma coisa?

— Ugh — Jamie gemeu. — Amigos da família? Parece terrível.

Julie balançou a cabeça.

— Não, não é tão ruim. Eles são muito bons.

— Eu posso perguntar por aí para você — disse Dana. — Os dormitórios estão totalmente lotados, disso eu sei.

— Sim, e o mercado imobiliário aqui é difícil. Vou verificar no *campus* mesmo assim. Ver se existem alguns anúncios de colega de quarto para você — Jamie ofereceu.

— Isso seria ótimo, obrigada. — Julie deu a Jamie e Dana seu número de celular e salvou os deles em seu telefone. — Olha. Eles conseguiram colocar o vídeo. — Ela olhou para seu programa. — Um vídeo de trinta minutos de *tour* pelo *campus*, seguido de uma palestra do bibliotecário-chefe sobre como utilizar o sistema de catálogo on-line. Divertido.

Jamie se afundou ainda mais em seu assento.

— Me acorde quando acabar.

Dana inclinou-se.

— Eu vou acariciar sua perna para sinalizar que a tortura acabou.

Jamie fechou os olhos e sorriu.

— Legal.



A orientação da faculdade tinha sido tudo o que Julie esperava que fosse: chata, monótona e cheia de discursos que apregoavam realizações dos professores e prometiam aulas fascinantes. Eles foram divididos em grupos menores e deram um passeio mais pessoal, não em vídeo, e isso foi divertido. Julie se esforçou para memorizar onde os edifícios dos departamentos eram para que ela não tivesse que andar pela escola com o embaraçoso mapa do *campus* na frente de seu rosto. Poderia também carregar um cartaz que dissesse CALOURA.

Depois, Julie pegou o trem para o Harvard Square e caminhou ao longo do rio Charles para voltar à casa dos Watkins. Foi uma rota um pouco mais longa, como Matt tinha dito, mas valeu a pena para apreciar o cenário. Aquele seria um ótimo lugar para estudar. Ela poderia levar uma manta e se sentar na grama, levar um lanche, enterrar-se em um livro. Porém, quem sabe se ela ia acabar morando em qualquer lugar ali perto?

Entrou em casa com a chave que Matt lhe dera. A fechadura da porta da frente era difícil, e demorou alguns minutos para abri-la. Ela foi até a cozinha para pegar uma bebida. A geladeira estava lotada com embalagens para viagem, e Julie tinha uma suspeita de que ninguém nunca comia as sobras. Seu telefone tocou, e ela se atrapalhou para encontrá-lo na bolsa.

Ela não reconheceu o número que apareceu.

— Olá?

— Julie? Oi, é Matthew. Como foi a escola?

— Cheia de conhecimentos com informações estimulantes. Onde você está? Como conseguiu meu número? Você não tem que pegar Celeste em breve?

— É por isso que estou ligando. Existe alguma chance de que você pudesse pegá-la? Eu realmente sinto muito. Um dos meus professores está insistindo em uma reunião comigo sobre a pesquisa que estou fazendo. Tenho certeza de que eu poderia reagendar, mas seria melhor se eu não fizesse isso.

Julie moveu um recipiente de comida tailandesa da outra noite e tirou uma garrafa de água com gás.

— Claro, acho que sim. É muito longe daqui?

— Apenas dez minutos mais ou menos. Esta reunião é importante, caso contrário, eu não pediria. Você pode pegar o carro. As chaves estão penduradas na parede da base do telefone. Deve ter papel lá também. Vou te dar instruções. É fácil. Eu prometo.

— Você tem certeza de que seus pais não vão se importar se eu dirigir o seu carro?

— Nem um pouco. Eles raramente o usam de qualquer forma.

Julie examinou o grande painel branco na parede que gritava obsessivo-compulsivo. Alguns porta-canetas pequenos guardavam desde canetas e tachinhas até cartões de visita e os cardápios para encomenda muito usados. Ela localizou as chaves do carro e pegou um bloco e uma caneta.

— Ok, vamos.

Matt deu-lhe as direções.

— Se você partir em dez minutos, deve dar tempo de sobra. Basta dirigir até a área de embarque na frente da escola, e Celeste vai estar lá fora. — Ele fez uma pausa. — E há mais uma coisa.

— Eu devo levar o Pôster do Finn? — ela adivinhou.

Matt ficou em silêncio por um momento.

— Sim. O banco traseiro é baixo, e há um cobertor lá para que você possa cobrir isso.

— Você quer dizer ele.

— O quê?

— Eu posso cobrir “ele”. Seja respeitoso. Você gostaria se Pôster do Finn se referisse a você como uma coisa, hein?

— Se Pôster do Finn se referisse a mim como qualquer coisa, eu teria um novo respeito por ele. Até agora, ele se recusou a me chamar de qualquer coisa. É um pouco rude, se quer saber.

— Vou falar com ele sobre isso. Ver se consigo amolecê-lo um pouco.

— Excelente — disse Matt. — Obrigado por pegar Celeste. Acho que ela vai ficar bem com você. Parece gostar de você. Diga que vou ligar para ela depois da minha reunião.

— Ela vai ficar bem.

— Ela tem uma rotina. Mudanças em sua programação e pessoas inesperadas...

— Ela vai ficar bem — Julie repetiu. — Prometo.

— Você não pode prometer nada...

— Adeus, Matthew. Divirta-se em sua reunião. — Julie desligou antes que ele pudesse protestar.

Pelo amor de Deus, ela era perfeitamente capaz de pegar alguém na escola, com ou sem um pôster de menino no banco de trás.

Ela correu para cima e trocou sua roupa para um vestido fresco alegre na altura do joelho e prendeu os cabelos. Um rápido retoque na maquiagem que tinha começado a manchar no calor, e ela saiu pela porta da frente para pegar Celeste. Parou nos degraus da frente e se virou.

O Pôster do Finn estava parado equilibrado em expectativa na sala de estar.

Julie se aproximou da imagem. Deus, aquilo era confuso.

— Vamos lá, cara. Estamos saindo para pegar sua amiga. Agora, normalmente, as pessoas não estão autorizadas a andar no caminho de volta, então mantenha a sua cabeça baixa, e talvez a gente não vá ficar preso.

Ela levantou o menino de papelão e enfiou a cintura debaixo do braço.

Descobrir como abrir a porta da frente sem esmagar o Pôster do Finn era um pequeno desafio, e ela teve que colocá-lo na varanda da frente enquanto trancava a porta. Ela abriu o

porta-malas, colocando o Pôster do Finn no carro, e o cobriu com o grande cobertor azul que estava esperando lá para esconder o segredo de Celeste.

O velho Volvo estava muito quente, e Julie se perguntou por que uma família que claramente tinha dinheiro não se incomodaria em manter o que poderia ser perfeitamente uma relíquia. Com certeza, era um Volvo e, provavelmente, correria para sempre, não importa o quê. E eles só tinham um carro, o que parecia estranho, já que dois profissionais ocupados e um estudante certamente poderiam utilizar dois veículos.

Aparentemente, as pessoas com dinheiro faziam coisas engraçadas, às vezes.

Ela estava agradecida em ver que o Pôster do Finn não tinha deixado o tanque de gasolina vazio.

— Obrigado, PF. Agradeço a consideração.

Julie encontrou a escola de Celeste facilmente. Ela parou na calçada em curva atrás de um sedan Lexus. Os alunos estavam apenas começando a sair pelas portas da frente, e Julie olhou para os grupos de meninas, procurando Celeste. Os alunos do Ensino Médio perambulavam em panelinhas sociais facilmente identificáveis, e Julie se lembrava exatamente de como se sentia aos 13 anos. Era uma idade tão estranha, essa fase confusa do início da adolescência quando você vacila desesperadamente entre querer ser um adulto por direito e ainda se sente como uma criança. A tortura de tentar descobrir como se vestir e obter seu delineador exatamente como eles fazem em vídeos musicais, quais os cantores que eram legais e quais cantores que você não deveria ouvir nem morto, o que fazer para os meninos gostarem de você e o que fazer se eles gostassem. Ugh. Graças a Deus, Julie já tinha passado dessa fase.

Uma menina em uma minissaia e um rabo de cavalo se afastou, e Julie viu Celeste. Julie baixou a cabeça ao volante, acertando a cabeça levemente algumas vezes. Por que Celeste estava vestindo uma camisa xadrez pastel e calça azul-pálida plissada? Julie levantou a cabeça e suspirou, querendo nada mais do que saltar do carro e puxar a mochila idiota dos ombros da menina. Essa garota se destacava por todas as razões erradas. Goste ou não, as outras crianças se preocupam com sua aparência, e Celeste aparentava estar... Errada. Linda debaixo da roupa horrível e cabelo totalmente sem estilo, mas ainda errada. Mas pior do que como ela estava era o fato inegável de que ela estava sozinha e obviamente invisível aos seus colegas.

Julie encolheu-se quando um menino passou por Celeste, deixando de notar ou se importar que esbarrasse em seu cotovelo quando se juntou a uns caras do grupo de camisetas da moda. Julie buzinou e acenou, finalmente chamando a atenção de Celeste.

Celeste olhou para os carros e, em seguida, dirigiu-se para o Volvo. Ela parou na porta do passageiro, os olhos arregalados e o rosto inexpressivo.

— Ei, garota. Entra aí — Julie disse calorosamente.

Celeste ficou parada, esperando um momento antes de falar.

— Por que você está aqui? — Houve uma agitação perceptível em sua voz que Julie não poderia perder.

— Matt me pediu para buscá-la hoje. Ele realmente lamenta. Acho que ele tinha algo

importante para fazer na faculdade. Celeste? Está tudo bem. O Pôster do Finn está comigo. Ele me ajudou a chegar aqui, porque as direções de Matt eram terríveis.

Celeste abriu a porta e entrou no banco.

— Ah. Isso é bom. — Ela se virou para Julie. — Isso realmente é bom.

— Bom. — Julie puxou o carro para a rua principal. — Então, o que devemos fazer?

— Como assim o que fazer? Vamos para casa depois da escola.

— Vamos fazer alguma coisa. Vamos!

— Como o quê?

— Eu não sei.

Julie ligou o rádio e bateu os dedos no volante.

— Eu não sei mesmo em que rua que estou agora. Talvez estejamos perdidas e passaremos as próximas horas tentando encontrar nosso caminho para casa. Vamos ouvir músicas da Kelly Clarkson e cantar até perder a voz.

— Isso não é um bom plano. — Celeste virou-se e olhou para a parte de trás do carro. Ela respirou profundamente, então lentamente deixou o ar escapar entre seus lábios. — Eu sempre vou para casa.

Julie deu uma guinada à esquerda para outra rua e dirigiu por alguns minutos.

— A-há! — Ela parou o carro no estacionamento de um supermercado. — Vamos fazer o jantar hoje à noite. Quero agradecer a seus pais por me deixarem ficar em sua casa. Você gosta de italiano? Eu faço um manicotti mediano.

— Ah. — Celeste pensou por um momento. — Isso poderia ser aceitável.

— Aceitável? Vai ser mais do que aceitável. Molho de tomate caseiro com manjerição fresco? Recheio de ricota e espinafre? E o meu toque secreto? Molho de queijo branco regado por cima. E todos nós podemos discutir arquitetura gótica italiana ou Roma antiga, durante o jantar. Eu sei como vocês gostam de noites temáticas.

— Ou do Renascimento italiano. O meu pai gosta do Renascimento.

— É isso aí. — Julie estacionou o carro e começou a sair. Mas Celeste não se mexeu. — Celeste? Você vem?

— Eu? Não. Eu deveria esperar no carro. Isso é o que eu faço.

— Você não entra nas lojas?

— Não.

— Nunca?

— Não.

Era inacreditável. Julie apertou seu punho em torno das chaves do carro até que elas cravaram dolorosamente em sua mão. Alguém tinha que corrigir isso. Ela caminhou até a parte de trás do carro e abriu o porta-malas.

— Bem, isso é muito ruim, porque PF e eu queríamos a sua ajuda para escolher os melhores tomates. — Ela tirou o cobertor do Pôster do Finn e o tirou da parte traseira. — Então eu não quero ouvir você reclamando da má qualidade do produto que nós selecionamos. — Ela bateu o porta-malas, puxou um carrinho de compras para fora da pilha ao lado do carro e prendeu o boneco de papelão no carrinho, em um ângulo de modo que toda a sua metade superior se projetava.

Celeste voou para fora do carro.

— O que você está fazendo?

— Compras. O que você está fazendo?

— Começando a ter um tipo de ataque de ansiedade que eu preferiria evitar...

— O que mais você está fazendo?

Celeste franziu os lábios, escondendo um sorriso.

— Compras.

— Bom. Vamos.

— E não o chame de PF. Ele não gosta de abreviaturas.

— Diga a ele para parar de me chamar de JS e eu vou considerar isso.



Capítulo 8

Matt colocou sua bolsa de mensageiro no banco ao lado dele e se sentou no balcão da cozinha. Ele olhou para o prato na frente dele.

— O que é isso?

— É uma representação gastronômica de *Gata em Teto de Zinco Quente*. — Julie colocou as mãos nos quadris. — Você não vê isso? A descrição clara da luta pela identidade sexual, como evidenciado pelas duas formas fálicas?

Matt olhou para ela.

— Do que você está falando?

— Do que você está falando? É manicotti, seu bobo. O que você acha que é?

— Eu sei disso. Eu estava fazendo referência à ausência notável de embalagens para viagem. Você fez o jantar?

— Celeste e eu fizemos o jantar — Julie corrigiu.

— E elas fizeram um trabalho maravilhoso. — Erin voou para a cozinha e colocou sua taça de vinho no balcão. — Obrigada, mais uma vez, Julie. Foi maravilhoso. Não me lembro da última vez em que nos preocupamos em preparar o jantar nós mesmos. Estou surpresa que o fogão ainda esteja funcionando. — Ela virou-se para Matt. — Você chegou em casa tarde. Como foi a faculdade? Será que a reunião foi bem?

Matt assentiu enquanto limpava a boca com um guardanapo. Metade da sua comida já tinha ido embora.

— Muito bom. Lamento ter chegado em casa tarde. E lamento mais ainda que precisei dobrar minha carga de trabalho ao concordar em ser assistente de pesquisa.

— Isso é com o professor Saunders, correto? Ele tem uma excelente reputação, por isso esta é uma excelente oportunidade para você. — Erin tomou um gole de vinho. — Eu ouvi dizer que ele é muito exigente, Matthew, então você vai ter que ser extremamente aplicado com o seu trabalho.

— Eu percebi isso. De fato — Matt disse enquanto se levantava —, eu deveria ir lá para cima e fazer o trabalho. Vou terminar o jantar lá em cima. Obrigado, Julie. — Ele pegou o prato e começou a sair da cozinha. — Ei, Julie? — Ele parou na porta.

— Sim?

— Então as coisas deram certo hoje?

— Totalmente certo. Eu te disse quando você ligou. Ambas as vezes.

— Ok. Obrigado mais uma vez.

Julie varreu embaixo do balcão e virou para a pia para começar a lavar as panelas que não tinham se encaixado na máquina de lavar louça. Erin pegou uma toalha e ficou ao lado dela.

— Julie, me diga como está a sua mãe. Até ela me ligar no outro dia, eu não tinha ouvido sua voz em anos. Ela está bem?

Julie assentiu.

— Sim. Ela ainda trabalha para a empresa copiadora de seus pais como gerente do escritório. Ela parece gostar. — Ela lavou uma panela e a entregou a Erin.

— Ela ainda está trabalhando para eles? — Erin disse com surpresa. — Deus a abençoe, porque eu nunca poderia trabalhar para a minha família. Kate é uma mulher melhor do que eu.

— Erin? Isso pode soar estranho, mas você e minha mãe são muito diferentes. Eu tenho dificuldade em ver vocês duas como amigas. — Na verdade, Julie descobriu que era impossível imaginar a sua mãe e Erin saindo e trocando abordagens sobre política socioeconômica entre as aulas e festas de dormitório.

— Nós éramos. Moramos juntas por três a quatro anos. Podemos ser pessoas diferentes agora, mas quando estávamos na faculdade fomos, provavelmente, mais parecidas. Sua mãe era uma excelente aluna, era tão fácil para ela. Você sabia disso? Ela é muito inteligente. Nós escolhemos caminhos diferentes depois que nos formamos, no entanto. Seu pai e mãe já estavam namorando e se casaram um ano depois de se formarem. Trabalhei durante alguns anos e depois fui para a faculdade de direito. Eu era simplesmente mais voltada para a carreira que sua mãe. Kate escolheu um caminho que era confortável para ela. Não há nada de errado com isso, é claro. Estou feliz que ela está tão feliz.

— Você acha que ela teria ido para a faculdade de direito ou algo assim, como você foi?

— Ela poderia ter ido. Certamente tinha o intelecto. Não era o que ela queria. Kate não estava interessada na pós-graduação ou uma carreira mais proeminente. Ela queria o seu pai, e queria a vida que teve. — Erin fez uma pausa. — Até que... eu sinto muito. Isso foi impensado.

— Está tudo bem. Divórcio é divórcio. Isso acontece o tempo todo, por isso não é um grande negócio.

— Eles se separaram quando você tinha cerca de 4 ou 5 anos, não é mesmo?

Julie assentiu.

— Você o vê muito?

— Uma ou duas vezes por ano. Após o divórcio, sua carreira realmente decolou, e ele simplesmente não consegue me ver tanto quanto ele gostaria. Está muito ocupado com o trabalho. Ele vem à cidade para negócios, às vezes, por isso tenho um jantar com ele quando pode. É a natureza de seu trabalho, eu acho. Eu entendo.

— Ele ainda está com a cadeia de hotéis de luxo?

Julie assentiu.

— Sim. Ele é o vice-presidente regional da Costa Oeste. E vai me levar para a Califórnia durante as férias de inverno deste ano. Meu primeiro Natal sem neve.

— Isso parece maravilhoso — disse Erin. — Estou feliz que você vai passar algum tempo com ele.

— Sim. Tenho certeza de que vai ser ótimo — Julie disse. Ela fechou a torneira. — Estou feliz que minha mãe te ligue.

— Também estou contente por Kate ter me ligado.

— Eu espero que você saiba que eu tenho feito tudo que posso para encontrar um apartamento. Não quero que pense que vai ter que me ajudar de forma permanente.

— Bem, por que não?

— O que você quer dizer?

Erin deu de ombros e encheu sua taça de vinho.

— Por que você não fica? Quarto livre e armário. Isso é um bom negócio, não acha? Você não deveria ter que se preocupar com aluguel e contas e todo esse absurdo, quando deveria estar centrada na escola.

— Eu não poderia deixar você me hospedar todo o ano. Isso não parece certo.

— Se você tem aulas de manhã, então poderia cuidar da Celeste na parte da tarde. Que tal isso? Ela gosta de você. Notei que seu cabelo estava diferente esta noite. Você fez alguma coisa com ele?

— Ah, sim — Julie disse distraidamente. — Eu fiz uma trança francesa rápida para ela. Ela pareceu gostar. Assim, é sério? Você realmente ficaria bem comigo ficando aqui?

— Absolutamente. Qual é o problema? Embora eu entenda que você possa preferir viver com amigos e experimentar a vida social da graduação mais tradicional. Você é uma adulta agora, então certamente deve definir o seu horário aqui. Não tenho interesse em monitorar todos os seus movimentos. Você é, obviamente, inteligente e responsável.

Julie pensou por um momento rápido. Por que não? Ela economizaria de sua mãe uma tonelada de dinheiro, e se encontrasse um apartamento que fosse um bom negócio, em poucos meses, então ela sempre poderia sair.

— Eu adoraria ficar, Erin. Realmente. Isso é incrivelmente generoso. Acho que você precisa falar com Roger sobre isso, porém, e eu entendo se ele não quiser um hóspede inesperado.

Erin acenou com a mão com desdém.

— Ele não vai se importar nem um pouco. Além disso, ele está saindo em sua viagem em breve, e nós poderíamos ter uma mão extra. E, desta forma, Matthew pode realmente aplicar-se a seus estudos.

Julie sorriu.

— Ok, então. Isto parece muito bom. Eu gosto de Celeste. Muito.

— Bom. Nem todo mundo é respeitoso com as escolhas dela — Erin disse incisivamente. — Você é. Então está resolvido. — Ela levantou o copo num brinde. — Bem-vinda ao lar.

— Você é uma salva-vidas. Muito obrigada — Julie disse alegremente. — Vou pegar o resto das coisas da mesa de jantar. — Ela começou a recolher o sal, a pimenta e os jogos americanos. Deus, que alívio! Aquilo era realmente muito melhor do que estar em um apartamento apertado com um monte de outras garotas. Ela ainda estaria o suficiente no *campus* para fazer amigos, e agora não tinha que se estressar por causa de dinheiro ou até mesmo avaliar pedir ajuda a seu pai. Não que ele tivesse oferecido, mas ela sabia que ele viria se ela pedisse. É claro que ele ajudaria.

Mesmo com quatro pessoas na casa dos Watkins, parecia um lugar maravilhoso e tranquilo para conseguir terminar o trabalho, então ela não teria que gritar com colegas de quarto para desligar a música às 3 da manhã ou colocar um travesseiro sobre a cabeça para bloquear a festa toda noite no prédio ao lado. Isso não é o que todos os jovens de 18 anos de idade gostariam, mas é o que Julie queria.

— Eu não sei como lhe agradecer. — Julie arrumou os jogos americanos e os pratos sobre o balcão. — Espero que Finn não se importe comigo ficando em seu quarto. Será que ele vai estar de volta em breve? Ele não disse quando falei com ele.

— Você esteve em contato com Finn? — Erin não escondeu a surpresa em sua voz. — Eu não sabia que vocês dois... eu não sei. Que... engraçado.

— Sim. Apenas uma mensagem rápida para me apresentar. Acho que eu me sentia estranha sobre me hospedar em seu quarto sem que ele soubesse.

— O quarto é todo seu. — Erin sorriu. — Agora corra para cima e desarrume sua mala. Nós não queremos que você viva com tudo nas malas, não é?

— Ok. Muito obrigada por me deixar ficar. — Julie subiu as escadas para se acomodar. Sem mais se preocupar, sem mais procurar apartamentos em favelas infestadas de baratas!

Aquela noite, o Pôster do Finn ficou do lado de fora da porta do quarto de Celeste,

incansavelmente, guardando-a enquanto ela terminava sua lição de casa.

— Viu, Pôster do Finn? — Julie se inclinou e cochichou para a cabeça de papelão. — Você e eu vamos passar mais tempo juntos, por isso espero que o comportamento modelo continue. De acordo? Você está pensando sobre isso? Eu entendo. Deixe-me saber. Desculpe-me, enquanto eu vou para o quarto do seu gêmeo e desarrumo as malas. Falaremos mais tarde.

Julie entrou para o que era agora o seu quarto e olhou em volta. Ela poderia ser feliz ali. Uma grande prateleira que continha guias de viagem, álbuns de fotos, uma série de livros grossos sobre rochas e minerais, e uma pilha de antigas revistas *Time* e *Newsweek* ainda deixava muito espaço para suas coisas. Como um todo, o quarto era um pouco vazio em alguns lugares, o que era bom, porque ela poderia facilmente preencher o espaço vazio.

Ela abriu a mala e começou a arrumar suas roupas agora muito amassadas e os poucos pares de sapatos que tinham lotado as malas. O armário estava vazio, exceto por duas coisas: uma camiseta azul-marinho desgastada com o esboço de um paraquedista que dizia:

“Não se esqueça de puxar a corda” e um moletom velho que dizia: “Paraquedistas gostam de fazer em grupos”. É evidente que Julie tinha se mudado para a casa de uma família espirituosa.

Ela pegou o notebook na cama e enviou uma mensagem para Finn novamente pelo Facebook.

Caro Finn,

Espero que você não se importe se eu ficar no seu quarto por um pouco mais.

Sua mãe sugeriu que eu abandonasse a ideia impossível de tentar encontrar um apartamento em Boston e ficasse aqui. Manhãs na faculdade, tardes com Celeste e noites protegendo seu quarto contra monstros.

Sendo uma garota e tudo o mais, estou resistindo à vontade de pintar imediatamente o seu quarto de rosa e pregar na parede fotos de unicórnios e arco-íris. Sem promessas de quanto tempo eu posso aguentar.

Como é a África do Sul? Celeste está esperando por fotos... Dica, dica.

Julie

Ela vestiu o robe, reunindo o que precisava para levar para o chuveiro, e foi para o corredor. Quando passou pelo quarto de Matthew, ela pôde ouvir a conversa atrás de sua porta fechada. Ele e Erin estavam falando, e mesmo sem ser capaz de entender quaisquer palavras, Julie poderia dizer que o tom da conversa era menos do que jovial. Na verdade, eles estavam tendo uma discussão abafada.

Ela continuou andando e fechou a porta do banheiro. O chuveiro quente era maravilhoso e ela deixou o vapor de água encher o cômodo enquanto se despiu. Foi um alívio ter parado de se preocupar com questões logísticas desagradáveis. Sair com Celeste seria legal. Ok, talvez legal não fosse a palavra certa. Original, incomum, interessante e desafiador. Todos os favoritos de Julie.

Além disso, era impossível não querer saber mais sobre o Pôster do Finn.

Quando voltou para seu quarto, ela pegou sua roupa de dormir de costume, um par de calças de pijama leves e um top, e ligou a televisão. Ela encontrou um bom programa de fofocas de celebridades e deixou em segundo plano enquanto se sentava na cama com seu computador. Um certo número de seus amigos enviaram mensagens com histórias sobre seus primeiros dias na faculdade, os boatos sobre seu ex-namorado e recentes reclamações sobre as misérias do jantar do *campus*. Ela escreveu a seus amigos de volta e, em seguida, leu uma mensagem de Finn.

Julie,

OMG, eu adoro rosa! E unicórnios! E arco-íris! Realmente. Tão impressionante! Eu sempre quis um daqueles cartazes superfofos de um gatinho pendurado em um galho de árvore que diz: "Se segure aí!"

Talvez você possa encontrar um! Meu quarto vai ser, tipo, totalmente o melhor de todos! Julie, você é maravilhosa!

A África do Sul é, definitivamente, fantástica. Reabilitei elefantes esta semana.

Você sabia que reabilitação de elefante é muito semelhante à reabilitação humana?

Bem, é. Só que não temos arte hedionda pendurada nas paredes. Mas nós permitimos telefones celulares. Elefantes ficam chateados quando não podem ligar para os seus entes queridos ou encomendar uma pizza. Canoagem amanhã e depois dormir no mato sob as estrelas.

Boa sorte com a família. Aqui vai uma dica livre: Matt é um nerd.

Diga a minha menina que vou enviar fotos muito em breve. Não sou o técnico nerd que meu irmão é, mas vou fazer o meu melhor.

Finn

Por alguma razão, Julie achou reconfortante que Finn fosse tão peculiar como o resto da família.

Finn,

Sabia que você ia gostar da nova decoração! Irei procurar fielmente pelo cobiçado cartaz do gatinho.

Obrigada pela ajuda com os monstros. Funcionou como um encanto. Sem outras dicas necessárias ainda. Sua família é muito boa. Levei o Pôster do Finn para compras de supermercado, e embora eu suspeite que ele considerava roubar uma lata de corações de alcachofra, ele se conteve. No entanto, comeu um punhado de mistura de balinhas, mas todo mundo faz isso.

Sim, Matt é um pouco nerd. Ele é muito orgulhoso disso, hein? Eu deveria receber outra dica grátis já que essa era óbvia. E haverá uma taxa para as outras? Estou em um orçamento de estudante. Provavelmente seria útil uma dica com Celeste. Estou bastante perdida sobre a situação de Pôster do Finn.

E não posso resistir à pergunta: qual é a desse seu nome no Facebook “Finn é Deus”?

Julie

Finn ainda deveria estar on-line porque ele respondeu de imediato.

Julie,

Não se preocupe. Dicas da casa virão de graça.

“Finn é Deus” é a minha tentativa de iniciar uma nova religião. Estou trabalhando em uma linha de mercadoria agora, porque todas as boas religiões vêm com acessórios de moda. E quero ser rico.

Finn

Finn,

Vou querer uma sacola e uma viseira “Finn é Deus”.

Julie



Capítulo 9

Matthew Watkins *“Às vezes é útil saber o quão grande é o seu zero.”*

Autor desconhecido.

Finn é Deus *para esta atualização de status fazer algum sentido, preciso que você aceite que estou coberto por algum tipo de produto de queijo à base de spray.*

Julie Seagle *acha que o Twitter é como o primo sacana do Facebook. Ele faz todas as coisas idiotas e indecentes que você é muito responsável para fazer.*

— O que é esse aqui? — perguntou Celeste.

— Eu não tenho ideia. Abra-o. — Julie entregou à Celeste a tesoura e a deixou cortar a fita da caixa de papelão. Seu quarto tinha rapidamente se transformado em uma área de desastre, agora que o resto de suas coisas tinham chegado. Seu edredom acolchoado estava na cama e uma caixa de roupas estava ao lado.

Celeste abriu as abas da caixa e olhou para dentro.

— Parece que um salão de beleza explodiu nesta caixa.

— Oooh, legal! — Julie bateu as mãos e trocou a música. — Agora, se pudermos encontrar a caixa com a camisa que quero usar hoje à noite, vou ter terminado.

Dana lhe mandou uma mensagem mais cedo e exigiu que Julie a encontrasse em uma festa de dormitório naquela noite. Jamie tinha prometido que iria também, e Dana era, evidentemente, incapaz de escolher uma roupa adequada sem o divino senso de moda de Julie.

— Celeste, você pode pegar a mala preta lá para mim? Escolha um esmalte colorido. —

Julie atravessou a cama e pulou para o chão, por pouco não colidiu com Pôster do Finn, e pegou mais cabides do armário.

— Você tem muitas cores aqui para escolher — disse Celeste, enquanto tirava os vidros de esmalte e os colocava em uma linha no tapete.

Julie levantou um top de seda azul-pálido.

— Vou usar isso esta noite então escolha algo que vá ficar bem com ele.

Ela se perguntou brevemente se seria rude não convidar Matt para ir com ela, mas o pensamento de aparecer em sua primeira — ou qualquer — festa de Whitney com ele não estava no topo de sua lista.

Celeste olhou para a fileira de pequenos vidros.

— Eu não estou preparada para tomar essa decisão, Julie. Não quero escolher o errado. Deixe-me perguntar ao Pôster do Finn.

— Não, eu quero que você escolha. Não tem erro, sua boba. — Julie pegou o púrpura e o vermelho brilhante e os levantou. — Vampira sedutora má contra garota quente tradicional. Não há perdedores neste jogo de cores. A menos que você apenas compre alguma cor estúpida como o verde metálico. Nunca faça isso. Então, deixe o esmalte falar com você. Experimente um.

Celeste assentiu com seriedade e, em seguida, examinou um vidro rosa claro.

— Lunática, gentil e de bom gosto. Um clássico?

— Brilhante! Agora me dá os seus pés. — Julie sentou-se na frente de Celeste e começou a aplicar o esmalte.

Celeste sentou-se calmamente, ocasionalmente espiando o Pôster do Finn, que estava monitorando a pedicure.

— Foi ideia dela, não minha — ela brincou. — Ele está um pouco perturbado com isso. Eu nunca tive minhas unhas pintadas.

Julie virou-se e olhou para o Pôster do Finn.

— Toda menina tem o direito de pintar as unhas, então é melhor você se acostumar rápido, Posterzinho.

Celeste deu uma risadinha.

— Ah, ele não gostou nem um pouco desse nome.

— Difícil. Ok, me dá seus dedos agora. Cor diferente ou a mesma?

— Eu não tenho ideia.

— Aqui, este vai ficar bom em você. Parece uma espécie de laranja no vidro, mas é um bom vermelho quando ele está pintado.

Celeste deu sua mão a Julie.

— Confio em você. Embora Pôster do Finn tenha suas dúvidas, porque ele acha que a cor

se assemelha a tangerinas.

Julie pegou uma camisa da caixa mais próxima e a atirou no pôster, cobrindo perfeitamente a cabeça de papelão.

— Pronto. Agora o menino mal-humorado não tem que assistir. Isso é coisa de menina de qualquer maneira.

Julie abriu o vidro de esmalte e começou a passar nas unhas de Celeste antes que ela pudesse protestar.

— Então, é sábado à noite. O que você vai fazer?

— Pôster do Finn e eu vamos ler *Todas Criaturas Grandes e Pequenas*.

— Parece como uma noite maravilhosa. Ei, de quem é o piano no salão da frente? Eu não ouvi ninguém tocar. — Julie olhou para Celeste. — Quero dizer, além do Pôster do Finn.

— Ah. O piano. Eu costumava tocar. Não toco mais.

— Ficou entediada?

— Não tão entediada quanto desencantada. Como será sua festa?

Julie encolheu os ombros.

— Meninos bêbados, meninas chorando, música alta. — Ela sorriu. — Mas vai ser divertido de qualquer maneira.

Os olhos de Celeste se arregalaram.

— Quais são seus planos para os rapazes bêbados?

— Eu vou me sentar com eles e dar-lhes uma longa palestra sobre a natureza desagradável de abusar da cerveja e das doses de gelatina com álcool. Então, vou acalmá-los e mandá-los para a cama. Sozinhos.

— Não é isso que eu quero dizer. Como você vai se proteger?

— Eu não preciso de um plano. Eles vão ser inofensivos e levemente bonitos de uma forma patética embriagada.

— E se um deles quiser ser seu namorado? O que você vai fazer então?

— Eu não me preocuparia com isso. Não estou à procura de um namorado, de qualquer maneira. — Julie soprou as unhas de Celeste. — Não toque em nada por pelo menos quinze minutos.

— Por que você não quer um namorado?

— Não sei. Talvez eu queira. Só tenho que encontrar o cara certo. Alguém que não seja comum. Alguém que me pegue. Alguém com quem me encaixe perfeitamente. Eu quero calor, química, uma ligação inegável. Você sabe o que quero dizer? Eu quero tudo. Estou farta de ordinários e medíocres.

— Você acredita em amor verdadeiro — afirmou Celeste.

— Talvez. Não sei ainda.

— Então você acha que vai encontrar o verdadeiro amor nessa festa hoje à noite?

— Duvido.

— Por que está indo então?

— Para me divertir. Para conhecer pessoas e fazer amigos. Para ter 18 anos e ser boba. Para fugir do tédio existencial do mundo real — acrescentou Julie dramaticamente. Ela colocou a maquiagem em frente ao espelho que ia até o chão, prendendo o cabelo no topo da cabeça, e começou a passar rímel.

— Principalmente para paquerar. Tenho que manter minhas habilidades afiadas porque posso precisar delas um dia.

— Aposto que é fácil para você — disse Celeste, enquanto examinava os dedos das mãos e pés.

— O quê? Paquerar?

— Sim.

— Depende. Existe paquera — Julie disse, empurrando o peito para fora, brincando — e então existe paquera. — Ela bateu em sua têmpora. — É o segundo que é difícil, porque você está colocando mais de si mesma lá.

Celeste se moveu para ficar ao lado de Julie e se olhou no espelho. Ela se virou para o lado e depois para frente de novo, mantendo os dedos abertos na frente dela para não estragar o esmalte.

— Aqui. Tente isso. — Julie entregou-lhe um gloss transparente. Celeste pegou o brilho e o examinou como se fosse uma amostra da Lua.

— Eu realmente não acho que isso seja necessário. Não acho que Pôster do Finn vá ver isso de forma positiva.

— Não é necessário. Mas é o que as meninas de 13 anos de idade fazem. Você nunca usou maquiagem?

Celeste balançou a cabeça enfaticamente.

— Eu não posso começar a imaginar o que Finn pensaria.

Na época que Julie tinha 13 anos, ela já tinha experimentado vários tons de sombras desastrosas, emoldurado os olhos com traços tortos de lápis preto e enfurecido sua mãe com sua embaraçosamente grande coleção de batons.

— Aqui, vou fazer isso para você. — Julie se levantou e colocou uma mão sob o queixo de Celeste, firmando seu rosto enquanto pincelava algum brilho para os lábios. — Um pouco de gloss em você não vai matar Finn. Ele vai lidar com isso.

A pele já pálida de Celeste tornou-se quase translúcida, e seus olhos brilharam. Julie recuou.

— O que há de errado? O que eu fiz? — Ótimo. Primeiro Erin e agora Celeste. Ou aquela família era insana, ou Julie estava causando algum tipo de reação de pânico em todos com os

quais entrava em contato.

Celeste apertou a mão no braço de Julie e olhou para ela. Ela se virou para o espelho e esfregou os lábios. Uma única lágrima rolou pelo seu rosto, enquanto continuava a segurar o braço de Julie.

Julie, com o gloss ainda levantado na frente dela, sentiu sua mão tremer ligeiramente. Alguma coisa estava acontecendo com Celeste, algo que ela não entendia. Julie fechou os olhos por um momento.

— Veja o que Pôster do Finn pensa. — Ela tirou a camisa que jogou para ele. — Será que ele aprova?

Celeste cautelosamente se moveu para enfrentar o Pôster do Finn. Ela ficou muito quieta e olhou diretamente nos olhos fotografados. A cor voltou ao seu rosto.

— Sim. Ele gosta. Ele gosta muito. — Ela inalou e exalou profunda e lentamente, um sorriso cauteloso surgiu. — Posso ver você terminar de se maquiar?



Julie dirigiu de casa para a festa do *campus*, estacionando na garagem, e fez o possível para fechar a porta do carro em silêncio. Ela chegou em casa mais tarde do que esperava e, embora Erin tivesse sido muito clara sobre dar a Julie a liberdade de ir e vir, ainda era difícil não sentir alguma obrigação de voltar para casa antes do amanhecer. Ela começou a mexer com a velha fechadura complicada na porta da frente, mas, no escuro, foi difícil. A festa tinha sido divertida, só não divertida o suficiente para valer a pena passar a noite na varanda dos Watkins.

Ela encontrou pelo menos trinta outros alunos de Whitney. Embora tivesse um pouco hesitante sobre entrar em uma festa sozinha, tinha sido um bom grupo, e ela se divertiu.

Mesmo com a cerveja fluindo livremente, havia uma sensação diferente das festas do Ensino Médio. Sim, havia os garotos bêbados e as meninas chorando que ela tinha previsto, e, surpreendentemente, mais pessoas sóbrias e não histéricas do que imaginava. Ela até tinha sido paquerada algumas vezes, o que, embora divertido e um pouco lisonjeiro, não levou a nada mais do que a menção de encontro para um café entre as aulas. Mas ela estava cansada, e por isso saiu em torno de meia-noite e meia, depois que a sessão pública de pegação de Dana e Jamie tomou fôlego, e ela conseguiu dizer adeus a eles.

Julie fechou os olhos e se concentrou na chave na fechadura, ouvindo, pelos ruídos, que estava fazendo a coisa certa. Depois de descobrir uma combinação de apenas uma mínima rotação do punho enquanto virava a chave, ela entrou. A casa estava escura, e Julie foi na ponta dos pés até as escadas e parou no segundo andar. No silêncio, ela notou que o quinto degrau da escada rangeu alto, o som ecoando até acima da escada. Ela teria que se lembrar disso.

A porta de Matthew estava entreaberta e sua luz acesa. Julie bateu de leve na porta, fazendo com que se abrisse.

— Matt?

— Ei, Julie. — Matt estava agachado sobre seu computador, obviamente acordado.

Ela entrou e se sentou na cama.

— O que você está fazendo?

— Enlouquecendo durante um debate on-line sobre as pessoas que andam por aí invadindo sistemas de computadores e reivindicando que sua única razão para fazer isso é expor as falhas de segurança.

— Oh. Você não vai sair hoje à noite?

— Não. — Ele ainda estava olhando para a tela. — Meu pai tinha uma festa de trabalho, por isso meus pais estavam fora até cerca de uma hora atrás. Alguém tinha que ficar com Celeste.

Pessoas com mais de 13 anos de idade teriam armado uma crise por ter seu irmão em casa com elas. Por razões que Julie não entendia ainda, Celeste precisava de alguém o tempo todo.

Julie recostou-se nas mãos e cruzou as pernas, balançando uma perna para cima e para baixo.

— Pôster do Finn não poderia fazê-lo?

— Sua incompetência geral atinge proporções monumentais e perigosas — disse ele, distraído. — Totalmente não confiável.

— Eu me sinto mal porque saí com o carro. Sua mãe não mencionou que eles sairiam quando ela disse que eu deveria pegá-lo hoje à noite.

— Eles preferem andar.

Julie olhou ao redor. Seu quarto parecia mais um escritório do que um quarto de estudante universitário. A única coisa na parede era um cartaz com uma coisa bizarra nebulosa brilhante e uma equação incompreensível.

— O que é isso? — ela perguntou.

— O cartaz? É a dinâmica da radiação eletromagnética mostrada através das Equações de Maxwell.

— É extremamente decorativo. Dá ao quarto um toque quente.

Matt bateu no teclado.

— Eu fui a uma festa hoje à noite na faculdade. Foi tudo bem. Nada emocionante.

Ela imaginou novamente se tinha alguma obrigação social de convidá-lo.

Eles estavam vivendo na mesma casa, afinal. Ela poderia apenas apresentá-lo como o filho da família onde estava hospedada, assim ela não teria espantado os possíveis encontros. Mas talvez ela não fosse uma pessoa tão boa. Além disso, havia algo em seu tom de voz aquela noite que estava bastante irritado e frio. Ele parecia meio patético ali, caído em sua cadeira giratória, as atividades sociais de sua noite confinadas a comunicar-se com outros meninos solitários. Não era uma excitante noite de sábado para a maioria das pessoas.

Matt estava franzindo a testa ao ler uma das mensagens do fórum.

— Idiotas. Como alguém pode justificar invadir o sistema de trânsito de Chicago? Sim, com certeza todos nós estávamos pensando que o cara estava tentando impedir alguém de usar o acesso com intenção maliciosa. — Ele virou-se para Julie. — Desculpe. O quê?

— Eu disse que na festa foi tudo bem. Estou feliz por ter ido.

— Bom.

— Ouça, Matt — ela começou. Ótimo. Ele já estava de volta em seu fórum estúpido. Talvez ele não tivesse vontade de falar, mas algo a estava incomodando. Especialmente com o jeito que ele mal conseguia olhar para ela. — Matt? Posso perguntar uma coisa?

— Sim?

— Eu não queria, mas meio que ouvi você e sua mãe no outro dia. Parecia um pouco como uma briga. Não posso deixar de me perguntar se era sobre eu ficar aqui. — Julie mexeu com seu relógio de pulso. — Você não está bem com isso? Quer dizer, eu entenderia. Realmente. Esta menina estranha se muda para sua casa sem aviso prévio, assume o quarto do seu irmão, faz você comer manicotti metafórico. Eu entendo. Provavelmente não é o que todo garoto sonha.

Matt sorriu quando ele digitou.

— Eu nunca disse que você era estranha.

— Isso foi uma expressão. — Julie esperou que ele dissesse alguma coisa, mas não disse. Ela se levantou e caminhou até a porta. — Bem, eu sinto muito.

— O quê? — Matt olhou para cima. — Não, Julie. Está tudo bem. — Ela parou do lado de fora do corredor.

— Você não se importa que eu fique aqui?

— Não. Faz sentido. Temos um quarto extra.

“Puxa, obrigada pelo entusiasmo.”

— Pelo menos você não terá que voltar para casa para ficar com Celeste na parte da tarde, já que eu estarei fazendo isso. Você vai conseguir trabalhar mais, certo?

— Isso é verdade — ele concordou. — Eu vou. Só não incomode Celeste sobre o Pôster do Finn e tudo vai ficar bem.

— Ok. Bom. Bem, boa noite.

— Boa noite, Julie.

Ela foi para o seu quarto e fechou a porta. Se Matt estava chateado, parecia não ter nada a ver com ela. Mas ainda havia algo a incomodando. Ela bocejou e abriu seu notebook. Talvez Finn pudesse ajudar.

Finn,

Oi. Você está on-line? Preciso daquele conselho mais cedo do que eu esperava. Quero

saber se você pode me ajudar com Celeste. Acho que fiz algo errado e a aborreci. Fizemos algumas coisas de garotas hoje, o que foi ótimo, e então... eu não sei. Devo ter feito algo errado, não consigo pensar o quê. Por um minuto, pensei que ela fosse chorar. Eu me sinto terrível e estou preocupada que ela esteja brava comigo. Espero que esteja tudo bem para ela eu ficar aqui, porque seu irmão não parece muito empolgado. Eu sei que há algo acontecendo com Celeste, e Matt não vai falar sobre isso. Eu gostaria de ajudá-la, mas estou perdida.

Ah, e você poderia ter me dito sobre a fechadura da porta da frente ser complicada e sobre o degrau que chia! Tenho sorte de não ter acordado seus pais a esta hora!

Julie

Julie colocou seu pijama e, em seguida, levou seu notebook para a cama.

Dois minutos depois, Finn tinha comentado sobre o post de Matt: Mamãe costumava nos fazer tomar banhos juntos. Acredite em mim, o seu “zero” não é nada para se gabar.

Julie riu.

Oba, Finn estava on-line. Seu e-mail apitou.

Julie,

Celeste? Sim. Ela é complicada. Tenho certeza de que você não fez nada de errado. Eu posso ver que já se preocupa com ela e estou contente. Meus pais consultaram alguns psiquiatras altamente respeitados que pensam que Pôster do Finn é uma resposta criativa para os nervos sobre como começar em uma nova escola sentindo minha falta. Coisas assim. Eles foram aconselhados a apenas esperar e apoiá-la. Ela enlouquece se alguém sugerir que Pôster do Finn pode não ser o companheiro mais adequado.

Meus pais passaram por uma tonelada de babás que eram menos tolerantes com Pôster do Finn do que você é, então você está, obviamente, fazendo algo certo.

Ela quer você aí. Na verdade, recebi um e-mail dela esta noite dizendo o quão legal você era, o que você fez em seu cabelo outro dia, que vocês fizeram o jantar juntas etc. Ela parecia muito feliz, o que me deixou feliz. (Ah, ela te disse que eu mandei algumas fotos?) Não se preocupe. Parece que você está indo muito bem. O melhor conselho que posso dar é para deixar Celeste fazer do jeito dela. Ignore Matt. Ele vai superar qualquer problema que ele tenha.

Quinto degrau da escada? Desculpe. Eu deveria tê-la avisado. Fugiu da minha mente. E a tranca? Você já sabe o truque de balançar para baixo?

Impressionante.

Levei anos para aperfeiçoar. O que você estava fazendo fora tão tarde?

Você já estava se esgueirando de casa tarde para um encontro ardente? Em Boston há apenas alguns dias, e você já conseguiu um homem. Celeste disse que você é uma romântica. Espero que ele tenha te levado para jantar e para a ópera, antes de te levar para casa tão tarde.

Finn

Finn,

Sim, encontro incrivelmente ardente hoje. Eu só estou na cidade há alguns dias, e já consegui um nativo de Boston, a quem eu planejo corromper totalmente com minhas artimanhas de menina de faculdade. Recusei tanto o restaurante quatro estrelas como os bilhetes para ópera chata, e apenas o arrastei para um motel barato. Cheguei em casa com batom manchado, cabelo bagunçado e minha camisa de dentro para fora. Que romântico, baby!

Ou eu só tenha ido a uma festa no campus, conversado por algumas horas e voltado para casa sozinha. Você decide.

Ok, vou tentar não estragar as coisas com Celeste. Mas Pôster do Finn não pode ser apenas sobre a falta de você. Não é apenas o seu pôster que é... bem, diferente sobre ela. Estou muito confusa. Estou sentindo que falta uma enorme peça do quebra-cabeça aqui. Há quanto tempo você foi embora? Você pode ligar para casa então Celeste poderia ao menos falar com você? E quando você volta, a propósito? Agora que peguei seu quarto, você pode ter que lutar comigo por ele.

Quero ver as fotos também! Minha experiência de viagem é limitada a uma seleção de cidades chatas em Ohio, um fim de semana insuportável em Jacksonville para visitar alguns primos senis de quarto grau da minha mãe, e uma viagem para Yosemite para um verão em que pisei em um ninho de vespa e fui mordida sete vezes.

Julie

Julie,

Não tenho certeza de quando vou estar em casa. Estou muito envolvido em todo este negócio de viajar e me comprometi a ser voluntário para uma série de lugares diferentes. Estou partindo, em duas semanas, em uma viagem para um mergulho com cilindro não muito longe daqui (só por diversão), e então estarei fora como treinador de futebol infantil no Gana. Perdi o meu telefone em Palau e tentar substituí-lo quando me desloco tanto é um pesadelo. Pego computadores de voluntários como quartéis-generais etc, quando eu posso, mas o sinal de telefone geralmente é fraco onde estou.

Aqui estão as fotos que enviei a Celeste. (Eu tenho uma imagem de uma vespa senil de Ohio, mas não quero fazer você se sentir nostálgica.)

Eu escolho festa chata no campus.

Finn

Julie verificou as três fotos que tinha anexado a sua mensagem. Qualquer garota sem morte cerebral ficaria impressionada. As duas fotos dele em pé ao lado de um elefante eram ótimas, mas a melhor era uma foto de Finn sentado em uma pedra olhando para um pôr do sol. Tudo bem, era um pouco brega. Ela não se importava. Mesmo que seu rosto estivesse sombreado, ainda podia ver como ele era bonito. A forma como as maçãs do rosto refletiam a luz, a sombra de um sorriso em seu rosto, seus músculos do braço aparecendo através de sua camisa.

Então ela fez o que qualquer garota faria: pesquisou sobre ele. Oito minutos percorrendo os resultados da pesquisa e clicando em links, não conseguiu nada em lugar algum, embora ela soubesse que havia um Finn Watkins que tocava bateria em uma banda de colégio que fez sucesso chamada Eggs Benedict, e que um Finneas Watkins de Nova Jersey ganhara um prêmio em 2006 por seu desempenho no ballet clássico. Nenhum dos resultados produziu qualquer informação sobre seu Finn. Bem, não o seu Finn, mas... enfim. Isso era irritante. Não que pesquisar o nome dela rendesse algo também, mas teria sido bom encontrar algo.

Ela olhou para as fotos novamente. Sim, é verdade. Finn era bonito. Superbonito. E engraçado, inteligente e encantador. E ele adorava a sua irmã. E fazia um incrível trabalho voluntário entre viagens de aventura. E...

Julie se conteve. Aquilo era bobagem. Ela não poderia ter uma queda por alguém com quem só tinha trocado algumas mensagens, certo? Porque isso seria anormal. Insano. Completamente não baseado na realidade. Ela não estava tão desesperada. Além disso, Boston era, provavelmente, repleta de meninos adoráveis, inteligentes. Não que ter um namorado fosse realmente uma prioridade, mas não seria horrível.

E enquanto as imagens eram atraentes e perturbadoras, ela não tinha deixado de notar que Finn não tinha respondido às suas perguntas sobre Celeste.



Capítulo 10

— E se o grampo sair? — Celeste se contorcia enquanto Julie prendia seu cabelo.

— Ele não vai.

— Pode cair.

Julie saiu de trás da cadeira da cozinha e ficou na frente de Celeste.

— Ele não vai cair. Supondo que ele caia, posso garantir que o seu cabelo vai cair em lindos cachos esvoaçantes, por causa do creme anti-frizz que passei nele. E porque você tem o cabelo naturalmente fantástico que a maioria das pessoas nunca pode conseguir, mesmo quando eles perdem dinheiro comprando baby-liss endossados pelas celebridades na oportunidade de que três parcelas facilitadas de 19,95 resolvam seus problemas de cabelo. Só não toque no cabelo. E aqui está o cachecol que eu disse que iria combinar perfeitamente com a blusa que eu te emprestei.

Celeste olhou para o lenço azul-pálido, desconfiada.

— Isso não é um cachecol. Um cachecol é grosso e quente, e só necessário no inverno.

— Oh, meu Deus. Relaxa, garota. Este cachecol é apenas um acessório. Como brincos ou um cinto. É muito lindo e com pouco brilho. — Julie enrolou o cachecol no pescoço de Celeste e sorriu. — A cor realça seus olhos. Agora, aqui, toma meu iPod, ouça a trilha que eu fiz, e ignore completamente Matt quando ele te levar para a escola. Então, quando você sair do carro, olhe para ele com forte nojo e bata com a porta.

— Por que eu faria isso? Eu não considero que seja uma resposta adequada à sua carona

para a escola.

Julie suspirou.

— Tudo bem, esqueça essa última parte. Mas pelo menos ouça a lista de reprodução. — Celeste rolou as músicas que Julie escolheu para ela.

— Mas, normalmente, Matty e eu fazemos jogos de raciocínio e perguntas lógicas no carro. Eu não acho que ele vai gostar disso. E não conheço nenhuma dessas músicas.

— Grande coisa. Eu vou falar com Matt, e você lida com o Top Forty. Ok, levante-se e dê uma volta. Deixe-me ver você.

Celeste, obedientemente, permitiu que Julie avaliasse sua roupa. Matt entrou na cozinha com uma bolsa no peito e uma pilha de folhas impressas da internet em sua mão quando Julie estava ajustando as mangas da blusa.

— Bom dia, Matt — disse Julie. — Celeste parece bem hoje, não é?

— Bom dia. Celeste sempre parece bem. — Matt correu por elas para pegar uma banana no balcão. — Por que ela está usando um cachecol?

Julie praticamente bufou.

— Vocês dois são, definitivamente, parentes.

Matt falou com a boca cheia de fruta.

— Não é inverno. Temos que ir. Você está pronta?

Celeste acenou com a cabeça e pegou a mochila do chão.

— Julie, você está certa de que este cachecol é uma boa escolha para mim?

— Você é uma menina bonita, e realmente não importa o que você veste. Eu gosto do cachecol em você, mas tire-o se quiser. Contanto que não pegue camisetas emprestadas do seu irmão, você vai estar deslumbrante. — Julie virou-se para Matt. — Não pense que a alça da bolsa está escondendo sua camisa de mim. Eu ainda posso lê-la. — A camisa daquele dia dizia: “EU: como você, só que melhor.” — Você está em linha reta fora da moda masculina, Matt.

— Eu faço o meu melhor. Vamos, Celeste. Julie, você quer uma carona? Só tenho algo para fazer depois que eu deixá-la, e então eu vou estar de volta por algumas horas antes de ir para a faculdade.

— Não, obrigada. Eu tenho que sair em poucos minutos para a aula e não me importo de caminhar para a estação.

— Tchau, Julie. Obrigada pelo cachecol. Eu acho. E o meu cabelo. — Celeste seguiu Matt para fora da sala.

— E a música. Não se esqueça de ouvir a música! — Julie disse atrás dela. — Eu vou te ver depois da escola! — Julie se sentou à mesa da cozinha e bebeu um gole de café, enquanto ia até sua agenda da semana.

— Olá — disse Roger quando ele entrou na sala. — Oh, você fez o café? Maravilhoso. Vou colocar uma xícara para Erin. Nós dois vamos de bicicleta para o trabalho hoje, e temos

esses deliciosos suportes para copos que se encaixam direitinho no guidão.

— Está um belo dia para um passeio — disse Julie. E estava. A umidade havia desaparecido no fim de semana, e a temperatura caiu para uns confortáveis 25 °C.

— O que você tem aí? — perguntou Roger, enquanto enchia duas xícaras de inox para viagem. — É essa a sua programação do curso?

Julie assentiu.

— Sim. Primeiro dia de aula hoje.

Erin passou como uma brisa por ela, vestida com calças escuras e uma camisa de manga curta, sua roupa completada por um capacete de moto e luvas de equitação.

— O que está na agenda educacional para hoje?

— Cálculo Aplicado e Introdução à Psicologia — disse Julie. — Essas duas são as aulas de segunda, quarta e sexta-feira. Estarei em casa com tempo de sobra para ficar com Celeste, portanto, não se preocupe.

— Cálculo Aplicado, hein? Você não fez isso na escola? — perguntou Erin.

— Eu tive uma aula de Cálculo Aplicado, e este parece ser o próximo passo. Terças e quintas, eu tenho Introdução à Literatura do século XVIII e depois Economia da Pobreza nos EUA.

Erin ajustou seu capacete de bicicleta e pegou duas garrafas de água na geladeira.

— Essa agenda que você escolheu é uma boa para primeiro semestre. Roger, estamos prontos?

— Estamos. Não esqueça que eu tenho a minha última reunião hoje à noite antes da viagem, por isso não vou estar em casa até tarde. Julie, espero que seu primeiro dia de aula seja bom. — Ele deu um tapinha no ombro dela enquanto passava. — Vou pegar minhas coisas e te encontro lá na frente, Erin.

— Eu não sei a hora que Matt estará de volta da escola. Se ele não estiver em casa até as seis, você pede o jantar para nós no restaurante búlgaro? O cardápio está perto do telefone, e eles têm o nosso cartão de crédito no arquivo. — Erin colocou uma mecha de cabelo em seu capacete. — Divirta-se, garota da faculdade. — Erin se virou para sair e depois parou. — Espero que esta não seja uma pergunta desconfortável, Julie, mas você tem o dinheiro para os seus livros? Eu sei como eles podem ser superfaturados.

— Acabei de receber o meu financiamento, e como não vou pagar o aluguel agora, eu devo ficar bem.

— Não se acanhe em me falar se precisar de ajuda com qualquer coisa.

Julie conseguia pensar em uma série de coisas não financeiras que ela gostaria de ajuda. “Puxa, gostaria de me dizer por que diabos a sua filha adolescente tem colado no quadril um irmão de papelão, não tem amigos, mal sai de casa e é uma desajustada social completa? Huh?” Mas, considerando que ela não queria atrapalhar seu arranjo feliz de habitação, e o fato de que Matt tinha especificamente lhe dito para não falar sobre isso com Erin e Roger, ela

manteve sua boca fechada.

— Eu não consigo pensar em nada.

— Estou falando sério, Julie. Não quero que você fique sem qualquer material escolar que precise. Peça se precisar de ajuda. — Ela se virou para a porta da frente e a atravessou. — Eu estou indo, Roger! Você pode sair na frente, já que eu vou vencê-lo de qualquer maneira!

Julie riu e estendeu a mão para o *The New York Times*. Ela estava um pouco surpresa que não estivesse mais nervosa para seu primeiro dia de aula. Ansiosa, sim, mas nem um pouco nervosa. Ela estava finalmente onde queria estar.



Julie olhou para a prova na frente dela. Bem, agora ela estava nervosa. Ela não tinha feito uma prova desde o ano anterior, e ainda não tinha pensado em nada relacionado com cálculo em meses, mas, três segundos depois de pisar em sua sala, o professor informou a Julie que ela podia ser capaz de pular Cálculo Aplicado e transferir para cálculo multivariável.

“Meu Deus! Era difícil pensar em algo mais atraente.”

Julie supôs que ela apenas devia estar irradiando derivadas e funções explícitas, porque certamente não tinha solicitado a oportunidade de mudar de opção. A única razão pela qual ela se inscreveu para cálculo era tirar a exigência matemática do caminho o mais cedo possível, porque quem diabos queria ficar preso num curso de matemática de última hora no último ano?

Julie cruzou as pernas e começou o teste de nivelamento. Ela estava sozinha em uma sala de aula com um assistente de ensino, que, presumivelmente, sentou-se com ela para ter certeza de que ela não chamaria freneticamente algum gênio matemático por telefone. Ou Matt. Mas enquanto ela se movia pela prova, descobriu que realmente não precisava de nenhuma ajuda. Sim, algumas das questões estavam além dela, mas uma grande parte do material ela conhecia de sua turma de escola ou porque ela simplesmente... sabia de alguma maneira.

Quando terminou, o assistente levou o papel.

— Vou avaliar isso e um professor te ligará hoje mais tarde para te dar os resultados. Se você passou, o grupo de Cálculo Multivariado se reúne ao mesmo tempo, assim você terá uma transferência fácil.

— Isso é excelente! Eu mal posso esperar — Julie disse, sem se preocupar em esconder o sarcasmo. Ela imaginava se poderia se recusar a fazer a transferência se passasse, mas isso parecia errado. Mesmo que ela não estivesse se remoendo para dedicar a sua vida a campos vetoriais, não poderia justificar tomar o caminho mais fácil.

Introdução à Psicologia provou ser divertido, e Dana estava naquela aula com ela. O professor, Dr. Cooley, era violentamente entusiasmado sobre a matéria e até mesmo distribuiu cópias de desenhos animados freudianos, juntamente com a morosidade do programa.

Dr. Cooley apagou o quadro branco e se dirigiu à classe.

— Eu sei que este é um grande grupo e não quero que ninguém se perca. Vocês têm todas as minhas informações de contato e as minhas horas de expediente. Usem-nos. Eu quero ouvir

vocês. Quero ajudá-los. — Ele se virou e colocou as mãos nos quadris. — Gosto de ensinar e gosto de estudantes, e quero aprender com vocês tanto quanto vocês quiserem aprender comigo.

Quando a aula acabou, Julie e Dana saíram da grande sala de aula.

— Não suporto estas aulas longas — Dana rosnou. — Esses cursos estúpidos exigidos são sempre tão congestionáveis. Não posso esperar até que esteja em Evolução da Psicologia, com tipo, cinco outros alunos.

— Você vai se graduar em psicologia? — perguntou Julie.

Dana alisou a franja reta já imaculada e limpou as manchas de rímel inexistentes sob os olhos.

— Eu decidi há anos. Meus pais são psiquiatras também. Whitney tem um programa muito bom e Dr. Cooley é altamente considerado no ramo. — Ela olhou para o relógio. — Droga. Era para eu encontrar Jamie na união dos estudantes para o café há dez minutos. Esqueci como essa aula era longa. Você quer vir?

— Eu adoraria, mas tenho que chegar em casa, pegar o carro e buscar Celeste. Outro dia?

— Eu vou te cobrar por isso. — Dana abotoou o blazer com uma mão e ajeitou a pilha de pastas com a outra. — Me liga mais tarde.

Quando Julie chegou em casa, trocou de roupas e embalou o Pôster do Finn no carro. Ela estava ficando alguns minutos atrasada para pegar Celeste.

Ela parou em um semáforo e blasfemou. O tanque de gasolina estava quase vazio. Perigosamente vazio. O único posto de gasolina que conhecia era na direção oposta, e parecia fazer mais sentido ir para lá do que esperar que ela passasse por um antes de ficar totalmente atrasada. Fazer um retorno ilegal em U parecia uma boa maneira de batizar-se no mundo do tráfego de Boston. Ela acelerou o carro na estrada, blasfemando em cada semáforo, e parou no posto de gasolina.

Quando Julie apontou a mangueira no tanque de gasolina, ela entrou em pânico e chorou ao mesmo tempo: era o primeiro dia de suas funções oficiais com Celeste, e ela já estava estragando tudo. Celeste não parecia ser a típica garota que não daria a mínima se Julie estivesse atrasada. Não que Julie pudesse adivinhar como Celeste reagiria a uma mudança na programação, mas ela não estava morrendo de vontade de descobrir. Ela bateu o pé ansiosamente enquanto os números rolavam na bomba. Escolheu a bomba mais lenta possível em todo o país? Obviamente. “Vamos lá, vamos lá”, ela pediu silenciosamente. A gasolina parecia estar escorrendo para dentro do carro, gota microscópica a gota microscópica. Quem deixa o maldito tanque de combustível vazio? Depois do que pareceu uma espera sem fim, ela conseguiu pingar alguns litros de gasolina para o carro.

Ela voltou para o carro e se atrapalhou com as chaves. Por que estava tão abalada? Celeste estaria ótima. Não havia nada a ser feito sobre estar atrasada, e ninguém para culpar. Exceto Pôster do Finn.

— Eu fui avisada sobre sua frequente falha em encher o tanque — ela gritou. — Não só

isso, mas você é tão inflexível. E não me refiro a disciplinado. Quero dizer, literalmente, inflexível. Leva muito tempo para você entrar no carro, e você nem mesmo ajuda. Não quero ouvir reclamações sobre a forma como bati o cotovelo no pneu sobressalente, ok, Posterzinho? Apenas lide com isso.

Julie voou para fora do posto e correu para a escola de Celeste. Ela guiou para a pista de embarque, quase vazia agora, e pisou no freio, fazendo com que o Volvo gritasse. Celeste estava longe de ser vista. Ela podia ouvir a voz de Matthew ecoando ruidosamente em sua cabeça. “Ela tem uma rotina... Você não pode prometer nada.” Quem sabia o que poderia acontecer porque Julie estava tão atrasada? Ela ainda não tinha identificado o que tinha chateado Celeste na outra noite no quarto de Finn, mas estar atrasada assim e fora do horário certamente seria um grande problema.

Julie saiu do carro e correu para a calçada em frente ao prédio.

— Celeste — ela chamou. Passou as mãos pelos cabelos enquanto examinava um grupo de meninas sentadas no gramado. Deus, ela podia sentir seu coração acelerado. Que ridículo que ela estivesse em pânico por estar poucos minutos atrasada para dar a alguém uma carona para casa. Alguns estudantes dispersos passaram por ela. — Celeste — ela chamou mais alto. — Oi! — Ela pegou um menino com cabelo espetado e uma camiseta rasgada do Nine Inch Nails pela manga. — Você viu Celeste Watkins?

— A garota perdida com o cabelo louro que fala estranho?

Julie cerrou os olhos e apertou a camisa na mão.

— Vou aceitar sua descrição insultante só porque não tenho tempo para discutir. Então, sim, menino espetado que provavelmente tem um problema de comportamento e pais escandalosamente decepcionados, essa Celeste. Onde ela está?

— Sentada lá em cima. — Ele acenou com a cabeça na direção da passarela coberta que corria ao lado do prédio. — Mas você pode esquecê-la e sair com a gente. — Seus amigos gritaram com risos e vaias feito idiotas.

— Isso parece muito divertido. Realmente. Eu me sinto atraída por você da forma mais poderosa, mas as chances de torcer sua cabecinha tagarela com as minhas mãos estão aumentando a cada minuto. Então eu vou pular essa. — Julie apertou sua camisa e se afastou. Idiota.

Ela estendeu a mão até os olhos para bloquear o Sol, enquanto se afastava em busca de Celeste, acabou encontrando-a sentada em um dos bancos de concreto. Suas mãos estavam no colo e estava com a cabeça pendurada para baixo. Isso era pior do que Julie pensava. Se Celeste estava tendo algum tipo de colapso, Julie nunca se perdoaria.

— Celeste. — Julie acenou. — Celeste. — Oh, não. Celeste nem sequer olhou para ela. Julie continuou andando para mais perto. — Eu sinto muito. O estúpido do Matt não colocou gasolina no carro, é por isso que estou atrasada, e... — Julie parou, um sorriso orgulhoso lentamente assumindo o rosto preocupado. Celeste não estava, de fato, entrando em colapso em um estado depressivo, ela estava ouvindo o iPod de Julie. E batendo o pé. E... falando sobre preocupação desnecessária.

Eventualmente, Celeste olhou para cima.

— Ah! Sinto muito, Julie — ela gritou. — Eu gosto desta lista que você criou para mim!

Julie riu e colocou um dedo sobre os lábios.

— Shhhh — disse ela.

— Oh. — Celeste removeu os fones de ouvido. — Eu imagino que estava falando muito alto agora, não estava? Sinto muito. Eu estava com o volume bem alto, e o mundo meio que desapareceu. — Ela fez uma pausa, sorrindo. — Estava muito legal.

— Não se preocupe com isso. Ninguém está por perto. — Julie agarrou a bolsa de Celeste. — Vamos lá. Há um café que eu vi perto de sua casa que eu queria dar uma olhada. Cadeiras grandes confortáveis, arte estranha, cervejas místicas. Vai ser legal. — Celeste se levantou devagar e começou a seguir Julie para o carro.

— Talvez você possa me levar para casa primeiro e, em seguida, visitar este lugar sozinha?

— Não. — Julie continuou andando. — Nós três iremos. — Ela ouviu os passos de Celeste acelerarem atrás dela. — Sim, nós três. Não há nada para se preocupar. Mexa-se, ou você pagará as bebidas.

— Você tem uma abordagem muito incomum, Julie. — Celeste a pegou. — Mas estou disposta a aceitar.

— Bom. Assim como o Pôster do Finn.



Capítulo 11

Matthew Watkins *“Toda palavra” deve ser escrita... Oh, não importa.*

Esta piada é estúpida.

Finn é Deus *está pensando em pegar um trabalho freelance de filmes pornográficos potenciais. Trabalhando sobre título envolvendo Oh, Susannah e Torta para mim. Ideias?*

Julie Seagle *tentando o complicado perfeito sotaque de Boston, mas atualmente soa mais como Robin Williams que Matt Damon. Caramba. O sucesso é fugaz.*

Julie encostou-se ao balcão e olhou para o cardápio do Java Genius.

— Preciso de uma bebida de chocolate gelada, espumante e com café — disse ela sedutora.

O cara atrás do balcão cruzou os braços.

— Você quer dizer um Frappuccino?

Julie estalou a língua.

— Perto. Um pouco menos poderoso. Algo mais como... eu não sei...

Ele suspirou.

— Um Dunkin’ Donuts Coolatta?

— Bingo! — O garçom colocou os braços sobre o balcão e se inclinou para Julie, sorrindo.

— Nós temos uma Heatbuster Mocha que acho que você vai gostar. Algo para a sua

amiga? Ou amigos? — O cara do café apontou para o sofá perto da janela, onde Celeste estava sentada em um sofá, com Pôster do Finn ao seu lado, de frente para o salão. Pelo menos ninguém estava ali, naquele momento, e Pôster do Finn poderia facilmente passar como uma espécie de propaganda berrante para água vitaminada no caso de outras pessoas aparecerem.

— Sim, dois smoothies. Um de iogurte de manga para ele e um de banana com chocolate para ela — disse Julie impassível. Ele olhou nos olhos de Julie, seus olhos brilhando enquanto ele tentava não sorrir.

— Só isso?

— Por enquanto. Um de nós pode precisar de outra bebida em um segundo. Na verdade, um de nós pode realmente precisar de uma bebida em um momento. Aqueles dois são muito para aguentar, mas vamos tentar mantê-los calmos.

— Eu estou acostumado com isso. Recebemos todos os tipos aqui. Isso é Cambridge, afinal.

Julie viu como ele fez suas bebidas. Ele tinha bons braços e ela, involuntariamente, baixou o olhar quando ele se virou. Oh, meu Deus. Ele tinha um monte de partes legais. O estiloso cabelo preto e olhos verdes não eram ruins também.

Ela procurou na sua bolsa, mas ele parou e inclinou a cabeça na direção de Pôster do Finn.

— Não se preocupe com isso. Seu convidado especial lhe dá direito a bebidas livres.

Julie vacilou. Bendito Pôster do Finn estava arruinando a paquera perfeitamente legal.

— Obrigada, hum...?

— Seth.

— Seth. Obrigada, Seth. Eu sou Julie. — Ela limpou a garganta e tentou começar com uma desculpa a respeito do porquê saiu para tomar um café com um rapaz de papelão. Dizer-lhe que a menina de 13 anos precisava carregar consigo a versão de papelão de seu irmão por um motivo misterioso, provavelmente, não iria cair tão bem. — Eu estou fazendo uma experiência para minha aula de psicologia. Gravação das reações das pessoas para a presença de um boneco de papelão em tamanho real em diversas situações.

— Claro que está. — Ele deu um passo para trás e estendeu as mãos para o lado. — Nesse caso, como estou indo? Vamos lá, qual é a avaliação? Eu estou passando?

Julie colocou o cabelo atrás das orelhas e tentou parecer séria.

— Não é uma questão de ir bem ou mal. É apenas uma coleta objetiva de dados. — Ela pegou a bebida e não pôde deixar de sorrir. — Mas você está indo bem até agora.

— Estou aliviado — disse Seth. — Você quer ajuda para levar as bebidas? Aquele cara que veio com você não parece muito útil. Cavalheirismo está morto hoje em dia, eu acho.

— Ele tem seus momentos. Agora não parece ser um deles. E ele não é realmente meu convidado.

— Então, isso significa que há alguma chance de que você esteja sozinha?

Ela piscou para ele.

— Eu acho que é muito cedo para você me perguntar isso.

— Justo.

Celeste estava sentada rigidamente no final de um sofá de veludo roxo, umas folhas de uma árvore penduradas logo acima de sua cabeça. Seth colocou a bebida de banana e chocolate na mesa de café na frente dela e segurou o smoothie de manga.

— O que eu devo...

— Basta colocar aquele aqui — Julie aconselhou.

— Ok. Oi — ele disse, enquanto segurava a mão de Celeste. — Sou Seth.

Celeste estava respirando de forma audível, mas ela tomou sua mão.

— Celeste.

— Se importa se eu me sentar?

Celeste o avaliou.

— Eu acho que a decisão cabe a Julie. Você está romanticamente interessado nela, correto? — disse ela roboticamente.

— Eu acho que é muito cedo para você me perguntar isso — disse ele. Era a sua vez de piscar para Julie. — Mas, sim, eu estou.

— Vamos apenas deixá-lo ficar. Tenho certeza de que ele vai ter outro cliente a qualquer minuto, e então nós podemos falar sobre ele pelas costas. — Julie sentou-se ao lado de Celeste e experimentou sua bebida. — Considerando como são as bebidas de café misturado, esta não é ruim.

— Talvez você seja uma cliente regular, então? — Seth caiu na poltrona confortável na frente delas. — Talvez vocês todos sejam? Eu não reclamaria se duas mulheres bonitas com um convidado não ameaçador quisessem parar aqui todos os dias.

Julie fingiu beicinho.

— Celeste, eu acho que ele está dando em cima de você.

Celeste corou quase vermelho escarlate e rapidamente pegou sua bebida. Os grampos em seu cabelo ficaram, e com a roupa decente, ela não só parecia da sua idade, mas também parecia especialmente bonita.

— Julie — ela repreendeu em voz baixa, mas o tom de sua voz aliviou. Ela não conseguia esconder a satisfação óbvia por ser elogiada.

Seth riu e se acomodou mais, descansando os braços sobre as pernas.

— Ah, se eu fosse apenas alguns anos mais jovem, então com certeza. Como não sou, vou ter que me contentar em dar em cima de Julie descaradamente. O que você acha, Celeste? Você acha que ela vai sair comigo?

A cor normal havia retornado ao rosto de Celeste, e ela olhou seriamente para ele.

— Quantos anos você tem?

— Dezenove.

— Você trabalha aqui em tempo integral?

— Eu sou um aluno do segundo ano na BU. Trabalho aqui algumas tardes por semana e às vezes nos fins de semana. Estou me formando em estudos políticos — Seth disse, aceitando que um interrogatório tinha começado.

Celeste começou disparando perguntas.

— Onde você mora? Você tem colegas rebeldes? Você tem algum animal de estimação? Tem algum animal de estimação mal-educado? É um bom motorista? — E assim por diante.

Seth, para seu crédito, respondeu a cada pergunta cuidadosa e respeitosamente. Ele morava em um dos dormitórios na Universidade de Boston e tinha um companheiro de quarto, que era um estudante transferido de Nebraska e até agora não tinha provado ter se comportado mal. Sem animais de estimação, como a faculdade não permitia isso, mas um dia Seth gostaria de ter um porco barrigudo. Ele só tinha uma multa (40 em uma zona de 30 quilômetros por hora) e a quitou prontamente e nunca tinha sofrido um acidente de carro.

— Sem acidentes em Boston é um grande negócio, então quero um crédito por isso.

— Notável — disse Celeste.

— Ok, isso é suficiente — Julie cortou a linha de questionamento. Ela não pôde deixar de notar a ironia de Celeste em avaliar a estabilidade emocional de qualquer um. — Acho que nós determinamos que Seth não é um louco psicótico.

— Ele não parece ser — Celeste concordou. — Acho que você deveria sair com ele.

Seth bateu palmas.

— Sim? Ok, eu tenho um voto para sim. Só preciso de mais um... mais um! O que é que vai ser? O que é que vai ser?

— Claro, por que não? — Julie concordou. — Sim!

Ele jogou as mãos para cima em vitória.

— Sexta à noite? Sete horas?

— Ok — disse ela.

— Este vai ser um encontro de verdade, eu presumo? — perguntou Celeste. — Você não vai levá-la para uma festa de mau gosto na faculdade, não é?

— Não. Definitivamente, não. Prometo que vou levar a Julie a um lugar agradável. Jantar e então algo mais respeitável a ser determinado. — A porta da frente do Java Genius se abriu, e uma enxurrada de clientes entrou. — Tenho que cuidar deles, mas posso te ligar? — Seth puxou o celular do bolso e salvou o número de Julie. — Estou feliz que vocês duas vieram hoje. Ambas são muito mais bonitas do que o professor de inglês enfadado e sua mãe que estavam aqui antes de vocês. Julie? Vou falar com você em breve.

Ele voltou ao seu trabalho atrás do balcão. Huh. Julie tinha um encontro.

Ela sorriu e colocou os pés em cima da mesa. Seth, provavelmente, iria querer uma explicação sobre o Pôster do Finn, mas ele parecia bom, e ela podia imaginá-lo tolerando as questões de Celeste. Julie ainda não estava muito certa sobre a reação do propósito de Pôster do Finn. Bem, pelo menos ele era um irmão de papelão bastante atraente.

— Nós poderíamos vir aqui e fazer lição de casa juntas na parte da tarde. É bem silencioso aqui — Julie sugeriu.

— É algo a considerar. — Celeste levantou-se e examinou os livros que estavam em uma prateleira. — Você acha que vai se apaixonar por Seth?

— Não tenho ideia. Eu o conheço há vinte minutos. Isso não é algo que você sabe imediatamente. Pelo menos eu não penso assim.

— Você disse que não queria algo comum. Como você sabe que ele não é normal? Talvez ele se torne aborrecedor e sem inspiração. Ou pior, talvez ele faça você adorá-lo e de repente desaparece e parte seu coração.

— Que atitude positiva e agradável que você tem — Julie disse franzindo a testa. — Essas são todas as possibilidades, mas acho que vou dar uma chance a ele de qualquer maneira. Vale a pena o risco.

— Não sei nada sobre isso.

Julie afundou ainda mais no sofá confortável.

— Não sou nenhuma expert. O que diabos eu entendo sobre namorados e amor de qualquer modo? A única maneira que vou aprender é tentando.

— Eu acho que você é valente. Destemida. — Celeste pegou um livro de contos da coleção e se sentou para ler. — Acho que é um bom sinal que eles tenham material de leitura aqui. Esta é uma atmosfera convidativa.

Julie pegou o telefone e olhou para o e-mail.

— Ei, Finn escreveu para nós. Com fotos.

Celeste se inclinou animadamente e olhou para a tela.

— O que ele disse? Rápido! Onde ele está agora?

— Parece que ele está com equipamento de mergulho para sua viagem. Olhe. — Julie posicionou a tela para Celeste poder ver as fotos de Finn vestido com uma roupa de mergulho completa, *snorkel*, máscara e tanque de oxigênio. Ele estava saudando a câmera com uma mão e caindo de um barco com outra. A terceira foi tirada debaixo d'água, e ele estava cercado por um cardume de peixes.

Queridas Celeste e Julie,

Estou com pressa agora, então vocês duas receberão a mesma mensagem. Lidem com isso! Agora vocês podem se referir a mim como Scuba Man. Meu nome novo me dá o direito ao status de super-herói, por isso espero que ambas me tratem com o respeito apropriado.

Minhas habilidades incluem me cortar nas cracas, nadar em um ritmo olímpico para fugir dos tubarões e coletar areia em lugares desconfortáveis na minha roupa molhada. Não sejam ciumentas, nem todo mundo pode ser tão poderoso como eu. Poderes futuros a serem determinados.

Finn

Celeste sorriu.

— Finn é engraçado, não é? Eu o amo.

— Ele nunca liga para casa para que você possa falar com ele? — perguntou Julie.

— Não. Absolutamente, não — Celeste disse rispidamente. — Eu pedi para ele não ligar. Fica mais fácil para mim. Prefiro esperar para falar com ele pessoalmente.

— Posso entender isso. E pelo menos você tem todas essas mensagens e imagens, certo? — A porta do café se abriu de novo, e mais gente entrou. Celeste apertou o livro em sua mão com mais força.

— Eu gostaria de ir para casa agora — ela disse. — Preciso ir para casa. Neste momento. Neste. Momento.

— Claro. Se é isso que você quer. — Julie se levantou e foi levantar o Pôster do Finn.

— Eu vou fazer isso — Celeste assobiou. — Eu vou fazer isso.

— Um pouco de flexibilidade aqui e ali não iriam matá-la — Julie murmurou.

Ela pegou as bebidas, enquanto Celeste se movia de forma rígida, pegando o Pôster do Finn com seu desconforto habitual. Julie caminhou à frente, passando por dois meninos adolescentes sentados com duas meninas em uma mesa perto da saída, fazendo seus pedidos para um amigo na fila. Seu coração se afundou. Eles devem ser a razão para a súbita necessidade de sair.

Julie se encolheu quando ela abriu a porta e viu Celeste marchar estoicamente por eles, cuidando para não olhar em sua direção. Havia uma pequena esperança de que os adolescentes houvessem conjurado uma explicação sensata para a presença de Pôster do Finn. A vantagem de estar em uma grande cidade era que havia coisas estranhas para se ver em qualquer lugar. Por tudo o que sabia, havia meninos de papelão pegando o trem e as aulas de auditoria em Harvard. Mas um dos rapazes olhou para o Finn de papelão e cutucou a menina à sua esquerda para mostrar a ela. Ela virou a cabeça e riu, os olhos arregalados e zombeteiros. Celeste passou por Julie, para a calçada.

“Eles estão na mesma escola que Celeste.” Julie sabia.

Ela se virou para Seth no balcão e acenou.

— Obrigada por nos emprestar seu expositor para a nossa peça de teatro — disse ela em voz alta. — Nós vamos devolvê-lo em bom estado!

Seth olhou interrogativamente para Julie e depois acenou com a cabeça lentamente.

— Sim. Claro que sim. Não o danifiquem, ou você não vai ter o seu depósito de volta.

Julie fechou a porta e se encontrou com Celeste.

— Você os conhece? Essas crianças? — Celeste encolheu os ombros. — Você os conhece, não é? — Julie abriu o carro e pegou o Pôster do Finn de Celeste.

— Talvez — ela respondeu bruscamente.

Celeste entrou no banco do passageiro e bateu a porta. Julie posicionou suavemente o Pôster do Finn e fechou o porta-malas. Ela caminhou lentamente para a frente do carro, tentando descobrir o que dizer.

Celeste juntou as mãos.

— Eu tenho que começar um trabalho de história, hoje, por isso temos de chegar em casa.

— Nós estamos indo. — O motor ligou ruidosamente. Deus, alguém poderia levar o carro para a manutenção regularmente?

— Eu ainda tenho que determinar qual tópico vou fazer, por isso precisamos ir para casa agora.

— Jesus, Celeste, estamos indo!

Celeste fez uma careta e pegou o iPod de Julie de sua bolsa. Ela colocou os fones de ouvido e se afastou. Julie sorriu. Bem, isso foi condenadamente normal.



Capítulo 12

Matthew Watkins *Minha visita ao O.K. Corral foi... bem...*

Finn é Deus *Eu “curto” você, mas não estou “curtindo” com você.*

Julie Seagle *Um típico expresso tem apenas 1/3 de cafeína de um copo do tamanho regular de café, então todos vocês, esnobes, podem ir pro inferno. Posso beber mais cafeína do que vocês em qualquer dia. Claro que não posso fingir ser uma gigante usando um copo não gigante, mas consigo lidar com isso.*

Julie verificou o relógio do quarto de Matt. Ela ainda tinha meia hora até Seth buscá-la, e ela tinha passado no quarto de Matt, esperando distrair-se antes do seu encontro. Até agora ele não tinha sido muito falante, mas pelo menos não parecia se importar que ela estava ali perturbando-o.

Celeste estava lendo *O Grande Gatsby* em voz alta para o Pôster do Finn, Erin estava jantando com colegas e Roger já tinha saído para a viagem de estudo do camarão. A família estava acostumada que ele viajasse frequentemente e ninguém tinha feito drama sobre sua saída. Julie, no entanto, tinha colocado um postal de “Tenha uma boa viagem!” em sua pasta.

Tal como tinha prometido, Seth ligara alguns dias depois que eles se encontraram para obter seu endereço. Ele a levaria a um restaurante no centro e, em seguida, mais tarde numa mostra no Teatro Omni, localizado no Museu da Ciência.

Ela se jogou de volta na cama de Matt e tentou prestar atenção à sua cópia do *Candide* de Voltaire. Era difícil se concentrar, sabendo que Seth chegaria em breve. Julie nunca tinha saído com alguém num encontro formal antes. Não que eles realmente estivessem indo a qualquer

lugar formal, obviamente, mas isso dava a impressão de ser um pouco antiquado, ter dia e hora agendados para ser pega por um menino. O Ensino Médio tinha sido muito mais do que só sair juntos. Todos eles davam a impressão de serem tão casuais e relativamente sem sentido — baseados principalmente na conveniência. Este encontro dava a sensação de ser diferente. Seth se esforçou para convidá-la, e Julie gostava disso.

Ela observou Matt piscar seriamente em seu computador como se a qualquer momento estivesse prestes a fazer uma descoberta inovadora e ele ganharia o Prêmio Nobel por algum incompreensível científico digital-magnético-óptico-alguma-coisa ou outra. Bem, se ele ganhasse, ela iria valentemente levá-lo para comprar roupas para que ele pudesse participar da cerimônia de premiação com algo além da camiseta horrível da qual ele dispunha.

— Matt?

— Sim — ele disse distraidamente.

— Vamos discutir a sua escolha de roupas para a noite.

Matt bateu no *touchpad* algumas vezes.

— Sério? Quais os aspectos que você gostaria de discutir?

— Vamos discutir como é cafona.

— Isso não soa como a abertura de uma discussão. Parece que você já decidiu sobre como se sente, então não estou certo do que falta discutir.

Julie ficou de lado.

— Eu gostaria de ouvir o processo de reflexão pelo qual você passou ao selecionar essa camiseta. Convenhamos, existem milhares de opções de roupas lá fora para você escolher, e, ainda, apesar de muitas camisetas elegantes que poderiam lisonjeá-lo, você selecionou essa. Então eu gostaria de ouvir o que o levou a essa aquisição. Pronto? Diga.

Matt apoiou sua cadeira giratória fora da mesa e se virou para ela, apoiando a palma das mãos sobre os joelhos.

— A camisa diz Nerd. O que há para falar?

Julie olhou para a impressão da camisa novamente e gemeu.

— A camisa é um bom tom de azul. Eu vou te dar esse crédito. Fora isso, não acho que ela transmita muita positividade.

— Ela transmite positivamente que sou um nerd.

— Há-há. Muito engraçado.

— Você pode achar meu rótulo pouco atraente, mas poderia ser pior. Pelo menos não sou um nerd de fonte.

— Um o quê?

Matt sorriu.

— Você sabe. Pessoas que amam fontes. Há pessoas que vão ver filmes e ficam agitadas,

porque, enquanto o filme supostamente se passa em 1962, o toldo mostrado no restaurante no fundo de alguma cena é impresso em Arras negrito, o que não foi inventada até 1991, então, claro, os produtores deste filme são loucos e devem ser decapitados.

Julie balançou a cabeça.

— Você está mentindo. Ninguém se preocupa com essa porcaria.

— Eu não estou mentindo. Olhe. — Ele pegou seu laptop e se sentou ao lado de Julie na cama. — Uma simples pesquisa é toda prova que você vai precisar. — Em poucos segundos ele puxou milhares de resultados de pesquisa verificando a existência dessas fontes nerds. — Há até mesmo uma camiseta para eles.

— O que ela diz? Eu me derreto por Fontes?

— Não. Ela apenas diz Helvética, que é uma fonte muito conhecida e amada, mas a fonte da camiseta é a Comic Sans, que é a fonte que os nerds absolutamente detestam.

Julie bateu a mão na testa.

— Espere, eles amam e detestam fontes?

— Algumas pessoas, sim. Confira isso. Há uma conferência de fonte chamada TypeCon. — Ele abriu uma nova página. — Infelizmente, o cronograma para a próxima conferência ainda não está fechado, mas conferências passadas incluíam “Curso aberto de operação: a dissecção das partes da forma da letra em elementos modulares para uma flexível base de dados de prototipagem”. Julie, você não quer perder isso. Eu acho melhor você se inscrever logo de modo que possa entrar em todas as melhores palestras.

Ela fingiu olhar para a página com grande interesse.

— Obviamente. É o sonho da minha vida assistir a uma conferência de fontes, e eu nunca iria me perdoar se não fizesse isso este ano. Graças a Deus, você me lembrou na hora. — Julie colocou a mão em seu braço e olhou para ele a sério. — Matthew, confesse agora. Você é um enrustido nerd de fonte? Você vai para essa conferência? Prometo que não vou respeitá-lo menos se você for. Ok, tudo bem, secretamente eu vou, mas é melhor desabafar e ser quem você é do que viver no engano. Esconder a verdade só irá paralisar o seu desenvolvimento emocional.

— Mais do que já está paralisado?

— Sim.

Matt franziu o cenho.

— Bem, eu sinto muito decepcioná-la. Não sou um nerd de fontes. Você pode me enviar um e-mail em Papiro, que não vou me importar.

— Tudo bem. Quando você estiver trabalhando duro na faculdade uma noite e começar a lamentar meus comentários sobre a minha lição de casa de cálculo multivariável, e eu pedir ajuda pra você, não quero ouvir reclamações sobre a minha escolha de fonte.

— Você está fazendo cálculo multivariável? Isso é ótimo!

Ela caiu de costas na cama.

— Não, não é ótimo. A faculdade descobriu que eu já tinha feito cálculo no Ensino Médio e eles me fizeram fazer uma prova na qual, infelizmente, passei. Então agora estou sem saída.

— Fico feliz em ajudar, se precisar.

— Vou cobrar isso de você. — Seu telefone tocou e ela pulou no chão para pegá-lo da sua bolsa. Seth estava ligando para ela. Ele estava, provavelmente, ligando para cancelar, e ela seria forçada a discutir subgêneros nerds pelo resto da noite. Ela respondeu à ligação. — Ei, Seth.

— Julie? Eu estou na sua rua, mas todas essas casas estão enterradas atrás de folhagens, e não consigo ver nenhum número.

— Não se preocupe. Eu vou lá fora e sinalizo para você.

— Incrível. Estou ansioso para te ver.

— Mesma coisa aqui. Vejo você em um minuto, Seth. — Ela desligou.

Matt voltou para sua mesa, reposicionando seu notebook e ajustando as costas na cadeira.

— Aonde você vai?

Julie suspirou e acenou com as mãos ao longo de seu corpo.

— Minha roupa sexy e maquiagem excessiva nos olhos não indicam que eu tenho um encontro hoje à noite? Uau, precisamos tirá-lo mais do computador.

— Notei que você está arrumada hoje à noite — ele admitiu. — Tenha um bom encontro.

— Obrigada — disse Julie. — Você sabe, Matt, eu posso ficar em casa com Celeste às vezes, quando seus pais estão fora, então assim você pode ter uma vida social. Você deve ter amigos pedindo-lhe para fazer coisas. Tem que sair com eles em algum momento.

Ele deu de ombros.

— Eu realmente não tenho tempo para socializar nestes dias. Não se preocupe com isso. Vá se divertir.

Ela se sentiu mal que Matt estivesse preso em casa com sua irmã. Ele estava na faculdade. Deveria estar se divertindo. Não que ele parecesse o tipo que estava morrendo para carregar um barril numa casa de fraternidade, mas mesmo assim. Podia haver uma reunião de física em alguma noite de sexta-feira, e ele podia voltar para casa com uma bela faixa por ter soletrado “coulomb” ou “neutralino” corretamente. Por que será que ele estava atendendo às bizarras necessidades de Celeste? Por que parecia que o Pôster do Finn governava a casa?

As coisas eram realmente estranhas ali. Matt era um cara legal e merecia algo melhor. Bem, não era como se houvesse qualquer coisa a fazer sobre isso naquele momento. Talvez pudesse descobrir algo mais tarde.

— Se for um encontro monstruoso, ligarei para que você venha me resgatar. Precisamos de uma palavra código que sinalize que estou num inferno de um encontro — Julie disse, enquanto caminhava para a porta. — Algo que você vá responder. A-há! Vou mencionar

algum matemático chato. Assim quando eu ligar e disser Fibonacci, você vai saber que tem que voar pela porta.

— Esse é uma escolha meio óbvia, mas tudo bem.

Julie o encarou. Deus, ele era irritante às vezes.

— Karl Gauss, então.

— Ah, está tudo bem. Novamente, um pouco óbvia.

— Então vou surpreendê-lo. E vou fazer uma boa escolha. É só esperar.

Matt se inclinou para trás, colocou as mãos atrás da cabeça e sorriu.

— ... *Com a respiração muito suspensa* — citou.

Julie inclinou a cabeça.

— Qual versão é essa? Porque a original de Shakespeare não é assim.

Matt piscou.

— Eu vou falar a versão correta.

Huh. Então, ele conhecia Shakespeare também. Julie fez uma pausa por um momento e então começou a sair.

— Tchau, Matt. Talvez eu mande uma mensagem para você em Webdings mais tarde e te dê uma atualização da minha noite. — Os seus saltos tocaram tranquilamente o chão enquanto se dirigia escada abaixo.

— Webdings um, dois ou três? — A voz de Matt ecoou pela escada.

— Vou misturar e combinar!

Ela saiu pela porta da frente e desceu os degraus da varanda. Ela olhou para a esquerda e viu faróis avançando no caminho. Julie acenou. O carro acelerou um pouco e, em seguida, diminuiu a velocidade na frente da casa dos Watkins.

Seth parou o carro com uma freada brusca e saiu pelo lado do motorista.

— Julie! Eu te encontrei! — Ele deu a volta no carro e lhe deu um abraço.

— Estou feliz que me encontrou.

Talvez a primeira coisa que se note em um encontro não deve ser como alguém cheira, mas quando ele passou os braços em torno dela, ela não pôde deixar de inalar. Ele cheirava másculo. E não de uma maneira fedorenta e Colônia-demasiado-barata. Másculo em uma maneira quente, sexy, deliciosa. Ela gostava da sensação de seus braços ao redor dela e a maneira como ele a abraçou calorosamente e com confiança sem avançar os limites.

Seth se afastou e abriu a porta do carro para ela.

— Não que eu não tenha aproveitado a viagem pelas ruas de Cambridge, mas espero que você não tenha achado que eu estava ignorando você.

Julie entrou e afivelou o cinto de segurança.

— Não se preocupe com isso.

Seth colocou o carro em movimento.

— Eu sou um idiota. Escrevi o seu endereço num pedaço de papel e tenho a pior letra do mundo. Não tinha certeza se estava procurando por 21, ou 71, ou 27, ou... Bem, isso não importa agora.

— Você não é um idiota, mas, falando de idiotas — Julie disse virando seu corpo em direção a ele. — Eu acabei de descobrir uma coisa estranha. Você sabia que há pessoas que são nerds de fontes?

Seth sorriu.

— Deixe-me adivinhar. Pessoas que ficam ligadas por muitas facetas emocionantes no mundo da composição tipográfica?

— Exatamente! É um dos muitos únicos subgêneros idiotas! Ou subgêneros nerds. Não tenho certeza exatamente de como o sistema de classificação funciona.

— Tenho um pouco de medo de você saber disso.

— Eu também — Julie concordou. — Eu também.

— Por favor, não salte para fora com o carro em movimento, mas tenho que te dizer de cara que não sou um nerd de fonte. Ou qualquer outro tipo de nerd, realmente.

— Você acabou de ganhar outro ponto de crédito.

— Só um? — Ele mostrou seu adorável sorriso enquanto dirigia pela cidade.

— Tudo bem. Cinco pontos.

— Agora sim.



Parte 2



Capítulo 13

Julie ficou na ponta dos pés, tentando, desesperadamente, recuperar a bolsa no topo da prateleira do armário. Ela finalmente laçou um dedo ao redor da alça e a puxou para baixo, fazendo com que caísse em sua cabeça. Ela odiava viajar, e se a situação de fazer as malas fosse qualquer indicador de que sua viagem seria um sucesso, ela não teria um bom voo. Como se caminhar num aeroporto não fosse aborrecimento suficiente nas vésperas de Ação de Graças, ela estava tentando de todo jeito condensar seus pertences para que não tivesse que verificar qualquer bagagem.

Ela com certeza teria de checar as malas quando fosse para a Califórnia com seu pai, isso é certo. Ele lhe enviou os itinerários alguns dias atrás. Ou melhor, sua secretária tinha enviado. Ainda assim, ele estava mostrando um enorme esforço para levá-la naquela viagem. Julie só podia imaginar a trabalhadeira que tinha sido para ele tirar três semanas do trabalho para aquela viagem turbulenta. L.A., Huntington Beach, San Diego, Santa Barbara... Julie não conseguia sequer lembrar onde mais! Ela não podia esperar para contar ao pai tudo sobre a faculdade e como ela estava indo nas aulas.

Para a viagem, ela não precisava de muitas roupas, mas transportar seu notebook e livros era uma chatice. Não sabia como, supostamente, celebraria o feriado, visitaria os parentes e amigos, terminaria um trabalho de pesquisa e estudaria para um exame de cálculo, tudo ao mesmo tempo. Faculdades claramente viam Ação de Graças como um feriado de trabalho.

— Toc, toc. — Erin entrou no quarto, e Julie novamente admirou como ela sempre parecia equilibrada e composta. A saia lápis tweed cinza e o coordenado cardigã eram tão simples e... bem, elegantes. Era isso, Erin era elegante. Profissional e elegante. — Você deve

estar louca para chegar em casa e ver sua família, eu imagino.

— Um pouquinho — Julie concordou, quando jogou a mochila sobre a cama. — Eu só tenho muito trabalho a fazer e fica difícil me sentir animada em voltar para Ohio.

Erin acenou com a mão.

— Você vai conseguir. Haverá tempo no aeroporto, no avião e enquanto você estiver se recuperando da sobrecarga do peru.

— Eu espero. — Julie pegou um punhado de meias limpas e as jogou na mala. — Embora talvez eu devesse ter pego apenas um longo fim de semana adiantado no início do mês e evitar a multidão. Oh, quero dizer, não que eu iria querer infringir os planos de férias da sua família. Só quis dizer...

— Você seria bem-vinda aqui no feriado de Ação de Graças, Julie. Mas não consigo imaginar um dia de comida chinesa e Palavra Cruzada ao que você está acostumada. Será apenas Matthew, Celeste e eu sentados ao redor comendo tofu picante e debatendo a validade dos jogos de Matthew. Ele tende a compor palavras, mas costumamos dar-lhe crédito parcial pela criatividade.

— Isso realmente soa melhor do que comer batata-doce com marshmallows e ouvir meu tio recontar o que aconteceu no Comedy Central na noite anterior.

— Não é assim! — Erin protestou. — Não há nada de errado com o Ação de Graças tradicional. Reuniões de família e tudo. Eu tenho certeza de que vai ser adorável.

— É estranho não ter Roger aqui no feriado?

— Nem um pouco. Roger faz viagens longas de meses de duração várias vezes por ano, de modo que esta viagem não é surpreendente. — Erin cruzou os braços. — E o seu amigo Seth? O que ele vai fazer nas férias?

— Ele e os pais vão para Vermont para ver a tia e o tio. Ele partiu ontem para tentar evitar o tráfego e eles voltarão para casa no sábado pela mesma razão.

— Você falou muito bem dele. Graduação em ciência política na BU, creio eu, certo? Fico feliz que você tenha feito algumas conexões agradáveis neste outono. Você e sua amiga Dana parecem estar se aproximando também. É importante ter as oportunidades sociais que te levam a sair de casa, às vezes.

Julie sorriu. Dana tornou-se uma boa amiga, e, mesmo que ambas fossem ocupadas, elas tinham um permanente encontro para um café na terça-feira que nunca faltava. Dana ainda estava absolutamente encantada por Jamie, e Julie tinha passado muitas horas do semestre ouvindo relatos contabilizando os progressos de sua relação estilo montanha-russa. Claro que Julie falava sobre Seth também, em algum grau, mas seu estado estava mais para uma variedade de encontros casuais do que Dana e Jamie — que neste ponto eram destacados por discussões dramáticas frequentes, seguidas por caminhadas da vergonha logo no começo da manhã. Julie achava que, por estar se graduando em psicologia, Dana poderia precisar de um pouco mais de autoconhecimento. Talvez Julie e Seth não estivessem cheios de paixão e megafaíscas, mas havia algo sobre ser lento e constante.

— Meu Deus, Julie, você está planejando levar todos os livros com você? — Erin perguntou.

— Eu tenho que levar. Tenho que fazer um trabalho sobre Carl Jung para minha aula de psicologia, e preciso dessas referências.

Erin olhou para a pilha de livros.

— Esses são adequados, eu suponho. Julie, você devia ter fontes melhores.

— Tenho alguns artigos on-line também, mas não são suficientes.

— Isso é ridículo. Posso cuidar disso. — Erin foi até a mesa e começou a escrever num bloco de notas. — Este é o meu usuário e ID de modo que você pode acessar o Banco de dados de artigos de Harvard. Isso deve dar-lhe mais do que precisa para o artigo, e você será capaz de analisar resenhas críticas da obra de Jung por outros altamente respeitados na área.

— Sério? — Julie caminhou até a mesa e olhou para o papel. Erin tinha simplesmente acabado de abrir um mundo inteiro para ela. — Você tem certeza de que não se importa? Quero dizer, isso é algo grande. A única coisa que posso fazer na escola é entrar nas listas da biblioteca e reservar livros.

Erin colocou a caneta atrás da orelha e pôs as mãos nos quadris.

— Claro que não. Não há nenhuma razão para que você não deva ter os melhores recursos acessíveis. Estou surpresa que Whitney não tenha mais disponibilidade on-line para você. Você pode não querer me agradecer, no entanto, porque garanto que vai rapidamente ser sugada pelo sistema, andando de um artigo recomendado para outro. Então, se sua mãe se incomodar porque você está colada no computador neste fim de semana, não me culpe.

Julie, impulsivamente, atirou os braços em torno de Erin e abraçou seu corpo magro.

— Vou levar toda a culpa. Não tenho como agradecer o suficiente.

Erin, que claramente não era do tipo que abraçava, endureceu um pouco, mas riu levemente com surpresa e deu um tapinha no braço de Julie com uma mão.

— Não precisa me agradecer. Você é quem está fazendo todo o trabalho duro. Admiro seu entusiasmo sobre os estudos. — Ela recuou, segurando o braço de Julie. — Mas se você quiser retribuir o favor, pode convencer Matt a começar a pressionar a si mesmo da maneira como você se pressiona. Então eu não teria que importuná-lo tanto.

— Ele parece trabalhar o tempo todo, pelo que vi. Nós acabamos estudando juntos muitas vezes, e se ele não está na faculdade então está trabalhando no computador.

— Não estou dizendo que ele não gasta muito tempo trabalhando. Estou falando sobre a qualidade do seu trabalho e de sua necessidade. — Erin estreitou os olhos. — Ele está se expandindo em todos os domínios em termos de seu campo de trabalho e interesse acadêmico e está chegando a um ponto em sua educação onde precisa estreitar o foco para que não se confunda, quando se graduar. É assim que ele vai ser publicado um dia. Ele tem uma chance de conseguir isso direito, e espero mais dele do que o que estou vendo.

Parecia um pouco duro para Matt, mas Julie conseguia entender o que Erin estava

dizendo. Ela queria o melhor para seu filho. Julie começou a tirar a roupa da cômoda.

— Que tipo de aluno era Finn?

— Oh, Finn! — Erin se iluminou. — Finn era um aluno muito coerente. Muito qualificado em tudo o que abordava. Ele escolheu umas artes clássicas muito liberais para abordar na escola e, assim, estudou tudo, desde antropologia à literatura para a história. Um verdadeiro menino criativo e dinâmico. Ele era profundamente envolvido em campanhas políticas quando estava na Brandeis. Muito socialmente consciente e envolvido. E ele jogava rúgbi com a equipe comunitária nos fins de semana. Celeste amava ir aos seus jogos.

Julie sorriu.

— Ele parece uma pessoa muito interessante. Esperamos que eu o conheça em breve. Sei que Celeste está se coçando para que ele volte para casa.

— Todos gostariam de ver Finn novamente.

— Talvez eu e ele nos encontraremos no Natal. Ele com certeza deve voltar para casa algum dia durante as férias.

— Isso seria bom, não seria... — Erin deu alguns passos em direção à porta. — Deixe-me ligar para Matt e ter certeza de que ele não se esqueceu que precisa levá-la ao aeroporto.

— Posso pegar um táxi, Erin. Está tudo bem.

— Eu dirigiria, mas a verdade é que realmente não tenho mais minha carteira. Fiquei tão embrenhada em todas as leis ambientais responsáveis de ciclismo e caminhadas em todos os lugares que nunca me preocupei em renovar a carteira quando expirou. Realmente prefiro isso, apesar de tudo. Estou em melhor forma agora do que estava quando tinha 20 anos, e perdi aqueles dez quilos que carregava durante os anos.

— Se não tivesse minhas malas para carregar, eu me sentiria culpada por não ir andando para o aeroporto. — Julie brincou. — Acho que é admirável que você está fazendo o que pode para reduzir a sua pegada de carbono. Odeio essa expressão. Ser politicamente correto parece vir com o inevitável clichê, não é mesmo? Tenho uma reunião rápida com um dos meus professores na escola, e então vou pegar o trem para o aeroporto. Não quero incomodar Matt.

Erin deu de ombros.

— Se você diz. Ligue para casa no domingo e nos avise que horário seu avião vai chegar. Você pode acabar lidando com atrasos.

— Ok, eu vou. Tenha um bom Ação de Graças, Erin.

— Você também. Envie a sua mãe nossas felicitações.



Julie colocou a mala no chão do gabinete apertado e se sentou na cadeira do outro lado da mesa do seu professor de psicologia. A pequena sala mal podia conter as poucas peças de mobília. Pastas e livros cobriam a mesa e a área da plataforma escassa. Mas havia algo reconfortante e acolhedor no seu gabinete, talvez devido ao homem gentil que se sentava

diante dela. Julie amava a aula de psicologia e não tinha faltado a nenhuma ainda. As palestras do Dr. Cooley eram, incisivamente, inteligentes e interessantes, e entregues com genuína paixão por seu campo. Sua reflexão e compaixão, quando ele estava apresentando estudos de caso, fizeram Julie sentir segurança de que ele teria algo útil para lhe oferecer.

— Obrigada por se encontrar comigo, Dr. Cooley.

— Sem problema. Indo para casa, eu presumo? — ele perguntou, olhando para a bolsa.

— Sim. Ohio. Para ver a minha mãe e a parte da sua família. Sinto muito incomodá-lo justamente antes do feriado, mas gostaria de saber a sua perspectiva sobre uma coisa.

— Algo da aula? Examinei sua prova e trabalho de classe mais cedo hoje, e você está indo extremamente bem. Para não mencionar sua frequente participação em classe. Impressionante, num grupo tão grande. — Ele assentiu em aprovação. — Um grande número de alunos prefere tomar estas aulas maiores como simples aprovação/reprovação. Você se destaca.

— Obrigada. Gosto muito da sua aula. Mas realmente preciso de ajuda com outra coisa. Estou vivendo com uma família este ano. A mãe é uma amiga da minha mãe. Todo mundo é muito legal, mas... — Julie não sabia por onde começar. — Há algo muito peculiar sobre a filha. Achei que você poderia ter alguma percepção. Acho que preciso de ajuda.

— Ajuda como?

— Estou tentando descobrir a filha. Celeste. Ela é estranha. Seu irmão mais velho, Finn, está fora viajando este ano, e ela carrega um boneco de papelão dele em todos os lugares que ela vai.

— Você definitivamente despertou minha curiosidade — o Dr. Cooley disse enquanto cruzava as pernas —, mas eu ficaria mais confortável discutindo isso se você estivesse me falando sobre uma família hipotética. — Ele olhou para ela incisivamente, mas tentou não sorrir.

— Hipoteticamente — Julie disse lentamente: —, a coisa do pôster do irmão pode ser alarmante para mim. E, hipoteticamente, estou muito preocupada com ela. Algumas coisas parecem... não sei... um gatilho para ela. Eu só não sei o que elas são.

Julie passou os minutos seguintes descrevendo o comportamento adjacente de Celeste sobre o Pôster do Finn, suas limitações sociais e sua incomum personalidade.

Dr. Cooley levantou uma mão.

— Deixe-me interromper você por um minuto. Você está me dizendo sobre a filha, mas quero ouvir sobre toda a unidade familiar. Diga-me como é um dia ou uma semana típica nesta casa.

— Mas ela é... — Julie se atrapalhou com as palavras certas. — A pessoa que tem problema. Ou questões. Pilhas delas, eu estou supondo. — Ok, Matt tinha problemas também, a maioria envolvendo obsessiva necessidade de se tornar um só com seu notebook e uma incapacidade de vestir nada que não fosse revoltante — mas ele certamente não tinha um amigo de papelão. Bem, pelo menos que ela soubesse. — Todo o resto está bem.

— Me faça esse favor.

Ele continuou em silêncio enquanto Julie falou por vinte e cinco minutos sobre a casa dos Watkins. Ela lhe contou sobre o comportamento peculiar de Celeste e seu isolamento social, um pouco sobre o Pôster do Finn, a energia aparentemente interminável de Erin, e como Matt e Finn pareciam ser polos opostos um do outro.

O professor de Julie esfregou a testa como se em descrença.

— Portanto, esta família tem pais ausentes e um irmão mais velho ausente. Então nós temos um irmão mais novo, que foi forçado a um papel pelos pais e está tentando estar presente, e, provavelmente, lutando um pouco. Por último, uma adolescente jovem, atrasada socialmente, na tentativa de gerir suas emoções, através da criação de uma versão substituta, tangível de seu idolatrado irmão?

Merda. Parecia realmente louco quando ele falava assim.

— Sim. É mais ou menos isso mesmo. — Julie caiu profundamente na cadeira. — Ah, meu Deus.

— Olha, eu posso te dar algumas ideias sobre esta família, mas não estou disposto a diagnosticar alguém ou dar-lhe qualquer resposta rigorosa com base nesta conversa. Não seria justo com você ou com eles. Hipoteticamente. No entanto, eu poderia ser capaz de fazê-la pensar sobre algumas coisas.

— Eu entendo.

— Meu primeiro pensamento é que esta história que você contou me deixa triste.

— Não sinto tristeza, apesar de tudo.

— Por que não?

— Eu não sei. — Julie olhou pela pequena janela para o céu cinza. — Porque eu gosto deles?

— Eles provavelmente gostam de você também. Mas há algo muito triste aqui. Todo mundo está em modo de enfrentamento. Funcionando independentemente. Todos têm mecanismos de defesa trabalhando com força total. E há um nível firme de sigilo sobre... Bem, não sabemos o quê, não é?

— Correto.

— Eles definiram seus parâmetros e eu não tenho certeza se você está na posição para cruzá-los.

— Por que Celeste está fazendo isso? Quero dizer, seu irmão está fora viajando. Grande coisa. Ele tem o direito, não é? Ele não pode viver em casa para sempre. Toneladas de meninas de sua idade devem ter irmãos mais velhos que as deixam em casa, mas elas não reagem da forma como ela tem reagido. Eu não entendo isso. Ela tem tanto potencial. E eu acho que posso ajudar Celeste.

— Ah. Você é uma reparadora.

— Uma o quê?

— Uma reparadora. Você quer corrigir isso para eles. Por quê?

— Eu disse a você. Gosto deles. Especialmente de Celeste. Não posso simplesmente me sentar e fingir que carregar o pôster de um irmão por aí não é terrivelmente estranho. Há uma grande garota sob o exterior incomum. Ninguém está fazendo nada. É como se eles estivessem congelados, com medo de balançar o barco com ela.

Ele acenou com a cabeça.

— Eles provavelmente estão. Quaisquer que sejam as estratégias de contenção que eles desenvolveram estão trabalhando em algum grau. Pelo menos, trabalhando no sentido de que eles têm estabilizado o que quer que estejam administrando. Aos olhos deles, as coisas não estão piorando.

Julie manteve seu olhar sombrio.

— Mas vão, não vão?

— Provavelmente, sim. Um sistema disfuncional como este não pode se manter para sempre. Em algum momento haverá uma ruptura.

Ela sentiu um nó amarrando seu estômago.

— E então o que vai acontecer?

— Eu não poderia dizer. Não é algo que você pode planejar. Diga-me sua opinião sobre essa menina.

Julie jogou as mãos para cima.

— Eu tenho pensado em todos os tipos de coisas. Um transtorno de adaptação, ansiedade de separação, transtorno de apego reativo? Autismo? Algo a ver com enxergar Finn como uma figura paterna? E, quando ele partiu, ela sentiu essa perda mais profundamente do que fazia sentido. Seus mecanismos de defesa ficaram fora de controle? Ela tem um desequilíbrio químico?

— Todas as possibilidades. O que mais? — Dr. Cooley ficou imóvel, os olhos fixos em Julie, esperando, pacientemente, enquanto ela lutava para encontrar ela mesma uma resposta.

Julie mexeu os dedos dos pés dentro dos sapatos, na esperança de distrair-se do sentimento cada vez mais desconfortável que estava tomando conta dela. Mas um pensamento não poderia ser deixado de lado.

— Algo aconteceu?

Ele acenou com a cabeça.

— Alguma coisa aconteceu. Esse é o meu palpite. Algo muito importante. Algo que você claramente não conhece. E esta versão do pôster do irmão de Celeste é uma resposta extrema a um incidente. Um trauma.

Julie endureceu. Trauma. Ela não gostava do som disso.

Dr. Cooley continuou.

— A questão é: que trauma? Mas isso é uma questão que você pode não conseguir a resposta. Julie, tenha cuidado — ele advertiu. — Esta é uma situação precária e você não sabe exatamente o que está acontecendo nesse organismo familiar. Embora eu admire sua compaixão, não posso recomendar que você tome a frente de tentar resolver isso.

— Eu sei. Sinto que tenho desgastado meu cérebro tentando entender essa garota, e não tenho ideia se estou prestes a fazer algo que irá quebrá-la. Mas quando Finn voltar, tudo isso deve ser esclarecido, certo?

Dr. Cooley estalou a língua no céu da boca.

— Talvez, sim, talvez, não. O que está causando a ansiedade dela pode se manifestar de outra maneira. O retorno dele poderia levar a uma melhora significativa, certo, mas eu não apostaria nisso.

Este era um pensamento desanimador.

— Mas pense sobre isso — ele disse. — Talvez você esteja perdendo alguma coisa óbvia. Não exagere analisando o que você vê. Tenho a sensação de que você pensa demais nas coisas. Dê a isso um tempo, e as peças desse quebra-cabeça podem se juntar. — Ele riu. — É claro que elas podem não se juntar. Esta pode ser uma família que você nunca vai entender totalmente.

— Acredite em mim, esse pensamento já me ocorreu.

— E o que nós sabemos? — Ele riu levemente. — Talvez eles tenham apenas características incomuns. Nem todo mundo se comporta de forma tradicional.

— Seria bom se eles fossem apenas peculiares, não é?

— Sim. Diferentes, mas agradáveis. Julie, há outra parte desta história que estou curioso.

Julie suspirou.

— O quê?

— Você me falou muito sobre o Matt, Finn, Erin e Celeste. — Ele fez uma pausa. — Eu não ouvi falar muito sobre o pai.

— Isso é porque ele sai bastante. Viagem de trabalho. Embora eu realmente goste dele. Ele é gentil e calmo. Há algo sério sobre ele. Ele é muito normal, mas não de um modo chato. Realmente doce.

— Hum — Dr. Cooley murmurou.

— O que isso significa?

— Você disse que estava indo para casa hoje. Para ver sua mãe.

— Certo. E daí?

— E o seu pai? Você vai vê-lo também?

— Você está insinuando que eu tenho problemas com meu pai? — Julie zombou. — Eu não tenho problemas com meu pai.

Dr. Cooley ficou em silêncio.

— Isto não é sobre mim. — Julie sacudiu a cabeça. — Trata-se de uma garota superpeculiar que precisa de mim.

— Mas por que é o seu trabalho ajudá-la? Por que você é uma reparadora? Por que quer juntar esta família?

— Porque Celeste reage a mim. Eu não sei por quê, mas ela faz isso. Eu posso fazer isso.

Dr. Cooley tirou os óculos e os colocou suavemente sobre a mesa.

— Quem você está tentando curar?

— Celeste.

— Você tem certeza disso?

— É claro — disse Julie, um pouco irritada. — Isto não é sobre mim.

— Não — ele concordou. — Não inteiramente.

Julie olhou para o relógio sobre a mesa.

— Eu realmente sinto muito interrompê-lo, mas devo sair agora se quero pegar o meu voo.

— É claro.

— Não posso agradecer o suficiente por você falar comigo — disse ela com sinceridade. — Realmente aprecio isso.

— É uma família hipoteticamente fascinante sobre a qual você me falou. — Ele piscou. — Lembre-se, Julie. Tenha cuidado.



Capítulo 14

O estômago de Julie se agitou enquanto ela assistia seu primo Damian jogar marshmallows cobertos de batata-doce dentro da boca. Ela queria matar quem teve a ideia doentia de combinar marshmallows com um vegetal perfeitamente agradável. Tão brutal quanto isso era, não se comparava com a “salada” da sua tia: doces incandescentes suspensos em uma forma de gelatina verde, com pedaços de cenoura e fatias enlatadas de laranja. Pelo menos o peru da sua mãe era desprovido de qualquer coisa ofensiva. Isso era algo para se sentir grata.

— Julie, por que você não está usando o seu chapéu de peregrino? Você ama o chapéu de peregrino! — O tio de Julie, Pete, ergueu a voz para ser ouvido sobre o ruído na mesa e apontou para si próprio. — Isso não se parece com Ação de Graças, se você não usar o chapéu.

Julie examinou a família de catorze membros que se sentava à mesa na casa da sua mãe, em Ohio. Todo mundo lá usava ou um chapéu de peregrino ou um chapéu de índio que tinha sido comprado anos atrás, na loja de fantasias da Avenida Delacorte. Em outros anos, Julie tinha achado esta tradição divertida, mas naquele dia o absurdo e idiotice tornavam-se inegáveis. Era indigno. Sem mencionar o fator cultural ofensivo.

— Considere-me a parente rebelde que se recusa a obedecer. Não posso dizer que sou uma fã que apoia estereótipos. — Julie espetou o garfo no monte empilhado na caçarola de feijão-verde. Deus, apenas o cheiro do enlatado frito de cebola era suficiente para lhe causar indigestão por dias.

— Pete, ela não tem que usar o chapéu se não quiser — sua mãe disse. Kate levantou-se e alcançou com a mão no meio da mesa para o molho de cranberry. O horrível prato branco era

pintado com casas de campo. — Minha filha está fazendo uma declaração, eu acredito. — Quando ela se moveu para se sentar na mesa, inclinou o papel central do peru para o lado e para a chama da vela, imediatamente transformando a decoração berrante em uma exibição de fogo. — Oh, inferno! — Kate gritou.

Todo mundo, simultaneamente, recuou a cadeira mais de um metro, no meio de gritos e ligações para a emergência e orações ao poder superior tio Pete despejou a água do seu copo nas chamas.

— Nenhum prejuízo, nenhuma falta. — Ele riu. — Entendeu isso? Galinha? Piada de peru.

Julie bateu o guardanapo em cima da mesa com uma mão e abanou a fumaça com a outra. Ela suspirou e se sentou de novo, colocando-se mais uma vez entre seu primo Damian e a irmã de sua mãe, Erika.

— Então, Julie — Erika começou —, como vai indo a faculdade? Você ama Boston?

— Eu amo Boston. Nevou pela primeira vez há algumas semanas e a cidade parece ainda mais bonita à noite.

— Bleh, Boston — Tio Pete rosnou. — Eu fui lá uma vez. Cidade suja com um bando de vagabundos pendurados ao redor de Common. Não é tão difícil não ser um sem-teto.

Julie agarrou seu garfo e considerou os prós e contras de furar a mão do tio. Será que ele sempre fora um idiota?

— Tenho certeza de que meu professor de Economia da Pobreza discordaria de você.

— Economia da Pobreza? Que diabos é isso? O que eles ensinam? Se você não tem nenhum dinheiro, não há o que falar sobre economia. — Seu tio deixou o garfo cair e olhou para a mãe de Julie.

— Você está realmente pagando para sua filha ter aula sobre ser pobre?

Sua mãe se contorceu desconfortavelmente.

— Eu duvido que a aula seja apenas sobre...

— A aula é sobre a exploração, análise da pobreza e compreensão dos efeitos da pobreza e da discriminação em diferentes populações — explicou Julie com os dentes cerrados. — Atualmente estamos olhando criticamente sobre diferentes públicos políticos que tentam combater o ciclo da pobreza.

— Você quer acabar com a pobreza? Consiga um emprego como o resto de nós. Pronto. Classe dispensada.

— E sobre os trabalhadores pobres? É um pouco mais complicado do que isso — Julie praticamente bufou.

— Não, senhorita, não é. Agora, nós não somos ricos nem nada, mas trabalhamos duro e pagamos nossas contas. Você não precisa de algumas aulas da faculdade para saber que as pessoas pobres provocam isso a elas mesmas. — O rosto de Pete tinha começado a ficar vermelho de raiva. — E sobre estas esmolas do governo que você está falando? Outra desculpa

para essas pessoas preguiçosas se sentarem e recolherem o dinheiro.

— Então, quando você perdeu seu emprego dois anos atrás e perseguiu o meu pai por mil e quinhentos dólares, ele deve ter dito para engolir isso e conseguir um emprego, a economia miserável que se dane? — Julie balançou a cabeça e se levantou. — Você já pagou de volta, agora que está empregado de novo?

— Julie, sente-se! — Kate ordenou.

O rosto de Pete agora era escarlate, e a veia ao lado de seu olho latejava horivelmente.

— Seu pai está pouco se lixando sobre o dinheiro, e você sabe disso! Ele também não dá a mínima para...

— Cale sua boca! — Julie assobiou. — Não se atreva. — Ela se afastou da mesa. — Enquanto você está ocupado ignorando o contributo sistêmico, social, cultural, educacional e político para a pobreza, eu tenho um trabalho sobre ignorantes e extremistas fanáticos para terminar de escrever. — Julie caminhou com raiva para fora da sala, subiu as escadas e entrou no seu antigo quarto.

Ela fechou a porta e bloqueou a maioria do caos na mesa de jantar. Ela não ligava que os primos e tios e tias estivessem, provavelmente, despedaçando-a agora. Eles a revoltavam ainda mais do que a enorme quantidade de decorações de Ação de Graças que sua mãe tinha espalhado por toda a casa.

Ela se sentou em sua mesa velha e conectou o item da base de dados de acesso que Erin dera. Julie estava prestes a escrever o melhor maldito trabalho acadêmico sobre “O colapso do mercado imobiliário, quando relacionado a um aumento da pobreza suburbana”.

Isso mesmo.



Capítulo 15

Matthew Watkins *No primeiro Ação de Graças, uma das mais sangrentas batalhas se seguiu, quando foi descoberto que o entregador se esqueceu de trazer molho extra para o pato.*

Finn é Deus *está, nesta noite encantada, apaixonado por um cara maravilhoso.*

Julie Seagle *Vou escrever um livro chamado Bebedeira, Sexo, Ódio. Vai ser sobre uma mulher odiosa que viaja por todos os EUA visitando bordéis do tipo “coma à vontade”.*

Julie deu uma risadinha com a referência de Finn sobre o musical *South Pacific*. Ela sabia onde ele estava agora. Era a noite de sexta-feira quando o dia de Ação de Graças se rompeu, e Julie estava ansiosa para voltar a Boston e dar fim na tortura que aquela viagem tinha se tornado. Ela não se preocupou em retornar qualquer um dos telefonemas de seus amigos e até mesmo sua mãe tinha dito para quem ligou que ela não tinha voltado para casa para o feriado. Desde o que acontecera na quinta-feira, ela tinha praticamente se enfurnado no quarto trabalhando, e exceto por uma rabugenta conversa sobre sua atitude ruim, sua mãe a deixara sozinha. Ela tinha quase terminado o artigo sobre pobreza e fez uma pausa da verificação ortográfica para entrar na internet.

Seu e-mail continha vinte e poucas mensagens de amigos de Ohio perguntando por que ela não estava em casa, que não tinha nada pior do que “perder a festa mais foda hoje à noite no Jacob O’Malley”! Que seja. Nada de Seth, mas seus pais tinham decidido que o fim de semana de férias em Vermont ia ser livre de tecnologia.

Ela e Celeste tinham decidido estudar no Caffehouse depois das aulas, uma vez por semana, e Seth tinha provado ser completamente imperturbável pela presença do Pôster do

Finn. Ele era um cara bom e versátil: inteligente, engraçado, trabalhador, doce com Julie e paciente. Entre aulas, lição de casa, o trabalho de Seth e os longos dias que Julie passava com Celeste, era difícil conseguir ficarem juntos sozinhos mais do que uma vez por semana, e olhe lá.

Assim, a relação deles estava num caminho mais lento do que o normal. Embora a maior parte das amigas da faculdade de Julie passassem quase todas as noites com seus namorados nos dormitórios, Julie e Seth estavam indo devagar. Sendo responsáveis. Inteligentes. Metódicos.

Mas Julie pensava que era uma coisa boa. Eles se davam as mãos e brincavam um pouco no carro dele, e Julie não estava apressando qualquer outra coisa. Até agora, Seth tinha entendido. Não que ele não beijasse bem, porque ele beijava. E não é que Julie não tivesse hormônios em fúria, porque ela tinha.

Ela só não estava com uma pressa enorme.

Um monte do tempo de Julie era engolido pela quantidade exorbitante de trabalhos escolares que tinha. Ela estava se matando para se manter a par, e estava sendo recompensada com excelentes notas. Mesmo sua aula de cálculo ia melhor do que ela esperava, e Matt tinha ajudado mais do que algumas vezes sempre que ela precisava. Para alguém intelectualmente tão presunçoso, ele era um surpreendentemente bom professor, e muitas vezes eles estudavam juntos durante a noite. Até agora, ela não tinha encontrado qualquer oportunidade para ajudá-lo com nada, é claro, mas poderia manter a esperança de que podia haver uma ocasião em que Matt ficaria perplexo.

Julie não estava com muitas esperanças nesse quesito.

Ela esticou os braços acima da cabeça e bocejou. Eram apenas dez horas, mas ela estava desgastada. Aquela viagem para casa dificilmente fora energizante.

Ela apagou um pouco mais de mensagens e, em seguida, viu que tinha uma de Finn. Julie e Finn tinham estado em contato regular ao longo dos últimos meses.

Na verdade, ela olhava para o e-mail mais frequentemente do que gostaria de admitir. Ele gostava de receber suas atualizações sobre Celeste, e ela gostava de todas as fotos legais das suas viagens.

Ela leu seu e-mail, porque estava bastante confiante de que Finn não ia convidá-la para uma festa chata, fazê-la vestir uma roupa de feriado ou fazer proselitismo sobre por que aqueles que estão em situação de pobreza merecem o que têm.

Julie,

Espero que a sua viagem para casa esteja indo bem! Estou nas Ilhas Cook.

Fan-loucamente-tástico aqui!

Queria lhe dar um aviso: ouvi dizer que o Pôster do Finn sofreu uma lesão no outro dia. Nada grave, no entanto. Algo a ver com Matt, um ferro a vapor e gritos maníacos de: “Não há vincos permitidos nesta casa! Você pode ser pôster, mas ainda não é suficientemente liso para esta família!”. De todos os relatos, Querido Matt teve uma alarmante e, felizmente,

temporária reação ao tradicional Porco Mooshu de Ação de Graças. Celeste bateu na cabeça dele com uma sombrinha da LL Bean e ele voltou ao seu estado normal. Acho que ela deveria bater nele novamente, mas esta é apenas a minha opinião.

Finn

Era evidente que a família Watkins tinha desmoronado na ausência dela.

Finn,

Ohio é... não é ótimo, na verdade. Os parentes estão me deixando louca. Ação de Graças foi um pesadelo. Passei vinte minutos ouvindo meu primo mais velho reviver algumas comédias stand-up de rotina da Comédia Central (sem graça e de comunicação inferior), tentando fazer com que a minha tia se interessasse no que eu estava lendo na minha aula de inglês (nível do fracasso alto), observei o papel do peru ficar em chamas (um sinal de feriado adequado para sinalizar bom gosto) e insultei verbalmente meu tio ofensivo (bem merecido) em uma cena explosiva que vai viver na memória pelos próximos anos. Mal posso esperar para voltar a Boston por um milhão de razões. Preciso voltar ao normal.

Vou avaliar os danos ao Pôster do Finn e repreender Matt por sua explosão. Como estão as Ilhas Cook? O Sul do Pacífico deve ser incrível. Alguma chance de você estar acordado agora? Eu preciso de alguém normal para conversar. Não sei que horas são aí...

Julie

Dois minutos depois, ela teve resposta.

Julie,

Eu estou acordado. Estou a cinco horas a mais que você. Ligue o chat do Facebook!

Finn

Oh. Por conversar ela não tinha realmente se referido como no chat de mensagens instantâneas. Ela não trocava mensagens com alguém há séculos. Não só ela agora se sentia tão longe de sua antiga vida, mas também odiava todo o IM e mensagens de texto e abreviaturas de siglas. Ela era uma esnobe assim e sabia que estava numa minoria de pessoas da sua idade.

Como ela deveria saber que NMCN significava Não me cite nisso? E essa porcaria como CUL8ER, que ela nem imaginava o que era? Eca. Era tudo tão bonitinho e brega. Xau? Sério, é só dizer adeus como uma pessoa normal. Ok, é verdade que ela usava o ocasional LOL e WTF, mas tentar traduzir uma frase inteira que tinha sido abreviada em algumas letras era mais do que ela queria fazer. Julie suspeitava que bilhões de células cerebrais estavam sendo mortas a cada momento que pessoas encurtavam a linguagem em código indecifrável. Por mais que ela amasse tecnologia, este tipo de linguagem era o ponto alto da sua irritação. E agora ela estava prestes a fazê-lo novamente com Finn. Ela teria que, provavelmente, puxar algum dicionário on-line para traduzir a conversa, mas entrou no bate-papo do Facebook de qualquer maneira.

Julie Seagle

Oi!

Finn é Deus

Oi para vc!

E então ela entrou em pânico. Bem, aquela foi uma ideia idiota. Por que ela disse conversar? O que ela deveria falar agora? Não é como se ela realmente conhecesse Finn, e ali estava ela indo em frente sem pensar e concordando com aquilo. E ela não poderia voltar atrás.

Finn é Deus

Estou preocupado com o último e-mail. Você está me qualificando como “normal”?

Julie Seagle

Apenas em comparação com a minha família.

Finn é Deus

Que alívio enorme. Menos pressão para me comportar agora.

Julie Seagle

Fique maluco. Você não pode ser tão ruim.

Finn é Deus

Basta esperar...!

Julie Seagle

Muito engraçado.

Julie bateu o pé durante uma pausa aparentemente interminável de quatro minutos. Temas, temas... Sobre o que eles poderiam falar? Ugh, aquilo foi um erro colossal. Ele provavelmente cochilou, porque ela era tão terrivelmente chata. Então, finalmente, Finn escreveu.

Finn é Deus

O que você está vestindo?

Oh. Meu. Deus. Agora aquilo tinha passado de erro colossal para violentamente alarmante. O que diabos ela devia fazer agora?

Finn é Deus

Julie? Relaxe. Estou brincando.

Julie riu. Não só ele era engraçado, mas escrevia usando palavras inteiras!

Julie Seagle

[Delete] [Delete] [Delete] estava prestes a dar-lhe uma completa descrição da minha sedutora roupa de dormir.

Finn é Deus

Oh. NÃO ESTAVA BRINCANDO! NÃO ESTAVA BRINCANDO!

Finn é Deus

Ok. Brincadeira. Conte-me mais sobre o dia de Ação de Graças aí. A primeira vez em casa deveria ter sido divertida.

Julie Seagle

Seria de pensar que sim. Grande discussão na mesa. Não ajudou que eu não quis usar o chapéu do peregrino. Estou mais acostumada a Boston do que pensava, e toda esta viagem apenas parece... perturbadora.

Finn é Deus

Mais perturbadora do que viver em minha casa? Você é, claramente, desequilibrada.

Julie Seagle

Ei! Eu gosto da sua casa. Seus pais são ótimos, Celeste é minha amiga e Matt tem sido muito legal.

Julie Seagle

Até o Pôster do Finn parece ter me aceitado.

Finn é Deus

Choro Medo real da família ter sido sequestrada e substituída por clones bem comportados. Tragédia. Desfrute da nova mamãe clone!

Julie Seagle

Sinto muito pela sua perda, mas a diferença entre nossas mães? Sua mãe clone me deu acesso à informação incrível de Harvard, e minha mãe duplicou a exibição de pilhas de feno na frente.

Finn é Deus

Garota de sorte. Eu pegaria o feno e correria.

Julie Seagle

Há-há! Não seja malvado.

Finn é Deus

Vou colocar desta maneira: Erin não é tão perfeita quanto você pensa.

Julie Seagle

Será que ela faz você usar chapéu nos feriados também?

Finn é Deus

Ela tem uma estratégia diferente para nos torturar.

Julie Seagle

Sério? Eu tenho mais em comum com ela do que com a minha própria mãe.

Finn é Deus

Isso é uma coisa horrível de se dizer sobre si mesma. As aparências não são tudo. Caso

em questão: um verão, quando eu estava num acampamento, fiz um projeto de arte. Ela passou a semana dizendo o quão estranho era que eu tinha feito uma escultura de madeira pra ela que dizia: “WOW”.

Julie Seagle

???

Julie Seagle

Oh, espere um minuto...

Finn é Deus

Sim. Ela tinha deixado de cabeça para baixo. Isso supostamente era para se ler “mãe” em inglês.

Julie Seagle

Sinto muito, mas isso É engraçado!

Finn é Deus

Essa é a minha mãe para você. Eu acho que ela ainda a tem. E está, provavelmente, ainda sob a impressão errada.

Julie Seagle

Oh, meu Deus. Meio doce de um jeito trágico.

Finn é Deus

E seus pais? Ama-os ou quer enviá-los de volta para o Walmart?

Julie Seagle

Costco, na verdade. Mamãe é ok. Com um pouco de... falta de profundidade, talvez? Mas legal. Papai não está muito perto.

Finn é Deus

Onde ele está?

Julie Seagle

Eles se divorciaram quando eu tinha 5 anos e comecei a vê-lo somente algumas vezes por ano desde então. Ele trabalha por todo o país e é difícil encontrar tempo para vê-lo.

Finn é Deus

Lamento ouvir isso. Você merece coisa melhor.

Julie Seagle

Não é grande coisa. Eu estou acostumada com isso. E é ótimo quando o vejo.

Finn é Deus

Quando você volta para Boston?

Julie Seagle

Manhã de domingo. O voo é realmente cedo. Em casa meio-dia, eu acho.

Finn é Deus

Você está chamando de “casa” agora?

Julie Seagle

Ãh... Aparentemente.

Julie Seagle

Quanto tempo você ficará no Sul do Pacífico? Soa tão exótico.

Finn é Deus

Provavelmente três semanas. Só cheguei aqui no último domingo.

Experiência exótica começou cedo, enquanto estava no loooooongo voo. Comi uma refeição distinta de queijo fermentado sobre biscoitos.

Julie Seagle

Hummm... Gostoso!

Finn é Deus

A sobremesa foi ainda mais exótica: uma massa congelada de pudim de arroz. Ainda posso sentir o gosto!

Julie Seagle

Agora você só vai continuar reservando voos por todo o mundo.

Finn é Deus

Eu vivo para comida de avião. Nada me deixa mais excitado do que pequenas porções de lapaçal em uma bandeja. E talher, é claro.

Finn é Deus

Amo talher!

Julie Seagle

Estou tomando nota dos seus fetiches.

Finn é Deus

Vai ser uma longa lista.

Julie Seagle

Entendido. Diga-me a melhor coisa que você fez nessa viagem até agora.

Finn é Deus

Pulei de Bungee jump. Muito impressionante.

Julie Seagle

Ugh. Eu JAMAIS faria. Como foi isso?

Finn é Deus

Absoluta aceleração. Fenomenal. Você não é uma aventureira?

Julie Seagle

De jeito nenhum. Totalmente covarde. Eu quase desmaio em escadas rolantes. Que outras coisas loucas você fez?

Julie Seagle

Oh, deixe-me adivinhar! Aquelas camisas de paraquedismo que eu vi são suas?

Finn é Deus

Sim. Quer ir algum dia?

Julie Seagle

Hum, deixe-me pensar... NÃO!

Finn é Deus

Vamos lá! Você vai adorar. Talvez. Não é nada como uma escada rolante.

Julie Seagle

Mais uma vez, NÃO!

Finn é Deus

Mas não diga aos meus pais. Eles não sabem sobre minhas atividades de risco.

Julie Seagle

Sério?

Finn é Deus

Eles ficariam loucos.

Julie Seagle

Entendido. Lábios estão selados.

Finn é Deus

Eu quero fazer bungee jumping na América do Sul na próxima. Perto das cachoeiras. Deve ser lindo.

Julie Seagle

Tantos bungee jumping para fazer. Parece que eu não vou chegar a conhecer o renomado Finn tão cedo.

Finn é Deus

Provavelmente, não. Bastante comprometido por um tempo. Vamos ver.

Difícil passar estas oportunidades. Será bom conhecê-la, no entanto. Mas pelo menos podemos conversar agora!

Julie Seagle

Verdade. E eu meio que sinto como se já te conhecesse. Estranho.

Finn é Deus

Eu sei o que você quer dizer.

Julie Seagle

Acho que é porque estou ficando no seu quarto e absorvendo as vibrações de Finn.

Finn é Deus

As vibrações do cocô fedido do monstro no armário? Sim, é isso.

Julie Seagle

Então esse é o cheiro desagradável. Eu tenho me perguntado.

Finn é Deus

Desculpe. Os meninos são nojentos.

Julie Seagle

Nem todos os meninos.

Finn é Deus

Se eu soubesse que você iria ficar em meu quarto, teria me esforçado mais para causar uma melhor impressão.

Finn é Deus

Irei trabalhar em reforçar minha imagem!

Julie Seagle

Não é necessário. Você é muito encantador.

Finn é Deus

Você não precisa de fotos de mim num smoking, limpo, tentando parecer suave e apresentável?

Julie Seagle

Eu não preciso de smokings para ser impressionada.

Finn é Deus

Hum...

Finn é Deus

Do que você precisa?

Julie Seagle

Ainda estou tentando descobrir.

E assim foi durante as duas horas seguintes. Finn mandou uma mensagem de mais fotos

dele, deu mais detalhes sobre suas muitas viagens e perguntou muitas coisas sobre suas aulas, sua família, seus amigos. Ela não mencionou Seth porque... Ah, Finn não perguntou especificamente. E ela não sabia exatamente onde estava com Seth, então não havia muito a dizer agora de qualquer maneira. Ele era um namorado de verdade? Ou eles estavam apenas namorando casualmente?

E, sim, ela manteve a paquera. Porque era inofensivo e divertido, e, sinceramente, ela simplesmente não podia evitá-lo.

Havia algo extraordinariamente inebriante sobre o Finn.

Finn é Deus

Ok, então o Ação de Graças não funcionou tão bem para você. Férias de inverno? Será que vai ser um passo à frente?

Julie Seagle

Claro. Mas eu vou estar na Califórnia com meu pai por três semanas, por isso vou perder as meias da mamãe e árvores e luzes.

Julie Seagle

Estátuas de renas iluminadas no gramado, Noel bêbado no shopping, coleções de canções de natal de popstars lançadas etc. O que mais uma garota poderia desejar?

Finn é Deus

Espere um pouco. Você é antinatal?

Julie Seagle

Nah. Brincadeira! Eu amo o Natal. Mamãe decora toda a sala de estar com luzes brancas brilhantes e coloca velas verdadeiras na árvore.

Julie Seagle

Na véspera de Natal, deslizo sob a árvore e olho através dos ramos para as luzes. Piegas, mas minha tradição.

Finn é Deus

Você fica lá e faz um desejo para o novo ano?

Julie Seagle

Exatamente. Bobo, eu acho.

Finn é Deus

O que você deseja?

Julie Seagle

Depende do ano. Poderia ser casar com um estúpido ídolo adolescente.

Julie Seagle

Ou ficar presa numa ilha deserta com o Príncipe Encantado e um suprimento infinito de

protetor solar.

Finn é Deus

Portanto, sua tradição de Natal é centrada em meninos bonitos, né?

Julie Seagle

Eu nunca disse que elas eram nobres fantasias.

Finn é Deus

Oh, agora elas são FANTASIAS? Então, você precisa ficar sozinha para essa tradição, eu acho... cof, cof

Julie Seagle

Muito engraçado. Eu fico com “sonhos” então. Não apenas sobre meninos bonitos (embora eu ache que tenha sido um tema), mas mais sobre estar... Não sei... geralmente satisfeita. Contente. Completa. Não sei... Parece bobo quando digo isso. (Ou digito.) **Julie Seagle**

Sonhar com o futuro. Me perguntar o que tem pela frente para mim. Coisas idiotas de adolescente. Brega.

Finn é Deus

Não é idiota. Eu acho que é muito legal.

Julie Seagle

Muito legal até cera quente cair dos galhos e queimar meus olhos. O que realmente aconteceu. Velas na árvore = perigo de risco de incêndio. Mas o que é um feriado sem um pouco de perigo?

Julie Seagle

Oh, olhe! Esse é o comportamento de tomada de risco que você estava procurando!

Finn é Deus

Está forçando a barra, garota.

Finn é Deus

Talvez você não seja talhada para o perigo real. Tudo bem. Nem todos os meus interesses correm o risco de cair a milhares de metros. Fiz o Mergulho Polar de Boston algumas vezes. Esse não envolve alturas.

Julie Seagle

O que é isso?

Finn é Deus

Malucos de Boston que colocam seus trajes de banho e mergulham no Oceano Atlântico no dia de Ano-Novo. Nadam muito rápido devido à terrível água fria.

Finn é Deus

Equipes novas amam essa história.

Julie Seagle

suspiro Sim, isso soa muito divertido. Infelizmente não estarei em Boston para este evento, caso contrário eu participaria.

Finn é Deus

Mentirosa! Você não faria isso! Mas é incrível. Uma droga entrar, mas ótimo sair. Um choque para o sistema no bom sentido.

Finn é Deus

Iria este ano, mas estarei no ensolarado Puerto Rico. Liderando um passeio de rafting nas águas brancas. (E bungee jumping, é claro.) **Julie Seagle**

Uhuul. Isso soa miserável. Pobre de você.

Finn é Deus

Eu sei. Difícil.

Julie Seagle

Parada em Boston antes de ir? Celeste está morrendo de vontade de vê-lo.

Finn é Deus

Eu poderia pensar numa parada.

Julie Seagle

Oh, e nós poderíamos falar sobre Celeste por um minuto?

Julie esperou. E esperou. Parecia que ele ia ser tão difícil sobre sua irmã como Matt era.

Julie Seagle

Então, Celeste... Diga-me por que ela fez o Pôster do Finn.

Finn é Deus

Não sei. Ela precisa do Pôster do Finn para neutralizar a falta de Matt?

Julie Seagle

Boa tentativa.

Novamente Julie esperou. Ela olhou para o relógio em seu computador, observando seis minutos intermináveis se passarem.

Finn é Deus

Eu não posso te dizer.

Julie Seagle

Por quê? Ela precisa de ajuda, Finn.

Finn é Deus

Você é a melhor coisa para ela.

Julie Seagle

Como sabe disso? Eu não sei o que estou fazendo.

Finn é Deus

Você está indo muito bem. Ela está feliz.

Julie Seagle

Ela não está feliz. Ela não pode estar. Ela precisa de você.

Finn é Deus

Isto é mais complicado do que eu posso explicar.

Finn é Deus

Você vai ter que confiar em mim. Eu não posso dizer mais nada. Preciso que você desista disso. Ok?

Mas que diabos? Julie olhou para a janela de bate-papo. As coisas de repente pareciam estranhas com Finn e era a última coisa que ela queria.

Finn é Deus

Por favor, não fique brava. Eu simplesmente não posso. Sinto muito.

Julie Seagle

Ok.

Finn é Deus

Então... Celeste é a única que quer me ver?

Julie Seagle

Toda a sua família quer.

Finn é Deus

Só toda a minha família?

Julie Seagle

Namorada em casa que está louca de saudade?

Finn é Deus

Talvez.

Julie fez uma pausa. Ela realmente não tinha pensado sobre essa possibilidade antes, mas, por alguma razão, não gostava da ideia de Finn ter uma namorada. Não que isso fosse da conta dela. Quer dizer, não era como se ela tivesse o direito de ficar com ciúme.

Não havia nada mais desagradável do que o efeito causado pelo esmagador ciúme, e ela não podia negar que digitar a palavra namorada tinha feito um nó no seu estômago, sua respiração tinha mudado e seu cérebro estava um redemoinho. Aquela não era a reação que ela

esperava. Ela nem conhecia Finn.

Bem, ela não poderia sair de repente, em silêncio, do bate-papo agora. Iria parecer estranho. Ela segurou as mãos sobre o teclado, desesperadamente tentando descobrir algo normal a dizer.

Que bom para você. Tenho certeza de que ela é linda. Não, isso soaria ofensivo. Porcaria. Quem era essa namorada? Nem Matt nem Celeste haviam mencionado nada sobre ela. Ela era uma modelo curvilínea da Victoria's Secret com o intelecto de uma geneticista e da força de espírito para mergulhar num precipício, eu presumo? Não. Isso era tanto desagradável como passivo-agressivo.

Finn é Deus

Mas nenhuma namorada. Então, só minha louca família que quer que eu vá visitar, eu acho. Admito uma decepção.

Julie não pôde deixar de sorrir.

Julie Seagle

Não iria reclamar se você viesse visitar. Devo conhecer o ídolo viajante do mundo, aventureiro em busca de emoção.

Finn é Deus

Nesse caso, vou fazer o meu melhor para que isso aconteça. Mas não diga a ninguém ainda, até que eu tenha certeza.

Julie Seagle

Ok. Justo.

Finn é Deus

Eu tenho que ir... Jantar em breve.

Julie Seagle

E eu deveria ir para a cama.

Finn é Deus

Legal! O que você está vestindo?

Finn é Deus

Desculpe. Esqueci que já tentei isso antes...

Julie Seagle

Impressionada com a sua persistência.

Finn é Deus

Ta-da! Eu te impressiono. Sucesso! Você totalmente fez a minha noite.

Julie Seagle

E você fez a minha.

Finn é Deus

Aproveite o resto do tempo. Realmente. Você tem sorte de ter a sua mãe.

Julie Seagle

Considerarei isso.



O som do trem acordou Julie no meio da noite. Depois de dormir sem ruído por quase três meses no bairro tranquilo de Cambridge nos Watkins, ela não conseguia mais dormir por causa do som do trem rugindo. Jogou as cobertas e se levantou. Ela estava tendo um sonho que sabia que envolviam panquecas e *sky jumping*. Não conseguia se lembrar do resto. Mas isso nunca a tinha deixado encharcada de suor e faminta. Com os olhos turvos, tropeçou ao descer as escadas em seu moletom e camiseta e caminhou até a cozinha.

— Ei, Jules. — Sua mãe sorriu calorosamente para ela. Ela estava de pé na ilha da cozinha, cercada por todas as sobras dos pratos de Ação de Graças.

— Com fome?

Julie assentiu com a cabeça e sentou-se numa banquetta.

— Leite? — perguntou sua mãe.

Julie assentiu com a cabeça novamente.

— O que você está fazendo acordada?

— Assaltando a geladeira. — Kate encheu um copo para Julie. — Como posso dormir sabendo que há toda essa boa comida justamente esperando aqui embaixo? E você, garota? Pensei que estaria exausta por ter trabalhado tanto.

Julie encolheu os ombros.

— O trem me acordou.

— Hum, isso não incomodava você há anos. — Kate despenteou o cabelo de Julie levemente. — As coisas são diferentes agora, hein? Bem, ataque. Vou esquentar um prato para você. Carne branca ou vermelha? Molho? Batatas? Feijão-verde?

— Tudo. Eu preciso de um prato com um monte de tudo. — Julie colocou o cotovelo no balcão e apoiou a cabeça na mão. — E preciso de um chapéu de peregrino para apreciar devidamente o sabor.

Kate bateu palmas alegremente.

— Eu sabia! Sabia que você ia sentir falta do chapéu! Acontece que eu tenho o seu aqui. — Ela alcançou por trás dela e agarrou o chapéu preto da mesa da cozinha bagunçada, ajustando-o sobre a cabeça de Julie com um olhar satisfeito.

— Isso realmente combina com você.

Julie abriu um sorriso.

— Eu acho que sim.

— Então... — Kate disse com casualidade forçada. — Você já falou com seu pai?

— Ele me mandou o roteiro para a nossa viagem. Mal posso esperar. Obrigada por me deixar ir. Vai ser divertido, você não acha?

— Hummm — sua mãe concordou. — Espero que sim.

— O que você quer dizer com espero que sim? Claro que vai ser divertido. Não posso acreditar que o papai tem tanto tempo para estar comigo.

— Julie, você sabe que ele provavelmente estará fazendo algum trabalho durante esta viagem — Kate disse gentilmente. — O hotel onde ele trabalha tem locais em toda a Califórnia.

— Oh. Bem, tudo bem. Quer dizer, nós ainda estaremos juntos, e isso é o que conta.

— Eu só não quero que você se decepcione. Seu pai nunca foi...

Julie sorriu. Aquela viagem realmente iria ser incrível. Ela nunca tinha ido à Califórnia e nunca tinha viajado com seu pai. Suas visitas eram, em sua maioria, confinadas a jantares quando ele estava na cidade, de modo que agora iria ser diferente.

— Ele está realmente tentando. Está priorizando. E você? Você está animada para o seu cruzeiro? — A melhor amiga de Kate, Suzanne, estava levando Kate a umas férias de catorze dias a um cruzeiro no Caribe.

— Supondo que eu não fique enjoada, acho que vai ser lindo. Não podia suportar ficar em casa durante as férias sem você. Vou sentir saudades de você, garota. Nosso primeiro Natal separadas.

— Mãe, não chore! Vou sentir sua falta também. É tão difícil para o papai encontrar tempo para me ver, e eu não posso deixar isso passar.

Kate deu uma batidinha nos olhos com o guardanapo e deu uma mordida enorme no peru.

— Então as coisas são boas vivendo na casa dos Watkins? — sua mãe perguntou com a boca cheia de comida.

— Sim. Eu gosto muito deles.

— E ainda está tudo bem com Celeste? Ela não é do tipo muito velha para uma babá? O que é isso?

— Não sou realmente uma babá. Mais como uma... — Julie se esforçou para encontrar a palavra certa. — Uma companhia.

Kate parecia confusa.

— Uma companhia? O que significa isso?

— Celeste é um pouco peculiar. — Isso era dizer o mínimo, mas Julie não tinha dito à mãe sobre o Pôster do Finn. Ela não conseguia pensar em uma maneira de explicar sem fazer Celeste parecer um caso de loucura completa. — Realmente gosto dela, mas ela está passando por uma fase difícil com os amigos. Ela age de maneira muito mais infantil do que é.

— Então você é menos uma companhia e mais um modelo a seguir.

— Huh. Eu não tinha pensado nisso assim, mas, sim. Acho que sim.

— Ela tem sorte de tê-la — disse Kate.

Julie balançou a cabeça.

— Eu tenho sorte de tê-la.



Capítulo 16

Matthew Watkins *As pessoas na minha faixa etária, escolaridade e situação financeira não apreciam generalizações ou perfil.*

Finn é o Deus *Estou pensando seriamente em te mandar se fo...*

Julie Seagle *Eu acho que quando o Twitter diz que alguém “protegeu seus tweets”, uma pequena imagem de um cinto de castidade deveria aparecer.*

Julie estava sentada no sofá da sala dos Watkins com um cobertor enrolado ao redor dos ombros. Tinha nevado muito na noite anterior, revestindo as árvores e o solo com uma capa branca nítida e deixando a cidade temporariamente pitoresca antes que os arados viessem e sujassem tudo com lama preta, arenosa. Fazia Sol e frio, e Julie gostava da sensação de ficar em casa e se aconchegar nas almofadas. Ela tinha voltado da folga de cinco dias de Ação de Graças, e suas duas aulas naquela sexta-feira tinham sido canceladas devido ao tempo. Matt também estava em casa naquele dia, mas a escola particular de Celeste, Barnaby, não cancelava as aulas, a menos que um grande desastre natural acontecesse. Erin tinha vestido roupas de neve e foi pro seu escritório, dizendo que se ela não tinha aulas para dar, poderia avaliar os trabalhos.

Na verdade, a neve tinha sido muito menos do que haviam previsto, e Julie tinha certeza de que havia pais chateados por todo o estado, que estavam presos em casa agora com seus filhos.

Matt sentou-se na poltrona em frente a ela, seus pés descansando sobre a mesa do café, enquanto digitava em grande velocidade. Julie baixou o livro em seu colo. Ela não conseguia entrar em modo de estudo naquele dia, e a ideia de se livrar do seu trabalho estava ficando

mais apelativa a cada minuto.

— Matt? Estou entediada. — Ela olhou para ele enquanto ele continuava a escrever. — Matty? — Ele não respondeu, e irritou Julie que ele pudesse ser tão focado no seu computador que o resto do mundo deixava de existir. Julie pegou seu notebook da mesa. Ela teria que ter uma abordagem diferente. E-mail.

Caro Matthew Watkins,

O que você está fazendo? Estou entediada. Vamos construir um boneco de neve. Ou uma... uma... uma fórmula de neve de campo magnético!

Atenciosamente,

Julie Seagle

Julie sentou-se e esperou até que o e-mail de Matt soou. Ao contrário do restante do mundo, ele não pulou para ver qual Príncipe nigeriano lhe deixara milhões de dólares, ou que empresa tinha uma oferta especial prometendo a ele ganhar pilhas de dinheiro em sua próxima encomenda de produtos masculinos.

Talvez ele não precisasse de nenhum deles. Bem, bom para ele.

— Você não vai verificar o seu e-mail? — ela perguntou em voz alta.

— Por quê? — ele murmurou.

— Pode ser um convite para falar em algum evento matemático emocionante. Ou o grande-amor-perdido da sua vida escrevendo para dizer que ela está desesperada para reconquistar o seu afeto.

— Eu tenho certeza de que são as duas coisas — Matt disse, mas ela o viu clicar no *touchpad*.

Ela observou-o enquanto ele lia a mensagem, inexpressivo, e então digitou por poucos segundos. Agora seu e-mail soou.

Cara Julie Seagle,

Embora haja um número de encantadoras fórmulas magnéticas para escolher, tenho preocupações com a construção de um conceito. Eu estava pensando em algo mais ao longo das linhas de reproduzir o Grande Colisor de Hádrons.

Você está dentro?

Atenciosamente,

Matthew Watkins

Julie soltou um suspiro exagerado.

Caro Desagradável Número Um,

Vou cumprir a sua contraoferta do Grande Colisor de Hádrons e recrutá-lo à adição de um Clive Owen de neve.

Você está dentro?

Pouco menos sinceramente,

Julie Seagle

P.S.: Desculpe. Tenho certeza de que você não sabe quem é Clive Owen. Basta brincar junto.

P.P.S.: Só porque você está com esse moletom volumoso por cima não significa que eu não sei que está vestindo uma estúpida camiseta nerd debaixo dela.

Matt leu seu e-mail sem olhar para cima e sorriu.

Cara Assessora de Vestuário,

Estou dentro.

Ainda sinceramente,

Matthew Watkins

P.S.: Eu não tenho uma “estúpida camiseta de nerd”.

Julie marchou até Matt. Ela ficou na frente dele e cruzou os braços.

— Levante o seu moletom.

Matt revirou os olhos.

— Deus, você realmente sabe como excitar um cara.

Julie não se moveu.

— Se eu estivesse tentando te excitar, poderia fazer melhor do que isso. Agora, levanta o seu moletom.

Matt olhou para ela e tentou parecer sério.

— Julie, estou completamente ofendido que você tem tão pouca fé na minha honestidade. Pensei que neste ponto da nossa amizade você iria pelo menos...

— Levanta. — Julie inclinou-se e fechou o notebook. — Levanta! — disse ela novamente.

— Você está sendo ridícula — disse Matt rindo, mas ele se levantou. — Eu confio em você implicitamente, e não iria matá-la se você me mostrasse o mesmo respeito.

— Mostre-me!

Matt contornou a cadeira e deu alguns passos para trás.

— Você está muito mandona hoje. Duvidosa e malvada.

Julie deu um passo adiante, fazendo com que Matt continuasse recuando.

— Levante sua camisa.

— Olha, eu aprecio uma mulher agressiva, mas isso está realmente ficando esquisito.

Julie pegou sua blusa pelos punhos e a levantou com uma mão, enquanto puxava a camiseta dele com a outra. Matt colocou as mãos sobre a dela, levemente protestando, mas ela

se recusou a permitir.

— A-há! — Ela olhou para sua camisa. — Ok, eu nem sei o que é isso, mas é definitivamente nerd.

As mãos de Matt ainda estavam nas dela, mas ele tinha desistido de tentar esconder sua camiseta.

— É uma representação de uma molécula de cafeína. Você deve amar isso, considerando o seu vício por essas bebidas horríveis. Embora elas não possam realmente ser consideradas como um verdadeiro café. Como você pode gostar daquilo? Um verdadeiro aficionado por café beberia expresso ou um Americano, ou...

— Não tente mudar de assunto. E não vou discutir com você sobre café de novo, a propósito.

— Não é uma discussão. Eu tenho uma opinião sobre o que você bebe, e tenho o direito de expressar o que acho que é nojento...

Julie gemeu.

— Oh, meu Deus, pare de falar!

— Então, eu deveria ficar aqui em silêncio enquanto você ridiculariza as minhas escolhas de vestuário? — Matt manteve seu olhar nela por alguns instantes antes de apertar as mãos em torno dela, empurrando sua camiseta de volta para baixo. — Não é muito justo.

Eles ficaram imóveis.

— Suponho que não — Julie finalmente admitiu. — Mas sua camisa ainda é terrivelmente brega. — Ela olhou para as mãos dele, segurando a dela contra seu peito. — Você pode ir agora.

— Oh. Claro. — Matt soltou e recuou. — Sinto muito.

O telefone da casa tocou, cortando drasticamente o silêncio.

Matt foi até a cozinha pegar o telefone, enquanto Julie sentou-se no encosto do sofá. Ela puxou o laço do cabelo ao redor do seu punho e arrumou o cabelo para trás num rabo de cavalo, observando a umidade na nuca. Os exames finais estavam se aproximando e virando a esquina, pelo amor de Deus, e ali estava ela brincando sobre o que deveria ser um dia produtivo. Ela deveria realmente usar aquele dia com neve para cumprir o trabalho.

Ela ouviu Matt pigarrear na outra sala.

— Sim. Eu estarei lá. — Ele voltou para a sala de estar. — Tenho que ir a uma reunião na escola de Celeste, de modo que as atividades de construção na neve vão ter que esperar.

Julie franziu a testa.

— Está tudo bem?

— É apenas uma reunião agendada.

— Oh, ok. — Julie pegou o livro sem convicção e depois deixou-o cair em seu colo. — Espere um minuto. Por que você está indo para a reunião? Onde está sua mãe?

— Ela esqueceu sobre isso, e, quando eles ligaram para ela, ela pediu para me chamarem. Então eu estou indo para lá. Não é grande coisa.

Julie levantou-se.

— Eu vou com você.

— Não. Fique aqui. Faça seu trabalho.

— Uh-uh. Estou indo. Passei um monte de tempo com Celeste, então eu deveria estar lá. — Ela atravessou a sala em frente ao corredor e tirou o casaco do gancho. — Vamos. Temos que tirar a neve do carro com a pá antes de irmos a algum lugar.

— Julie, realmente, você não deve vir. Vai ser uma reunião chata. Não é grande coisa.

— Eu vou. — Julie fechou o casaco e colocou as luvas de lã.

Matt não se moveu.

— Eu preferiria que não.

— Eu prefiro que sim.

— É só que...

— Pare de falar e comece a cavar. Eu estou indo.

Matt esboçou um sorriso.

— Mandona, mandona.



Julie cruzou as pernas e fez o seu melhor para não zombar do Sr. Alberta, o orientador conselheiro. “Bastardo”, ela pensou. Esse cara realmente não compreendia Celeste.

Sr. Alberta recostou-se na cadeira giratória de couro e deu um tapinha no topo da sua careca. O homem acariciou sua cabeça oito vezes até aquele momento (Julie estava contando) num tique nervoso cansativo. Julie não gostou de sua camisa xadrez verde ou sua calça cáqui enrugada, que parecia um esforço de zelo excessivo para parecer casual e acessível. Ela não caiu na dele, e não ajudava que os olhos dele ficavam correndo pela sala como se estivesse com medo de olhar para ela ou Matt. Ele devia ter medo, pensou Julie, considerando-se que estava dizendo insultos sobre Celeste a todo momento. “Tremenda dificuldade com os colegas, tanto masculino como feminino. Praticamente nenhuma tentativa de se envolver nas interações sociais e respostas inadequadas à iniciativa rara de outro aluno.” Por que ele não reconheceu uma característica positiva?

Como sobre o fato de que Celeste poderia fazer seu trabalho escolar dormindo?

Que ela era esperta como um chicote e interessante e única? Será que ele não percebia que ela estava assustada e indefesa e... e daí que ela não era como qualquer outra garota da escola? Julie não gostava daquele homem.

Sr. Alberta de repente se atirou à frente.

— O negócio é o seguinte, Matthew. A escola acha que Celeste pode não estar preparada

para frequentar Barnaby. Está ficando claro que não podemos atender às suas necessidades.

Matt estava sentado ereto, o rosto endurecido e sério.

— Suas notas são excelentes. Estelares, na verdade.

O orientador assentiu.

— Absolutamente. Não é uma questão de suas habilidades acadêmicas, Matthew. É seu desenvolvimento social que nos preocupa.

— Ela está fazendo progressos — disse Matt convincente.

— Entendo os desafios da situação sobre Finn. Com ele fora de cena...

— Conheço a situação, Sr. Alberta — Matt disse rapidamente.

— Eu realmente estava esperando falar com os seus pais sobre isso — disse o conselheiro desajeitadamente. — Dado o importante papel que você desempenha na vida de Celeste, e sua idade, concordei em me encontrar com você, mas não é como prefiro lidar com isso. Matthew, é o seguinte. Não tenho certeza do que mais podemos oferecer a Celeste. A verdade é que ela não tem amigos. Nenhum. Suas trocas sociais são significativamente estranhas, e ela mostra pouco interesse em melhorar isso. É introvertida com seus colegas e, aparentemente, funciona em outro plano. Sinto dizê-lo assim, mas este é o caso. Percebo que estamos lidando com assuntos delicados, mas estou muito preocupado com ela.

— Bem, o que você sugere que façamos? — Matthew não mudou sua postura, mas sua voz agora tinha um tom severo. — Que tal levar minha irmã daqui e trancá-la em um internato para meninas loucas? Será que isso soa como uma atraente possibilidade para você? Tenho certeza de que Celeste iria prosperar. Essa é uma boa maneira de tirá-la de sua bolha.

— Sua bolha? Oh, Matthew, essa é a forma como você vê isso? Celeste tem mais do que uma bolha. Há toda uma série de sistemas de defesa complexos e mecanismos de enfrentamento de trabalho aqui...

— Tenho uma ideia — Julie cortou. — Eu, ãh, eu acho que tenho uma ideia. Não vamos tomar quaisquer decisões precipitadas agora. Sr. Alberta, você pode lhe dar seis meses?

— Senhorita Seagle, aprecio a sua presença aqui. Realmente aprecio. Posso ver que se preocupa com o bem-estar da Celeste, mas seis meses é um longo tempo.

— Não, não é realmente um longo tempo. Ela não está machucando ninguém ou infringindo qualquer prática acadêmica de outros estudantes, correto?

Ele assentiu a contragosto.

— Então, basta dar-lhe algum tempo. Podemos conseguir que ela se mova na direção certa. Isto é tudo um problema temporário de qualquer maneira.

— Temporário? — O Sr. Alberta jogou o arquivo da Celeste sobre a mesa na frente dele. — Eu não tenho certeza de que podemos definir isso como temporário.

— Julie, vamos. — Matt levantou-se de sua cadeira e saiu do escritório.

Julie relutantemente se levantou. Ela olhou suplicante para Sr. Alberta.

— Seis meses. Muitas coisas podem acontecer em seis meses. Ela precisa de tempo.

Sr. Alberta ficou em silêncio por um momento enquanto considerava o pedido de Julie.

— Claro. Seis meses.

Julie apertou sua mão, agora nervosa consigo mesma.

— Obrigada. Muito obrigada. — Ela colocou seu casaco sobre o braço. — Celeste é realmente uma boa garota, sabia?

Ele acenou com a cabeça.

— Eu sei disso. Gosto dela. É que com tudo o que se passou... me preocupo com ela.

Julie assentiu. Talvez ele não fosse um monstro, afinal.

— É melhor eu ir atrás de Matt. Obrigada mais uma vez. — Julie virou-se e correu pelo corredor, alcançando Matt, assim que ele bateu a porta da frente da Barnaby.

— Matt? Você está bem?

— Não, particularmente, não. Eu não descreveria isso como uma reunião escolar de sucesso, não é? — Ele invadiu os degraus da frente e Julie correu para ficar ao nível dele. De repente ele parou, e Julie bateu em suas costas.

— Sinto muito. — Julie esfregou o nariz.

— Espere um minuto. O que mais ele disse lá dentro? — Matt exigiu. — O que ele disse a você sobre Celeste?

— Só que eles vão dar a ela um pouco mais de tempo para se recompor. Isso é bom, certo?

— Acredito que sim. — Matt começou a andar novamente. — E que princípio de ideia é esse que você diz que tem?

— É apenas um começo, mas me ouça.

Eles chegaram ao carro, e Julie contou seus pensamentos para Matt na viagem para casa.

— Acho que é um plano terrível. Celeste nunca vai passar por isso — disse ele. Matt mudou para a estação de hard rock para que Julie tivesse praticamente que gritar para ser ouvida.

Ela olhou pela janela.

— Ela poderia — Julie disse, esperançosa. O céu tinha anuviado, e a energia que ela tinha aquela manhã estava começando a desaparecer. Ela diminuiu o volume do rádio. — Realmente. Ela pode.

— Não. — Apesar de sua firme expressão, Julie podia ouvir o medo na voz dele. — Ela é muito frágil.

— Ela é frágil, porque você a deixa ser frágil.

— Julie, você não tem ideia do que está falando. — Ele estava com raiva agora. — Você não pode nem imaginar o que ela está passando.

— Então me diga — Julie rebateu.

— Não. Algumas coisas são privadas.

— Deus, o que há de errado com vocês? Você não quer ajudá-la?

— Julie, pare. Agora.

— Por quê? Por que ninguém vai me falar sobre isso? Mesmo Finn não vai me dizer.

— Finn de novo, hein?

— Que diabos isso significa? — Julie cruzou os braços e continuou a olhar a distância.

— Você está falando sobre ele toda semana como se ele fosse algum tipo de presente para a humanidade. Em breve você terá o seu próprio Pôster do Finn, certo? Você e Celeste vão ter um fã-clubes do Finn, com o pagamento mensal da anuidade e boletins detalhando o quão fantástico ele é.

— Qual exatamente é o seu problema?

— Nada — Matt murmurou. — Você provavelmente deve ficar fora disso.

— Como é que vou ficar fora disso? Estou com Celeste mais do que ninguém. Ela precisa de alguém para ajudá-la.

— Eu sei. — Matt ligou a música de volta. — Eu sei que ela precisa.



Capítulo 17

Quando chegaram em casa, Julie se jogou no Facebook e viu que Finn estava off-line. Ela mandou uma mensagem perguntando se ele estava por perto e então permaneceu atenta à sua caixa de entrada, com a esperança de receber a resposta.

Depois de apenas alguns minutos, ele respondeu.

Julie,

Eu estou aqui. Não consigo ficar on-line no chat agora, por alguma razão.

Facebook está idiota. O que está acontecendo?

Finn

Julie queria conversar com Finn e ver o que ele pensava sobre o seu plano para Celeste. Ela escreveu de volta pra ele, explicando sua ideia.

Julie,

É arriscado. Não tenho certeza do que dizer. Vá com calma, no entanto.

Celeste passou por muita coisa.

Finn

Finn,

É o que todo mundo continua dizendo. A escola de Celeste está ameaçando expulsá-la se não vê-la melhorar socialmente etc. Estou tentando fazer o que posso, mas nenhum de vocês vai me dar qualquer informação. Estou em prejuízo, e então é isso que tenho. Ou você traz de

volta a sua bunda e me dá algumas dicas, ou pelo menos mostre algum entusiasmo pelo meu plano.

Julie

Julie,

Ok. Calma, menina. Não é algo sobre o que realmente falamos muito. Nunca, para ser honesto.

Esta conversa vai ser uma coisa de uma-única-vez, ok? Então, não vamos falar sobre isso novamente. Ugh, aqui está o básico: um tempo atrás, mamãe passou por um momento difícil. Uma grave depressão que foi ruim. Muito ruim.

E deixou-a não muito funcional. Há uma longa história que eu não sei muito sobre, mas há alguns anos ela parou com seus remédios e piorou muito.

Papai estava ocupado lidando com a mamãe, Matt estava sendo Matt, e então Celeste me via como seu salvador, eu acho. A psiquiatra provavelmente poderia lhe dar uma ideia melhor, mas há muito que vem junto com isso. Meu pai viaja tanto quanto ele pode, então ele não tem que lidar com isso, e minha mãe nunca foi exatamente uma mãe envolvida, mesmo quando estável. (Você não percebeu isso ainda? É uma alegria.) Então, quando eu parti, acho que foi forte demais para a minha irmã. Mamãe está tomando seus remédios agora, e então você provavelmente não vai pegar nenhuma crise de depressão. Por favor, não fale sobre isso com mais ninguém... isso só vai balançar o barco. O Pôster do Finn é sobre velhas feridas que estão curando. Sobre o seu apego a mim e sobre loucos pais indisponíveis.

Disse o suficiente sobre esse assunto. De verdade.

O que você está vestindo?

Finn

Finn,

Obrigada. Sei que não foi fácil para você me dizer, e significa muito o que fez. E isso explica um pouco as coisas. Nunca teria imaginado que sua mãe teve um momento tão difícil. Ela parece tão bem. Sinto muito ouvir isso. Deve ter sido muito difícil para todos vocês. Sua mãe se esqueceu de uma reunião na escola de Celeste hoje, então Matt e eu fomos no seu lugar. A escola está preocupada com Celeste, por isso estou esperando...

Bem, não sei o que eu estou esperando fazer. Conseguir que Celeste entre no mundo real? Eu vou te contando. Talvez você pudesse lhe mandar algo para o Natal, especialmente se não vai vir para casa. Algo mais fácil de carregar do que o Pôster do Finn que ela possa manter com ela? Claro, não que isso sirva para te desencorajar a voltar para casa...

Eu estou usando seis golas rolês, calças de moletom sobre jeans, três pares de meias, e um chapéu de golfe.

Julie

Julie,

Quando a mamãe usa os medicamentos, você nem percebe que ela esteve doente. E ela

trabalha muito duro para esconder sua depressão de todos.

Vou conseguir algo para Celeste. Prometo. Estarei no Tahiti, em poucos dias, e vou encontrar um bom presente lá.

Deus, eu gostaria de poder vê-la nessa roupa. Parece tão sexy.

Tenho que correr. Posso conseguir conversar mais tarde hoje à noite, se eu conseguir ficar on-line. Onze no seu horário?

Finn

Finn,

Pensei que você estivesse indo para a América do Sul após as Ilhas Cook. Eu não consigo te acompanhar!

Estarei on-line.

Julie

Ela estava indo para um jantar mais tarde com Seth e sabia que estaria em casa lá pelas dez. Esperava ir para a cama num horário razoável. Mas não se importava de ficar acordada até de madrugada, pois mensagens com Finn valiam a pena a privação do seu sono. Ele era divertido e uma boa distração dos seus exames finais. Além disso, ele era agora o único dando a ela todas as informações sobre Celeste, mesmo que fossem escassas.



As estradas eram claras o suficiente para que Julie se sentisse bem, dirigindo à loja de ferragens. Mesmo que ela geralmente detestasse dirigir na neve e no gelo, certamente não estava prestes a pedir a Matt para levá-la depois que ele agiu de forma bem detestável.

Evidentemente, ele estava chateado sobre Celeste, mas isso não significava que tinha que ser tão babaca. Ele não podia ter mesmo uma conversa sobre sua irmã sem ficar todo estranho: ou era rude ou mau, ou então ele desviava por todo o lugar, até que ela desistisse de perguntar.

Julie dirigiu-se para as escadas.

— Estou indo para a loja de ferragens. Volto daqui a pouco — ela disse na direção do quarto de Matt. — Não que você se importe — acrescentou num suspiro.

Ela chegou à porta da frente antes de ouvir os passos de Matt do seu quarto e descendo para o primeiro andar.

— Espere! Julie, você está indo agora? Eu não sabia que você estava fazendo isso... essa coisa hoje.

— Pare de surtar — disse ela, calmamente. — Só vou comprar materiais de suprimentos. Ninguém mais vai fazer nada, então eu vou.

— Isso não é justo. Estamos tentando.

— Não, vocês estão todos estagnados. E onde estava a sua mãe hoje, hein? Isso era importante.

— Eu sei.

— Como ela poderia ter esquecido?

Matt ficou em silêncio por um momento.

— Eu não acho que ela se esqueceu — disse ele lentamente. — Ela provavelmente não queria ir.

— Oh, bem, isso é uma boa desculpa!

— Não estou dizendo que é. É apenas a maneira que as coisas são.

— Outra grande desculpa!

— Julie? — Matt segurou a porta quando ela a abriu.

Ela virou de repente.

— O quê? O que é, Matt? — ela questionou. — Se você tem algo a dizer, então diga. Se você quiser ajudar, ajude. Se não, fique fora disso.

— Eu só queria dizer obrigado — ele disse suavemente.

— Ah. — Ele não estava sendo horrível agora. — Não me agradeça ainda.

— Obrigado por tentar.

Julie olhou para ele.

— Claro que sim.

— Você quer que eu dirija? As estradas não estão boas — ele ofereceu.

— Você vai se comportar ou vai ter um ataque cada vez que eu colocar algo no carrinho de compras?

Matt sorriu.

— Vou fazer um grande esforço para me comportar. Pode ser?

— Não resmungue, não franza a testa, nenhum gesto de desaprovação ou palavras de qualquer tipo. De fato, não fale nada.

— Sabe quantas vezes você já me disse para parar de falar hoje?

— Sabe quantas vezes mais eu poderia te dizer isso?

— Você quer que eu dirija ou não?

— Eu quero. Você se encarregará de dirigir, e vou estar no comando das compras.

— Que horror. Que papéis de gêneros estereotipados nós estamos adquirindo — disse Matt, fingindo horror. — Os homens dirigem e as mulheres...

— Você já esqueceu a regra de não falar? — Julie marchou descendo os degraus. — Vamos lá, espertinho.

Matt se curvou formalmente e apontou a porta para ela. Ela poderia dizer que isso o estava matando, mas ele manteve sua boca fechada toda a viagem.

Ele não se encolheu sequer uma vez enquanto ela comprava, e ele mesmo ensacou os itens no caixa.

Tinha começado a nevar um pouco no momento em que saíram, e Julie estremeceu enquanto esperava Matt destrancar a porta. Demorou um pouco para ligar o carro, e então eles se sentaram por alguns minutos, esperando que o sistema de aquecimento funcionasse.

Julie respirou fundo.

— Por que você não me contou sobre Erin?

Matt se atrapalhou com o rádio.

— Contar a você o quê?

— Sobre a depressão dela. Finn me contou.

Matt fez uma careta.

— Olha, eu não quero fazer isso agora. — Ele girou o botão rapidamente, enchendo o carro com o ruído de estática e clipes comerciais.

— Matt.

— Julie, agora não.

— Ok. — Ela se recostou no encosto de cabeça e puxou o casaco com força em torno do seu corpo. — Talvez algum dia?

— Você não pode deixar nada para lá, não é?

— Vamos lá! Seria ótimo. — Ela deu um tapa leve em seu braço. — Nós poderíamos nos sentar e ter uma conversa longa e arrastada sobre qual o impacto que a depressão da sua mãe teve sobre a dinâmica da família. Depois, você pode abrir seu coração sobre sua infância angustiada, e nós analisaremos cada minuto da nuance da sua personalidade.

Pelo menos ele estava sorrindo agora.

— Isso parece tortura.

— Sério? Você não quer desvendar sua alma para mim? Chorar um pouco?

— Acho que você perdeu a aula de Introdução à Psicologia.

— Preciso praticar. Você não quer me ver falhar na minha aula, não é?

— Se isso significa evitar essa conversa nauseante, então, sim. Vou tolerar sua falha numa aula.

Julie bateu novamente em seu braço.

— Idiota.



Capítulo 18

Matthew Watkins *traz a você hoje a Segunda Lei da Termodinâmica e a letra Qua.*

Finn é Deus *Eu coloquei minha calça com uma perna de cada vez, assim como todos os outros. É a maneira que eu as tiro que me faz melhor do que você.*

Julie Seagle *Então corrida de trenó rápido é um esporte? Você se veste como um espermatozoide gigante e anda de trenó muito rápido. Isso não é atlético. Fático e sexy, sim. Mas dificilmente atlético.*

— Julie! Julie! — A voz de Celeste veio do segundo andar até a cozinha.

Julie calmamente deu outra colherada no cereal e colocou seu telefone em cima da mesa. Ela estava exausta, depois de ter ficado acordada até quase 3 da manhã trocando mensagens com Finn, mas tinha ido em frente com seu plano para o dia de qualquer maneira. Não havia sentido esperar mais.

— Julie. — Celeste desceu as escadas, e Julie tentou não recuar quando a ouviu entrar no cômodo.

— Sim? O que é? — Ela manteve os olhos no jornal.

— Não acho isso divertido.

— Você não acha o quê divertido? O fato de que você evita se contrair muito quando se exalta?

— Julie, eu gostaria que você levasse isso a sério. Tenho preocupações com o seu tom irreverente. Seu comportamento é irritante.

Julie finalmente olhou para cima. Celeste ficou ao lado do Pôster do Finn, e ao mesmo tempo que a expressão dele não mudava, ela demonstrava irritação.

— Qual seria este comportamento?

— Você afixou esta nota sem graça na boca do Pôster do Finn. Como se ele estivesse expressando um pensamento.

— Ele acha que é engraçado.

— Ele não é uma imagem, e nós pensamos que isto é desrespeitoso.

— Ele não acha desrespeitoso.

— E como você sabe o que Pôster do Finn acha? — Celeste exigiu.

— Eu passo algum tempo com ele, no caso de você não ter notado. Posso sentir essas coisas.

Celeste franziu a testa e examinou a nota em estilo bolha escrito em papel amarelo brilhante que estava presa na boca do Pôster do Finn.

— Não entendo o que esta nota quer dizer. “Eu procuro uma transformação flexível!!!”

— Ele é muito duro, você não acha? Suspeito que o Pôster do Finn gostaria de não ter sua cabeça batendo contra o teto do carro a cada vez que ele tem de entrar ou sair. E talvez ele gostasse de sentar-se corretamente em uma cadeira, sem ter que se apoiar em ângulos agudos. — Julie encolheu os ombros e olhou para seu jornal. — Ele está clamando por ajuda, e acho que devemos dar a ele. Ele está sofrendo em silêncio por muito tempo agora, sentindo dor por estar apoiado e em conformidade com mobiliário padrão. Além disso, acho que ele quer ter uma aula de Pilates.

— Este é um tom irreverente de novo — Celeste disse. — Embora você possa estar um pouco certa. No entanto, poderia ter transmitido o seu entusiasmo por esta ideia com o uso de apenas um ponto de exclamação. Três é um exagero. O que esta transformação flexível envolve?

Enquanto Julie apresentava a ideia, Celeste olhou para ela inexpressiva.

— Eu vou pensar nisso e dar minha resposta para você. — Celeste orgulhosamente levantou o Pôster do Finn do chão e saiu da sala.

— Leve o tempo que precisar — Julie murmurou. — Há apenas uma vida inteira de boa saúde mental em jogo aqui.



Julie empurrou a lâmina da faca e reposicionou o pôster do Finn na toalha grossa que ela tinha espalhado no chão da cozinha.

— Inspire e expire, Celeste. Inspire e expire.

— Pôster do Finn está repensando isso! Pôster do Finn está repensando!

— O Pôster do Finn não está repensando isso.

— Você vai cortá-lo em duas partes — Celeste disse em um tom severamente acusador.
— Essa é uma lesão bastante grave.

— Não é uma lesão. É uma modificação. Concordo que ele vai ficar muito assustado por alguns momentos. Vai ficar realmente em duas partes. Mas juro por Deus que vou juntá-lo de novo. — Julie levantou o material que ela tinha comprado no dia anterior.

— Vê essas dobradiças? Elas vão uni-lo, assim como nós falamos. Então, ele pode ser dobrado na cintura. Ele pode até mesmo dobrar ao meio, que é um truque muito bom para festas, se quer saber.

— O Pôster do Finn não participa de festas.

— Ele poderá depois disso. — Julie empurrou a régua de metal contra o papelão e verificou a linha de corte novamente. Ela colocou a lâmina na extremidade do recorte. — Você está pronta?

Celeste se afastou de Julie.

— Acho que vou ficar desse lado da sala e virar as costas para você.

— Tudo bem — Julie concordou. — Por que você não fala com ele enquanto eu trabalho?

— Falar com ele sobre o quê, exatamente?

— Tranquilizá-lo. Diga-lhe que tudo ficará bem. Que ele vai ser mais feliz a longo prazo. Coisas assim. Ok, aqui vou eu. — Julie apertou a lâmina na cintura do pôster do Finn e fez um corte em toda a largura. — Comece a falar, Celeste! — Ela começou a refazer a linha, afundando a lâmina mais ainda no papelão.

— Este é um grande dia para aumentar a flexibilidade! — Celeste gritou convincente. — Pense em todas as coisas que será capaz de conseguir, Pôster do Finn!

— Ele está indo muito bem. Continue! — encorajou Julie.

— Hum... Foi uma ideia estúpida de Julie, e você será a responsável se esta cirurgia terminar em tragédia!

— Muito engraçado. Tente novamente. Diga-lhe que este é um passo importante e necessário para o seu desenvolvimento. Que ele vai agradecer por ajudá-lo a se adaptar aos outros. Este é um momento difícil, mas você está aqui para ele e vai superar isso. — Julie terminou o corte e separou o Pôster do Finn em duas partes. Ok, mesmo ela teve que admitir que isso foi muito estranho. — Pronto!

— Você fez isso? Ele foi dividido? — A voz de Celeste tremeu. — Depressa. Julie, depressa. Por favor!

— Eu fiz. Não olhe. — Ela pegou a chave de fenda e um conjunto de dobradiças. — Seu menino aqui precisa saber que você o apoia nesta etapa, Celeste.

— Ok, ok... Pôster do Finn? Eu apoio essa modificação?

Julie podia ouvir o ritmo da respiração de Celeste do outro lado da sala.

— Com um pouco mais de convicção, por favor.

— Eu apoio essa modificação!

— Diga que você vai ser o seu pilar de força! — Julie afirmou.

— Isso é um clichê besta, e eu não vou dizer isso.

— Então use suas próprias frases — Julie disse, enquanto ela continuava apertando as dobradiças de metal.

— Isso é difícil. Não consigo pensar na coisa apropriada a dizer. — Celeste soltou um frustrado som gutural que fez Julie pestanejar. — Ajude-me. Você fala com ele.

— Oh, Pôster do Finn, meu querido. Isso não é nada para ficar todo estressado. Percebo que você está tendo uma reação compreensivelmente nervosa com este procedimento simples. Só porque você quer isso, não significa que seja fácil. Você está indo muito bem. Muito menos reclamador do que a maioria das pessoas na sua situação. Realmente. Estou muito impressionada.

— Julie, apresse-se. Você tem que se apressar.

— Quase pronto, garota. Só mais um minuto, e... Ta-da! — Julie se ajoelhou e examinou seu trabalho. Nada mal para alguém que mal conseguia identificar a maioria das ferramentas. — Quer vê-lo?

Ela levantou o Pôster do Finn para ficar de pé e virou o pequeno mostrador semicircular que tinha colocado na parte de trás para evitar que ele desabasse em momentos inapropriados.

Celeste virou-se e olhou para o Pôster do Finn com cautela. Depois de alguns instantes, o rosto se suavizou.

— Na verdade, gosto bastante de sua aparência. É como se ele estivesse vestindo uma fivela de cinto. Talvez você pudesse ter escolhido ouro, mas a prata não é terrível.

— Oba! Você está se contraindo e se preocupando com moda!

— Eu realmente tenho isso? Fico me contraindo? Ninguém nunca mencionou isso.

— Você tem. É um pouco bonito, às vezes. Você parece com o Matt. Mas pode querer aliviar um pouco. Ia fazer você parecer mais relaxada e casual. Confortável.

— Vou tentar prestar mais atenção. Quer dizer, eu vou tentar.

Julie inclinou o Pôster do Finn para frente e para trás algumas vezes na cintura.

— Olha! Ele está se exercitando, não é? Ou praticando para pegar moedas na calçada. Oh, meu Deus, ele é um pão-duro, não é? Que qualidade repugnante.

— Ele não é um pão-duro. — Celeste abriu um sorriso. — Ele é conservador. Pensativo.

— É mesmo? O Natal está chegando. Espero grandes coisas. — Julie tirou uma mancha de seu braço. — Se esta história de dobradiça der certo, talvez possamos adicionar outras mais tarde? Nos braços, pernas, pescoço?

Celeste examinou o local que Julie tinha apagado.

— Não vamos nos entusiasmar demais.

— Vamos lá. Vamos levá-lo para um teste. Siga-me.

— Para onde estamos indo?

— Apenas siga-me. — Julie subiu o segundo andar, com Celeste e Pôster do Finn logo atrás dela. Ela bateu na porta aberta de Matt. — Olá! Você tem visitantes!

Como de costume, ele estava sentado na frente de seu notebook.

— Ei. — Matt parecia cansado, mas seus olhos se arregalaram quando Celeste carregou o Pôster do Finn no quarto. — O que está acontecendo aqui?

— Pôster do Finn ampliou seu repertório de possíveis poses. — Julie pegou o Pôster do Finn das mãos de Celeste e sentou-o na cama de Matt. — Agora vocês dois podem sair e jogar conversa fora sem se sentir socialmente desconfortáveis porque você está sentado, enquanto ele está sempre de pé.

Matt olhou para a figura em sua cama.

— Sim, isso vai ser muito menos socialmente desconfortável. Celeste, você está bem com isso? Esta, hum, alteração?

— Eu estou. O que você acha que o pai vai dizer?

Julie sentou-se ao pé da cama.

— Vai ser a primeira coisa que ele vai falar quando voltar de sua viagem hoje à noite. Ele vai se orgulhar do Pôster do Finn. Assim como a sua mãe.

— Se ela perceber — Matt acrescentou em um tom monótono suave.

— Então, talvez — Julie começou hesitante —, você estaria disposto a sair com Pôster do Finn de vez em quando se Celeste e eu quisermos sair sozinhas e fazer coisas de mulher?

Celeste endureceu.

— Espera, você nunca disse...

— Só avaliando as opções já disponíveis — disse Julie. — Você pode fazer isso, certo, Matt? Em caso de necessidade.

— Eu acho que poderia fazer isso — Matt concordou, fazendo nada menos do que um trabalho espetacular de esconder sua relutância. — Qual é a taxa de remuneração?

Julie sorriu.

— Há uma escala dependente do seu entusiasmo. Até o momento, você está na taxa de um centavo por hora.

Celeste cruzou os braços.

— Vocês terminaram de se divertir?

— Eu não sabia que tinha começado. — Matt se levantou de seu assento. — Você está pronta para o almoço, Celeste?

— Claro. Você vai fazer ovos e sanduíches de queijo?

Matt assentiu com a cabeça e passou por Julie.

— Tudo o que você quiser.

— Matt! — Julie assobiou.

Ele virou-se para trás, confuso.

— O quê?

Julie jogou as mãos para cima.

— Nada.

Ela ficou para trás no quarto de Matt enquanto desciam as escadas. Deus, ela tinha feito apenas um passo na direção certa com essa coisa das dobradiças, e Matt continuava agindo como se sua irmã tivesse 6 anos de idade. Sério, Celeste poderia fazer o próprio almoço.

Que maneira de inspirar confiança, Matt.

Será que alguém poderia deixar aquela garota crescer?



Capítulo 19

— Olá, Seth. — Julie colocou o telefone na curva do pescoço dela, enquanto dobrou uma camiseta e acrescentou sobre a pilha de roupa limpa em cima da cama.

— Ei, você. Sinto como se não tivesse falado com você nas últimas semanas. — Seth soou doce, mas ela podia detectar uma ponta de frustração.

— Eu sei. Com as provas finais se aproximando, estou cheia de coisa pra fazer. Desculpe que eu não liguei de volta ontem.

— É, já estamos no meio de dezembro, e você está indo viajar por três semanas em breve. Eu estava esperando que pudéssemos sair um pouco mais antes, então. Você sabe, um pouco de tempo sozinhos? — Julie poderia dizer que ele estava sorrindo agora.

— Você quer dizer que não teve tempo suficiente comigo e Celeste no café? — brincou ela. — Você não acha que isso é romântico, sexy e ardente?

— Por mais que eu goste muito de ver você suar sobre as atribuições de cálculo, e eu ser igualmente apreciador das avaliações detalhadas e implacáveis de Celeste sobre minhas habilidades de cuidar das bebidas, eu mataria por uma noite a sós com você.

Julie abriu a última gaveta da cômoda e, em seguida, pegou uma pilha de roupas dobradas.

— Sem problemas. Que tal hoje à noite?

Seth gemeu.

— Não posso. Preciso fazer um grupo de estudo para uma das minhas aulas de Ciências

Políticas. Amanhã? Além disso, a sexta-feira é a melhor noite para encontros de qualquer maneira.

— Por mim está tudo certo.

— Venha por volta das sete e eu vou fazer o jantar.

— Ok, vejo você depois. — Ela jogou o telefone e foi guardar suas roupas na gaveta. As camisas de Paraquedismo de Finn estavam na parte inferior. Ela pegou a camisa que estava escrito “Não se esqueça de puxar a corda”.

Sem pensar, ela levantou-a para o rosto e inalou.

— O que você está fazendo?

Julie se virou. Aquela era a primeira vez que ela ouvia Matt rir incontrolavelmente. Ela sentiu-se corar, mas jogou a camisa nele.

— Eu encontrei algumas das roupas de Finn aqui e queria ter certeza de que não estavam fedorentas e sujas. Eu vim da lavanderia e não preciso das minhas coisas limpas ao lado de coisas fedorentas de meninos.

— Aham. Se é o que você diz. — Ele jogou a camisa para ela.

— Cale a boca! — Julie revirou os olhos.

— Se você quer sentir o cheiro das roupas de Finn, fique à vontade. Acho que há um par de suas botas velhas no sótão. Você quer que eu pegue? Tenho certeza de que ainda vão ter um bom perfume de Finn. Acredite em mim, o talco para os pés nunca funcionou nos pés do meu irmão.

O telefone de Julie tocou novamente.

— Síndrome do irmão do meio — ela murmurou enquanto estendeu a mão para atender. — Olá?

— Eu mal posso esperar para vê-la — disse Seth. — Eu só queria dizer isso. Tenho que correr. Tchau!

Ela sorriu e desligou, enquanto Celeste passou por Matthew e mostrou os dedos para Julie.

— Meu esmalte está lascando. Posso refazer minhas unhas?

— Claro que sim. Pode pegar a cor que quiser. Você sabe onde o material está.

Celeste ligou o rádio, pegou o saco de esmaltes e se sentou na ponta da cama.

— Ei, Celeste — disse Matt. — Isso veio para você mais cedo. — Julie não tinha notado que ele estava segurando um envelope de Sedex na mão. — Veio de Finn.

Celeste largou o saco e lentamente levantou a cabeça.

— Finn me enviou alguma coisa?

— Sim, querida. Ele enviou. Aqui está.

Matt entregou o pacote para sua irmã e, em seguida, saiu do quarto.

Julie afastou as duas cestas de lavanderia para chegar até Celeste, que estava sentada em silêncio sorrindo para o item em suas mãos.

— Abra! Abra!

— Ah. Claro. Como foi que ele... Eu não posso... Eu não posso acreditar que ele me enviou alguma coisa. Mas eu sabia, olha como isso veio de longe. — Ela apontou para os selos e a escrita estranha na frente. — Eu não sei como ele...

— Pelo amor de Deus, abra!

As mãos de Celeste tremeram quando ela arrancou a aba perfurada e inverteu o envelope de correspondência.

— Ooooooh, Julie, olhe.

Ela levantou um prendedor de cabelo de prata com pedras turquesa e âmbar bonitas.

— É lindo, não é? — ela perguntou sem fôlego.

— Realmente é. Isso vai ficar maravilhoso em seu cabelo. — Ela espiou dentro do envelope. — Sem cartão?

— Eu acho que sim. Tudo bem, no entanto. Você vai colocá-lo em mim?

— É claro. — Julie reuniu os cabelos grossos de Celeste na nuca. Quando ela abriu o fecho, notou algo. — Querida, olhe. Está gravado na parte de trás.

— É? — Celeste se virou, seus olhos brilhando intensamente.

— Sim. — Julie olhou para a pequena gravura. — Ele diz: o amor é uma parte da própria alma, e é da mesma natureza que a respiração celestial da atmosfera do paraíso.

Celeste sorriu.

— Finn costumava encontrar citações com a palavra celestial para mim. Isso é de Victor Hugo. É a minha favorita. — Ela se virou novamente para Julie poder colocar a fivela. — Embora Finn sempre gostasse de me importunar com citações de livros de Jean de Brunhoff. Sabe aqueles? As histórias sobre os elefantes? Rei Babar e Rainha Celeste?

— Eu conheço essas histórias. Minha mãe costumava ler para mim.

Celeste parecia energizada e iluminada pelo presente de Finn. E Julie pensava se isso diminuiria a dependência de Celeste ao Pôster do Finn, pelo menos não poderia machucar.

Julie suspirou baixinho, arrumando os cachos de Celeste. Mais cinco meses. Julie disse ao orientador em Barnaby que Celeste faria progressos significativos até maio. Mas, cinco meses, até o quê, exatamente? Até que ela se transformasse em uma típica adolescente? Julie não conseguia ver isso acontecendo, nem ela queria que acontecesse. A singularidade de Celeste não deveria ser destruída. Qual era o marcador de progresso aceitável? Quando ela abandonasse o Pôster do Finn? Quando ela tivesse um determinado número de amigos? Quando ela parasse de falar como alguém de um filme vitoriano? Bem, alguma coisa precisava mudar, e Julie percebeu que ela saberia quando isso acontecesse.



Matthew Watkins “A vida de uma pessoa nunca deve ser tão chata a ponto de inventar citações e falsamente as atribuir a pessoas famosas.” Winston Churchill

Finn é Deus DIZ PARA O QUIZ “QUAL O GOSTO DO SEU CÉREBRO” DO FACEBOOK. ENVIAR CÉREBRO PARA EU COMER. PS: EU NÃO SOU UM ZUMBI.

Julie Seagle *Se você não consegue parar de pensar sobre a atualização de alguém, isso é chamado de “estado de apego”.*

Julie foi de carro para o seu encontro com Seth. Milagrosamente, ela conseguiu encontrar uma vaga, mas precisou de quatro tentativas para enfiar o carro no pequeno espaço entre uma enorme caminhonete e uma van velha.

Estava congelante aquela noite, e ela se sentou no carro por um momento antes de abrir a porta. Ela só precisava de mais alguns minutos. Aquela era para ser uma grande noite com Seth. Ela sabia disso. Deveria querer ir correndo para a casa dele. Talvez ela estivesse nervosa?

Ela pegou o telefone e olhou para o e-mail. Havia uma mensagem de Dana:

Tenha uma noite ardente com Seth! E feche o negócio já! LOL!

Julie riu.

E uma mensagem de Finn.

Julie, Será que o presente da Celeste chegou? Estou segurando um lindo bilhete manuscrito que me esqueci de colocar no envelope. Eu sou um idiota. Diga a ela que sinto muito, mas que espero que ela tenha gostado do presente.

Espero que você esteja tendo uma ótima noite.

Finn

Finn,

Eu digo a ela. Ela adorou o presente. Muito gentil de sua parte. Não é o mesmo que ter você aqui, mas vai ajudá-la um pouco. Tenho que ir. Mais tarde nos falamos se você estiver no bate-papo. Embora eu esteja morta hoje, cansada de ficar acordada até tão tarde na noite passada. Você é malvado.

Julie

Ela poderia ter apenas dito que estava indo para a casa do namorado. Não havia nenhuma razão para não dizer. Mas ainda não tinha mencionado Seth, e parecia bobo fazer um anúncio dramático sobre ele.

Julie saiu do carro e caminhou até a porta da frente do prédio de Seth, seu telefone ainda na mão. Ela parou por um instante antes de tocar a campainha.

Tinha soado estúpido mencionar que falaria com ele se estivesse on-line?

Totalmente patético? Não é como se ela estivesse atrás dele nem nada, mas e se parecesse isso? Quero dizer, ela estava indo até o apartamento de outro cara para uma grande noite e

provavelmente não estaria on-line depois de qualquer maneira.

Por que ela disse isso mesmo?

A partir de agora, talvez ela devesse esperar sessenta segundos antes de enviar mensagens para Finn.

Seth liberou a entrada pelo interfone e ela parou no lobby. Julie sempre subiu pelas escadas, é claro, e nunca o elevador, mas aquela noite ela estava se sentindo corajosa. Ousada.

Ela poderia fazer aquilo. Sem desmaios dramáticos ou um ataque de pânico. Não mais sendo controlada por aquela fobia estúpida. Iria pegar o elevador como um ser humano completamente normal. Ela apertou o botão do elevador, entrou imediatamente pelas portas abertas e apertou o botão para o seu andar. Ela se encostou na parede de metal e fechou os olhos, ignorando o corrimão que apertava em suas costas. Lá estava. Não havia nada a temer. Sua visão não ficou turva, a cabine não estava girando e ela não iria cair. Na verdade, a questão elevador parecia a menor de suas preocupações agora.

Realmente não importava se Finn pensava nela de qualquer maneira, certo?

Quem se importava se ele sabia que ela queria encontrá-lo à noite on-line?

Que ela não ia fazer, de qualquer maneira, porque estaria ocupada. Finn era apenas um garoto que ela provavelmente nunca iria encontrar. Um rapaz para o qual ela enviava e-mail e conversava. Talvez ele estivesse on-line naquele dia, talvez não estivesse. Não importava porque ela não estaria livre. Ela tinha coisas importantes a tratar. Com Seth. O namorado dela.

De repente, o elevador fez uma parada dura, fazendo com que Julie tropeçasse. Ela pegou o corrimão e congelou. As portas não se abriram. Ela sabia que não tinha ficado no elevador o tempo suficiente para ter chegado ao andar de Seth.

Talvez algo o tivesse feito acelerar em um minuto, e o elevador teria magicamente terminado sua viagem para cima? Julie xingou e bateu em todos os botões no painel, menos um.

A última coisa que ela tinha vontade de fazer era pressionar o botão vermelho desagradável que iria fazer soar o alarme. Isto é o que ela ganhava por ser uma aventureira. Ela ligou para Seth.

— Onde você está? Eu não acabei de abrir para você entrar? — perguntou ele.

— Sim, estou no prédio — ela concordou. — No elevador.

— Bem, se apresse e venha aqui. Eu estou com o jantar pronto, um pouco de vinho servido, velas acesas. O pacote completo.

— Isso parece muito bom.

— Eu vou ser honesto. Estou tentando seduzi-la, Sra. Seagle.

Julie olhou para o chão sujo, focando sua atenção em uma mancha em particular.

— Isso pode ser complicado.

— Por quê?

— Porque estou presa no elevador. E parece estar ficando menor a cada minuto aqui.

— Eu estou indo.

Gotas de suor estavam começando a se acumular em seu couro cabeludo, e seu estômago estava contraído. A caixa de metal com sua iluminação fluorescente era, decididamente, desconfortável, e o pensamento de que estava suspensa no ar, pelo que era, provavelmente, um cabo antigo, não era exatamente reconfortante. Era como estar pendurada sobre um penhasco ou congelada no alto de uma roda-gigante. Como é que a roda-gigante obteve o seu nome? Matt provavelmente saberia. Se ela saísse dali, poderia perguntar a ele. Se não desmaiasse e batesse com a cabeça na parede e tivesse um dano cerebral, poderia perguntar a ele.

— Julie? Julie? — Seth bateu na parte superior das portas do elevador.

— Não bata nas portas, pelo amor de Deus! Você provavelmente vai me fazer despencar para o porão! — Julie mal queria avançar nessa armadilha da morte, e não seria o namorado dela tentando tirar o que provavelmente era o último fio de metal desgastado segurando-a.

— Você está presa entre o terceiro e o quarto andar. Isso acontece de vez em quando. Acabei de ligar para o supervisor do prédio, que está chamando o corpo de bombeiros.

— Ótimo. Isso parece divertido. — Julie, cuidadosamente, se sentou no chão e colocou os joelhos no peito.

— Você está bem aí?

— Não. Eu não estou bem. Estou pirando! Não quero estar aqui. Realmente. Nem um pouco. Vou morrer a qualquer minuto.

— Hum, você quer fazer alguns exercícios de respiração profunda? Por que não tenta visualizar coisas flutuantes? Penas e nuvens e bolhas. Isso pode ajudar.

— Não, eu não quero fazer malditos exercícios de respiração profunda! Quero o corpo de bombeiros maldito para me tirar daqui.

— Julie, me escute. Vou contar até cinco e você inspira pelo nariz junto comigo. Então exale durante cinco contagens pela boca. Pronto? Um, dois...

Cale. A. Boca. Seth não era ajuda alguma. Tudo bem, ele chamou os bombeiros, mas, por outro lado, não estava ajudando a relaxar nem um pouco.

O telefone tocou, e ela percebeu que ele ainda estava em sua mão, seus dedos agora brancos de agarrar com tanta força.

Julie,

Eu devo estar on-line mais tarde, sim.

Onde você está hoje à noite?

Finn

Ah, graças a Deus. Finn! Ela verificou o bate-papo do Facebook pelo seu telefone, e ele estava on-line.

Julie Seagle

Estou presa em um elevador. Sozinha. Miserável. A ajuda está a caminho, supostamente, mas não estou gostando dessa experiência. Começando a entrar em pânico sério. Suores, tremores, visões de morte brutal.

Finn é Deus

O quê?? Oh, não! Não entre em pânico. Você esqueceu que eu sou um super-herói?

Julie Seagle

Eu tinha esquecido! Sinto-me totalmente segura agora. Ok, você voa sob o elevador e me levanta para a segurança. Pronto? Vai!

Finn é Deus

Infelizmente meus poderes voadores foram desativados porque abusei do meu status de super-herói. Desculpe. Tenho outros poderes, porém, que vão te ajudar a passar por isso.

Julie Seagle

Faça a sua melhor tentativa. Convença-me de que não estou a um milhão de metros no ar.

— Julie? — Seth chamou. — Você ainda está respirando comigo? E... inale!

— Sim — ela gritou.

— Bom! Você mantém a respiração, e eu vou te distrair. Hum... vou cantar! — Houve silêncio por um momento. — Não sei o que cantar. Ok, e quanto a isso? — Seth começou em uma versão impressionantemente alta e desafinada de “Swing Low, Sweet Chariot”. — Eu não sei por que escolhi isso. É só o que me veio à mente.

— É lindo. Continue — Julie gritou.

Finn é Deus

Você não pode fingir que não é alto, porque é.

Julie Seagle

Estes são os poderes maravilhosos que você tem? Muito obrigada. Eu me sinto um milhão de vezes melhor.

Finn é Deus

Aceite que você está lá em cima e abrace. Assuma o controle. É como quando faço paraquedismo. Realmente não amo alturas. Me assusta bastante estar naquele avião, olhando para o chão.

Mas salto porque o medo se transforma em euforia.

Julie Seagle

Eu nunca, em um milhão de anos, farei paraquedismo.

Finn é Deus

E se eu te levar?

Julie Seagle

Eu ainda estaria pulando de um avião sozinha, assim como estou sozinha neste elevador estúpido.

— Swiiiiing loooooow — a cantoria de Seth ecoou pelo prédio. — Ah! O corpo de bombeiros está aqui. Espere um pouco. Deixe-me ver o que eles dizem.

Finn é Deus

Você não estaria sozinha. Eu iria também, assim você estaria presa a mim.

Nós saltaríamos juntos.

Julie Seagle

Como isso funciona?

Finn é Deus

Você estaria na minha frente, as costas pressionadas em meu peito.

Julie Seagle

Essa parte não parece tão horrível.

Droga. Ela acabou de escrever isso? Não tinha um botão desfazer ou apagar.

Totalmente embaraçoso.

Finn é Deus

Não. Isso não parece tão terrível, não é?

Julie Seagle

Então conte-me mais.

Finn é Deus

Ok. Finja que vamos agora. Pronta?

Julie Seagle

Pronta.

Finn é Deus

Estamos no avião, e é difícil e frio. Você vê uma fita adesiva sobre as partes do interior do avião e me pergunta se saltar é a pior ideia que você já teve, mas eu lhe digo que vai ficar bem. Nós dois temos os trajes completos de paraquedismo, capacetes, óculos de proteção, rampas. A roupa está apertada, e isso lhe dá a ilusão de ser segura, estar segura. Você está cheia de emoções misturadas. Orgulho, ansiedade, exuberância, terror.

Julie Seagle

Náusea?

Finn é Deus

Isso não é uma emoção! Mas, sim, náusea.

— Senhorita? Corpo de Bombeiros de Boston aqui. Levaremos cerca de trinta minutos. Você aguenta aí? — uma voz rouca perguntou.

— Tudo bem — Julie gritou, enquanto continuava olhando para a tela pequena em suas mãos.

— Julie, você ouviu isso? — perguntou Seth. — Apenas trinta minutos. Eu sei que parece uma eternidade, mas vai passar rápido. A minha música está ajudando? Deve, pelo menos, estar fazendo você rir.

— Pare com a música! — Um dos bombeiros ordenou. — Senhorita, mesmo que tenha um pouco de barulho acontecendo, você está perfeitamente segura. Vamos tirá-la daí.

— Sem pressa — Julie murmurou.

Julie Seagle

E aí?

Finn é Deus

Sua mente está correndo. Você se lembrou de desligar o forno em casa? Seu carro precisa de uma troca de óleo. Você está sem shampoo. Por que máquinas de lavar comem meias? Será que o gosto é bom? Você deveria tentar comer meias?

Você quer saber se deve desistir, se isso foi um erro. Não disse a ninguém que estava pulando hoje, e agora, e se morrer? Você se preocupa que vai esquecer o que fazer, que não vai se lembrar de quando puxar o paraquedas. Eu lhe mostrei o altímetro. O avião é só meio caminho para onde precisamos estar, e já sente que está muito alto. Mas você não está em perigo.

Um baque forte soou e o elevador tremeu. Então ruídos metálicos ecoaram por toda a câmara. Julie fechou os olhos e não conseguia parar de gemer.

Julie Seagle

Finn, estou com medo. O elevador está tremendo.

Finn é Deus

Eu sei que está, mas estou com você. Você não está no elevador, lembra?

Você está comigo. Eu estou lá e tento empurrar seu corpo para longe do meu, lembrando que você está firmemente amarrada a mim, e que não vou deixar nada acontecer. É o meu trabalho controlar o nosso salto e meu trabalho puxar o paraquedas se você não o fizer. Você está segura. Diga-me que confia em mim.

Julie Seagle

Eu confio em você.

Finn é Deus

Estamos suficientemente alto agora, e um dos instrutores abre a porta, entra uma poderosa corrente de ar na cabine. Seu coração quase para quando começo a nos levar até a borda. Por mais que esteja com medo, você também está começando a sentir a adrenalina, a

emoção que sente de estar na beira do abismo.

O barulho acima continuou, mas Julie mal notou. A única coisa na qual conseguia prestar atenção, a única coisa que importava agora, era o que Finn estava escrevendo para ela.

Finn é Deus

Estamos a 5 mil metros agora, e, quando você olha para o chão, imediatamente tenta se afastar da porta. Você quer sair. Eu a apoio, e nós deixamos alguém saltar primeiro. Coloquei meus braços ao redor de sua cintura e a puxei, prendendo-a, permitindo que você saiba que estou com você. Digo que você consegue fazer isso, que é forte e corajosa o suficiente.

Eu digo a você que consegue fazer qualquer coisa. Então você assente e concorda em saltar. Nós nos movemos para a borda do avião novamente e fazemos uma pausa. Você cruza os braços sobre o peito e inclina a cabeça para trás em mim como eu te ensinei. Começo a nos balançar, preparando-nos para saltar. E então nós vamos.

O coração de Julie dispara e o fato de ela estar suando já não tinha nada a ver com a situação do elevador.

Julie Seagle

Como eu me sinto quando pulo?

Finn é Deus

No momento em que atinge o ar, você fica surpreendentemente relaxada.

Todos os seus problemas parecem ir para longe. Seu estômago não revira. Não há nenhuma sensação de queda. É só libertador. É o mais próximo possível de voar que você vai conseguir. Uma calma como você nunca viu antes, e você não quer que acabe.

Finn é Deus

Então, nós caímos em queda livre assim por mil e quinhentos metros. Nós não queremos que isso acabe. Queremos nos sentir assim para sempre, perdidos nesta experiência.

É por isso que pessoas puxam suas cordas tarde, porque ficar em queda livre é como uma droga.

Julie Seagle

Ou outra coisa, eu acho.

Finn é Deus

Sim, ou outra coisa. Eles chamam de ar-gasmo por uma razão...

Julie Seagle

Eu imagino. Mas temos que puxar o paraquedas.

Finn é Deus

Sim, temos de puxar o paraquedas. Então, eu faço isso. E sentimos um puxão forte, mas, em seguida, estamos caindo suavemente, mais suave do que antes, com facilidade. Estamos à deriva juntos. É mais silencioso agora, e você pode ouvir a minha voz.

Julie Seagle

E o que você me diz?

De repente, o elevador começou a se mover e desceu metade de um andar.

Julie Seagle

Merda. O elevador está funcionando agora.

Finn é Deus

Isso é uma boa notícia!

Julie Seagle

Neste momento eu não sinto desta forma. Mais tarde, falo com você.

As portas se abriram. De seu lugar no chão sujo, Julie olhou para a pequena multidão que a observava. Seth parecia eufórico e os bombeiros satisfeitos com seu sucesso rápido. Julie estava, no entanto, irritada.

— Você não vai se levantar? — Seth perguntou, quando ele se adiantou. — Você está ferida? — Ele se ajoelhou na frente dela e colocou a mão em seu joelho. — Julie? Você está toda suada e corada.

— Eu estou bem. Realmente. — Ela pegou a mão dele e sorriu. Ele realmente era bonito, doce e engraçado. Não havia nada para não gostar nele. Na verdade, de repente ela gostava dele, precisava dele, mais do que nunca. Ela se inclinou e sussurrou: — Temos que ir até seu apartamento. Agora.

Seth olhou nos seus olhos e assentiu.

Eles rapidamente agradeceram às pessoas que tinham libertado Julie e correram para a escada. Seth praticamente a puxou para subir as escadas até chegar a seu destino. Ele se virou e a puxou para ele, pressionando seus lábios nos dela e deslizando a língua em sua boca. Julie beijou de volta, forte, e eles se atrapalharam pelo corredor até a porta, quase caindo pela sala. Ele a apoiou contra a parede e deslizou as mãos ao longo da frente de sua camisa, seus dedos apertando em sua pele, puxando-a para mais perto. Então as mãos de Julie estavam em seu cabelo, e ela tirou sua boca da dele, ofegando. Ela fechou os olhos e sentiu seus lábios moverem-se para o pescoço, a respiração quente e irregular, fazendo-a ficar perdida e tonta.

Seu toque era tão urgente e quente e o jeito que ele a beijou confiante e intenso. Ela não tinha desejado algo como isso antes. Jared era tão desastrado e incompetente, e ela não tinha muita experiência com mais ninguém.

Ela se perguntou como seria com Finn. Qual seria a sensação de beijá-lo? O que ele gostava? Será que suas mãos seriam gentis? Será que ele iria devagar, sem problemas, tomando o seu tempo? Como é que ele iria soar se ela corresse os dedos sobre seu braço, até seus bíceps, no peito, movendo-se mais para baixo?

Será que seus corpos se encaixariam perfeitamente, moldando um ao outro, enquanto eles se beijassem desesperadamente?

Julie abriu os olhos. Oh, não. Oh, não. Isto era tão errado.

Ela levou as mãos na parte de trás do pescoço de Seth e tocou seu rosto.

— Seth?

— Julie — ele murmurou, movendo-se para beijar sua boca novamente.

— Seth. Sinto muito — ela sussurrou em descrença. Ela baixou a cabeça até os ombros.

— Eu sinto muito.

— Espere, o quê? — Ele deu um pequeno passo para trás. — O que há de errado?

— Eu não posso... — Ela tomou uma respiração profunda. — Eu não posso fazer isso.

— É demais? — ele perguntou. — Estamos juntos há um tempo. Pensei que você quisesse. Você parecia querer. Está tudo bem, apesar de tudo.

— Não, não está tudo bem. Você é tão bom. Você é maravilhoso. Não há nenhuma razão para que eu não queira isso.

Seth deu outro passo para trás.

— Mas você não quer isso, não é?

Ela balançou a cabeça. Julie odiava como ele parecia magoado. Ela não sabia o que dizer.

— Minha cabeça não está onde deveria estar. Eu não estou sentindo o que eu deveria sentir. O que eu gostaria de sentir.

Ele ficou em silêncio por um minuto.

— Acho que já sabia disso — admitiu. Seth pegou a mão dela na sua e olhou para baixo.

— Acho que você nunca esteve em nós, como eu estive. Há mais alguém?

Julie sentiu seus olhos lacrimejarem, e ela hesitou antes de responder.

— Acho que pode haver.



Capítulo 20

Julie estacionou o carro na garagem dos Watkins e desligou o motor. Ela olhou para o telefone novamente. Mais nada de Finn. Ela ligou para Dana.

— Que diabos você está fazendo me ligando de seu encontro ardente e úmido? Por que você não está rolando na cama de Seth? Ah, ew! É melhor você não estar me ligando da cama — Dana avisou.

— Não. — Julie fungou. — Mas obrigada por insinuar que eu faria algo tão assustador. Eu estou em casa.

— O quê? O que você está falando?

— Seth e eu terminamos. — Seth tinha sido inegavelmente compreensivo sobre as coisas. Se a química não existia não adiantava insistir, ele disse. Mas ela ainda se sentia podre.

— Julie! O que está acontecendo? — Dana questionou.

Julie se jogou contra o encosto de cabeça e olhou-se no espelho retrovisor.

— Acho que estou apaixonada por alguém que nunca conheci.

— Explique-se.

— Eu o conheci on-line.

— Isso é nojento. Você está frequentando sites de namoro? Você sabe quantas pessoas mentem sobre essas coisas? Depois de sua experiência com o apartamento, eu achei que você aprenderia. Espere um minuto. Você o conheceu no Facebook, não é? Isso é nojento.

— Agora que você mencionou, acho que eu meio que o encontrei no Facebook. Ele é dono do quarto no qual estou hospedada, Finn. Estivemos conversando on-line por meses.

— Oh, meu Deus, isso é tão emocionante! E tão errado! Ele é gostoso? Você não o encontrou ainda? Quando ele volta para casa? Você disse a Seth sobre ele?

Dana lançou perguntas de todos os lados.

— Não sei quando ele volta para casa. Possivelmente nas próximas semanas para o Natal, mas vou estar com o meu pai na Califórnia nesse período. Esperamos conseguir nos ver um pouco. Se as fotos dizem alguma coisa, então, sim, ele é supergostoso. Lindo. Ilegalmente atraente. Seth adivinhou que havia outra pessoa, mas eu não lhe disse quem. Parece ridículo.

— E Finn gosta de você? Quero dizer, ama você? Você está mesmo apaixonada por ele? — Julie imaginou Dana pulando fora do seu lugar agora.

— É claro que não estou realmente apaixonada por ele. Nem sequer o conheço. — Só que ela o conhecia. Pelo menos, ela sentia como se conhecesse. Como se ela o tivesse conhecido desde sempre.

— Eu não tenho ideia do que Finn pensa de mim. Ele, provavelmente, acharia que sou louca se ouvisse essa conversa.

— Ou ele estaria extremamente lisonjeado de que você se apaixonou por suas cartas de amor diárias — Dana gritou. — Meses de paquera on-line valeram a pena.

— Ele quase não me paquera. E não há cartas de amor. — Julie suspirou. Embora elas pudessem ser divertidas. — E não falo com ele todos os dias. Às vezes ele está em áreas remotas do mundo onde não pode ficar on-line. Não sei. Essa coisa toda é idiota. Eu sou idiota.

— Não, é romântico. Você fez uma conexão emocional que não é baseada em superficiais baboseiras diárias.

— É essa a sua interpretação psicológica oficial?

— Sim. Agora tudo isso é lindo, e estou muito feliz por você, mas isso levanta uma questão importante para mim.

— O que é?

— Finn tem um irmão, certo? No MIT?

— Sim. Matt. O que tem?

— Descreva-o. Você nunca me deixou ir à casa por algum motivo estúpido, mas Matt, obviamente, vem de bons genes, se os pais produziram um gostoso como este on-line.

Julie riu.

— Você não vai querer sair com Matt. Acredite em mim. Ele não é seu tipo. E ele não se parece com o Finn. Além disso, o que acontece com Jamie? Eu pensei que vocês dois ainda estivessem juntos!

— Ele é um idiota. Não há solução nisso. Lindo e louco por sexo, sim, mas é um grande idiota, e estou farta dele. Descreva-me. Eu preciso de alguém com um cérebro.

Julie pensou por um minuto. Ela poderia muito bem fazer isso. O pobre Matt parecia não ter vida social alguma, e ela nunca tinha ouvido falar de ele insinuar ter um encontro. E ele definitivamente tinha cérebro, mesmo que fosse um pouco deformado. Ela podia ficar em casa com Celeste se Erin e Roger estivessem fora.

Por que não? Matt merecia um pouco de diversão.

— Ok, vou lhe dar o seu número.

— Legal. Vá encontrar o seu novo namorado on-line e me ligue amanhã.

— Muito engraçado. — Julie desligou e assoou o nariz.

Para piorar toda aquela situação estúpida na qual ela estava se envolvendo, Finn e sua metáfora de paraquedismo velada tinham acabado de arruinar o que poderia ter sido perfeitamente um bom relacionamento com um cara perfeitamente legal. Seth não merecia levar um fora de um concorrente imaginário, um flerte on-line.

Mas talvez não fosse unilateral... Ou imaginário.

Julie arrastou-se nos degraus da frente e para dentro da casa. Ela só queria ir para o quarto dela. O quarto de Finn. Embora não fosse tão tarde, ela estava exausta e estressada. Estava prestes a abrir a porta do quarto quando ouviu a risada de Erin. Julie inclinou a cabeça para trás e viu que a porta de Erin e Roger estava aberta. Erin estava sentada no chão ao pé da cama, sorrindo e segurando algo. Ela dificilmente voltava cedo, por isso foi uma surpresa encontrá-la em casa.

Julie cruzou o corredor, em seguida, parou pouco antes de bater na porta. Erin poderia estar rindo, mas seus olhos estavam vermelhos, o rosto manchado. Um copo de vinho tinto e uma garrafa de vinho vazia estavam no chão.

— Erin?

— Oh. Oi, Julie. — Erin olhou para cima e afastou o cabelo do rosto. Ela acenou com a mão. — Entre. Entre.

Sua fala estava um pouco arrastada, e ela pegou o copo e tomou um gole.

— Você gostaria de um pouco de vinho? Vou pegar outra garrafa.

— Não. Obrigada. — Julie entrou no quarto e pôde ver agora que Erin estava segurando o presente da Celeste. — Não foi um belo presente que Finn enviou? — Erin virou o prendedor na mão, os lábios formando um meio sorriso. — É impressionante, não é? Incrível que chegou até nós. Inimaginável, realmente. De tão longe.

Julie se ajoelhou.

— Você sente falta dele, não é?

Erin assentiu.

— Há quanto tempo ele foi embora? — perguntou Julie.

— Oh, parece que há séculos. E, ainda — Erin balançou para frente, pensativa —, com o Pôster do Finn por perto, é como se ele ainda estivesse aqui. — Ela riu. — Mas eu sei que ele

não está.

— Parece que ele está se divertindo muito nesta viagem. É uma grande oportunidade ser capaz de viajar o mundo do jeito que ele está fazendo, certo? E o trabalho voluntário no qual está envolvido é incrivelmente generoso. Pense em tudo de bom que ele está fazendo. Deve ser difícil, no entanto, que os seus filhos cresçam e se afastem de casa.

— É muito difícil. Finn sempre foi tão diferente. Tanta... luz. Ele era tudo. A cola da família. Sem ele aqui... — Julie se contorceu desconfortavelmente.

— Matt e Celeste ainda estão em casa — ela disse. — E ambos são muito especiais também.

Erin assentiu.

— Claro. Eu os amo. Embora eu realmente não saiba o que fazer com uma garota. Pobre Celeste. — Ela riu. — Mas deixe-me mostrar-lhe a diferença entre os meus filhos. — Erin balançou um momento, deu uma guinada em direção a uma prateleira de exposição na parede oposta e, em seguida, empurrou alguns livros de lado, mexendo para encontrar alguma coisa. — Veja isso. Matt me fez isso quando ele era criança. Que ridículo, né? — Ela pegou um pedaço de talha.

— Quem faz algo para sua mãe que diz: WOW?

Julie levantou-se e caminhou em direção a Erin, que estava bêbada e confusa. Finn tinha feito isso para a mãe. Julie pegou o projeto do acampamento, virou de cabeça para baixo e esperou enquanto Erin olhou para ele.

— Olhe para isso! Diz “mãe”. — Erin começou a rir, cobrindo a boca com as mãos e se curvando quando sua interpretação fez sentido. — Finn fez isso para você no acampamento — disse Julie.

— Todos esses anos... e eu pensei...

Erin mal conseguia falar. Ela enxugou os olhos.

— Que tipo de mãe eu sou? Que tipo de cega, sem cérebro, mãe desconectada sou eu? — Erin não estava mais rindo. — Mãe. Diz mãe. Jesus Cristo. Eu sou uma comédia.

— Erin, está tudo bem. Realmente. — Julie colocou a talha de volta na prateleira, no lugar certo.

Erin atravessou a sala e pegou o vinho.

— Tem certeza de que não quer um pouco? Não vou contar para sua mãe.

Julie balançou a cabeça.

— Não. Eu deveria ir para a cama. Onde está Roger? Ele está em casa?

— No andar de cima. No quarto do terceiro andar. Ele ronca muito com a gripe que pegou e me deixa maluca.

— Você vai ficar bem? Quer que eu fique com você por um tempo? — Julie não estava morrendo de vontade de ficar em torno de uma embriagada e emocional Erin, mas também se

sentia mal deixando-a sozinha. Espero que Erin esteja encerrando a noite.

— Eu estou bem, Julie. Perfeitamente bem. Prometo. Não costumo beber muito. Isso está me deixando boba e emotiva.

— Ok, então. Boa noite. — Julie virou-se para sair, mas Erin a fez parar.

— Julie? Obrigada por estar aqui. Você torna a casa menos solitária.

Julie sorriu.

— Eu gosto daqui. Realmente gosto. Você e Roger são tão bons para mim, e Matt e Celeste são como os irmãos que eu nunca tive.

— Então você vê Matt como um irmão?

Julie assentiu.

— Hum. — Ela sentou-se no chão novamente. — Eu amo meus filhos, você sabe. Todos eles. É muito difícil. É difícil, para mim, ser sua mãe.

Julie não sabia o que dizer sobre isso.

— Eu sei que você os ama. Apenas... durma um pouco. Você vai se sentir melhor amanhã.

Ela passou na ponta dos pés pelo corredor para o quarto dela. A luz de Matt estava apagada e o Pôster do Finn estava em alerta fora do quarto de Celeste, uma reminiscência de guarda da rainha no Palácio de Buckingham. Julie fechou a porta e tirou os sapatos. Ela, imediatamente, foi para a cômoda para trocar de roupa, puxando uma das camisas de paraquedismo de Finn sobre sua cabeça.

Tocou o material gasto, o azul já desbotado para uma cor pálida, e a escrita pouco legível. “Não se esqueça de puxar a corda.” Mas ainda era Finn.

Ela se arrastou para a cama com seu telefone e lhe enviou uma mensagem.

Já tinha arriscado uma viagem de elevador naquela noite, e, apesar do incidente, tinha realmente acabado muito bem. Estava disposta a correr outro risco. Julie escreveu lenta e deliberadamente:

Acho que estou me apaixonando por você.

Ela colocou o telefone em seu criado-mudo e apagou a luz. Colocou um travesseiro sobre a cabeça e tentou bloquear o humor de Erin embriagada, os sentimentos feridos de Seth e o elevador preso. Ok, talvez não toda a cena do elevador preso. Pena que Matt já tinha ido para a cama. Julie queria ver o que ele pensava sobre ligar para Dana. Ela era mesmo seu tipo? Será que ele tinha um tipo? Julie era o tipo de Finn? Era ruim ter um tipo? Podia limitar quem você conhecia. Como julgar um livro pela capa e tal.

O telefone tocou e Julie quase arremessou a lâmpada no chão quando estendeu a mão para pegá-lo.

Bom. Acho que estou me apaixonando por você também. Não vamos puxar essa corda.



Capítulo 21

Julie olhou para a tela de seu computador. Considerando que estava a apenas alguns dias do Natal, ela esperava por boas notícias. Que diabos ela deveria fazer? Releu o e-mail da secretária de seu pai pela quinta vez, mas a mensagem era a mesma. Julie rapidamente enxugou os olhos com as palavras se misturando à sua frente.

... Infelizmente deve cancelar esta viagem... não pôde remarcar uma série de reuniões de negócios importantes sobre possível fusão... desculpas... em Boston... para a véspera de Ano-Novo... reservas para 21h... Deixe-o saber se você precisa de passagem aérea para chegar em casa em Ohio.

Seu pai tinha acabado de cancelar sua viagem para a Califórnia. Qualquer coisa que envolvia uma fusão era, obviamente, um grande negócio, no entanto, e era provavelmente sensível ao tempo. Presumivelmente, você não pode esperar que empresas reagendem grandes planos por causa de uma viagem com sua filha. Julie enxugou os olhos novamente e escreveu de volta.

Não tem problema. Eu entendo completamente. Diga ao meu pai que estou ansiosa pelo jantar.

Não eram como férias com o pai, ela pensou, mas ele definitivamente se desviaria do seu caminho para vê-la no Ano-Novo. E ele, de alguma forma, fez reservas em um dos mais luxuosos restaurantes da cidade. Talvez eles pudessem conferir algumas das atividades da cidade antes?

Esculturas de neve, cantores, bailarinos, espetáculos teatrais... Isso seria muito divertido.

O grande problema era que Julie não tinha para onde ir nas férias de inverno. Se contasse para a mãe sobre Califórnia ter sido cancelada, Kate iria desistir do cruzeiro. Sua mãe merecia uma viagem de luxo tropical e Julie não queria estragar isso. Além disso, sua mãe teria algo sarcástico para dizer sobre seu pai ter que cancelar a viagem e Julie não queria ouvir. Seu pai estava ansioso por aquela viagem também. Ela tinha certeza. Ele amava Julie. Ela era a filha dele. Claro que ele a amava. Mas Kate diria algo depreciativo e Julie teria que defendê-lo de novo, porque a mãe não entendia seu pai da mesma maneira que Julie. Ele era focado e bem-sucedido, tinha responsabilidades e compromissos que Kate não conseguia entender. Seus pais eram tão diferentes um do outro que era difícil imaginar como eles ainda ficaram juntos.

Julie suspirou. Teria sido bom se tivesse tido mais do que alguns dias de antecedência para pensar no que fazer nas férias. Era 21 de dezembro afinal. Bem, ela não iria contar à mãe sobre a ‘não viagem’ até depois daquele período.

Então, o que ela faria agora? Se convidar a ficar com a família Watkins?

Isso parecia um pouco intrusivo. Não que houvesse muita atividade de férias em casa. Celeste levou Matt ao limite até que ele as levasse para comprar uma árvore de Natal, mas a árvore ficou desmontada.

Julie tinha colocado os presentes que comprara para a família debaixo dos ramos, para, pelo menos, dar à árvore alguma aparência de festa. Não houvera nenhuma menção de dar uma festa ou ir a alguma, assim, exceto pela exibição de cartões de natal sobre a lareira da sala de estar e a árvore vazia, a casa não dava nenhuma indicação de que o Natal estava a apenas alguns dias.

Será que era melhor Julie ir para Ohio e passar as férias sozinha?

Mas aí ela teria que perder o jantar com o pai. Ela poderia voar de volta para Boston no dia 31. Isto é, se conseguisse uma passagem para Ohio tão em cima da hora. Ótimo.

Que confusão. Ela não queria impor a Erin e Roger mais do que já tinha.

Férias eram para a família. Verdade, Julie se sentia como se eles fossem sua família, mas isso não significava que ela poderia invadir o Natal. Finn era a exceção óbvia. Ela não se sentia como irmã dele. Sentia... Bem, ela não sabia como definir o que sentia. Uma atração, uma conexão, uma intensidade. E ele parecia se sentir da mesma maneira. Não que ele tenha começado a escrever seus longos e românticos e-mails, onde ele abria o coração com confissões de amor eterno, porque isso não era a cara de Finn. Ele era engraçado, doce e inteligente, e queria saber sobre ela. Tudo, desde como foi seu dia, o que ela gostava na faculdade e o que queria fazer com sua vida. Mas ele não era meloso e brega.

Eles estavam se comunicando todos os dias, e ela se via pulando quando seu telefone tocava ou seu computador apitava. Ela verificava o Facebook obsessivamente, esperando para ver sua mais recente atualização de *status*, esperando para ver algo que indicasse que ele estava pensando nela. A do dia anterior foi a que ela mais gostou:

Finn é Deus *está se esforçando para a velocidade terminal. Quer se juntar a ele?*

Essas eram coisas que a deixavam saber que ele estava pensando nela. Ela não precisava

de mensagens constantes e textos a lembrando. Com sua programação louca de viagem, Finn não poderia estar em constante contato de qualquer maneira, e Julie estava bem com isso.

Eles tinham um entendimento. Ok, tudo bem, ela não entendia totalmente o que eram um para o outro, mas eram algo. Algo mais do que amigos.

Nunca sequer se conheceram, ele não era exatamente um namorado, mas Julie não sentia a necessidade de definir sua relação, porque gostava de tudo o que estava acontecendo.

Mas agora, mais do que nunca, ela queria que Finn voltasse para casa. À noite, estava deitada na cama, lendo seus e-mails e textos e olhando suas fotos, perguntando-se se ele fazia a mesma coisa. Ela podia sentir sua energia e seu estado de espírito em cada mensagem, e ela o conhecia tão bem que podia senti-lo. Como se ela soubesse o que significava estar com ele.

Então ela iria esperar por ele. Porque, um dia, Finn estaria em casa. Um dia, eles poderiam ver o que era isso entre eles.

Julie verificou para ver se ele estava no chat. Ele estava off-line. Ela não conseguia se lembrar de onde ele estava agora. Seus planos de viagem eram tão complicados, e ela descobriu que era mais fácil parar de tentar manter o controle de onde ele estava indo e apenas acompanhar como ele relatava.

Finn,

Pensando em você. Isto é tudo.

Julie

Ela passou a verificação ortográfica no trabalho que tinha que entregar no dia seguinte e, depois, começou a imprimir. Quando a página 15 deslizou para fora, seu e-mail soou.

Julie,

Espero que esta mensagem chegue. Minha internet está péssima aqui.

Pensando em você, também, e sinto sua falta. (Isso é estranho? Como posso sentir sua falta? Mas eu sinto.)

Não vou conseguir chegar a Boston este mês. Vou explicar mais tarde. Sinto muito. Não sei o que dizer. Fico feliz que ainda esteja acordada, porque tenho uma surpresa para você. Sei que não vai compensar eu não estar aí, mas é tudo que eu poderia pensar em fazer: vá para a sala de estar.

Finn

Ela gostou de saber que ele sentia falta dela. Gostou muito. Mas não gostou de saber que ele não estava voltando para casa. Ranzinza, mas curiosa para ver do que Finn estava falando, desceu calmamente as escadas para não acordar ninguém, e, na ponta dos pés, foi para a sala de estar.

“Por favor, não deixe a surpresa ser outro Pôster do Finn”, ela pensou. Isso seria superassustador. Assim que ela entrou na sala, parou, absorvendo a cena à sua frente.

Todas as luzes da casa estavam apagadas, mas o cômodo brilhava de forma positiva. O

teto inteiro estava coberto de pequenas luzes brancas e a árvore foi decorada com velas reais. Guirlandas verdes com mais luzes haviam sido amarradas ao manto acima da lareira com pequenas fitas vermelhas.

Matt estava em uma escadinha perto da árvore, acendendo as velas no topo. Era exatamente como ela havia descrito sua casa em Ohio para Finn. Na verdade, era melhor.

— É lindo — disse ela. Matt se assustou e oscilou perigosamente na escadinha. — Deus, Julie. Você me assustou demais!

Ela riu.

— Sinto muito. Acabei de receber uma mensagem de Finn e ele me disse para vir aqui. — Ela andou para frente e tocou levemente um dos ramos. — Está incrível.

Matt acendeu a última vela e desceu.

— Não me culpe se a casa pegar fogo. Esta ideia é toda de Finn. Ele disse que iria fazer você feliz!

Julie assentiu com a cabeça, engolindo em seco, enquanto lentamente se virava.

— Isso me faz feliz. — Ela parou e se virou para Matt. — Você fez tudo isso por mim? Quero dizer, Finn lhe pediu para fazer isso?

Matt enfiou as mãos nos bolsos e olhou para o teto de luzes.

— Ele me mandou uma lista de instruções e incluiu ameaças detalhadas de lesão corporal se eu não seguisse as suas exigências ao pé da letra. Acho que fiz tudo. — Matt mudou-se para a mesa do café, onde seu notebook estava apoiado. Ele olhou para a tela e fechou a tampa. — Sim, ok. Agora é quando devemos ficar debaixo da árvore. Isso não parece tradicional, mas ele disse que você iria entender... — Matt olhou desconfiado para ela.

— Eu entendo. Vamos! — Ela agarrou a mão de Matt e o puxou para o chão com ela. — Eu faço isso todos os anos. Você vai gostar.

— Finn me deve uma — ele murmurou, enquanto seguia Julie, e se deitou de costas para deslizar sob os galhos mais baixos. — Ow! Se eu perder um olho por isso, então espero um presente de Natal maciçamente caro vindo de vocês, para compensar meus problemas. Como um tapa-olho deslumbrante ou algo assim.

— Você tem que ir devagar, seu bobo. Não se atire para a árvore. Facilite seu caminho por baixo. Pronto. Viu?

Julie olhou para cima através dos ramos para ver as sombras e o destaque que a luz de velas criava. Neste pequeno espaço privado, as coisas eram tranquilas e seguras. Da mesma forma que Finn tinha escrito sobre paraquedismo, o mundo real se fora. Foi como quando Julie era uma criança, e ela pendurava seu cobertor da cama de cima transformando a cama de baixo em uma caverna aconchegante. Ela fez isso por muito tempo depois que seu pai partiu.

— Na verdade, isso é meio que... legal — Matt disse.

Ela se virou para ele.

— Eu nunca fiz isso com ninguém antes. Sou sempre apenas eu.

— Oh. Eu pensei que eu devesse ficar aqui e fazer o que é suposto fazer debaixo da árvore. Você quer que eu vá?

— Não, fique! — Ela pegou novamente o braço dele. — Eu gosto da sua companhia.

Matt olhou para ela com diversão.

— Ok. Então, o que vamos fazer?

— Nós pensamos sobre coisas profundas.

— Ah. Ponderações filosóficas e perguntas? Eu começo. Prove-me que você não é uma invenção da minha imaginação.

— Muito engraçado.

— Estou em uma simulação de computador? Será que a porta balança para os dois lados? Como algo pode vir do nada? Como você sabe que é uma linha reta?

— Matt, pare com isso! — Julie riu.

— Se os animais quisessem ser comidos, isto seria certo? Se o tempo parasse e, em seguida, começasse de novo, nós saberíamos sobre isso? O que acontece quando você se assusta até quase a morte duas vezes? O que é o criacionismo? O que é ética?

— Isso está me deixando louca — comentou Julie, ainda rindo.

— Não, quem está te deixando louca? — Matt corrigiu-a, sorrindo. — Mas tudo bem. Se você não gosta da minha linha de pensamento profundo, então lidere o caminho.

Julie fez uma pausa.

— Agora tudo parece bobo e juvenil.

— Diga-me, de qualquer maneira.

— É só que... Bem, todo ano eu deito debaixo da árvore e... Eu não sei. Avalio a minha vida. Entro em uma espécie de estado de sonho e vejo aonde meus pensamentos me levam.

Matt cruzou as longas pernas e descansou as mãos sobre o estômago.

— Eu entendo o que você quer dizer. Por que não fecha os olhos?

— Feche os olhos você também.

— Ok.

Julie olhou para Matt e esperou.

— Você vai primeiro.

— Não, você primeiro.

— Nós vamos fazer isso ao mesmo tempo. Não quero ficar aqui com você me observando. Pronto? Três, dois, um, vai. — Julie fechou os olhos. — Agora vamos esperar e ver o que vem a nós.

Mesmo com os olhos fechados, as luzes das velas refletiam em sua visão, trazendo imagens borradas e nebulosas em seus pensamentos. Ela não podia acreditar que Finn tinha arranjado isso. É quase como se ele estivesse ali com ela, deitado ao lado dela. Ele queria dar a ela algo especial e tinha conseguido. O que aconteceria quando eles se conhecessem? Julie se perguntou.

E se não houvesse a mesma química como eles tinham agora? Mas ela sabia que não seria assim. Alguns sentimentos tinham que ser confiáveis. Então deixou a mente vagar, imaginando como as coisas poderiam ser quando ele estivesse de volta a Boston.

Ela se mudaria da casa, em algum momento, obviamente. Talvez tivesse seu próprio apartamento? Talvez Finn tivesse seu próprio lugar também? Ele poderia levá-la para os seus lugares favoritos na cidade, e ela poderia ouvir mais detalhes sobre suas viagens. Poderia contar-lhe sobre suas aulas e a vida universitária e arrastá-lo para a Dunkin' Donuts para tomar Coolattas.

Ele provavelmente gostaria delas mais do que Matt. Ela e Finn poderiam levar Celeste ao Museu de Belas Artes, e não haveria necessidade de levar o Pôster do Finn com eles, porque Celeste estaria completa de novo. Ou mais perto disso.

E então essa pergunta irritante batia em Julie novamente: o que aconteceu com Celeste para levá-la a retirar-se do mundo real? Julie virou a cabeça para o lado e abriu os olhos. Matt estava olhando para ela.

— Eu lhe disse para não me olhar — ela sussurrou.

— Eu não consegui evitar — ele sussurrou de volta.

Ele ficou em silêncio por um momento, e ela se perguntou o que ele estaria pensando. Ele estava, provavelmente, decifrando uma teoria matemática chata.

Isso não é o que ele deveria estar fazendo agora.

— Julie?

— Sim, Matt?

Ele esperou por um momento.

— É como se estivéssemos livres...

— Ah, meu Deus! — Julie disse, interrompendo-o. — Eu esqueci de te perguntar.

— Hum... Perguntar o quê?

— Minha amiga Dana quer que você ligue para ela.

— Isso não é me perguntar nada.

— Pare de me corrigir. Ela quer sair com você, idiota!

— Ah — Matt gemeu e virou a cabeça. — Eu não tenho certeza sobre isso.

— Matty, vamos lá. Você nunca sai! — Julie pediu. — Ela é muito legal. Você iria gostar de Dana.

— Vou pensar sobre isso. Pode ser? — ele ofereceu.

— Alguma vez você já teve uma namorada?

Matt lançou-lhe um olhar zangado.

— É claro que tive uma namorada. Que tipo de pergunta é essa?

Julie encolheu os ombros.

— Eu não sei. Você nunca mencionou ninguém.

— Admito que a área romântica da minha vida esteja lenta recentemente. Simplesmente não tenho tempo para sair com alguém agora. Você sabe como minha agenda é, com a escola e com Celeste.

— Então você não tem namorada desde... você sabe? Celeste. E o Pôster do Finn?

— Não, realmente. Eu tive um relacionamento muito sério, mas depois... — Matt vacilou. Ele estava falando sério agora, com o rosto tenso e desconfortável. — As coisas mudaram por aqui.

— Com a Celeste?

Matt assentiu.

Julie pensou sobre sua conversa com o Professor Cooley.

— Quando algo aconteceu?

Matt assentiu com a cabeça novamente.

— Sinto muito — disse Julie. — Porque o que quer que seja, posso dizer que você está lidando com isso também. Talvez um dia queira me contar sobre isso.

— Talvez algum dia — Matt concordou. — E a minha namorada na época não estava interessada em ficar comigo. Nem todo mundo consegue tolerar a minha vida. Esta casa.

— Eu amo Celeste, mas ela está machucando você, não é?

— Não diga isso. Eu venderia a alma pela minha irmã.

— Eu sei que você faria. — Julie sabia que ela tinha que ter cuidado ali ou Matt iria se fechar novamente. — Mas você deve estar com raiva de Finn por sair. Por fazer o que aconteceu com Celeste piorar.

— Estou com raiva do Finn.

— Ele tem o direito à sua vida, Matt.

— Acredite em mim, eu sei que ele tem.

— Vocês dois geralmente se dão bem?

— Nós costumávamos. E então... não mais. Principalmente por causa dos problemas com a minha mãe, ele sempre foi o herói. Isso não foi fácil para mim, eu acho.

— Celeste acha que você é um herói. Você não vê como ela olha para você? Ela adora você.

— Não é o jeito que ela adora Finn. É diferente. Eu faço as coisas chatas. Eu a levo à escola, a alimento, ajudo com a lição de casa, me preocupo com ela. Não sou Finn, isso é certo. Ele nunca deu a mínima para a vida real. Ele se preocupa com diversão e brincadeiras. Quando minha mãe estava mal, era Finn quem distraía Celeste, a fazia rir, deixava-a selvagem e livre como ele. Eu cuidava do que precisava ser feito, e ele teve todo o crédito. É assim que sempre foi.

— Você não parece não gostar do Finn tanto assim.

— Pelo contrário. Ele é incrível. É animado, descontraído e sem limites. Finn faz tudo o que eu não faço, e eu o invejo.

— Então Celeste costumava ser mais parecida com Finn — perguntou Julie.

— Ela era — Matt disse suavemente.

— Acho que ela está melhor, não é? Um pouco? Ela teve um ataque porque eu não conseguia encontrar a segunda temporada de *Glee* no outro dia. Acho que é um bom sinal.

— O que é *Glee*?

— Não se preocupe com isso. É uma coisa boa. E ela está pedindo roupas da moda para o Natal e quer me levar às compras também.

— Então, ela está se tornando desprovida de individualidade? Exatamente o que eu esperava.

— Cale a boca. Estas são coisas boas. O Pôster do Finn está ganhando mais dobradiças em poucas semanas. Celeste deixou-me ir em frente. Matty, você não vê o quanto ela precisa se encaixar e precisa de amigos? Você pode imaginar o quão desesperadamente sozinha ela deve estar?

— Eu posso. — Matt suspirou. — Você provavelmente é melhor para ela do que eu.

— Mas você faz coisas realmente importantes. Ela precisa de alguém como você para cuidar dela. Sua mãe está... tendo um momento difícil, também, eu acho.

Matt assentiu.

— Eu sei. Ela está tendo um momento horrível. Ambos os meus pais. Por que você acha que ela e meu pai estão fora de casa tanto? Eles não conseguem ficar aqui. — Matt passou as mãos pelo cabelo. — Julie, estou cansado. Não quero ser pai de Celeste. Não posso.

Nenhum dos dois disse nada por alguns minutos.

Finalmente, Julie falou.

— Puxa, deitar sob a árvore é realmente divertido, não é? Você não está feliz que está aqui?

— Isso superou minhas expectativas.

— Ok, vamos falar sobre as meninas de novo.

— Você está interessada em meninas? Eu não tinha ideia. Eu pensei que você estivesse namorando esse cara Seth.

— Você é hilário, Matt. Realmente. E, para sua informação, Seth e eu terminamos.

— Eu não sabia.

— Segui em frente. Mais ou menos. Não sei o que está acontecendo. Eu tenho uma paixonite.

Matt revirou os olhos.

— Deixe-me adivinhar. O meu irmão?

— Como você sabe? — Julie ficou surpresa.

— Vamos ver? Poderia ser do jeito que você fala como fabulosamente interessante e divertido ele é? Como você verifica o seu telefone e e-mails a cada três minutos? Discreta você não é.

— Bem, bem. Então o quê? De qualquer forma, não estamos falando de mim. Estamos falando de sua vida amorosa escassa. Ligue para Dana.

— Não tenho tempo para um relacionamento.

— Isso é ridículo. Sempre há tempo, se você quiser. Você não precisa de um pouco de romance em sua vida, Matty? — Julie cutucou seu ombro com a mão.

Ele riu.

— Eu gosto quando você me chama de Matty. É bonitinho...

— “Bonitinho”? Essa é a palavra que você usa? Com o seu anormalmente grande cérebro, acho que você poderia fazer melhor do que “bonitinho”.

— O cheiro das velas sugou toda a inteligência de mim.

— Bom. Então você é burro demais agora para protestar. Eu vou lhe dar o número de Dana, e você vai ligar para ela e levá-la para jantar.

— Não.

— Eu vou suborná-lo, então. — Julie foi para frente até que seu corpo estivesse fora da árvore e se sentou. — E se eu te der o seu presente de Natal agora?

— Não — ele disse de novo sob os ramos.

Julie pegou seus pés e o puxou para fora.

— É um bom presente. Presentes, na verdade. Confie em mim.

— É? — Matt sorriu. — Ok, temos um acordo.

— Oba! — Julie bateu palmas. Ela pegou o presente de Matt da pequena pilha que tinha posto embaixo, poucos dias antes, e entregou-lhe o pacote macio. — Agora, já que eu tenho um orçamento de estudante, não é nada extravagante. É a intenção que conta, certo?

— Se a intenção é dinheiro, então, sim.

— Matthew!

— Brincando, brincando. — Matt soltou delicadamente a fita verde e retirou o papel

vermelho. Ele olhou para os dois presentes e sorriu, fingindo enxugar uma lágrima quando levantou a primeira camiseta. “Han Solo em carbonite.” Ele levantou a outra camisa, vermelha com uma foto de um picolé com dois pauzinhos sendo dividido. — “Por favor, não nos separe. Nós compartilhamos os órgãos vitais” — ele leu. — Elas são perfeitas. Eu sabia que você não resistiria às camisetas.

— Eu resisto às camisetas, mas os feriados não são para tentar mudar as pessoas e convencê-las a terem um gosto decente, ou mesmo aceitável. Além disso, estou lutando uma batalha perdida.

— Você quer o seu agora? Uma vez que você partirá em poucos dias?

— Certo. Para a Califórnia. — Julie concordou com a cabeça. — Eu estou indo para a Califórnia.

— Você vai ter um monte de tempo com seu pai. Deve ser uma viagem incrível.

— Sim, deve ser — disse Julie. — Região do vinho, Hollywood, praias, hotéis de luxo, refeições gourmet. Meu pai vai querer ouvir cada coisa sobre a faculdade e minha vida. Provavelmente vou estar tão cansada de falar sobre mim mesma até o final que vou precisar de um período de férias das minhas férias! — Julie não sabia por que ela estava mentindo para Matt, mas cada parte dela estava obstinadamente se recusando a dizer-lhe a verdade. — Então, sim, sim, sim! Quero o meu presente agora!

— Gananciosa, não é? — ele brincou. Se esticou para trás e abriu uma gaveta em uma das mesinhas. Ele entregou a Julie um envelope vermelho com seu nome escrito na parte da frente.

Ela abriu e gritou impulsivamente, fazendo Matt jogar uma mão sobre sua boca para fazê-la se calar.

— Todo mundo está dormindo — ele disse, tentando não rir.

— Mas você me deu cartão do Dunkin’ Donuts de presente, que vai durar para o resto da minha carreira universitária! Como posso não gritar? Matty! — Ela jogou os braços ao redor de seu pescoço. — Você é tão doce! — Ela sentou-se sobre os joelhos. — E agora você tem que ligar para Dana. Você prometeu.

— Acho que prometi — disse ele suspirando.

— Ela está indo para casa por algumas semanas, mas vai estar de volta logo após os feriados. Isso não é ótimo? Nós dois estamos começando o ano novo com romance. Ou, pelo menos, a possibilidade de romance.

Matt olhou para ela.

— Isso seria bom.



Capítulo 22

Matthew Watkins *pensa que os lóbulos pré-frontais são surpreendentes. Mas, novamente, são seus lóbulos pré-frontais que lhe permitem pensar, por isso, quem sabe?*

Finn é Deus Viu? *Eu lhe disse que seria divertido! Agora, vamos encontrar o seu olho.*

Julie Seagle *Fato pouco conhecido: depois de sua promoção, Rudolph tornou-se insuportável. No ano seguinte, ele foi a estrela de um pouco conhecido e pouco amado especial de Natal sobre a humildade e não esquecer suas “raízes”.*

Julie realinhou os talheres e tomou um gole de água com gás de seu copo.

Era véspera de Ano-Novo, e o restaurante estava totalmente cheio, é claro, e era muito divertido estar no centro de Boston com aquela multidão festiva. Ela olhou para a recepção novamente para ver se seu pai tinha chegado. Ela tinha enviado e-mail para dizer que estaria usando uma blusinha rosa cintilante e uma saia preta, e que teria arrumado o seu cabelo do jeito que ele gostava, para que ele pudesse vê-la no meio da multidão em um instante. Ela tinha tanta coisa para contar ao pai e esticou o pescoço para ver por cima das pessoas ao seu lado.

A qualquer momento, ele estaria ali. Eram 21h15, quinze minutos depois da hora da reserva. Esperava que ele não tivesse tido problemas para tentar pegar um táxi no aeroporto.

As férias de inverno até agora tinham sido muito tristes, mas aquela noite iria mudar tudo. Não era uma viagem de três semanas, mas o fato de seu pai ir a Boston apenas para jantar com ela significava algo. Também queria dizer que ela tinha passado a última semana enfurnada sozinha no apartamento de Dana, enquanto ela e sua colega de quarto foram embora para as férias, que, apesar de um pouco chato, não tinha sido muito horrível. A véspera de Natal e o

dia de Natal não tinham sido ótimos, para ser honesta, como filha única, Julie já tinha aprendido a ser muito boa em divertir a si mesma. Com certeza, este foi mais como se esconder do entretenimento real, mas ela não tinha escolha. E sentiu uma espécie de sombra por mentir para sua mãe e toda a família Watkins sobre não ir para a Califórnia. Ainda assim, tinha sido mais fácil do que fazê-los entender o que tinha acontecido.

Pelo menos, Finn tinha estado bastante presente recentemente, então eles estavam em contato mais do que nunca. Ela teve que dar-lhe descrições falsas de quão bonito o hotel era e contar mais detalhes sobre o jantar de sushi extravagante que supostamente teve na outra noite, nenhum dos quais se sentia muito bem. Ela se perguntava o que ele estaria fazendo aquela noite. Ele estava em Cabo Verde trabalhando com um grupo de conservação de tartarugas, e lhe enviou fotos dos animais que estava ajudando a salvar da extinção. Ele e os outros voluntários estavam vivendo na praia, em barracas e cozinhando todas as refeições e lavando roupas com recursos limitados.

Enquanto aquilo parecia horrível para Julie, ele estava adorando. Ela pegou o telefone e releu as últimas mensagens no Facebook que tinha dele. Ocasionalmente, ele se dirigia para a cidade em restaurantes locais, e ela soube que ele não era um fã da especialidade local.

“Queijo de cabra” e “queijo e cabra” não são a mesma coisa. Aprendendo com meus erros. Sempre leia os cardápios cuidadosamente, Julie. A outra dizia: Carne de cabra isso, carne de cabra aquilo. Vomitar. Danem-se as tartarugas! Com base em tais altas taxas de consumo, parece que teremos que estabelecer um grupo de conservação de cabras aqui em breve.

Julie verificou o salão novamente. “Está tudo bem. Ele não está tão atrasado.” Era quase meia-noite onde Finn estava. Talvez no ano seguinte eles estivessem juntos no feriado! Ela tinha escrito inúmeras mensagens sugerindo falar ao telefone e apagou todas elas. Parecia muito intenso e a possibilidade de constrangimento era muito alta. Ela entendia, agora, por que Celeste não queria falar com ele até que chegasse em casa.

Provavelmente era melhor esperar. Este negócio on-line foi bom até aquele momento.

Graças a Deus ele não pediu para falar por vídeo. Ugh. Vê-lo pela primeira vez seria estressante o suficiente. Assim, talvez o próximo Ano-Novo pudesse trazer um longo e sensual beijo da meia-noite. Às vezes, quando eles estavam conversando on-line, ela tinha essa vibração estranha. Como se realmente pudesse senti-lo, como se conhecesse a sensação de estar com ele pessoalmente.

Julie se conteve de continuar por esse caminho. Era ridículo. Pelo que sabia, Finn podia ser um horrível, nojento e desengonçado beijador. Eles podiam não ter química. Este jogo bobo on-line podia significar nada mais do que um flerte tolo.

Mas ela não pensava assim.

Nem Finn, aparentemente, que enviou uma mensagem a ela naquele momento.

Quase meia-noite aqui. Sentindo a sua falta. Recebeu meu presente? Eu estive esperando que você o encontrasse, mas, evidentemente, você não olha no bolso fechado dentro de sua bolsa com muita frequência. Ou você odiou. Ou Matt fez besteira e o enfiou na bolsa da nossa

mãe. Que repulsivamente edipiano. (Oh-oh. Espero que papai esteja ok...) Julie quase deixou cair o telefone enquanto arrancou sua bolsa do encosto da cadeira. Rapidamente, ela se atrapalhou através da bolsa suja, prometendo limpar todo o lixo assim que chegasse em casa. Um pedaço de papel de seda vermelho caiu para fora do bolso. Julie pegou, gentilmente, o presente e o abriu. Era lindo. Ela levantou o fio fino na mão e admirou a pedra roxa amarrada no final. Era irregular e desigual, mas não acentuada. Ela, imediatamente, colocou o colar por cima da cabeça e segurou a pedra em uma das mãos, enquanto escrevia para Finn de volta com a outra.

Não sei o que dizer. É lindo. Perfeito. Absolutamente amei isso, e não vou tirá-lo. Eu queria te dar alguma coisa, mas você continua se mudando!

Julie olhou para a tela, à espera de sua resposta. Ela não podia deixar de sentir calafrios cada vez que uma nova mensagem aparecia.

Você já me deu o suficiente. Ei, veja os fogos de artifício! É meia-noite aqui!

Ele deveria estar usando um celular emprestado com uma câmera, porque tinha anexado uma imagem impressionante de celebração de Cabo Verde no Ano-Novo. Ela abriu a imagem que Finn tinha enviado e desejou mais do que qualquer coisa que estivesse lá com ele, de pé ao lado do oceano e assistindo fogos de artifício explodirem sobre a água. Era brega e clichê, mas, mesmo assim, romântico. No ano seguinte, ela prometeu a si mesma. No ano que vem eles estariam juntos. Ela era paciente e sabia que Finn valeria a pena esperar. Ele não podia ficar longe para sempre.

Ela avistou um homem alto, que estava atrás da recepção. Finalmente!

Bonitão! Tenho que correr. Acho que meu pai está aqui. Para o jantar. Sem cabra, apesar de tudo. Vai estar on-line amanhã?

Finn escreveu de volta:

Sim, os fogos de artifício são realmente lindos, embora eu possa pensar em outras coisas que preferiria estar fazendo à meia-noite. E elas não envolvem cabras. Eu vou estar aqui.

Julie jogou o telefone em sua bolsa e, em seguida, estendeu o braço para cima, apertando os olhos enquanto acenava. Ah. Aquele não era o pai dela. O garçom apareceu, encheu seu copo de água pelo que parecia ser a milionésima vez, e lançou-lhe um olhar compreensivo.

— Tenho certeza de que o trânsito está um pesadelo. Ele estará aqui em breve — disse Julie, tanto para si como para o garçom.

Mas ele não estaria lá em breve. Uma hora após a sua reserva, Julie ligou.

Ela nunca ligava para seu pai. Nunca. Havia uma regra tácita que seu telefone era para ser apenas para negócios. Além disso, ele não era do tipo que gostava de ter uma tagarela no telefone de qualquer maneira. As conversas eram sempre sérias e um pouco desconfortáveis, repletas de ruídos de fundo de onde ele estava. Julie falaria por um tempo com seu pai, dizendo: “sim” ou “interessante”, quando fosse o caso. Pelo que se lembrava, falar pessoalmente era melhor.

Mas agora ela tinha que tentar o seu celular. Ela deixou-o tocar até seu correio de voz

atender e, em seguida, tentou de novo. Ainda a caixa de correio.

Julie olhou para os dois copos intocados de champanhe em cima da mesa, suas bolhas continuavam a aumentar festivamente. Nem toda mesa tinha um refrigerador alto mantendo fria a garrafa que seu pai tinha, obviamente, reservado antes da meia-noite. Ela respirou profundamente algumas vezes e tentou relaxar.

Vinte minutos depois, ela olhou para o relógio novamente. Ele estava agora oficialmente e horrivelmente atrasado. Julie pegou o copo de champanhe, agora quente, e bebeu metade. Ela percorreu através de sua lista de contatos e encontrou o número da secretária de seu pai. Julie não era de beber e, por isso, até Andrea atender, ela já podia sentir o álcool em seu sistema.

— Oi. É Julie Seagle aqui. Desculpe incomodá-la — disse ela.

— Julie! Como você está? Feliz Ano-Novo!

— Eu estou bem. É só que estou no jantar à espera de meu pai, e ele está bem mais de uma hora atrasado. Você sabe se houve problemas com seu voo para Boston?

— Oh, Julie. — Andrea ficou em silêncio por um momento. — Querida, ele não te avisou?

— Avisou o quê?

— Ele não está em Boston.

— Desculpe, o quê?

— Está em Nova York. Ele deveria ter ligado. Não me diga que se esqueceu.

Julie pegou a taça de champanhe e a esvaziou.

— Ele definitivamente esqueceu. Sabe de uma coisa? É mais do que apenas o esquecimento, não é?

— Eu não sei o que... eu tinha certeza de que ele iria...

— Não. Não, ele não veio. Nós duas sabemos que ele simplesmente não dá a mínima. E é isso. Então agora estou sentada aqui neste estúpido e pretensioso restaurante, e estou com fome e irritada e não tenho como pagar por esta garrafa de champanhe que pretendo terminar de beber.

— Vou ligar para o restaurante e tomar conta disso. Eu fiz a reserva, então sei onde você está.

Julie permaneceu impassível enquanto segurava o telefone entre a orelha e o ombro e enchia sua taça.

— Obrigada, Andrea. Tenha uma boa-noite. — Ela foi desligar e depois parou. — E diga ao meu pai que ele é um idiota. Diga a ele que estou farta. — Ela deixou cair o telefone sobre a mesa. — E é isso, pessoal — disse ela em voz baixa.

Em poucos minutos, o garçom reapareceu.

— Eu entendo que você vai jantar sozinha esta noite.

Julie assentiu com a cabeça e olhou para o homem pela mesa. Ele tinha a idade de seu pai e sorriu gentilmente para ela. Ela assentiu com a cabeça.

Sim, ela comeria sozinha.

— A sua refeição está paga, e vamos providenciar um táxi para você quando acabar. Você já decidiu o que gostaria de comer?

Ela balançou a cabeça.

— Tudo bem. Pode escolher para mim. Apenas algo muito caro. Menos cabra, por favor.

— Excelente. Mais champanhe, senhorita?

Mas que diabos?

— Claro. Mais champanhe. É uma noite para comemorar, certo?

Ela comeu a lagosta recheada com azeite de trufas e, em seguida, pediu a sobremesa. Algo com chocolate e outra coisa. Ela não estava prestando atenção. E já que o champanhe estava sendo tão bom, e que o garçom não tinha pedido identidade, ela experimentou duas cordiais sobremesas que tinham gosto de xarope para a tosse, mas fizeram sua cabeça girar maravilhosamente depois que conseguiu engoli-las. Ela realmente devia considerar começar a beber porque estava realmente gostando daquilo.

Ela se perguntava quanto custou aquela refeição. Provavelmente uma boa quantidade mesmo que fosse só para ela. Se ao menos convidasse alguns amigos, então a conta teria sido escandalosa.

Julie acenou para o garçom.

— Sabe de uma coisa? Essa lagosta trufada estava excelente. Eu poderia pedir mais cinco para levar? Obrigada. E lhe darei uma gorjeta de quarenta por cento. Aí gostaria do meu táxi, por favor. Estou pronta para ir para casa.

Quarenta e cinco minutos mais tarde, Julie tropeçou bêbada no apartamento de Dana e jogou os dois sacos de lagosta no refrigerador. Ela rastejou sobre a cama e ligou a televisão para que pudesse assistir a todas as celebrações do Ano-Novo.

Fogos na Times Square piscaram na tela.

— Foda-se, Nova York — ela gritou e silenciou o volume. Ei, talvez Finn ainda estivesse on-line. Demorou um pouco, mas finalmente ela localizou sua bolsa, que tinha sido jogada na geladeira com a comida.

Ela se atrapalhou na volta para o quarto e enviou uma mensagem para ele.

O que você está vestindo?

Ele não respondeu, então ela tentou novamente.

Eu só estou usando botas de couro altas até a coxa e girando um guarda-sol com estampa de leopardo.

Ainda nada. Ele deveria estar dormindo.

Por que ele não estava lá? Ela queria conversar com ele e ouvi-lo dizer coisas bonitas, flertando. Precisava dele naquele momento. Ele era engraçado e iria fazê-la rir. Ela arrancou um de seus sapatos e começou a se trocar, enquanto puxava um número de telefone. Suas meias estavam quase fora de seus pés quando ele respondeu.

— Alô?

— O que você está vestindo?

— Hum... quem é? — disse ele, sonolento.

— Matty, sou eu! — ela gritou.

— Julie?

— Sim, Matty! Você já me esqueceu? — Ela olhou em silêncio para suas meias emaranhadas, tentando descobrir como ela as tinha amarrado em um nó, enquanto elas ainda estavam um pouco em suas pernas. — O que você está fazendo em casa? Você deveria estar fora celebrando!

Ouviu-o rir baixinho.

— Eu estava dormindo. E celebrando? Não estou familiarizado com esse termo.

— Sim. É um termo porque eu digo que é assim. Eu sou muito criativa. Oh, meu Deus, eu sou O Exterminador do Futuro! Entendeu? Você não sente a minha falta e a minha divertida atitude?

— Eu sinto sua falta — disse ele, bocejando. — Claro.

— Isso não é convincente. Você está ferindo os meus sentimentos.

— Todo mundo sente falta de você. Especialmente Celeste. Obrigado por todos os e-mails que está enviando.

— Ah, minha amiga Celeste. — Julie deitou-se no chão e puxou as meias amontoadas. — Pronto, consegui!

— Conseguiu o quê?

— Consegui me despir!

— Eu acho que você está bêbada, isso é o que penso.

— Então o quê? E daí se estou bêbada? Eu ainda sou engraçada.

— Você é engraçada — ele concordou. — Como é a Califórnia? Como está seu pai?

— Meu pai é SUPERfantástico. Ele está claramente sendo votado para o pai do ano, pela maneira como está me mimando. É realmente uma boa viagem.

— Er... Você está bem?

— Eu estou perfeita. Você está bem?

— Sim — disse ele. — Você vai resistir até a meia-noite?

— Claro que vou resistir até a meia-noite. Vou assistir fogos de artifício sobre o oceano.

Quer vir assistir comigo?

— Claro. Eu estarei aí em um minuto. Não comece sem mim.

— Sempre posso contar com você, não posso, Matty? Você é o melhor, e você é muito útil. Eu te amo.

— Agora sei que você está bêbada.

— Calma, garoto bobo. Não é eu te amo-te amo. Adoro você. Você é tão inteligente. Oh, você me ama também, e você sabe disso.

— Você já bebeu alguma água?

— Viu o que eu quis dizer? Essa é a ideia mais inteligente de sempre! — Julie segurou na beirada da cama, se levantou e se dirigiu ao banheiro. — Ok, aqui vou eu. Você está pronto? — Ela abriu a torneira.

— Vá em frente.

— Agora, espera. Não vá a lugar algum.

Ela enfiou a cabeça debaixo da torneira e sugou tanta água gelada quanto podia.

— Ta-da! — ela anunciou.

— Você também poderia ter usado um copo.

— Você não disse, e você é o único responsável. Agora tenho que fazer xixi. Não ouça, porque isso seria nojento.

— Acredite em mim, não vou ouvir.

— Você fala e eu faço xixi. Fale alto para encobrir o som do xixi. Diga-me uma coisa interessante. Você sempre tem coisas interessantes a tagarelar.

— Eu não tagarelo. Mas por uma questão de bloquear quaisquer ruídos que você está prestes a fazer, vou ignorar esse comentário e dizer-lhe que Celeste amou a bolsa de mensageiro que deu a ela. E ela não piscou duas vezes quando viu as embalagens de dobradiças que colocou lá dentro. Ela colocou algumas no Pôster do Finn, e agora ele se dobra nos joelhos e no pescoço. Em seguida serão os tornozelos e cotovelos. Muito em breve ele vai caber na bolsa como o seu bilhete lhe disse. É realmente uma ideia bastante geniosa que você teve, Julie.

— Eu sei, certo? Sou espertinha também. Não tão esperta como você, porque você é anormalmente inteligente. Quero dizer, sério, Matthew Watkins. Você sabe o quão bizarramente inteligente você é? É muito estranho. Nunca conheci alguém como você em toda a minha vida. O que estávamos falando? Ah, sim. Então, Celeste pode simplesmente dobrar o Pôster do Finn e embalá-lo na bolsa de mensageiro e ninguém vai ver. E você? Será que você gosta de suas camisetas? Elas são engraçadas. Han Solo é sexy. Todo mundo gosta dele, porque ele já era quente e, em seguida, foi incrível quando a Princesa Leia disse “eu te amo” e ele disse “eu sei”. Que enfatizou a sua gostosura. Essa frase é atemporal. E os picolés? Eles são hilariantes, certo? Eu vou admitir que acho que gosto de todas as suas camisas.

- Obviamente, quando você fica bêbada, você mente. E fala muito.
- Não estou mentindo. Elas são, na verdade, um pouquinho adoráveis.
- Eu sabia que você não iria resistir.
- Já fiz xixi agora.
- Obrigado por me avisar.

Julie se arrastou para o corredor e se viu no espelho. Ela balançou um pouco de lado a lado e franziu o cenho para o seu penteado flácido.

- Estou parecendo uma louca. Acho que eu deveria ir para a cama agora.
- Provavelmente é uma boa ideia. Feliz Ano-Novo.
- Espere, não desligue ainda! Me coloque na cama.
- Colocar na cama?

— Sim. Me coloque na cama, venha para cama comigo. Oh, espere, isso não está certo, não é? Você pode imaginar?

- Imaginar o quê?
- Se nós formos para a cama juntos. Isso seria louco, não é?

Ela ouviu-o suspirar.

- Essa conversa tomou um rumo oficialmente alarmante.
- Você só está descobrindo isso agora?

Ela se arrastou de volta para o quarto, desligou a luz e ficou debaixo das cobertas.

- Matty?
- Sim, Julie?
- Eu tenho que te contar uma coisa.
- Vá em frente.
- Eu gosto de matemática.
- Acho que isso é maravilhoso.
- E há outra coisa.
- Diga.

Ela cobriu a boca com a mão, sussurrando.

- Eu sou virgem.
- Ah, meu Deus, Julie, eu vou desligar agora.

— Estou falando sério. Isto é importante. Eu sou uma caloura na faculdade. Como posso ainda ser virgem, não é? Ninguém mais é virgem. Ninguém mais no mundo todo. E você? Você não pode ser. Quero dizer, você tinha namorada e tudo. E você é velho.

— Obrigado.

— Bem, não é velho. Mas, mais velho do que eu. Então você, definitivamente, não pode ser virgem, certo? Diga-me. Você já teve relações sexuais, certo?

— Eu não acho que nós deveríamos falar sobre isso.

— Vamos lá! Não seja um bebê. É uma pergunta perfeitamente normal.

Houve uma longa pausa.

— Tudo bem. Sim, eu já tive relações sexuais.

— Eu sabia! — ela gritou triunfante. — Você já fez um monte de sexo?

Matt riu.

— Suponho que isso depende de como você define muito.

— Isso significa que você fez! Cara, na velocidade que estou, eu nunca vou fazer sexo.

— Você está com pressa?

— Por que não estaria? Todo mundo diz que sexo é ótimo. É, não é?

— Eu não sei se me qualifico como um especialista, mas, sim, ele pode ser ótimo. Se você estiver com a pessoa certa. — Ele ficou em silêncio por um momento. — Então, você e Seth nunca...?

— Há! Eu sabia que você ia gostar de falar sobre essas coisas! Não, nós nunca fizemos. Eu não queria. Seth era bonito e agradável e perfeito e tudo isso, mas eu não queria. Ele não era o cara, sabe? Eu quero o cara. O cara completo. Não o príncipe encantado enjoadamente perfeito e tudo o mais. Isso é patético. Quero o cara com falhas e tudo.

— Você vai encontrá-lo. Não quando estiver bêbada e balbuciante, mas você vai encontrá-lo.

— Ei, eles estão em contagem regressiva para a meia-noite. Na estúpida Nova York, onde todas as pessoas são legais e estúpidas. Vamos contar juntos.

— Diga-me quando for para contar.

Julie olhou vertiginosamente para a tela.

— Sete, seis... — Matt passou a contar com ela. — Cinco, quatro, três, dois, um! — Ela viu as hordas de pessoas levantarem os braços e torcerem quando a famosa bola foi ao chão. As câmeras deslizaram por casal após casal se beijando.

— Feliz Ano-Novo, Julie.

— Feliz Ano-Novo, Matty. — Ela desligou a televisão e rolou para o lado.

— Matty, tenho outra pergunta para você.

— Uh-oh.

— Você é um amante habilidoso?

— E isso conclui o nosso bate-papo desta noite.

— Aposto que eu poderia ser uma amante experiente. Sou muito enérgica. E aprendo rápido.

— Você, definitivamente, precisa ir dormir.

— Ah, tudo bem. — Ela puxou o lençol mais para cima. — Não posso mais ficar no telefone. Tenho que começar a dormir.

— Acho que é um bom plano. Fico feliz que você pensou nisso.

— Gosto de falar com você — Julie murmurou.

— Gosto de conversar com você também. A maior parte do tempo. Eu te vejo quando você voltar.

— Boa noite, Matty.



Capítulo 23

Julie olhou para o relógio. Eram apenas 7h30 da manhã, e ela se sentia no inferno. A expressão “morta e enterrada” veio à mente. Ela tinha dormido terrivelmente, se debatendo, tentando controlar a náusea que a tinha acordado várias vezes. Para não mencionar a excruciante dor de cabeça. “Champanhe é uma porcaria”, ela pensou. “E seu pai e a estúpida Nova York ainda são uma porcaria.”

Ela poderia levantar-se, uma vez que não havia nenhuma serventia ficar deitada por aí se preocupando com as coisas. Ela arrastou a própria ressaca da cama e caminhou penosamente para a cozinha, segurando uma mão na cabeça em uma tentativa fútil de não deixar seu cérebro se esmagar contra o crânio.

Ela pegou uma caixa de suco de laranja e se sentou no sofá na sala para assistir TV.

Repórteres recapitularam as celebrações da noite anterior e repassaram todas as viradas do ano e os aplausos de todo o mundo. Vendo isso, essa massa de pessoas felizes a fez se sentir pequena e sem importância.

Provavelmente da maneira que seu pai a via.

Ela conseguia enxergar agora.

Estava bem claro para ela que ela mal aparecia no radar dele. Era quase inacreditável. Ela era sua filha, sua única filha, e ele a tinha desiludido um monte de vezes. E ela tinha deixado ele fazer isso. Idiota.

Sua cabeça estava girando. Ela passou pelos canais e parou em um com um repórter de notícias locais, que tinha sido preso com o trabalho infeliz de filmagens em uma praia muito

ventosa em South Boston. Julie olhou de soslaio para a televisão. Por que na Terra havia uma multidão se formando na praia congelante naquele momento do dia? Ah, meu Deus, eles estavam indo nadar!

O repórter arrancou o chapéu quando uma rajada de vento fez um redemoinho.

— Mesmo com a temperatura prevista para ser dolorosos 41 graus negativos, dúzias de homens e mulheres, e até crianças, estão se preparando para o anual Mergulho Polar nesta manhã às dez horas no Porto de Boston.

Finn tinha dito a ela sobre esse evento.

“Essas pessoas são loucas”, Julie pensou.

— Muitos nadadores irão experimentar um ataque involuntário de hiperventilação que pode durar cerca de três minutos — o repórter continuou. — E esses demônios não estarão usando nenhuma roupa de proteção para combater a água gelada. Sem roupa de mergulho por aqui, pessoal. Somente roupas de banho e bravura!

Julie fez um pote de café e tomou alguns analgésicos. Ela ficou parada na janela que dava para uma rua deserta. Dificilmente alguém estava fora aquela manhã, como se o céu cinza mal-humorado tivesse proibido as pessoas de saírem de suas casas. Julie tomou um gole do seu copo e ameaçou vomitar. Seu estômago estava arruinado. Todas as partes de seu corpo doíam, e ela não conseguia se lembrar da última vez que esteve com esse terrível humor.

Ela colocou o copo na mesa e tomou uma decisão. Iria mandar a Finn uma mensagem, citando uma velha música dos The Why Store, “Lack of Water”.

Isso deveria ser dúvida o bastante. Em caso de ela voltar atrás.



Mathew Watkins *acha que beber até cair de forma casual, na-privacidade-de-sua-própria-casa é, injustamente, retratado de forma maligna na mídia e no cinema de comédia romântica de garotas.*

Finn é Deus *Você sempre pode fazer alguma coisa algumas vezes?*

Julie Seagle *Eu tive um sonho sobre começar um serviço de encontros para peixes chamado apenasmaridos.com. Da série de notícias irrelevantes, nunca mais vou beber.*

Julie olhou em volta e se perguntou por que todo mundo estava sorrindo. Aquilo não era engraçado. Estava chovendo com neve agora, e o vento tinha aumentado. Ela olhou para baixo para suas pernas descobertas e questionou no que ela estava pensando quando decidiu ir até a praia. E o único traje de banho que a louca da Dana tinha era nada mais que uma pequena mão cheia de tecido fazendo-se passar por um biquíni. Julie se sentiu como uma idiota. Pelo menos outras pessoas naquela multidão do Mergulho Polar pareciam idiotas também, ela supôs; os três rapazes com o logo do Red Sox pintado no peito, um idoso com um chapéu de caubói, uma mãe vestida como uma lagosta e um trio de jovens meninos vestidos como duendes, todos se destacavam mais do que ela.

Esperançosamente.

Merda, estava frio, e ela nem estava na água ainda. Julie olhou para o oceano, as ondas escuras e ameaçadoras. Poderoso. Ela não entendia o entusiasmo da multidão pelo que eles estavam prestes a fazer. Era um objetivo.

Um teste. Uma maneira de provar alguma coisa. Era assustador e terrível. Mas Julie precisava fazer aquilo. Ela tentou focar, determinada a não parar quando seus pés alcançassem a água. E se ela parasse de respirar? Parasse de se mexer? E se ela ficasse em pânico e seus joelhos ficassem fracos? A força das ondas a empurraria para baixo da superfície, segurando-a lá embaixo no chão do oceano congelante. Isso não iria acontecer, ela falou para si mesma. Tinha uma multidão ali.

Alguém iria vê-la cair ou passar por cima dela. Ela só precisaria passar com dificuldade pelo primeiro choque de frio. Iria correr para dentro e para fora da água, e teria acabado. Somente alguns minutos da vida dela.

Aquele repórter tinha falado alguma coisa sobre hiperventilação involuntária.

Sim. Julie já estava hiperventilando involuntariamente. E quem hiperventila voluntariamente?

Julie olhou para uma garota usando uma fantasia da Princesa Leia e a encarou.

Mesmo no seu estado enevoado, era como se um sino tocasse em sua cabeça. Na realidade, o pior tipo de apito gritou, horivelmente, tocando, e o barulho foi parando...

De repente a multidão correu para frente, e Julie se viu correndo pela areia fria. Enquanto vagamente podia escutar os gritos e os berros dos outros nadadores, principalmente, ouvia o som da sua respiração áspera e assustada. O que Finn tinha dito a ela?

“Por mais que você esteja assustada, também começa a sentir a adrenalina, a excitação de estar na borda.”

Julie correu mais forte, mais rápido, gritando quando alcançou o oceano, mas não parou. A água atormentou suas pernas, depois sua cintura, fazendo-a ofegar e lutar por ar. O frio estava tão berrante que ela não conseguia emitir nenhum som.

Pensou em Finn novamente: “é uma calmaria como você nunca experimentou antes, e você não vai querer que acabe”.

Ela entendeu aquilo agora. Quando inclinou as pernas e jogou seu corpo inteiro debaixo d'água, entendeu o que ele quis dizer. Os pés dela acharam o chão, e ela se levantou, ascendendo ao ar frígido. Ela poderia jurar que escutou Finn chamar seu nome quando foi para baixo novamente. A maneira como seu corpo ficou paralisado tão rapidamente foi fascinante. Alívio. Ela era atraída pela sensação. Talvez poderia só ficar ali, ali naquela eufórica água congelante onde se sentia sem tempo e tranquila e clara?

Quando atingiu a superfície novamente, ela se virou de costas para a praia, ficando em silêncio enquanto a água salgada batia contra ela.

“Julie! Julie!”

O céu estava mais escuro agora. Muito escuro para ser apenas dez da manhã. A chuva

com neve continuava a cair. Devia estar machucando a sua pele.

Seu corpo parecia sem peso e infalível, e essa sensação não familiar a estava envolvendo. A sedução do oceano mortal estava chamando por ela de novo. Ela deixou suas pernas se inclinarem e assistiu cravada a sua linha do horizonte mudar.

“Julie!”

Alguém agarrou seu braço.

— Garota, você tem que sair. Vamos. — Um homem forte segurou no seu braço e a puxou para cima, impedindo-a de afundar. — Agora. É isso. Vamos. Corra. — Julie notou que ele tinha um longo cabelo cinza que usava num rabo de cavalo do mesmo modo que seu avô usava. E uma barba cheia. Suas pernas estavam se mexendo, mas ela sentiu que não estava indo rápido o suficiente. Como se os seus passos estivessem em câmera lenta. Ela assistiu fascinada quando o homem colocou seu braço ao redor dela e facilmente levantou-a. Por que ele estava fazendo aquilo?

“Julie!”

O homem carregou-a para fora da água e depois atravessou a areia.

— Você vai ficar bem. Você só congelou. Primeira vez, hein?

— Sim — ela sussurrou.

O homem a colocou nos seus pés, e ela se inclinou para frente em um grande cobertor. O cheiro e a textura pareciam de casa. Enquanto alguém a embrulhava no macio, seu corpo começou a tremer violentamente.

— Oh, meu Deus, Julie! O que você está fazendo? — Ela também conhecia aquela voz.

— Matt? Você me viu? — ela perguntou, sem olhar para cima. Sua voz parecia longe.

— Sim, eu vi você — Matt disse. Ele não parecia feliz.

— Você viu o Papai Noel também?

— Não era o Papai Noel. Era um dos escoteiros da rua L que resgatou você de uma morte certa. Foi consideração dele, depois que você arruinou o evento deles.

Matt apertou o cobertor em volta dela e a encarou furiosamente esfregando suas costas e seus braços.

— Temos que esquentar você. Boba. Ei, você pode pegar as calças dela, meias e botas? Depressa.

Julie sentiu alguém levantar seu pé.

— Eu vi você também, e achei que estava ótima! Realmente sensacional!

— Celeste? — Julie tentou virar a cabeça. Matt tinha coberto ela toda com o cobertor, assim não conseguia ver nada.

— Estou aqui! — Celeste disse excitadamente. — Estou cuidando do seu pé azul!

A pele de Julie parecia que estava queimando.

— Por que você está aqui? Como? — ela perguntou para Matt. Seus dentes estavam batendo violentamente.

Ela ficou lá tremendo sem proteção, completamente consciente de que estava praticamente nua. Porra, biquíni de Dana. Pelo menos ela estava com muito frio para ficar vermelha. Matt não disse nada quando deixou cair o cobertor por um breve momento, colocando nela uma camiseta de manga longa e depois um grosso moletom por cima de sua cabeça. Uau. Ele parecia extremamente irritado. Ela o deixou enfaixá-la no cobertor novamente e passou os braços em volta dela enquanto tentava trazer a temperatura do seu corpo de volta ao normal.

— Finn imaginou. Ele me mandou para pegar você — ele sussurrou na orelha dela. — O que diabos você estava pensando? Nós podíamos te ver lá no oceano sem se mover. Você tem sorte de não estar morta. Por Deus do céu, Julie. Por que você fez isso? Por que está aqui e não na Califórnia com o seu pai? — Ele parecia irracionalmente bravo.

Julie deixou cair a cabeça para frente e se inclinou para ele. Seus dedos dos pés pulsaram. Ela não podia controlar o jeito que seu corpo todo tremia.

— Porque ele é um idiota e eu, uma mentirosa. — Ela se sentiu sufocada com um soluço. E depois ela não podia parar.

Matt não disse nada, mas continuou esfregando suas costas. Celeste se moveu atrás dela e pressionou o corpo contra o de Julie, abraçando-a apertado, assim ela estava presa entre irmão e irmã. Eles ficaram assim por algum tempo, o efeito do frio começando a passar, e a dor profunda acomodando-se.

— Por favor, não chore, Julie. Você foi simplesmente maravilhosa lá — Celeste disse.

— Ela não foi maravilhosa, Celeste. Foi uma estúpida — Matt disse. — Mas estamos felizes que você está bem. Você está bem, não está? Eu digo... fisicamente?

Julie assentiu. Certo, ele obviamente pensava que mentalmente ela estivesse esgotada.

Ela sabia que chorar estava deixando Matt desconfortável. Pelo menos sua ressaca estava, significativamente, menos proeminente agora. A parte positiva de quase morrer. Ela virou sua cabeça para o lado e viu a garota que vestia a fantasia da Princesa Leia se levantar de novo. Alguma coisa passou como um flash por sua mente. Uma mancha macia sobre a tela...

Uh-oh.

Ela fechou os olhos. Graças a Deus que ela tinha seu rosto escondido.

— Matt?

— Sim?

— Nós nos falamos ontem à noite ao telefone?

Ele pausou.

— Nós falamos.

Oh, não. Julie estava começando a se lembrar.

Isso era inacreditável. Talvez ela estivesse imaginando.

— Eu perguntei a você... — Ela engoliu forte. — Eu perguntei a você se era um amante habilidoso?

Matt limpou a garganta e pausou novamente.

— Sim, você perguntou.

Celeste caiu na gargalhada.

Julie enfiou sua cabeça mais para baixo ainda.

— Desculpe.

— Vamos levar você para o carro. Ainda deve estar quente.

— Celeste, você pode pegar minha bolsa? — Julie apontou debaixo do cobertor para os bancos do outro lado da praia.

— Claro que sim. Ei, Julie?

— Sim, criança?

— Estou feliz que esteja aqui. — Celeste sorriu de alegria. — Em casa.

— Eu também.

— Encontre-nos no carro, ok? — Matt saiu de perto de Julie e a virou na direção da estrada.

Seus pés estavam ganhando alguma sensação.

Ela puxou o cobertor mais apertado ao redor dos ombros e deixou que Matt a guiasse pela praia.

— Então, Matt — ela começou e olhou para ele sorrindo. — Ontem à noite? Qual foi a sua resposta?

— Eu não direi a você. Agora talvez você não beba tanto de novo.

Julie suspirou.

— Acredite em mim. Lição aprendida.

Matt a colocou no banco da frente e aumentou a temperatura. Celeste chegou ao carro com a bolsa da Julie e eles foram para casa. Periodicamente, Julie estremecia quando arrepios agudos passavam por ela, e ela mantinha as mãos na frente do vento morno e as esfregava.

Matt franziu a testa enquanto tentava ligar o carro, finalmente batendo no painel.

— Vamos! Vamos, seu pedaço de merda! — Ele bateu de novo.

— Está tudo bem. Acalme-se. Eu estou esquentando — insistiu Julie.

— Não, você não está bem. — Matt pareceu bravo novamente. — Isso foi uma coisa estúpida de se fazer. Sério, o que possuiu você?

Julie se inclinou para trás.

— Eu não me importo. Estou feliz que tenha feito isso.

— É chamado de mergulho. Não é ficar-lá-perigosamente-na-água-fria-e-olhar-para-o-nada. Um mergulho significa exatamente isso. Você mergulha e cai fora. Não que você devesse ter feito, de qualquer forma.

— Sim, senhor.

— Eu não estou brincando, Julie. Isso foi estúpido. Estúpido. — Ele acelerou e ultrapassou alguns carros.

— Devagar, Matt! — Julie disse roucamente. — Você vai tomar uma multa.

— Eu vou dirigir tão rápido quanto quiser. Quanto mais rápido você chegar em casa, mais rápido você irá se esquentar.

— Por que você não me leva de volta para a casa da Dana? Só vire à esquerda aqui.

— É onde você tem ficado? — Ele balançou a cabeça, parecendo exasperado com ela. — Não, eu não vou te levar de volta para a casa da Dana. Quem sabe em qual outra encrenca você vai se meter?

— Matt! Eu posso ficar em qualquer lugar que eu quiser. Sou adulta.

— Você não está agindo como uma.

— Por que se importa onde eu vou ficar?

— Ah, briga de amantes — Celeste disse sonhadoramente do banco de trás.

— Cale a boca! — Julie e Matt gritaram juntos.

Tentar ignorar seu jeito de dirigir pelo resto da volta para casa era a única coisa que a deixava sã naquele momento. Deus, ele era tão rabugento às vezes.

Temperamental.

Ela não conseguia acompanhar os seus humores.

Ele entrou no estacionamento e abriu a porta, se movendo para ajudá-la a sair.

— Eu posso andar muito bem sozinha — ela disse, embora suas pernas estivessem visivelmente tremendo. Ela o empurrou para longe.

— Me perdoe por não querer que você tenha um colapso na rua — ele disse.

Julie arrastou os pés atrás dele e Celeste enquanto eles subiram os degraus da frente e viu Matt brigando com a fina fechadura da frente.

— Espere um minuto. — Ela voltou para o carro e depois olhou para Celeste.

— Onde está o Pôster do Finn?

Matt congelou e também se virou para sua irmã.

Celeste deu uma palmada sobre sua boca.

— Oh! Ele está no carro. — Ela começou a andar de volta descendo os degraus e parou.

Julie olhou para Matt e percebeu o que tinha acontecido.

— Não, Celeste — ele disse suavemente. — Ele não está. — A surpresa na sua voz era óbvia. — O Pôster do Finn não está no carro. Nós esquecemos.

Celeste ficou de costas para eles e esmagou as mãos.

Matt continuou.

— Nós saímos de casa tão rápido que esquecemos.

— Eu nunca esqueço. Nunca — ela disse.

Julie se arrepiou. Ela reparou que Celeste não somente saiu de casa, mas tinha ido até o Sul de Boston, pego Julie da praia e voltado para casa. Tudo sem o Pôster do Finn. E tudo num mais relaxado e mais alegre estado, que Julie jamais tinha visto antes.

— Celeste, não acho que você se esqueceu. Acho que você não precisava dele hoje.

— Isso não é justo com ele!

Matt se moveu em direção a sua irmã, mas Julie agarrou seu braço. Ela não queria que ele a resgatasse novamente.

— Querida, você pode tirar um dia de folga quando quer. Ele também pode. Não é um grande problema. Algumas coisas você pode fazer sem ele.

— Além disso, está nevando, chovendo e horrível hoje. — Ele estava claramente tentando muito parecer indiferente. — Ele teria odiado essa viagem.

Celeste soltou seus punhos.

— Eu imagino que ele teria odiado.

— Falando em neve, você precisa entrar na casa, Celeste. — Matt conseguiu abrir a porta. — Ou eu vou ter duas garotas de gelo para cuidar.

Celeste se virou, seu longo cabelo loiro cacheado reluzente com a neve.

— Não, não queremos sobrecarregar você, agora, queremos? Duas frágeis fêmeas, tanto Julie quanto eu não podemos tomar conta de nossos corpos delicados. Talvez nós precisemos ser carregadas para a sala de desmaios e reanimadas com cheiros salgados. — Ela andou de volta para os degraus e entrou na casa.

Matt olhou para Julie, estarrecido.

— Ela apenas revirou os olhos para mim?

— Sim — ela disse com prazer. — Sim, ela fez.

— Por que você não toma uma ducha quente? Eu vou acender a lareira.

Trinta minutos depois, Julie estava agasalhada com pijamas compridos. Ela foi voando mais perto da lareira e enfiou seus dedos tão perto do calor quanto podia sem incendiar suas meias. Matt espetou um tronco com um atizador de brasas de ferro, emitindo faíscas.

— Obrigada pela sopa — disse Julie.

— Sou dotado de um abridor de lata. O que posso dizer?

— Mesmo assim. Obrigada. E pela água e o suco de laranja. Eu me sinto um pouco melhor.

— Bom. Vou pedir o jantar esta noite daquele lugar vietnamita que você gosta. Você vai estar de volta ao normal logo.

— O fogo faz bem. Como é que vocês não acendem com mais frequência? Você tem todas estas lindas lareiras em casa.

Ele jogou outro tronco nas chamas já altas.

— Mamãe não gosta muito do cheiro. Como ela não está aqui, pensei em tirar proveito. A casa vai ficar livre do cheiro antes que ela volte.

— Onde estão seus pais? Eles não podem estar trabalhando hoje.

— Subiram para Stowe por poucos dias. Vermont. Temos uma casa lá — ele explicou.

— Eles não levaram você e Celeste — ela disse baixinho.

Ele balançou a cabeça.

— Não, não levaram. E quanto a você? O que aconteceu com seu pai e Califórnia?

— Ele cancelou a viagem. E então ele me abandonou para jantar na noite passada.

— Não acredito que você passou o Natal sozinha. Por que não disse para nós? Você deveria ter ficado aqui. Meus pais vão ficar furiosos com você.

Julie deu de ombros.

— Eu não sei. É embaraçoso. Não diga a Erin e Roger, por favor? E Finn. Especialmente não diga a ele.

— Julie, você meio que já contou a ele. Eu acho que você ficou com uma lesão no cérebro daquele mergulho no Atlântico.

— Oh, eu disse. Não disse? — Julie alcançou atrás dela e agarrou um travesseiro para que pudesse se deitar. — Como Finn sabia onde eu estava?

— Eu não sei. Ele disse alguma coisa sobre uma canção. Que tudo o que você precisava era água. Então algo sobre liberar você mesma. Finn insistiu que enquanto você não fizesse paraquedismo, poderia fazer algo como arremessar-se para o Atlântico para provar um ponto de vista. Então, recebi uma missão. Como eu já disse antes, apenas sigo ordens por aqui.

Era muito a dizer de uma citação enigmática. Ela apoiou-se no braço.

— Eu poderia fazer paraquedismo.

— Claro que poderia.

— Eu poderia — ela insistiu e deitou-se novamente. — Com a pessoa certa. Depende o que você quer dizer com paraquedismo.

Matt riu.

— Sobre o que você está falando?

— Nada. Ei, Matt?

— Sim?

— Lamento que seus pais o deixaram aqui sozinho. Isso não é muito agradável.

Matt espetou o fogo com o atizador de fogo de ferro.

— Não, não é muito bom, né? E lamento que seu pai deixou você sozinha. Isso também não é muito bom.

— Obrigada. — Julie fechou os olhos. Ela estava exausta.

— Cansada, né? Por que você não dorme um pouco?

Ela ouviu Matt levantar-se para fechar as cortinas e, em seguida, sentiu cobri-la com um cobertor de lã. Matt era tão consistentemente inconsistente, ela pensou sonolenta. Ele estava sempre chamando a atenção dela e envolvendo-a e, em seguida, sendo evasivo e chato com ela, e, em seguida, alimentando-a com sua sopa e depois dizendo para ela tirar um cochilo, depois, falando sobre fontes e equações... Era difícil pensar mais.

Julie bocejou.

— Você ligou para Dana?

— Ainda não. Vou ligar.

O calor do fogo aqueceu sua face.

— Obrigada por me pegar, Matty. Me desculpe — ela murmurou.

— É claro. Não tem problema.

Julie não tinha certeza, mas quando a fadiga assumiu e levou-a para a inconsciência, ela pensou sentir uma mão escovar suavemente o cabelo do rosto.

E ela pensou que tinha ouvido alguém sussurrar letras sobre abrigo, mundos quebrados, tempos de mudança, poder emergente, falta de água...

Mas provavelmente já estava sonhando. Porque mesmo que ela pudesse senti-lo, Finn não estava ali com ela.



Parte 3



Capítulo 24

Matthew Watkins *era um protótipo disponível apenas para os desenvolvedores e teve um subsistema cerebral pré-disponível cheio de insetos. Além disso, nenhum controle de bexiga.*

Finn é Deus *Espero que, um dia, eles inventem um carro que ande com pensamentos inapropriados.*

Julie Seagle *pensa que, quando você comenta suas atualizações do Facebook, deve usar um pouco de gramática e pontuação. Mas talvez eu seja apenas uma vaca.*

Julie levou copos e um jarro de limonada para fora, juntando-se a Roger, Matt e Celeste na varanda da frente.

— Mais dobradiças? O Pôster está fazendo teste para o Cirque du Soleil?

— É bem possível que o Pôster do Finn pudesse agora ser dobrado em uma carteira — Roger disse. Ele se levantou e apontou para as novas dobradiças que estavam brilhando nos tornozelos do Pôster. — Eu não acho que há espaço para mais. Fizemos todas as outras articulações. O que você acha, Celeste?

Celeste estava descansando em uma cadeira de vime, a cabeça inclinada para trás e os olhos fechados, enquanto tomava o Sol de abril.

Lentamente, ela levantou um pouco e olhou por cima.

— Você está certo. Isso pode ser o quanto ele pode aguentar. Ele já está muito parecido com um acordeão, não é? — Ela deixou cair a cabeça para baixo.

Roger olhou para Julie e sussurrou.

— Tenho a sensação de que alguém não está mais tão envolvida com outra pessoa.

— Consigo ouvir você — disse Celeste. — Estou decididamente envolvida. Ah, o correio está aqui.

Ela pulou de seu assento e correu para os degraus da frente.

Roger olhou para sua filha enquanto ela se afastava.

— Ela parece tão... velha. Ela parece velha para você, Matthew?

Matt serviu um copo de limonada.

— Sim. Estou bastante certo de que vi rugas em seu queixo flácido. Além disso, ela tem abusado do creme antirrugas. Devemos procurar um asilo para ela.

— Matthew, relaxe. Ela parece bem. Embora eu ache que sua roupa seja miserável. — Roger franziu a testa. — Mas eu tenho que achar isso. Certo, Julie?

Julie assentiu com a cabeça.

— Sim, claro. Pais devem odiar o que suas filhas adolescentes estão vestindo.

— Missão cumprida — disse ele com algum desespero. — As saias demasiadamente curtas e aqueles terríveis brincos... É algo seu?

— Culpada.

Roger balançou a cabeça com aceitação e se sentou nos degraus.

Celeste retornou com a correspondência, colocando sobre uma mesa pequena, e se sentou novamente na cadeira de vime.

— Minha revista chegou. Eu não me importo com o horóscopo ou jogos, ou, verdadeiramente, muitos dos artigos, mas gosto das peças da moda sugeridas.

Julie se sentou perto de Celeste, para que as duas pudessem debater estilos de sapato e as novidades de bailes de formatura. Celeste parecia radiante e, para ela, relaxada. Alguma coisa tinha mudado nos últimos meses. Era sutil, mas Julie via diferenças.

Matt lançou um olhar mal-humorado enquanto mexia na correspondência.

— Vocês duas estão honestamente preocupadas com essas coisas?

Julie olhou para ele.

— Não há nada de errado com isso. Não é como se cobiçar o par perfeito de sandálias de tiras ignorasse nosso interesse em política e preocupação social, não é mesmo, Celeste?

— Oooh! Olha o cabelo dela! — Celeste apontou para uma foto. — Você acha que poderia fazer isso no meu? Acho isso muito lisonjeiro. E, não, Matthew. Concordo com Julie.

— Você é esperta — ele disse. — Não precisa disso tudo.

— Sim, eu sei. Eu sou uma garota esperta. Minha identidade tem sido alcançada por esse rótulo, e talvez eu gostaria de ser vista como alguma coisa diferente da menina esperta.

Julie sorriu para Matt.

— Aí está.

Celeste olhou para cima.

— Me perdoe, não tive a intenção de ser rude, Matty. Mas você não é menina e não entende as pressões sociais que alguém na minha idade deve enfrentar.

— Flexibilidade — Julie lembrou Celeste em um tom monótono.

— Ah, sim. Certo. Desculpe. De qualquer forma, atratividade é, provavelmente, apenas uma construção social, mas sucumbir a selecionadas normas não é sempre um movimento negativo. Julie, por exemplo, é um bom modelo de alguém que é tanto altamente inteligente quanto socialmente hábil.

— Muito bem. — Matt franziu a testa para um envelope rosa. Ele olhou furtivamente para Celeste, que estava enterrada em sua revista e cruzou o pórtico.

Julie viu quando ele abriu o envelope, verificou um cartão e começou a colocá-lo entre as páginas de um folheto de loja.

— O que é isso? — Julie perguntou em voz alta.

— O quê? Nada. Lixo.

— Não, não é. O que é isso? — Julie se levantou e marchou em direção a ele. — Você não recebe cartas em envelopes cor-de-rosa, então passe para cá.

— Julie! — ele sussurrou.

— Matt! — ela sussurrou de volta. Ela arrebatou o cartão de suas mãos.

O envelope era dirigido a Celeste, e o cartão era um convite para uma festa de aniversário, uma festa do pijama no fim de semana seguinte.

— Ei, Celeste! Você foi convidada para uma festa. Pela Rachel! Ela está na sua classe?

— Julie! — Matt pegou o cartão de volta. — Não!

Celeste deixou a revista cair em seu colo.

— Eu fui? Ela me convidou?

— Ela fez isso? — Roger virou-se e olhou para sua filha.

— Sim, ela convidou. Todo mundo pode parar de agir assim, ridiculamente boquiabertos. Aqui. — Novamente, Julie furtou o cartão de Matt e o entregou para Celeste.

Celeste olhou atentamente para o convite, sua boca começando a formar um sorriso melancólico. Mas então ela o colocou para baixo na mesa.

— Foi incrivelmente generoso de Rachel me convidar. Ela tem sido muito boa para mim. Eu não posso ir, é claro.

— Por que não? Vá à festa — Julie insistiu. — Se divertir, sair, comer bolo, fofocar.

Roger se levantou.

— Julie, isto talvez pode não ser...

— Celeste, você quer ir?

— Nós não podemos considerar isso uma opção, podemos? — Ela olhou para o Pôster do Finn.

— Tudo bem. — Roger acenou para Celeste acima de seu assento. — Por que você não vem para dentro comigo? Eu quero te mostrar os resultados desse estudo que fiz sobre a luta contra a propagação de algas nocivas.

Celeste não olhou para Julie enquanto se levantou e lhe entregou o convite.

— Por favor, não se preocupe com isso. Eu entendo que não iria dar certo.

Enfurecida, Julie cruzou os braços. O comportamento de Celeste havia mudado e ela já não parecia relaxada. Isso era inteiramente culpa do Matt e do Roger.

Matt colocou as mãos nos bolsos e olhou para baixo.

— Eu sei o que você vai dizer.

— Você sabe? Realmente? Que merda, Matt! Como você pode fazer isso com ela?

Ele olhou para cima surpreso.

— Fazer o quê?

Ela suspirou.

— Já ouviu falar de um complexo de inferioridade? Você está definindo-a para o fracasso. Ela sabia que você havia escondido o convite dela e isso lhe mostra que você não acredita nela.

— Ela sabia porque você fez um espetáculo por causa dele. Ela não pode ir. Você sabe. É por isso que eu não queria que ela visse o convite. É apenas outro lembrete de algo que ela não está pronta para fazer.

— Talvez seja você que não esteja pronto! Talvez seus pais não estejam prontos! Huh? Sua mãe a vestia com assustadores aventais de criança, por Deus, até que eu a levasse para o shopping!

— Shhh! Pare de gritar! — Matt advertiu. — Isso não é sua decisão.

— Não é sua também. É de Celeste. Ela deveria ser capaz de ir, se quiser — Julie insistiu. — Ela está pronta.

— Ela não está pronta.

— Ela precisa de amigos, Matt. Quando foi a última vez que alguém a convidou para fazer qualquer coisa?

Matt ficou em silêncio.

— Ela precisa de amigos — disse Julie novamente. — E você também. Você precisa que ela expanda o seu mundo para que você possa ter o seu de volta.

Ele assentiu com a cabeça.

— Eu sei. Mas os pais da Rachel provavelmente a fizeram convidar todos. Incluindo Celeste.

— Todas as meninas daquela classe enorme foram convidadas para permanecer em sua casa? Eu acho que não. Celeste foi convidada porque essa menina Rachel queria convidá-la. É apenas uma festa. Se você não fizer um alvoroço, ela talvez não faça. Você é o irmão dela. Ela conta com você e precisa saber que você acredita nela.

Julie acenou o convite para ele.

— Que você confia nela e que acha que ela pode ter sucesso. Você não percebe isso?

Matt evitou o seu olhar.

— Ela não conta comigo. Ela conta com o Finn. E com você.

— E você. Ela te ama.

Ele embaralhou os pés.

— Você realmente acha que ela pode lidar com isso?

— Sim. Eu acho. Eu sei.

— E quanto ao Pôster do Finn?

— Ela vai dobrá-lo e enfiá-lo no fundo de sua bolsa da noite para o dia. Ninguém vai saber. Ela tem ido às compras comigo um monte de vezes sem ele, e eu não tenho mais que levá-lo no carro quando a busco na escola. Sim, ele ainda tem que ficar ao lado de sua cama ou do lado de fora de sua porta à noite e ela ainda fica obcecada com ele alguns momentos, mas não como antes. Ela está ficando ocupada com outras áreas da vida. Com vida, isso que importa. — Julie olhou suplicante para Matt. — Ela pode fazer isso. Está vestindo-se melhor, escutando música normal, ela escolhe meninos bonitos na televisão. Cale-se! — Julie cortou Matt antes que ele dissesse qualquer coisa. — Essas coisas são normais. Ela ainda está falando menos... menos como alguém que acabou de se formar em uma classe de articulação avançada. Bem, às vezes. Deixe-a crescer. Ela tem que assumir um risco.

— Ela nem quer mesmo ir, Julie — ele disse fracamente. — Realmente.

— Ela quer. Você viu como ela olhou para esse convite.

Matt soltou um grande suspiro.

— Vou falar com meus pais.

— E ligue para Dana. Dei-lhe o seu número há meses.

— Ela estava com mononucleose.

— E daí? Você poderia ter levado sopa para ela. Cuidado de suas necessidades, se entende o que quero dizer. — Julie deu-lhe uma piscada exagerada.

— Liguei para ela, e ela disse que se sentia horrível e que iria me ligar quando melhorasse do seu estado de calamidade.

— Falei com ela hoje de manhã e ela sente-se melhor. Está entocada em seu apartamento

por muito tempo e pronta para algum divertimento.

— Se você piscar para mim novamente, nunca vou ligar para ela.

— Muito bem. Pare de ser tão perturbado.

— Nunca ocorreu a você que eu poderia ter que ser? Tenho muita coisa para administrar.

Julie colocou as mãos nos quadris e respirou.

— Desculpe.

— Mais alguma coisa que você quer que eu faça? Devo começar uma lista de todas as suas tarefas atribuídas?

— É isso. Por enquanto. Mas ligue para Dana e vá a um encontro como um menino de faculdade normal. E não use camiseta estranha.

— Defina estranho.

— Boa tentativa.



Julie deitou-se sobre seu estômago, com os dedos prontos sobre o teclado. A única luz no quarto era do brilho do notebook, mas ela não tinha necessidade de ver qualquer outra coisa agora, exceto a conversa on-line entre ela e o Finn.

Julie Seagle

Ok, então eu te falei da festa do pijama da Celeste e do possível encontro do Matt. O que mais...?

Finn é Deus

Eu acredito que a festa do pijama será um sucesso, mas o encontro, não. Matt tende a ficar gasoso quando fica nervoso e, bem, você sabe... que isso não costuma ir tão bem com as mulheres.

Julie Seagle

Descobri que ele realmente teve uma namorada por um tempo, então, presumivelmente, ele pode manter o controle das funções do seu corpo por curtos períodos. Você deveria desejar-lhe o bem!

Finn é Deus

Desejo que esta pobre menina Dana melhore, coitada... Estou brincando!

Eu tenho certeza de que eles ficarão noivos no final do encontro. A-há! E então nós podemos dançar no casamento. Vou vestir um smoking roxo para que me destaque e possa ser identificado ao lado do Pôster do Finn. (Deve certificar-se de que o pôster não use um terno similar. Desastre!) Julie Seagle

Você é uma aberração.

Finn é Deus

Você não é a primeira e não vai ser a última, só para constar. Eu uso meu rótulo “aberração” com orgulho. Na minha lapela. Um rótulo de lapela!

Finn é Deus

Você não tem nenhum evento iminente para você mesma?

Julie Seagle

Estou levando numa boa desde o Mergulho Polar. Uma menina frágil como eu tem pouca resistência, você sabe.

Finn é Deus

Há! Fraca você não é. Eu estava muito impressionado por sua ousadia.

Apavorado, mas impressionado. Mas talvez você tenha um encontro...?

Julie Seagle

Não. Não estou interessada em qualquer um aqui.

Finn é Deus

Bom. Só checando. Quero dizer, você deveria sair com qualquer um que quisesse, é claro.

Julie Seagle

Ah.

Finn é Deus

Mas eu não quero que você saia com ninguém. É injusto de minha parte?

Julie Seagle

Seria injusto se eu não saísse com ninguém só porque você não quer que eu saia. Estou esperando.

Finn é Deus

Esperando pelo quê?

Julie Seagle

Só esperando. Talvez esperando por você (pelo qual, no fim das contas, tem parecido uma espera muuuuito longa, como naquela peça Esperando Godot). Mas isso parece loucura.

Finn é Deus

Estou contente que talvez esteja esperando por mim, menina maluca.

(Para sua informação, aquela peça é baseada numa das minhas vidas passadas, mas não recebi retorno financeiro totalmente. Bastardos das Publicações!) E, Julie, minha querida, você pode me ver toda hora... na forma de um pôster. Estou vistoso, sim?

Julie Seagle

Um galã comum, talvez. Estou morrendo para te ver na versão tridimensional algum dia.

Finn é Deus

Acredite em mim, eu pensei em você tridimensional em abundância.

Julie Seagle

Eu estou esperando que pareça mais assustador do que realmente é. Ei, Finn?

Finn é Deus

Siiiiiiiiiiii?

Julie Seagle

Lembra-se de quando eu estava presa no elevador? Nós fomos interrompidos.

Finn é Deus

Nós fomos.

Julie Seagle

Eu quero saber como a história do paraquedismo termina. O que você diz para mim e como nós aterrissamos.

Finn é Deus

Ok. Eu estava esperando que você perguntasse. Vou lhe contar.

Finn é Deus

Quando vimos nosso herói e heroína pela última vez, eles tinham acabado de puxar a cordinha e foram à deriva. O que acontecerá em seguida, preocupado espectador? Nosso corajoso casal terá seu paraquedas despedaçado por uma selvagem gaivota-vampiro? Será que um bizarro tornado aparecerá e os empurrará em uma roda de corrente de vento? Fique atento...

Julie Seagle

Finn!

Finn é Deus

Ahhhhhh. Você quer a versão boa.

Julie Seagle

Sim.

Finn é Deus

A versão devagar.

Julie Seagle

Sim.

Finn é Deus

A versão ardente.

Julie Seagle

Sim.

Finn é Deus

Saquei. Prefiro essa versão também. Pronta? Vamos lá... Então nós puxamos a corda, e estávamos à deriva, montando o céu. Éramos apenas você e eu.

Você pode me ouvir agora que estávamos caindo assim, lembra-se? Eu te digo que não quero que acabe. Não quero aterrissar e alcançar o mundo real, porque acho nosso mundo aqui em cima melhor.

Finn é Deus

Eu te digo que gosto de estar assim perto de você e como você se sente contra mim. Mas, agora mesmo, estou hesitante em saltar. Tenho medo de que quando batermos no chão, isto irá acabar. Nós vamos aterrissar e este sentimento entre nós desaparecerá. Que você não sentirá por mais tempo. Eu não aguento esse pensamento.

As mãos de Julie tremiam quando ela escreveu.

Julie Seagle

Eu ainda vou senti-lo.

Finn é Deus

Você acha?

Julie Seagle

Eu sei.

Finn é Deus

Então podemos aterrissar agora. Espero até estarmos a uma distância certa do chão. Vai ser um pouco difícil, então eu te falo para começar a mexer as pernas como se estivesse correndo. Você sente seus pés atingirem a grama, antes que a força da nossa aterrissagem me jogue para frente. Eu caio por cima de você, te empurrando para baixo. Estou com medo de te machucar, mas eu me apoio com as mãos, segurando meu peso para cima. Ambos estamos respirando com dificuldade, a emoção do salto ainda cursando através de nós.

Bem, agora ele tinha conseguido: Julie estava excitada. Isso estava ficando muito quente para negar, e ela não ia fingir que o que ele estava escrevendo não estava totalmente a excitando.

Finn é Deus

A aterrissagem foi diferente do que você pensava que seria. Você tinha imaginado como seria e como poderia reagir. Por quantas vezes teria passado isso na sua cabeça, é completamente diferente. Todos os sinais estavam lá dizendo como seria, mas não é o que pensou. É tão bom quanto — talvez até melhor — não apenas o que você esperava. Você pode olhar para trás agora e ver como deveria ter sabido, mas estava incidindo sobre os fatos em vez do sentimento.

Finn é Deus

Eu alcanço entre nós e solto as fivelas que estão mantendo-nos juntos. Isto é quando eu realmente entro em pânico. O passeio de avião não me assustou. Ou a altura, ou o salto, ou o barulho. Nada disso me assustou. Mas, agora, somente uma coisa me assusta.

Julie Seagle

Diga-me.

Finn é Deus

Estou apavorado que quando eu soltar a fivela e te soltar, que você se levantará e andará para longe de mim. Não consigo pensar em nada mais excruciante.

Julie Seagle

Eu te disse que não vou fazer isso. Não irei embora.

Finn é Deus

Eu ainda estou preocupado. Se eu te virar para cima para que você fique me encarando, você não vai me impedir?

Julie Seagle

Definitivamente não pararei você.

Finn é Deus

Então isso é o que faço. Falo para você fechar os olhos. Você escuta enquanto digo como me sinto sobre você. Que penso em você o tempo todo e não consigo tirá-la da minha cabeça. Peço para ignorar tudo o que pensa que sabe e ouvir apenas o seu coração, sem duvidar de nada. Pode fazer isso?

Julie Seagle

É claro que posso.

Finn é Deus

Então eu a beijo e faço você sentir tudo o que eu sinto.

“Santo...”

Julie tinha certeza de que parara de respirar. O que ela não faria para ter ele ali e agora, dizendo-lhe estas coisas e beijando-a...

Julie Seagle

Você tem que vir para cá.

Finn é Deus

Eu sei. Deixe-me pensar por um minuto.

A espera foi interminável. Em seguida, finalmente, ele escreveu.

Finn é Deus

Este Verão. Não posso fazer acontecer antes disso.

Julie Seagle

Eu aceitarei.

Finn é Deus

Não conte a ninguém, porém. Por via das dúvidas. Eu me sentiria muito mal por decepcioná-la, e seria pior com Celeste.

Julie Seagle

Entendi. Mas você vai tentar? Eu digo, realmente tentar dessa vez? Não como no Natal.

Finn é Deus

Sim. Esta noite eu faria qualquer coisa só por você. A menos que, naturalmente, se tratasse de sair do meu lugar agora. Não quero assustar minha família anfitriã.

Julie riu, e ela levou um minuto para digitar sem bater as teclas erradas.

Julie Seagle

Ok, bem... tome seu tempo. Eu deveria dormir um pouco. Ou tentar. É tarde aqui. (Não me lembro onde você está!) **Finn é Deus**

Eu nem sei mais onde estou. Descanse um pouco. Falarei com você em breve.

Antes que ela desligasse o computador, copiou e colou o seu bate-papo em um arquivo de texto. Sim, era constrangedor e meio bobo, mas ela gostava de ter todos seus bate-papos para que ela pudesse relê-los mais tarde.

Esse em particular ela releria com certeza. Muitas vezes.



Capítulo 25

— É meia-noite. O que você acha que as meninas estão fazendo? — Julie perguntou a Matt. — Aposto que elas estão rindo e fazendo o cabelo umas das outras. — Ela girou em torno de sua cadeira giratória enquanto ele espreguiçava-se em sua cama, adicionando música para sua biblioteca do iTunes.

— Ah, meu Deus, provavelmente! — Matt disse em uma voz estridentemente estúpida. — Ou, talvez, elas estejam falando sobre o Robert Pattinson! Ou Justin Bieber! Ah, meu Deus!

— Eu não acredito. Matthew! Você fez uma referência à cultura pop. — Julie bateu suas mãos nas bochechas, fingindo prazer absoluto. — Na verdade, duas referências. Estou tão orgulhosa e atordoada.

— Estou incrivelmente familiarizado. E já é quase uma, não meia-noite.

— Sério? — Julie não podia acreditar como estava tarde. Ela tinha ficado por ali no quarto do Matt por horas escutando música.

Descobriu-se que havia, chocantemente, alguma coincidência nos seus gostos musicais.

— Sério, eu acho que as coisas correram bem. Você não pode negar que sua irmã foi completamente animada para esta festa. Ela estava incrível e comprou um ótimo presente para Rachel. Além disso, o Pôster do Finn está totalmente oculto na sua mochila. Ninguém vai saber.

— Ela parecia feliz — admitiu o Matt.

— Talvez você estivesse certa. Eu conheci Rachel por um minuto quando deixei Celeste.

Ela realmente parece ser uma garota legal.

— As maravilhas nunca cessarão? Eu tinha assumido que Rachel seria uma completa endiabrada. — Julie sorriu. — Por que você não saiu esta noite? Celeste saiu pela primeira vez, então você deve tomar vantagem, não acha?

— Não com meus pais fora todo o fim de semana. Eu não acho certo.

— Eu ficaria aqui! Aonde eles foram novamente?

— Não me lembro. Um retiro de Harvard em Maine.

— Ah. — Julie parou de girar na cadeira. — Me desculpe. Você deve estar cansado de ser deixado no comando?

— Bem, de vez em quando eles se sentem cansados do local e têm necessidade de arriscar outros lugares para avaliar a situação de culinária de outras cidades. Eu entendo isso.

— Aceito sua deflexão e levanto outra questão. Como foi seu encontro com Dana na noite passada? Eu não soube dela o dia todo. Aonde você a levou? Você deveria ter saído com ela novamente esta noite.

Matt colocou uma nova música.

— Nós jantamos juntos.

— E?

— E o quê?

— Detalhes!

— Comemos em um restaurante português na Praça Central. Comi bolinhos de bacalhau de aperitivo e, em seguida, ensopado de polvo com batatas e molho de vinho tinto.

Julie se sentou pacientemente, esperando ele dizer mais.

— É isso?

— Não acho que pedirei o polvo mais uma vez. Estou ainda sentindo os tentáculos.

— Vamos, Matt. Você gostou dela? O que você vestiu? Vocês vão sair outra vez?

— Não tenho certeza.

— Posso ver que não vou chegar rápido a lugar algum sobre esse assunto. Como a maioria dos assuntos com você. Deus o proibiu de produzir espontaneamente um informativo diálogo por si mesmo. — Ela olhou para ele. — Com licença, eu tenho que fazer um telefonema sobre um grupo de estudo.

— A esta hora?

— Os estudantes universitários não vão para a cama até pelo menos três horas. É uma exigência da faculdade. Você assina um contrato quando é aceito.

Ela puxou seu celular do bolso e teclou.

Dana atendeu logo de cara.

— Ei. Você está ligando por informação da noite passada?

— Claro.

— Foi interessante.

— Elabore.

— O que ele disse?

— Eu não tenho minhas anotações na minha frente. Desculpe.

— Matt está de pé ali mesmo, não está?

— Absolutamente.

— Nós jantamos. Ele pagou, o que foi legal. É verdade que ele não é fisicamente meu tipo, mas não me importo. Você sabe, há algo bastante sexy e misterioso sobre ele. Ele tinha excelentes boas maneiras e foi totalmente doce e educado. E você estava certa. Ele é esperto pra caramba. Não sei por que você nunca me deixou ir até a casa, porque ele não é completamente anormal. Bem, ele é um pouco, mas gostei dele.

— Então você achou o artigo que lhe dei útil. Como o grupo de estudo acabou para você?

— Você quer saber se nós fizemos alguma atividade?

— Sim.

— Ele é um delicioso beijador.

Julie quase deixou cair o telefone.

— Me desculpe. Não entendi sua interpretação. Nunca ouvi falar desse fato antes.

— Sério. Ele é totalmente fantástico. Nós nos beijamos no carro na frente do meu apartamento. Ele tem ótimas mãos também. Ele fez essa coisa legal onde deslizou seus dedos sob...

— Ok, ok. Eu peguei a essência. Isso é... isso é muito bom saber. Quando o próximo grupo ficará junto?

— Oh, Senhor, não vou sair com ele de novo.

— O grupo de estudo está perdendo membros?

— Inferno, sim.

— Mesmo depois de boas notas?

— Em primeiro lugar, ele falou o tempo todo. O tempo todo.

— Verdade? Sobre o quê?

— Isso leva para a segunda questão.

— O que é?

— E antes de dizer qualquer coisa, não, não era a camiseta da “Evolução está me seguindo”. — Dana riu. — Jules, você tem um grande problema.

— Eu não entendo.

— Você vai descobrir. Isso é tudo que vou dizer. Olha, ele é um grande cara, ele apenas não é para mim. Enfim, tenho que ir. Estou na porta do dormitório de Jamie.

— Você está brincando comigo? Isso soa como uma ideia idiota.

— Ei, sou fraca. Me processe. Vou ligar para você amanhã.

Julie desligou. Matt tinha carregado uma nova playlist e estava batendo o pé. Por que Dana disse aquela coisa sobre suas mãos? E seu beijo? Ugh. Como ela iria olhar para ele novamente? Ela não precisava saber coisas como aquelas sobre Matt.

— Desculpe — disse ela. — Coisas importantes sobre o meu grupo de estudo.

— Parece isso. Estou indo pegar algo para beber. — Matt se levantou. — E como está Dana?

— Ah. — Julie olhou para longe. Suas mãos estúpidas pareciam ser ridiculamente perceptíveis de repente. — Aham. Ela está muito bem. Desculpe.

Julie gemeu para si mesma após Matt sair. Como era humilhante. E agora ela tinha que apagar a imagem dele engajando-se em outra coisa senão digitando no teclado, fazendo sanduíches para Celeste, ou dobrando as camisetas nerd.

Julie ouviu o toque do telefone de casa e rapidamente sentou-se.

Poucos minutos depois, ela ouviu Matt correr para baixo e, em seguida, ruídos ecoaram até seu quarto. O que ele estava fazendo?

Julie apressou-se para descer.

— Matt?

Ela encontrou-o na cozinha, verificando furiosamente todos os ganchos na parede.

— Onde diabos estão minhas chaves? — Ele tocou seus bolsos do jeans e então verificou as bancadas.

— Acho que elas estão penduradas na porta da frente. Aonde você está indo?

Matt esfregou passando por ela e ela o seguiu para o corredor.

Ele parou quando agarrou a maçaneta da porta e então se virou e a enfrentou, furioso.

— Eu te disse. Deus, que merda, eu te disse, Julie! — Ele estava gritando com ela agora.

Ela deu um passo para trás. Ela nunca o tinha visto daquele jeito.

— Do que você está falando?

— A mãe de Rachel ligou da festa. Celeste está tendo um colapso.

— O que aconteceu? — Julie pegou seu casaco da chapeleira e começou a segui-lo para fora. — Ela parecia tão confiante de si mesma.

— Não! — ele disse apontando para ela. — Você não vem comigo.

— Matt? Por favor. Eu posso ajudar. Posso falar...

— Não! Você causou isso e eu vou consertar.

Matt bateu a porta ao sair.

Desesperada, ela andou para a frente e para trás, andando de sala em sala.

Finn. Finn saberia o que fazer.

Ela mandou uma mensagem para ele, orando para que ele estivesse por ali.

Finn, você está aí? Eu estraguei tudo. Muito mal. A festa do pijama que eu te disse foi terrível. Matt foi buscá-la agora e eu não sei o que fazer. Eles nunca me perdoarão. Talvez você também não.

Finn estava longe de ser encontrado on-line. Julie ainda não conseguia se lembrar de onde ele estava agora. Na África? Iugoslávia? Turquia? Líbia? Oh, por Cristo, ali não. Ninguém vai para a Líbia. Ela esperou mais alguns minutos e, em seguida, enviou outra mensagem, suas mãos trêmulas enquanto ela tentava fazer sair as palavras: *Por favor, Finn. Eu preciso de você. Não sei o que fazer. Talvez você esteja com raiva de mim agora, também, mas me diga como fazer isso melhorar. Ou pelo menos ser menos terrível.*

Espreitar pela janela a cada poucos minutos não estava trazendo Celeste para casa mais rápido, então ela se sentou no sofá na sala de estar. Talvez não tenha sido tão ruim. Matt tinha uma tendência a reagir exageradamente quando se tratava de sua irmã. Ele não lhe dava crédito suficiente. Mesmo assim, Julie sentiu seu estômago dar um nó de medo, porque, tanto quanto ela queria que eles chegassem em casa, também não queria enfrentá-los.

Finalmente, o Volvo estacionou na entrada de automóveis. Julie balançou a porta aberta e assistiu quando Matt passou na frente do carro e abriu a porta do passageiro. Ela não poderia suportar aquilo, então olhou para longe por um momento, tentando se reagrupar. Em seguida, Matt estava andando em sua direção, com Celeste nos braços, uma terrível mistura de raiva e medo em seus olhos.

A irmã dele, sua amiga, parecendo como uma criança, seus braços em volta do pescoço dele e sua cabeça enterrada em sua camisa, seu corpo tremendo enquanto ela chorava incontrolavelmente.

A angústia em seu choro era esmagadora.

Partiu o coração de Julie.

Celeste tinha se desfeito.



Capítulo 26

Matt ultrapassou Julie e carregou Celeste até seu quarto. Julie os seguiu, mas ouviu a porta do quarto se fechar antes que ela chegasse à porta.

O Pôster do Finn. Ele ainda estava no carro. Ela correu para fora e voltou com a bolsa. No lado de fora do quarto de Celeste, Julie se atrapalhou com o zíper e esperava que isso fosse ajudar um pouco. Ela transferiu o Pôster do Finn para o tapete e lentamente começou o processo de desdobramento, cuidadosamente protegendo cada dobradiça na posição aberta.

Ela esfregou o braço nos olhos e mexeu o Pôster do Finn para ficar em pé. Enquanto os soluços por trás da porta ficaram mais altos e mais doídos, Julie mordeu o lábio e olhou para o pôster, imaginando que o Finn real estivesse ali para consolar sua irmã e fazer este inferno acabar.

“Você tem que vir para casa. Tem que voltar para casa”, ela repetiu para si mesma. “Eu sei muito bem que isso é muito mais do que sentir sua falta, mas você tem que voltar para casa por ela.”

Julie caiu no chão e puxou as pernas, deixando cair a cabeça e balançando seu corpo ritmicamente. Pareceu uma eternidade até os gemidos de Celeste diminuírem, e ela podia ouvir a voz de Matt consolá-la.

A porta se abriu e Julie levantou a cabeça.

— Matt? Oh, Deus. Eu não sei o que...

Ele levantou a mão.

— Não diga nada para mim. Ela quer falar com você.

Ela levantou-se e endireitou, delicadamente, o Pôster do Finn. Ele parecia tão frágil agora com todas aquelas dobradiças. Como um quebra-cabeça que tinha sido grudado junto. Como Celeste. Ela passou por Matt para dentro do quarto, colocando o Pôster do Finn próximo à cama. Uma cabeça cheia de cachos loiros se virou, e Celeste estendeu a mão. Julie a pegou e se ajoelhou.

— Sinto muito. Isso é tudo minha culpa. — Ela lutou para conter as lágrimas enquanto tirava o cabelo de Celeste do rosto.

— Estou muito melhor agora. — Sua voz era surpreendentemente calma. — Julie, você não tem nada que se desculpar. Eu tenho. Preciso pedir desculpas a você.

— O quê? Por que você teria que pedir desculpas?

— Eu te decepcionei. Você deve estar terrivelmente desapontada comigo.

— Nunca. Você nunca poderia me decepcionar. Você foi tão corajosa. Mais corajosa do que eu. Eu apenas te forcei demais.

— Não, você não forçou. — Celeste tirou o cobertor de cima. — Você não forçou. Eu queria ir.

— Eu sei que você queria. Mas cometi um erro. Não era o momento certo. Muitas dobradiças cedo demais.

Celeste bocejou e olhou para o Pôster do Finn.

— Não. As dobradiças são afáveis mas dobráveis, ocultar o Finn não é sempre a mesma coisa. Especialmente à noite. À noite parece ser o mais difícil para mim sem ele. Por enquanto. Ele me faz sentir melhor, Julie. Eu entendo que ele não seja bom para qualquer pessoa, mas acho-o confortante.

Julie assentiu com a cabeça.

— Eu sei. Também acho confortante, pode acreditar.

— Eu acredito. Agora, preciso dormir um pouco. Por favor, fale para Matt que estou menos aborrecida. Estou significativamente mais calma.

— Eu irei. — Julie se inclinou e abraçou Celeste forte. — Eu a verei pela manhã. — Ela saiu do quarto, jogando beijos da porta, como se fossem aconchegar uma criança pequena.

Matt estava encostado contra a parede no corredor, sua expressão gelada e distante.

— Fique longe de mim. Eu não posso falar com você agora.

— Matt... — Julie defendeu.

— Juro por Deus, não fale comigo agora. Não fale.

— Sinto muito. Você não tem ideia.

— Não quero ouvir. Eu não quero ouvir nada de você.

— Matt, você sabe que eu amo Celeste e nunca faria nada para prejudicá-la.

— Bem, você fez.

— Se você apenas me deixasse explicar novamente por que...

— Você não vai parar, vai? Você quer entrar nisso? Certo. Vamos entrar nisso. Achou que poderia apenas aparecer aqui e intrometer-se em nossas vidas? Você não pode. E também não pode agir como se eu fosse o cara mau. Como se tudo o que eu faço para ela é, de alguma forma, totalmente desmiolado. — Ele virou-se, então, para que ficasse de frente para ela, colocando o seu corpo a centímetros dela. — Eu me matei para manter Celeste em um lugar estável e você apenas arruinou tudo. Você a arruinou. Deus, Julie. Está aqui por alguns meses e acha que sabe o que é certo para Celeste? Ninguém lhe pediu para corrigir qualquer coisa. Você não pode. — Ele correu as mãos através de seu cabelo enquanto continuou a despejar tudo sobre ela. — Você não pode mudar isso. E seus lembretes constantes de que acha que nós somos todos completamente loucos não são úteis. Você compreende isso? O que há de errado com você? Não tem a sua própria vida para cuidar? Ou isso faz você se sentir melhor sobre a porcaria do seu pai, hein? Você se desculpa pela maneira como ele te trata por nenhuma boa razão e o ama com base em nada mais do que alguns e-mails péssimos durante o ano.

Suas palavras atingiram-na profundamente.

— Isso não é justo. — Ela se sentiu respirar pesadamente tentando lidar com a raiva. O desgosto.

— É justo. E Celeste não é o seu trabalho. Nós não somos seu trabalho. Nós não somos sua família.

— Eu sei disso. Eu nunca... Eu nunca disse que eram. — Julie sabia que seu lábio estava tremendo, mas ela não ia chorar na frente de Matt novamente.

— E você sabe qual é a parte mais inacreditável disto? Eu escutei você! Eu sabia mais, e ainda assim deixei você fazer o que queria de qualquer maneira. Sou eu que deveria ser culpado pelo que aconteceu hoje à noite.

Julie abanou a cabeça.

— Não, Matt. Eu sei que fiz isso. Sinto muito. Por favor, saiba disso. Eu não poderia me sentir pior. Mas você não vê que Celeste não pode passar o resto de sua vida evitando o mundo real? E nem você pode.

— Por que não, hein? — Ele ainda estava gritando, e Julie estremeceu com cada palavra. — O mundo real é uma merda para ela.

— E quanto para você?

— Às vezes, sim.

— Então, quando você vai começar a viver, Matt? — Agora era ela que estava gritando. — Você está saindo da maneira mais fácil. Usa Celeste como uma desculpa para não fazer nada, exceto afogar-se em teorias e cálculos. Você se enterra na internet e...

— Você pode mesmo falar de se enterrar na internet? — Seu riso tinha um tom desagradável, horrível. — Eu estou tomando o caminho mais fácil? Não bajulo alguém que

nunca conheci, alguém que nem mesmo está aqui. Você é a única a ficar na zona de conforto aqui, porque tem muito medo de algo real.

— Não vá por esse caminho — disse Julie bruscamente.

— Agora quem é que tem limites, hein? — Ele começou a caminhar para a frente e para trás. — Quando se trata de Celeste, você nem sabe com o que está lidando, então fique de fora.

— Não, eu não sei com o que estou lidando. Não entendo nada, porque nenhum de vocês vai me dizer! Por que seus pais nunca estão aqui? — ela explodiu. — Por que ela tem um Pôster do Finn? Por que você não me diz?

— Eu não posso, Julie! Eu apenas não posso! Isso não é da sua conta. Quantas vezes você tem que ouvir isso?

Ela olhou impotente para Matt. Ela nunca tinha visto ele assim.

— Ok. Ok. Eu desisto. — Ela levantou as mãos. — Estou fora disso. Eu só... eu só queria ajudar. Eu não deveria. — Ela estava mais calma agora, desistindo. — Você está certo. Você lida com isso do jeito que quiser.

— Obviamente, Julie, você não gosta da maneira que eu faço as coisas, e não gosta de mim do jeito que eu sou. Bom. Eu não me importo. Mas pare de ficar tentando me mudar. Você não pode escolher quais partes de mim acha aceitável para seus padrões e jogar fora o que não acha. Eu nunca vou ser o que você quer. Você não gosta de mim? Então fique fora da minha vida.

Ela estava tão confusa. Essa conversa foi parar em vários assuntos, e ela nem sabia o que estava acontecendo.

— Como pode dizer isso? Eu gosto de você, sim, Matt.

Ele virou-se e caminhou em direção a seu quarto.

— Eu estou exausto. Você está me cansando.

— Matt, por favor...

— Vá para o inferno, Julie.

Congelada, Julie não conseguia sair do lugar. Ela mal conseguia respirar. O que tinha acontecido? Como o Matt poderia dizer aquilo tudo?

Talvez ela tivesse sido agressiva e intrometida e deveria ter deixado as coisas intactas. Apenas porque ela estava hospedada na casa deles não queria dizer que ela tinha o direito de se meter em seus assuntos. Na verdade, sua intenção nunca tinha sido ser intrusiva ou faltar com respeito. Mas ela, obviamente, tinha sido. Seu professor tinha apontado isso dela, também.

“Por que você tem que ser a reparadora?”

Ela não era. Ela não deveria ser. Era apenas uma convidada ali. Uma pensionista, uma babá, uma motorista.

Eventualmente, ela encontrou-se em seu quarto, deitada em cima dos cobertores, impossibilitada de dormir. O quarto do Finn parecia diferente agora, vazio e solitário. Suas

emoções estavam sobrecarregadas, e os sons de Celeste chorando e as palavras terríveis de Matt ecoavam em sua cabeça.

Ele poderia estar certo sobre seu pai. Era verdade que ela lhe havia dado muitas chances, só para ele provar mais e mais que era um pai terrível. Ele nunca tinha dado a ela qualquer real razão para amá-lo. Mas ela tinha.

Embora tenha sido diferente com Finn. Matt estava errado sobre ele.

Ele se preocupava com ela.

Ela checkou seu relógio. Eram quase quatro da manhã. A noite tinha sido tão tranquila até aquela ligação. Agora tudo estava em frangalhos.

Depois de mais de quarenta e cinco minutos cheios de ansiedade para tentar dormir, ela desistiu. Verificou seu computador e não tinha nenhuma mensagem de Finn. De todas as vezes para ele desaparecer, tinha que ser agora. Seu coração doía.

Ela sentia a falta dele e precisava dele agora. O verão não poderia vir rápido o suficiente. Finn estaria ali e ficaria por ali. E Celeste melhoraria. Talvez não completamente, mas ela ficaria melhor.

Caminhar pelo quarto e olhar pela janela para o céu da noite a levaram para lugar nenhum. Ela não poderia tolerar isso. Odiava brigar. Isso tornou impossível qualquer raciocínio lógico.

Tudo estava um caos.

Julie deixou seu quarto e foi para o corredor escuro. Ela hesitou por um momento antes de bater levemente. Não houve nenhuma resposta. Ela não conseguia parar a si mesma e, enfim, abriu a porta.

— Matt? — Julie caminhou suavemente pelo chão e sentou-se à beira de sua cama. — Matty — disse ela.

O luar era suficiente para que ela pudesse ver que ele estava acordado, apenas não respondendo a ela. Ele estava deitado de costas, uma mão dobrada sob a cabeça e a outra repousando sobre seu peito. Ele se virou para olhar para ela. Pelo menos ele parecia tão miserável como ela se sentia.

— Me desculpe. Por favor. Você tem que me perdoar. — Sua voz estava quebrando. Ela sabia que estava prestes a se despedaçar, mas não poderia fazer nada. — Eu sinto muito, sinto muito mesmo. — Ela ficou repetindo. — Matty, por favor. Você não pode estar assim tão bravo comigo. Eu não aguento. — Julie inclinou-se para a frente, deixando cair a cabeça em seu peito e deslizando seus braços sob os seus ombros, tentando fazê-lo segurá-la.

O Matt que ela tinha visto mais cedo aquela noite tinha sido um estranho. Ela abraçou-o com mais força, esperando nada mais que ele voltasse para ela, sendo ele mesmo novamente.

Poucos minutos se passaram, e então ela sentiu a mão dele na sua nuca, gentilmente puxando seu cabelo. Ela fechou os olhos.

— Shhh... — ele disse. — Eu que deveria pedir desculpas. Eu não quis dizer qualquer

uma das coisas que te disse. Você não merece isso.

Julie virou sua cabeça, descansando sua bochecha contra a dele e ouvindo sua respiração.

Sua voz era suave, seu toque, relaxante, e a dor de Julie começou a diminuir. Ela não sabia o que dizer, então não disse nada, ficando onde estava enquanto a mão dele continuava a mover-se através do seu cabelo e, em seguida, nas suas costas. Ele a guiou para um lugar aonde nada machucava mais, e aquela noite terrível começou a se esvaír como se estivesse saindo de um pesadelo. Seu afago viajou pelas tiras da sua blusinha, roçando em sua pele, fazendo-a tremer e se enrolar mais nele.

— Eu fui terrível — continuou. — Seu relacionamento com seu pai não é da minha conta. Claro que você o ama, e tem todo o direito de amá-lo. O que eu disse foi imperdoável. — Matt estava sinceramente chateado. — Você é a melhor coisa que aconteceu a Celeste. Ela estava perdida antes de ter você aqui. Como se ela não pertencesse a lugar algum. Você está salvando-a. Eu nunca deveria ter dito aquilo.

— Não, eu a forcei demais — Julie disse baixinho. — E a você. Isso não vai acontecer de novo.

— Você tem sido perfeita. Eu queria poder te contar tudo, mas não posso. Ainda não.

— Eu sei. Está tudo bem. — Ela manteve seu abraço apertado em torno dele, como se o fato de se desapegar pudesse quebrar a sua absolvição, e ele iria novamente soltar mais sua culpa cruel.

A pressa e a tensão da cena anterior começaram a diminuir e, em seguida, ela estava sentindo-se sonolenta, estabelecendo-se em uma névoa pós-briga. Como se tivesse sido drogada com alívio.

O ar estava frio e o toque dele estava arrepiando-a. Julie estremeceu mais uma vez.

— Frio? — ele perguntou.

— Sim. Um pouco.

Quando Matt moveu as pernas em cima da cama, ela facilmente se encaixou perto dele, escorregando para baixo do cobertor, na dobra do braço dele. A mão dele ainda estava em suas costas, os seus dedos começando a traçar a curva de seus ombros, movendo-se para cima para acariciar a sua nuca, e depois viajando para baixo e para cima no seu braço. Ela pegou a sua mão livre na dela, entrelaçando os dedos e apertando-os.

Ele apertou de volta.

— Então, ainda somos amigos? — perguntou ela.

— Sim — ele disse depois de um momento. — Nós ainda somos amigos.

Ele não a odiava. Eles estavam bem. Celeste ficaria bem. Isso seria tudo resolvido e não haveria irrevogáveis danos. Nada mais importava.

Agora a fadiga tomara conta de Julie e ela bocejou. Ela estava tão cansada e passada emocionalmente. A noite tinha drenado-a de qualquer capacidade de razão, mas sentiu-se tranquila no momento, com os pés no chão.

Eventualmente, o toque de Matt contra sua pele diminuiu e sua respiração mudou, e ela sabia que ele tinha adormecido. Era impossível lutar contra o peso que estava caindo sobre ela agora, então ela deixou o som de seu sono puxá-la para o seu.

Mais tarde, ainda nos braços dele, sua mão ainda na dele, ela se espreguiçou.

Ela sentiu-o beijar levemente a parte superior da sua cabeça e dizer algo.

Ele estava tão quieto que ela mal podia ouvi-lo.

Julie, sonolenta, inclinou a cabeça para cima.

— Deus, eu sinto muito, Julie — ele disse.

— Eu também.

E então, sem perceber, sem pensar, ela avançou um pouco até sua boca estar perto da dele. Ela não tinha ideia do que estava fazendo, como se estivesse seguindo algum instinto que não conseguia controlar. Talvez ainda estivesse adormecida. Talvez isso não estivesse acontecendo. Ela foi um pouco mais perto, quase tocando seus lábios aos dele. Sua boca estava quente e tentadora, atraindo-a. Nenhum deles se mexeu.

Em seguida, a mão dele estava firmemente ao seu lado, guiando o corpo dela para cima e trazendo sua boca mais próxima à sua. Matt pressionou seus lábios contra os dela e ele a beijou.

A boca dele era macia e sem pressa.

Provocando, mesmo. Sua língua apenas escovando a dela e fazendo-a tremer. Ela beijou de volta, degustando-o, inspirando-o. Julie estava tonta, instável e inundada com o seu calor. Ele a fez se perder temporariamente, não sendo capaz de ver além do que aquele beijo a fez sentir. À luz do luar, era suave, fácil, instintivo. Ela moveu sua perna sobre a dele, deixando-os mais próximos.

Ela não poderia estar acordada.

Seu peito foi pressionado contra o dele, a mão dele na parte inferior das costas dela, os dedos escavando em sua pele. Ela não queria que isso parasse.

Ela moveu uma mão para a parte de trás de seu pescoço, beijando-o mais forte.

Mas, em seguida, Matt apertou a mão dela antes de suavemente descansar a cabeça de volta no travesseiro. Ele tirou o cabelo do rosto dela e colocou atrás da orelha. Julie não se mexeu durante um segundo. Isso era loucura. Ela abaixou seu corpo e se aninhou no seu peito. Tão atordoada e fora de si como estava, parte dela sabia que deveria levantar-se e voltar para seu quarto. Apesar de que essa era a última coisa que queria fazer. E parte dela sabia que o que tinha acontecido fora inexplicável. Devia ter sido um sonho.

Tinha que ser.

Mas ela não se importava muito, pelo menos por enquanto, porque a horrível rixa entre eles estava curada. Isso era a coisa mais importante.

“Eu deveria ir”, disse para si mesma. “Eu deveria sair.” Julie fechou os olhos.

“Por que eu não quero sair? Por que eu não quero sair?”

Mas ela simplesmente não conseguia ficar acordada tempo suficiente para convencer-se de sair de sua cama. Julie rendeu-se ao sono, deixando o seu corpo contra Matt enquanto ele a segurava intimamente.



Capítulo 27

Matthew Watkins respondeu ao quiz “qual número aleatório é você?” e o resultado foi: 3. O que é idiota, porque 3 é, tipo, o número menos aleatório que existe.

Finn é Deus Tanto para o Dia da Terra. Eu totalmente estraguei as coisas e comecei celebrando o planeta errado. Agora tenho que recolher todas estas estúpidas marcas registradas do cão que espalhei em todo o quintal. Pelo menos é melhor do que o erro do ano passado quando eu tinha estátuas de bunda em todos os lugares.

Julie Seagle Eu gosto da coragem e da intensidade de Tubarão 4. Há uma simples honestidade para a narrativa que é totalmente convincente. Além disso, o tubarão ruge.

Julie rolou e abriu os olhos, vesga contra a luz do sol que lhe soprou o rosto.

“Santo...”

Ela estava na cama de Matt. Sozinha, obrigada, Deus. Pelo menos não havia nenhum trágico momento de acordar-nos-braços-um-do-outro. Ela puxou o lençol acima de sua cabeça e se lembrou do que tinha acontecido na noite anterior.

Isso não tinha que ser uma grande coisa. Ambos estavam emocionados e coisas assim tomam um rumo inesperado. Nada mais que isso. Pessoas ficam o tempo todo, certo?

E não é que ela e Matt tinham mesmo ficado. Um minúsculo beijinho entre amigos.

Merda.

— Julie?

Ela puxou o lençol para baixo e deu uma olhadinha. Matt estava no canto do quarto e,

evidentemente, evitando fazer contato com os olhos.

— Celeste está preparando o café da manhã. — Ele limpou a garganta. — Você foi correr e acabou de voltar. É por isso que não estava em seu quarto quando ela foi te acordar.

— Quando exatamente eu tinha ido correr? Nunca soube disso sobre mim.

— Da próxima vez pode inventar algo melhor. — Ele fez uma pausa. — Não que vá haver uma próxima vez. Eu só quis dizer... Talvez você... você deva... você sabe...

— Entendi. Levantando agora. Nunca estive aqui. — Julie esfregou as mãos sobre o rosto. — Diga a Celeste que estou no chuveiro e que vou descer logo.

— Ok.

— Espere um minuto. — Sentou-se. — Celeste está preparando o café? Ela está se sentindo bem?

— Aparentemente.

Matt desapareceu e ela se arrastou para seu quarto. Julie fez uma careta para o seu indisciplinado reflexo no espelho, pegou algumas roupas e entrou no chuveiro.

Esperançosamente, Celeste teria feito uma caneca gigante de café, também, porque quatro horas de sono não iriam sustentá-la.

No momento em que ela se sentou ao lado do Pôster do Finn e Matt na mesa da cozinha, o cheiro de um café da manhã completo tinha preenchido a casa. Ela olhou a tigela de morangos cortados, a bandeja de ovos mexidos, bacon e salsicha, e a manteiga, xarope e a jarra de café com desconfiança. A mesa tinha sido posta com os pratos bons e com guardanapos de pano. Por que a Celeste estava com tão bom humor?

— Bom dia — Celeste gorjeou enquanto colocava panquecas em uma frigideira.

— Bom dia — Julie respondeu hesitante. — Isso é muito legal de sua parte... cozinhar tudo isso.

— Eu queria. Deixe-me terminar com as panquecas e então nós podemos discutir as coisas.

— Não vejo a hora — ela mentiu.

Julie manteve sua cabeça para baixo e fingiu estar cativada pela lista de vendas de garagem no jornal.

— Vão em frente e comecem a comer. As panquecas ficarão prontas em um segundo.

Julie e Matt tentaram pegar os ovos ao mesmo tempo, provocando uma enxurrada de desculpas e “vá em frente”.

Ta-da! Por isso você não beija amigos platônicos com quem você vive. Ou dorme em sua cama. Ou deixa-os correr a mão por seus braços e ombros e fazer você vibrar inadequadamente...

Julie encheu muito a boca com comida porque não teria que falar e continuou não lendo o jornal. Tinha uma maneira de fazer sentido do que tinha acontecido na noite anterior: depois de

meses de estar apaixonada por Finn, ela havia transferido suas frustrações físicas reprimidas para Matt. E Matt tinha provavelmente entrado no clima por causa de seu encontro com Dana na noite anterior. Claro que foi meio nojento e brega que ela tenha beijado o mesmo cara que a amiga na noite anterior.

O que estava errado com ela? E o que diabos Matt estava pensando? Talvez Matt fosse apenas um grande galinha que andava por aí em Boston, beijando qualquer garota que conhecesse, e estava esperando pelo momento certo para adicionar Julie à lista. Pelo menos dessa maneira o beijo seria tão sem sentido para ele como era para ela.

Ela olhou para cima por um segundo e pegou-o olhando para ela.

Isso foi tudo compreensível, ela fundamentou. Eles tinham um certo nível de conforto um com o outro, então não foi completamente bizarro terem cruzado a linha por um momento após um atentado emocional à noite.

E Julie provavelmente tinha feito a coisa típica de menina, que é tentar fazer as coisas ficarem melhores dando ao cara o que ele quer: contato físico.

Isso é o que os caras querem, certo? Não era como se eles tivessem ficado nus nem nada, mas provavelmente ela foi a responsável pelo beijo. Ela tinha ficado desesperada para ele perdoá-la e, em seu estado fraco e desesperado, tinha tentado acertar as coisas com algo sexual. Bem, não sexual, significando que eles quase tiveram relações sexuais. Não, nem perto. E não que qualquer um deles estivesse pensando nisso. Ridículo. Ela certamente não estava atraída por ele dessa forma, e Matt ficava mais excitado provavelmente com megabytes, firewalls e bit torrents do que por ela.

Claro, tinha sido ele a deslizar seus dedos através de...

Que seja.

Matt tinha que estar apenas tão lamentável como ela estava.

Além disso, ele disse que tudo que tinha gritado para ela não era verdade, portanto, isso significava que ela era, na verdade, como família.

Tornando-o uma figura de irmão, da maneira que ela sempre tinha pensado.

Exceto que você não beija seu irmão na boca. Especialmente com a língua. E não pressiona seu corpo contra o dele e fica, momentaneamente, quente e sonhadora. Pelo menos não se espera isso de você.

Mais uma vez, merda.

Mas não é como se ele tivesse tentado alguma coisa a mais. Suas mãos não se moveram para algum lugar bom. Bem, não bom. Ela não se referiu a isso. Impróprio. Indecente. Lascivo. Vulgar. Impertinente. Cristo, agora não era a hora para se transformar em um dicionário de sinônimos. O ponto era que não era como se ele estivesse se arregalando para ela e sussurrando coisas eróticas no ouvido dela.

Embora, agora que ela pensou sobre isso, talvez devesse se sentir ofendida que ele não fizera isso. Não que ela iria deixá-lo fazer.

Espere um minuto. Ela mudou sua perna sobre a dele, e ele parou de beijá-la primeiro.

Ah. Matt pensava que ela era uma terrível beijadora. Bastardo. Ela decididamente não iria olhar para ele agora por isso.

Julie engoliu meio copo de café. “Finn.” Era por isso que estava daquele jeito, ela tinha certeza. Finn e suas mensagens fumegantes tinham deixado-a em um estado carente perpétuo. Além disso, fazia um bom tempo desde que ela e Seth tinham terminado e ela era apenas uma estudante excitada usando qualquer cara que tinha arrastado para a cama.

Não, aquilo não estava certo também. Julie não era assim. Ela estava apenas falando em círculos.

Celeste colocou um prato empilhado com panquecas sobre a mesa e se sentou.

— Wow. Ambos estão com muita fome hoje pelo jeito. Vocês não me deixaram nenhum ovo e há apenas um pedaço de linguiça sobrando.

Aparentemente, o método mútuo de encher a boca para evitar falar que ela e Matt tinham se envolvido tinha ido muito longe.

— Desculpe — Matt disse com a boca cheia.

— Está tudo bem. Posso fazer mais. Eu queria falar com vocês dois.

— Claro. É uma boa ideia — disse Julie.

— Precisamos discutir o que aconteceu entre vocês dois na noite passada.

Matt começou a engasgar com seu alimento, e Julie sabia que seu rosto tinha demonstrado choque. Parece que Celeste não tinha engolido a história idiota do Matt sobre Julie correr.

Ugh. Julie não queria que ninguém soubesse disso, muito menos Celeste. E Finn, claro. Matt não contaria a Finn, contaria? O que ela supostamente diria a Finn? Querido Finn, eu, acidentalmente, suguei a cara de seu irmão. Me desculpa! Como estão os órfãos venezuelanos?

Ela tocou a mão na pedra que descansava em seu peito. O colar era, geralmente, um lembrete constante dele.

Aparentemente, ela não tinha prestado nenhuma atenção para a última noite.

O Pôster do Finn parecia castigá-la da sua posição na mesa. Julie esfaqueou seus ovos e olhou para o recorte arrogante.

“Cale a boca.”

Celeste, casualmente, regou a calda sobre seu prato.

— Estou extremamente chateada com vocês dois.

— Não é realmente uma grande coisa — Matt murmurou.

— Não mesmo — Julie concordou e ocupou-se de selecionar morangos da tigela.

— Na verdade é grande coisa. Tudo mudou entre vocês dois, e eu não gosto nem um pouco. Eu ouvi tudo e estou extremamente descontente.

Julie e Matt permaneceram em silêncio. O que exatamente Celeste ouviu? Tinha havido

sons de beijo? Gemidos inadvertidos de êxtase? Oh, meu Deus, Julie não tinha ficado tão fora assim, tinha? Foi um beijo bobo, insignificante. Não tinha havido uma pegada forte. Definitivamente, não.

Matt esfregou os olhos.

— Celeste, do que você está falando?

— Do que vocês estão falando? — Ela olhou curiosamente para eles. Irritantemente esperançosa, mesmo. — Alguma coisa a mais aconteceu?

— Nada. Hum... nada — Julie murmurou. — Vá em frente.

— Ouvi toda a terrível discussão que vocês dois tiveram.

— A discussão. Sim, isso — disse Matt.

Antes do incidente de dormir-na-cama-de-Matt, ela tinha quase esquecido.

— Estou furiosa com vocês dois. Mas principalmente com você, Matt. — Celeste espetou o garfo em sua direção. — Nunca vi você ser tão mesquinho. Julie não tem sido nada além de santa, então não grite nunca mais com ela como você fez. E, Julie, francamente, você não foi legal também. Matt está fazendo o melhor que pode comigo, e não tenho feito as coisas serem fáceis para ele. Eu amo tanto vocês dois, mas não haverá mais disputas quanto a mim e o Pôster do Finn. Enquanto sou infinitamente agradecida por tudo o que estão fazendo por mim, irei assumir um papel mais ativo em me gerenciar. Está na hora. Entenderam? Não haverá mais conversa às minhas costas. Eu posso estar na escola, mas vocês não estão. Ajam como tal. — Celeste olhou para a frente e para trás entre eles e levantou suas sobrancelhas. — Vocês ainda estão bravos um com o outro? Vocês precisam se beijar e fazer as pazes?

Julie abanou a cabeça violentamente.

— Não acho que isso seja necessário. Matt e eu estamos bem. — Ela olhou através da mesa, finalmente olhando Matt nos olhos. — Certo, Matt?

— Sim. Nós estamos. — Ele parecia sincero o suficiente.

— Nunca mais briguem dessa maneira novamente. Nunca — instruiu Celeste. — A inesperada notícia boa é que eu tive um tempo notavelmente bom na casa de Rachel. Bem, até o final, claro!

— Você... Você teve? — Matt perguntou.

— Sim. Eu realmente tive. — Ela se serviu de mais panquecas. — Rachel é uma menina muito legal. Ela e eu realmente temos algumas coisas em comum. É verdade que ela não é a garota mais popular da escola e acho que gosto disso sobre ela. Ela está em quase todas as minhas aulas e tirou nota mais alta no nosso último exame de história do que eu. Acho que fiz um bom trabalho de me misturar na noite passada. Até pedi para recapitular um dos primeiros episódios de *Pretty Little Liars*, o que fiz com perfeição, devo acrescentar. Enfim, a noite foi muito agradável, até que chegou a hora de dormir. O escuro faz coisas engraçadas para mim, e minha cabeça fica sitiada com pensamentos instáveis. A mãe de Rachel encontrou-me no banheiro chorando e ela foi boa o suficiente para me falar que diria às outras meninas que eu

estava passando mal do estômago e que fora por isso que fui embora. De qualquer forma, tenho algumas coisas a dizer a você.

— Vá em frente — disse um Matt atordoado.

— Em primeiro lugar, gostaria de começar indo e voltando andando da escola sozinha. Assim, Julie, significa que você não precisará me levar. Eu estou pronta. O Pôster do Finn não precisará ir comigo. Eu ainda preciso dele, apenas não o tempo todo.

— Ah. Claro. — Julie fez o seu melhor olhar de apoio, apesar de estar enervada de alguma forma.

— A segunda notícia não é necessariamente uma informação normalmente presente na mesa do café, mas agora é uma boa hora para dizer que fiquei menstruada ontem de manhã.

Matt gemeu alto e acobertou suas orelhas.

— Celeste! Realmente? Você precisa me dizer sobre esse... desenvolvimento?

Celeste atirou-lhe um olhar irritado.

— Matthew, não é grande coisa. Simplesmente pensei que eu deveria deixar todos saberem. E, não, eu não preciso de qualquer informação sobre o que significa ser uma mulher. É uma mudança biológica que ocorreu e pensei que era importante informá-lo.

— Você acha, er, que foi por isso que você estava tão, você sabe...? — Matt se atrapalhou com as palavras pateticamente.

— Não — disse Celeste. — Ninguém tem sua menstruação pela primeira vez e tem um colapso nervoso perto de um banheiro. Homens têm as ideias mais estúpidas sobre menstruação, não têm, Julie? Mas é um indicador que estou amadurecendo e trouxe outros problemas para mim. Assim como a choradeira dramática e a loucura do Pôster do Finn. Também, falando em crescer, eu realmente preciso de um sutiã. Mesmo que eu não esteja ondulando nas minhas roupas, sinto que algo está acontecendo ali. Os sutiãs bobos de esporte que a mãe comprou para mim são feios. A menos que você queira me levar para fazer compras, Matt, eu gostaria de ir para o shopping com outra menina.

— Hum... Absolutamente. Sim. Quer dizer, se isso é o que você acha que deve... er, acontecer. Se há uma pressa em... comprar essa necessidade. — Coitado do Matt, estava realmente lutando com o que dizer. — Julie poderia, presumo, ajudar na compra de...

— Podemos ir ao shopping. Claro. — Julie tentou agitar-se para fora de seu estado de choque após a enorme quantidade de revelações de Celeste. Ela olhou com cautela para Matt. — Você não se importa de eu levá-la?

Considerando que na noite anterior ela tinha prometido ficar de fora das coisas, estava hesitante em ajudar Celeste em qualquer novo empreendimento.

Ele evitou o seu olhar, mas assentiu.

— Claro que não. Você deve.

— Ou talvez sua mãe preferiria levá-la quando chegar em casa? — Julie ofereceu.

— Eu suponho que eu poderia pedir a ela. Vou tentar, embora ela não esteja muito interessada em mim. E — Celeste continuou — eu gostaria de que a Rachel viesse aqui em casa algum dia. Ela usa uns óculos finos desinteressantes e o cabelo dela é uma bagunça terrível. Eu poderia ser capaz de ajudá-la. Além disso, ela não sabe nada sobre a era Fanerozoica e eu sei um pouco porque o Finn era um louco por dinossauros quando era mais jovem.

Era difícil saber o que dizer após esta manifestação inesperada. Muita coisa mudou nas últimas doze horas com Celeste. E entre ela e Matt. Tudo estava diferente.

— Talvez este verão nós pudéssemos ir todos para a praia juntos? Ilha de Ameixa é linda, enquanto não é temporada de mutuca. E eu gostaria de pintar meu quarto. Amarelo. Ou verde-samambaia. Esse seria um bom projeto de verão. Julie, eu poderia usar sua assistência na escolha da cor certa.

Antes que ela pudesse responder, Matt se meteu.

— Tenho certeza de que Julie estará ocupada este verão, Celeste. Ela provavelmente terá seu próprio lugar até lá, certo?

Julie se assustou. Obter seu próprio lugar faria sentido. Só não tinha ocorrido para ela. É claro que ela teria que se mudar. Roger e Erin tinham-na acolhido pelo ano, mas o que ela iria fazer? Ficar lá até se formar? Isso era ridículo, e eles eram muito educados para dizer-lhe diretamente para ir embora. Além disso, ela estava usando o quarto do Finn, e ele estaria em casa logo.

— Sim, eu acho que sim.

Celeste franziu a testa.

— Nós ainda veremos uns aos outros?

— Absolutamente. Nós podemos fazer um programa de meninas semanal.

— Não vai ser a mesma coisa...

— Não. Não vai. Mas ainda será especial.

— Há, provavelmente, um monte de apartamentos abrindo para primeiro de julho. Ou até mesmo junho — disse Matt.

— Ótimo. Obrigada — Julie disse fracamente.

Uma sensação desagradável no peito cresceu quando ela começou a absorver a ideia de não viver mais na casa dos Watkins. Aquela tinha se tornado a sua casa.

Exceto que parecia menos como casa se Matt não queria que ela estivesse ali.

“Estúpido beijo. Estúpidas mãos caminantes. Meninos estúpidos.”

— Vou começar a procurar um apartamento hoje. Eu provavelmente poderia sair daqui logo após o fim das aulas. Vou tentar para o dia primeiro de junho.

— Julie, eu não quis dizer...

— Obviamente, vou me mudar, Matt — ela disse sarcástica. — Obviamente.

Matt olhou em todos os lugares, menos para as duas meninas, enquanto Julie urgentemente verificava as vendas de garagem novamente em detalhes no jornal.

Celeste manteve um olhar pouco confuso em seu rosto.

— Esta é uma manhã fora do comum que estamos todos tendo, não é?

Julie levantou-se e levou seu prato para a pia.

— Você estava pensando mais em Lady Grace ou mais Victoria's Secret?

Matt quase desmaiou.



Capítulo 28

Matthew Watkins *Eu preciso de uma tarde “me pega”. Eu aceito dinheiro e/ou prêmios que podem ser trocados por dinheiro. Hobbits também.*

Finn é Deus *Se você sair do seu pedestal, vai notar que ele também faz cocô.*

Julie Seagle *Emoções mistas sobre o Twitter continuam. Estou novamente enfrentando avisos sobre tweets desprotegidos, mas não é minha culpa que a camisinha não cabe no notebook. Mereço um ‘A’ pelo esforço e tudo o mais, eu acho.*

Finn,

Eu espero que você esteja sentado para isso: sua mãe, Celeste, a amiga dela, Rachel e eu estamos indo a um spa pomposo para fazer nossas unhas. Foi ideia de Celeste fazer algo com Rachel, e eu pensei que deveria começar fora de casa pela primeira vez. Menos tentação pelo Pôster do Finn dessa forma. Quando perguntei sobre levar as meninas a Erin, sugeri que talvez ela gostasse de ir e, depois de um pouco de insistência, consegui fazê-la concordar! Eu me sinto estranha dirigindo para elas como se fosse um tipo de motorista, mas pelo menos estamos indo a algum lugar. E antes que você comece a gemer (como Matt) que eu transformei Celeste numa adolescente superficial, deveria saber que nossos eventos pós-manicure incluem uma viagem ao Instituto de Artes Contemporâneas e jantar em algum restaurante mongoliano.

Pôster do Finn não está indo. Os meninos não são permitidos, de acordo com a sua irmã. Ele está tirando o dia de folga (mais uma vez) no armário do corredor da frente, atrás de um conjunto de badminton ou uma rede de pesca. Você não vai acreditar como Celeste está diferente quando a vir. Sim, ela é ainda extremamente peculiar e incomum (de uma forma

adorável, é claro), mas está diferente. Está mais feliz.

Seus pais tiveram uma reunião na escola com aquele conselheiro que eu odiava tanto exageradamente, e ele estava “extremamente impressionado e aliviado” com o quão bem suas habilidades sociais estão evoluindo.

Finn, ela está muito mais crescida agora. Realmente autossuficiente. Não leve a mal, mas ela não está tão obcecada por você ou quando voltará para casa.

(Eu, no entanto...)

Acho que outras partes da sua vida estão assumindo. Na realidade, ela ainda só tem esta amiga de verdade, mas é um começo. E está mais centrada agora e procurando coisas de adolescente normal, o que irrita totalmente seu pai, para não mencionar Matt. Ela quer ir ao cinema e fazer compras etc. Não se preocupe, porém, ela ainda se enrola no sofá com a Ilíada ou algo igualmente esnobe.

Para ser honesta, eu sinto falta dela, às vezes. Da “velha” Celeste, quero dizer.

Ainda estou muito com ela, só que ela é muito menos dependente de outras pessoas. Fico com saudade da Celeste que estava tão colada a mim, a única que olhou para mim, que se assustou com um gloss e uma simples ida ao supermercado.

Isso soa horrível, não é? Eu não quero isso para ela. Quero que ela seja o que está se tornando, sabe? Mais leve e mais livre. É como se ela estivesse trancada em um lugar, e, agora, finalmente vê que o movimento é possível. Ela não tem certeza de para onde se virar ainda, mas consegue ver as opções.

Para responder a sua pergunta do outro dia, Matt é bom. Eu não o vi muito recentemente. Nós dois estamos sobrecarregados com o trabalho de final de semestre, mas eu poderia usar sua ajuda em Cálculo II. Estou morrendo nessa aula. Ele sempre explica coisas tão claramente. As coisas ainda estão meio complicadas desde a noite do colapso da Celeste. Ironicamente, ela saiu um pouco curada, enquanto abriu uma fenda entre mim e Matt. Eu me sinto mal porque nós éramos amigos. Acho que ainda somos... Mas é diferente. Nós costumávamos conversar o tempo todo, e agora mal o vejo. Não que ele seja grosseiro comigo, ou qualquer coisa, mas tenho a impressão de que ele não quer estar perto de mim. Ele continua me deixando pequenas notas com informações sobre aluguel de apartamento. Obviamente, ele não pode esperar para me tirar daqui. Não sei. Talvez ele esteja apenas tentando ser útil. Gostaria que as coisas fossem melhores entre nós. Parece...

Apenas não me sinto bem assim. É anormal.

Sabe o que é engraçado? É como você se tornou um diário para quem escrevo.

A invenção da minha imaginação. Mas para você é fácil falar. Escrever. Qualquer que seja.

Não há necessidade de pânico, vou levar todos os meus ursinhos comigo e remover as cortinas com corações brilhantes antes de você chegar em casa.

Sinto sua falta,

Julie

Julie,

Veja se a mãe faz pequenos quadros pintados em suas unhas. Acho que ela ficaria fabulosa com loooooongas garras pintadas, não é? É totalmente ela. De tudo o que você está me dizendo este ano, sobre a Celeste, não estou surpreso em ouvir que ela tem tido tantas mudanças. Você entrou na sua vida e abalou seu mundo de uma forma que lhe permitiu continuar a ser quem ela é. Você a salvou, Julie.

Não sei o que te dizer sobre Matt.

Talvez você sinta que as coisas estão anormais, porque ele é anormal?

Brincando. Eu não deveria brincar, porque sei que está chateada.

Sinto muito se seus sentimentos estão feridos. Ele está tão confuso como o resto da família. Sei que se preocupa com você. Eu posso jurar-lhe isso. Se ele está sendo horrível, tenho certeza de que não é por causa de algo que você fez. Ele apenas não é bom em lidar com as pessoas. Ou com esse assunto. Espere. Confie em mim.

Não se ATREVA a levar os bichos de pelúcia e cortinas adoráveis com você.

Estou tão sobrecarregado com testosterona (grunt!), e esses itens vão ajudar-me a abraçar o meu lado feminino. A amável e gentil Finn.

Sinto sua falta, também, e eu tenho tanta coisa para te dizer. Sei que você acha que já me conhece, e eu amo que pode dizer qualquer coisa para mim, mas espero que você sinta da mesma maneira quando a realidade vier à tona.

Finn

Finn,

Não há nada que você poderia dizer que mudaria o que significa para mim.

Julie

Julie,

Vou cobrar isso de você.

Finn



A unha pintada de néon vermelho era um pouco alarmante, mas Julie não protestou enquanto a manicure continuou a pintar as unhas dos pés. Celeste tinha escolhido a tonalidade e insistiu que as quatro tivessem todos os dedos das mãos e pés feitos na mesma cor. Ela disse:

— Compartilhar a mesma cor vai indicar que estamos todas conectadas.

— Como as cores de uma gangue — Erin tinha adicionado.

Apesar de a relutância de Erin em passar parte da tarde enfurnada em um salão de beleza, ela parecia moderadamente relaxada com seus pés embebidos em um banho com sabão ao lado de Julie. Ela ainda inclinou a cabeça para trás para o encosto de pescoço macio.

Julie olhou pela sala para Rachel e Celeste, que estavam olhando para as páginas de uma revista e rindo de alguma coisa no Blackberry de Rachel.

Havia alguma possibilidade de que elas estivessem rindo de meninos? A demonstração aguda de Rachel de que sabia todos os elementos da tabela periódica confirmou que Celeste estava certa sobre Rachel ser um pouco estranha. Mas algo diferente disso não teria feito sentido. Este par de crianças estranhas e batalhadoras tinha encontrado uma a outra por um motivo.

Erin levantou a cabeça e olhou de soslaio.

— Você acha que sou obrigada a dar a Celeste um dispositivo portátil de algum tipo?

— Não acho que há uma obrigação dos pais, não — disse Julie.

— Não estive muito em sintonia... muito atenta... às necessidades de Celeste. Reconheço isso. Estou começando a ver, e eu sei que preciso. Gostei de ir ao shopping na semana passada. Obrigada por sugerir. E por hoje.

Julie sorriu para ela.

— Eu estava pensando em levar Celeste até o Cabo comigo, um fim de semana neste verão. Umas miniférias de mãe e filha. Você acha que ela gostaria?

Julie assentiu.

— Muito. — Ela olhou para os dedos dos pés de cor elétrica. — Talvez até mesmo um período de férias para toda a família?

— Humm... Isso parece agradável. Eu vou avaliar. Não me lembro da última vez que todos nós passamos um longo período de tempo juntos. — Erin baixou a cabeça novamente.

Férias de família. Um conceito estranho para Julie. Seu pai havia deixado duas mensagens no correio de voz e enviou três e-mails nos últimos meses, tudo através de sua secretária. Julie tinha ignorado o primeiro lote de mensagens, e finalmente fez sua própria secretária, a senhorita Celeste Watkins, responder com um e-mail sucinto, explicando que a Sra. Seagle estava, atualmente, envolvida em assuntos de negócios importantes, mas tentaria organizar um jantar de encontro que aconteceria em breve.

— Então — Erin disse —, Matt disse que você está procurando um apartamento?

— Oh. Sim, eu estou. Achei que era a hora de sair dos seus cuidados.

— Bobagem. Você está convidada a ficar o tempo que quiser, embora eu imagine que esteja pronta para expandir sua experiência de aluna de faculdade.

Julie sentiu a dor aguda no peito novamente. Foi tudo ideia de Matt para ela sair.

— Pode ser mais fácil ficar mais perto do *campus* — disse ela em voz baixa. — Dana me pediu para morar com ela. Sua colega de quarto sairá logo após os exames finais, e eu posso me mudar em seguida.

— Isso é tão rápido. Mas sei que mantivemos você confinada mais do que poderia ter sido divertido. Você já gastou todo o seu ano atendendo à Celeste e estudando com Matthew. Nós

temos sido egoístas com você. — Erin suspirou. — A culpa é sua por ser tão malditamente especial. Espero que venha para o jantar de vez em quando. Não vai ser o mesmo sem você.

Julie mordeu o lábio e, em seguida, fechou os olhos. Sentia-se solitária e terrível e não conseguia pensar em nada para dizer que não iria causar-lhe uma crise de choro.

— Quando você tem seu próprio lugar, pode pintar e decorar como gosta, e não se preocupar com outras pessoas na casa. Você e Dana vão se divertir juntas. Assim como sua mãe e eu costumávamos fazer. O antigo quarto de Matthew dificilmente poderia ter sido tão amigável às mulheres, mas você teria gostado de qualquer maneira.

— Você quer dizer o quarto do Finn — Julie corrige.

— O quê? Não, você esteve no quarto de Matthew. Ele se mudou para o antigo quarto de Finn um tempo atrás, por isso o seu quarto estava vazio quando você chegou aqui. Foi bom ter uma casa cheia de novo.

— Acho que não entendi... — Julie começou. Isso não fazia qualquer sentido. Por uma série de razões. — Eu pensei que...

— Sabe de uma coisa? — Erin disse alegremente. — Vir aqui foi uma boa ideia. Raramente fico apenas sentada e sem fazer nada. Deu-me a chance de pensar. Eu senti falta da minha família, Julie. Você, querendo ou não, ajudou a trazê-los de volta para mim e eu de volta para eles.

Julie inalou e exalou profundamente e tentou desvendar seus pensamentos.

Em seguida, a mão de Erin se moveu em cima da dela e descansou lá, seu toque sem palavras era tanto inquietante como consolador.



Capítulo 29

— Você não vai de carro hoje? — Matt olhou por cima de seu notebook quando Julie atravessou a sala de estar. Ele estava no sofá, vestindo uma camisa vermelha surpreendentemente solta, com os pés cruzados em cima da mesa de centro.

— Não. Eu vou a pé para o trabalho. É bom caminhar. — Sentiu as palavras saindo de sua boca, lentas, pesadas e falsamente normais.

— Maio e junho são geralmente bons, mas é só esperar até o verão. Nublado, quente e úmido.

Julie sentou-se em uma das cadeiras duras e vasculhou sua bolsa da escola, certificando-se de que tinha tudo o que precisava para o seu último dia. Depois de fazer uma prova pela manhã e entregar um trabalho, ela estaria liberada. A maioria das pessoas na sua posição se sentiria feliz. Em vez disso, uma sensação de mal-estar estava se aproximando dela, pois eram as últimas semanas.

Ela folheou as páginas impressas de seu trabalho. Mesmo sabendo que tinha escrito no papel, suas palavras pareciam estranhas. As letras misturadas e nadando através da página em busca de sentido. Ela deixou o pedaço de papel cair da mão dela para o chão.

— Julie? Você está bem? — perguntou Matt.

— Eu estou bem — disse ela.

— Você parece um pouco distante hoje.

— Eu te disse que estou bem.

Julie colocou o papel de volta em sua bolsa e caminhou até a janela da frente. Ela levantou a vidraça antiga e pesada e não se moveu enquanto uma suave brisa soprou a cortina transparente contra ela. O céu estava totalmente claro naquele dia, e o mundo estava com cheiro fresco, impoluto, que o final da primavera traz. Aquele perfume precioso provavelmente só duraria até julho quando o calor e o mau cheiro chegaria. Ela virou-se e observou Matt, enquanto ele continuava a trabalhar.

— Matty?

— Sim?

— Olhe para mim.

— O quê? — ele perguntou.

— Olhe para mim.

Matt levantou a cabeça. Parecia que fazia anos desde que ele olhou diretamente para ela, e a luz que ela via acender muitas vezes em seus olhos cinzentos tinha ido embora. Não tinha havido nenhum vai e vem de brincadeiras entre eles em semanas, não zombavam mais sobre suas camisas e ele não se esforçava para levá-la a compreender os métodos assintóticos para sua aula de cálculo. Ela estudou seu rosto, tentando entendê-lo. Tentando entender. Ele inclinou a cabeça para o lado, sua expressão ficando solene como se ele a estivesse deixando pensar. Mas ele não se afastou.

Ele parecia cansado e vulnerável.

Ele provavelmente tinha razão para isso.

Nenhum dos dois disse uma palavra. Ela podia sentir a mudança entre eles, a terrível mudança na dinâmica. A perda. Ela sabia que ele sentira isso também. Finalmente Julie estendeu a mão para a bolsa. Julie se virou e saiu pela porta da frente e para a luz do sol gritante.



Dana cruzou as pernas e arrancou um pedaço do croissant de chocolate.

— Quer um pouco? — ela ofereceu.

Julie balançou a cabeça. Seu estômago não estava bom, e o café da Au Bon Pain não estava parecendo bom. Ela e Dana tinham tido sorte de conseguir uma pequena mesa bistrô no café ao ar livre lotado de Harvard Square. Parecia que todos, exceto Julie, estavam em clima de fim de ano.

— Julie, o que está errado? — perguntou Dana. — Alguma coisa está acontecendo com você. Não quer morar comigo? Não é um problema se você não quiser. Só porque fui em frente e repintei o quarto para você não significa que deva se sentir toda culpada, caso tenha mudado de ideia. — Ela sorriu. — Sério. Está tudo bem.

— Não! Não é nada disso. Mal posso esperar para ir, na verdade. Falta menos de uma semana.

— Alguma coisa está errada. Você não está em um bom estado de espírito.

— Não — ela concordou. — Não estou.

— Me conte.

Julie olhou para os jogadores de xadrez ao lado delas. Um estudante universitário e um homem de cabelos grisalhos concentrados nas peças em preto e branco que estavam assentadas sobre o concreto xadrez. “Rei, rainha, torre, bispo, cavalo. Rei, rainha, torre, bispo, cavalo. Peão.” Julie olhou para a peça de xadrez. “Peão.”

— Eu deveria ir para casa e arrumar um pouco mais minhas coisas.

— Se você quiser. Ei — Dana disse gentilmente. — Você vai me ligar se precisar de mim, certo? Eu estarei lá quando estiver pronta para conversar.

Julie olhou para a amiga e assentiu.

— Eu vou. — Ela pegou a bolsa para sair e depois parou. — Se eu precisar me mudar alguns dias mais cedo, tudo bem?

— O que está acontecendo? — Dana se inclinou para frente. — É sobre Matt?

— Tudo bem ou não?

— Claro. — Dana sentou-se. — Tudo o que você precisar. Você sabe disso.

— Obrigada. Eu ligo para você mais tarde.

Julie colocou os óculos escuros para baixo cobrindo os olhos e saiu pelas calçadas lotadas. Ela passou por Dunkin’ Donuts/Baskin Robbins sorvete e sorriu. Esta era a localização do “Como você gosta das suas maçãs?”, do *Gênio Indomável*. Era também o lugar que ela e Matt tinham parado no dia em que ele a tinha levado para procurar apartamentos. Ela passou a estação de metrô e cruzou Mass Ave, desaparecendo no labirinto da loja de Harvard, The Coop. Passear pela névoa parecia ajudá-la a se sentir melhor. Julie deixou-se flutuar através da loja por um tempo, acabou saindo na parte de trás para uma rua lateral.

Boutiques de roupa tinham mostruários de vestidos exibidos na calçada, e Julie passou os dedos por vestidos que ela não iria comprar. Do outro lado da rua havia uma pequena loja que vendia artesanato local. Ela, momentaneamente, saiu do nevoeiro e se perguntou se poderia encontrar um pouco de alguma coisa para Celeste lá.

Por tantas razões, ia ser difícil sair. Não havia como fingir que não era. O vazio pairava sobre ela, poderoso e implacável.

Julie viu-se avaliando as prateleiras e, em seguida, movendo-se para as vitrines com joias. Ela tentou se concentrar. Um pequeno presente para Celeste seria uma coisa boa a fazer, para ambas. Um momento de seu ano juntas. Seus olhos deslizaram sobre colares de contas e pulseiras de ouro, nenhum dos quais estava certo. Ela caminhou até o final do corredor.

Algo prata chamou sua atenção. Talvez ela devesse ter ficado surpresa ao vê-la, mas não estava. Era quase como se ela estivesse esperando que estivesse ali.

A vendedora apareceu.

— Você quer olhar alguma?

Julie manteve os olhos sobre o objeto e apontou.

— Sim. Aquele. Bem ali.

A mulher abriu a porta do armário de correr e Julie pegou o item.

Julie olhou para sua mão e estudou o gancho de prata familiar. O gancho de cabelo de Celeste. O presente que Finn mandou de longe. Ela virou-o na mão algumas vezes. Este tinha uma pedra amarela em vez de turquesa. Caso contrário, era idêntico.

— Tudo aqui... — ela começou. Será que ela realmente queria fazer essa pergunta? Sim. Ela tinha que fazer. — Tudo aqui é feito por artistas locais, certo?

— Absolutamente.

— Nada é importado?

— Não. Estamos aqui apenas para apoiar os artistas da Nova Inglaterra. Temos quantidades muito limitadas de cada item. Não há dois exatamente iguais. Esse grampo de cabelo é feito por uma mulher de Martha Vineyard. É lindo, não é? Nós vendemos um número de suas peças.

— Eu aposto que sim. É lindo. — Julie abaixou-o. Sua mão tremia, e ela virou-se e saiu correndo da loja.

A caminhada para casa pareceu eterna e não quase tempo suficiente. O volume em seu iPod era alto, e ela tentou impedir-se de pensar, perdendo-se na música enquanto caminhava lentamente para casa. Ou para o que seria sua casa por apenas mais um curto espaço de tempo. As palavras do Dr. Cooley se repetiam várias vezes em sua cabeça. “Talvez esteja faltando alguma coisa óbvia. Não superavalie o que você vê.” Ela tinha perdido tudo. Tudo tinha estado ali mesmo, mas não tinha sido capaz de ver o quadro geral. Talvez ela tivesse sabido há meses e simplesmente não queria aceitar o que o mundo vinha gritando para ela. Negação a tinha deixado cega e estúpida. Talvez tão pateticamente. A casa dos Watkins parecia estranha para ela agora. O bloqueio da frente deu-lhe o problema de costume, e as escadas para o segundo andar fizeram o mesmo ranger de sempre, e, ainda assim, nada parecia certo. Matt estava na escola, o que era bom. Julie abriu seu notebook e arrastou a cadeira para perto da mesa, enquanto digitou.

Finn,

Eu estou tão louca por você. Você sabe disso, não é? Essa coisa entre nós ao longo do ano passado foi tudo o que eu nunca soube que queria. Você me fez corajosa e aventureira. Você me fez rir. Você é encantador e doce, carismático, e você me conquistou.

Eu me apaixonei por você. Não poderia fazê-lo, e eu não conseguia impedir. Mas agora tenho que fazer.

Nós dois sabemos que é melhor do que fingir mais.

Nós dois sabemos que faz tempo.

Eu tive um sentimento tão forte que sabia quem você era e como era estar com você.

Porque eu sabia. Talvez uma parte de mim soubesse o tempo todo. Não sei quando percebi isso, mas tinha que haver um ponto onde eu perceberia.

Talvez eu não quisesse ver o que estava bem na minha frente, porque eu queria mais do que qualquer coisa que essa conexão entre nós fosse real. É muito claro para mim agora, e a verdade é mais dolorosa do que eu imaginava. Você deve pensar que sou incrivelmente estúpida por ter caído nesta charada. Eu sou. É verdade. Assumi um risco, pulei e me deixei cair sozinha. Queria voar com você, Finn. Você.

Vou sentir falta daquele menino que me enviou fotos, me protegeu de monstros e me ajudou através de passeios de elevadores mortais. Vou sentir falta das histórias sobre a proteção de animais selvagens, treinamento de futebol em Gana e mergulho em lugares exóticos. Vou sentir falta do jeito que você me faz rir, me conforta e me cura. Vou sentir falta de tudo isso. Principalmente eu vou sentir sua falta. A maneira como nos sentimos juntos.

Mas suponho que já estava sentindo sua falta ao longo das últimas semanas. Eu poderia dizer que estava perdendo você. Agora tudo está prestes a ficar muito pior.

Eu precisava escrever-lhe apenas mais uma vez antes de todo este golpe de distância.

Julie

Ela desligou o computador e foi para a gaveta da cômoda. A camiseta era velha e decadente, e ela tocou o tecido com as pontas dos dedos. Sentia-se entorpecida. Havia mais uma coisa que tinha que verificar. Só para ter certeza. Só assim ela realmente acreditaria.

Julie foi para o quarto de Erin e Roger. Ela estava no centro do quarto e virou-se lentamente, olhando para o que seria a prova. Não estava ali. Mas a escultura de madeira estava em uma prateleira, do lado direito agora. Mãe. Julie pensou sobre o menino que tinha feito isso para sua mãe e como desconectada e alheia Erin tinha sido.

A casa estava estranhamente silenciosa. Oca. Isolada, Julie pensou, enquanto caminhava para a sala de estar. Ela começou em um canto da sala, olhando atentamente para todos os livros nas prateleiras altas. Lentamente, ela deu um passo para o lado, certificando-se de não perder o que sabia que deveria estar ali. Quando chegou na última prateleira, ela viu. O álbum de fotos estava no topo, logo abaixo do teto. Ela empurrou uma cadeira para as prateleiras e estendeu a mão, puxando o livro de couro escuro debaixo de um atlas. Os outros livros sobre aquela prateleira alta estavam empoeirados, mas a capa do álbum estava limpa.

Ela sentou-se no sofá por um tempo, apenas segurando o livro e desligando-se.

Finalmente, ela abriu, cuidadosamente virando as páginas, enquanto olhava para as fotografias. Ela reconhecia as imagens. Tinha visto algumas delas antes. Era difícil não sorrir para as imagens de Finn. Seu belo rosto, a forma como suas roupas abraçavam sua complexão magra, aquele sorriso travesso. Ela tocou em uma das fotos. Ela sentiria falta do pensamento dos braços ao redor dela. As versões das fotos em sua mão eram ligeiramente diferentes das que ela tinha olhado tantas vezes no ano anterior, mas ela já sabia.

Tanto quanto doía virar cada página, ela era grata por Erin e Roger não serem o tipo que armazenam todas as suas fotos digitais. Não como Julie era.

E não como Matt.

Era muito duro manter a procura, por isso ela fechou o álbum.

Passou uma hora, talvez mais. Julie não tinha certeza. Ele estaria em casa em breve. Ele iria verificar seu e-mail e voltar para casa.

Finalmente, a porta foi aberta.

— Julie.

Ela olhou para Matt e esperou. Ele tomou seu tempo antes de falar novamente.

— Você sabe, não é? — Não foi realmente uma pergunta.

— Sim. Eu sei.

Matt baixou a cabeça.

— Eu não sei como isso ficou tão fora de controle. Nunca quis fazer isso.

— Quero ouvir você dizer isso.

— Julie...

— Diga isso, Matt — ela disse em voz alta. — Quero que você diga isso.

— Eu venho tentando descobrir como dizer isso há meses. — Ele olhou para ela agora, tanto medo como melancolia sombreando seu rosto. — Eu tentei no Natal. E depois do Ano-Novo. Mas eu era muito covarde. Pensei que seria mais fácil depois que você saísse de casa.

— Foda-se. — Julie levantou-se e lançou o álbum de fotos para ele. — Dane-se você! Chega de besteira. Diga, Matt — ela gritou. — Diga-me a maldita verdade de uma vez!

Ele ficou em silêncio por um tempo, tentando adiar esse momento. Seus olhos brilhavam quando ele falou.

— Finn está morto.

Ela assentiu com a cabeça, mais calma agora que ele tinha confirmado o que ela sabia.

— Seu irmão está morto. É por isso que Celeste tem o Pôster do Finn.

— Sim.

— Você está fingindo ser Finn. Tudo o que ele escreveu para mim foi você. Você colou fotos antigas dele em outras fotos.

— Sim.

Julie fechou os olhos. Ela tinha descoberto isso sozinha, mas a confirmação bateu forte.

— Você quer saber como ele morreu?

Julie assentiu.

— Há dois anos, durante o inverno. Em um acidente de carro. Minha mãe estava dirigindo, e o carro deslizou para fora da estrada em Memorial Drive, perto de Harvard Square. Ela bateu em uma árvore. O carro foi amassado com o impacto e Finn foi jogado através do

parabrisa. Ele morreu na hora. — Matt respirou de forma audível, preparando-se antes de continuar. — O airbag de minha mãe saiu, então ela não se machucou realmente. É por isso que ninguém dirige, exceto eu. E nós não passamos o rio. — Matt enfiou as mãos nos bolsos, esperando por Julie dizer alguma coisa. Mas ela não o fez. Ele estendeu a mão para baixo e pegou o álbum de fotos do chão e folheou algumas páginas antes de jogá-lo em uma cadeira. — Você sabe o que é realmente injusto? Como se isso não fosse insuportável o suficiente por si só? Já não é cruel e terrível?

— O quê?

— Você sabia que Celeste tocava piano? Ela era muito boa. Ela tinha aulas em um lindo e velho prédio aqui perto, fora de Memorial Drive.

Julie não conseguia descobrir aonde ele queria chegar com isso.

— Adivinha quem estava voltando para casa depois da aula bem a tempo de ver o acidente?

— Oh, Matt... — Julie dificilmente conseguia falar.

— Sim. Foi um timing perfeito, realmente. Celeste viu os caminhões de bombeiros e ambulâncias. Ela viu fumaça ondulando para fora do carro da família, e o pior de tudo, ela viu muito sangue e o corpo mutilado de seu irmão sem vida. — Matt estava falando rapidamente agora, as palavras derramavam de sua boca como se uma pausa muito longa fosse deixá-lo ainda mais desprotegido do que já estava. — A fumaça? É por isso que mamãe não gosta de acender lareiras em casa. Ou fósforos. Nós não podemos acender fósforos quando ela está na sala, porque o cheiro de enxofre lhe dá flashbacks. Acho que o airbag tem um cheiro semelhante. Ironicamente, Celeste gosta de ter fogos em casa. Eles a fazem se sentir mais perto de Finn.

Julie levantou-se, e Matt se afastou, virando as costas para ela. Apoiou o ombro contra o batente da janela e olhou para fora.

— Assim, a família perfeita com o filho perfeito se desfez. A depressão de minha mãe ficou totalmente incontrolável, e ela ficou em uma unidade psiquiátrica por seis meses. Meu pai desapareceu em seu miserável estudo de oceano, e Celeste tornou-se quase catatônica. Eu fiz o que pude por ela. Eu a ajudei no período da manhã, ajudei-a a se vestir e se alimentar. Eu a amo. Mas não era suficiente. Não me entenda mal. Celeste nunca foi uma garota típica. Ela sempre foi excêntrica. Mas a morte de Finn a destruiu. — Todos os muros que Matt tinha desmoronaram. Todos os segredos e as emoções que ele tinha trabalhado tão duro para proteger aquele ano estavam escapando. Julie quase não reconheceu a pessoa na frente dela. — E então, esperta que ela é, criou o Pôster do Finn. Inacreditável. Ela entrou na internet e criou uma réplica de seu irmão. E essa coisa estúpida de papelão o trouxe de volta. Quando minha mãe chegou em casa de seu tratamento hospitalar, eu tentei fazer que ela e meu pai tomassem alguma providência por Celeste. Obtivessem ajuda. — Ele balançou a cabeça. — Mas amaram o Pôster do Finn quase tanto quanto Celeste. Talvez parte de mim também. Porque o manteve vivo para nós, de alguma maneira doente, insana. Em algum momento, Celeste insistiu que Finn estaria no Facebook, então eu fiz isso por ela. O nome Finn é Deus era, provavelmente, o

meu ciúme. Ele era tão malditamente perfeito. Todo mundo o adorava.

— E quanto a você, Matt? O que aconteceu com você?

— Eu? Nada. Não cheguei a chorar porque eu tinha que cuidar de tudo que meus pais não conseguiam. Não os responsabilizo por isso. Não há nenhuma maneira correta de reagir. Minha mãe, em particular, não gostava quando eu fazia coisas que a lembravam de Finn. Ele odiava matemática e física. Na verdade, ele odiava a escola. Ele não era um aluno ruim. A escola simplesmente não estava onde seu coração estava. Então eu fiz o contrário. Sou excelente na escola de forma que ele nunca poderia ser.

— Celeste inventou a história sobre ele viajar? — perguntou Julie.

— Sim. Realmente era algo que Finn teria feito. Ele era tão ótimo como ela diz que ele era. Essas histórias inventadas sobre Finn ajudaram, e o Pôster do Finn deu algo tangível para segurar. E, ao mesmo tempo, enquanto que uma maldita imagem dimensional foi mantendo-a à tona, destruiu todos nós. Quando estamos em torno de Celeste, temos que agir como se Finn estivesse vivo, assim como se seu cérebro nunca tivesse lambuzado toda a calçada.

Julie encolheu-se.

— Eu não sei o que dizer.

— Não houve nenhum obituário no jornal. Minha mãe alegou que era porque ela teria se sentido obrigada a imprimir o seu verdadeiro nome, Anatol Finneus Watkins, e ela não faria isso com ele. Finn odiava seu primeiro nome e só o chamavam de Finn. Foi feito um pequeno e privado funeral. Ninguém entra em casa. Eu sei que você já percebeu. Como poderia não fazê-lo? O que quer que meus pais pudessem fazer para manter o pretexto de que seu filho está apenas longe, que um dia ele vai estar em casa... Outras pessoas iriam arruinar esse cenário. Meus pais não falam sobre a morte de Finn, e amigos da família e colegas não sabem. Mamãe e papai fingem que estão fazendo isso por Celeste, mas é por eles também. — Matt girou e soltou um riso triste. — É uma loucura. Eu sei que é tudo completamente insano.

— Por que sua mãe deixou-me entrar na casa no primeiro dia? Por que ela me pediu para ficar?

— Ela sentiu uma lealdade a Kate, eu acho. Eu não sei se entendo. Talvez ela estivesse... não tenho certeza. Procurando uma maneira de sair dessa. Procurando ser pega. Ela podia confiar em você por causa da sua conexão com sua mãe. Você sabe como se sente sobre a Dana? Se vocês duas não se falassem durante vinte anos, você ainda estaria lá para ela se precisasse de você, certo?

Julie assentiu.

— É claro.

— Eu não queria mentir para você. Não achei que você estaria aqui por muito tempo. Ninguém fica mais em nossas vidas. Estamos todos tão sozinhos. Então, quando você escreveu para Finn, eu escrevi de volta. Você era fácil de falar, e eu precisava me sentir perto de alguém. De você.

— Você deveria ter me contado. Depois que sabia que eu estava hospedada, você deveria

ter me dito.

— Eu sei. Minha mãe e eu discutimos sobre isso. Eu não queria que você vivesse aqui porque ela não queria que você soubesse a verdade, e achei que você deveria. Mas ela viu o que todos nós vimos depois. Que você é brilhante com Celeste. Com todos nós. Você foi esta força de vida que precisávamos desesperadamente. Eu não parei as coisas entre mim e você, você e Finn, porque foi a primeira vez que senti algo em tanto tempo. Fui eu mesmo, pela primeira vez em muitos anos, sem restrições e sem etiquetas. Você me libertou.

Julie atravessou a sala até que estivesse em pé na frente de Matt. Seu coração se partiu por ele. Ela deu um passo para mais perto e tomou sua cabeça nas mãos, fazendo-o olhar em seus olhos.

— Eu sinto muito.

Ele não disse nada, e ela podia senti-lo tremer. Deus, ele parecia tão esgotado.

— Por que você não está gritando comigo? Você tem que estar com raiva — ele disse calmamente.

— Estou muito triste para gritar. Não chego a estar com raiva de você, não é? Seu irmão morreu e então não consigo ficar com raiva.

Ele estendeu a mão e colocou-as sobre os braços dela.

— Eu nunca quis que isso se tornasse tão complicado. Não planejei isso. — Sua voz tremeu.

Julie tocou seu rosto suavemente e, em seguida, correu os dedos sobre os lábios.

— Isto nunca iria acabar bem. Você percebe, não é?

— É possível.

— Não. Isto é muito confuso — disse ela para ele.

— Eu sei — disse ele.

— E você está tão magoado. — Ela enxugou uma lágrima de seu rosto.

— Eu sei.

— E você me machucou.

— Eu sei. Eu nunca, nunca quis machucar você. Você tem que acreditar nisso.

— Eu entendo. Realmente acredito. — Julie conseguiu dizer. — Mas o que Finn e eu tivemos era real. E você destruiu isso.

— Não houve você e Finn. Lá era você e eu.

— Não.

— Isso — disse ele apontando entre eles — é real. Você e eu somos reais.

— Não, não somos. Nós não somos nada, Matt. Não depois disso.

— Não diga isso. Julie, por favor, não diga. Eu me apaixonei por você. E você se

apaixonou por mim.

Ela afastou o cabelo do rosto e deu um passo para mais perto. Não havia nada que ela pudesse fazer para corrigir isso, não houve atalho para tristeza e decepção. De qualquer forma, ela estava muito abalada agora para buscá-lo. Seu coração estava partido. Ela perdeu Finn. Ela perdeu o Matt que conhecia.

Ele parecia tão completamente cansado, tão cheio de angústia. Ela acariciou seu cabelo enquanto embalou sua cabeça nas mãos. Se houvesse uma maneira para ela tirar seu sofrimento, ela o faria. Ele faria o mesmo para ela, ela sabia disso.

Ela levantou a boca para a dele, beijando-o profundamente.

Deliberadamente. Ela sabia o que estava fazendo. Os lábios de Matt se moveram com os dela, sua emoção tangível, sua dor demais. Julie deixou-se desaparecer no momento. Foi mais fácil do que pensar, do que tentar entender o que tinha acontecido. As palavras que ele havia escrito para ela como Finn se reproduzindo uma e outra vez: “você pode olhar para trás agora e ver como deveria ter sabido, mas estava focalizando os fatos em vez dos sentimentos”.

Matt estava tentando prepará-la. Mas agora ela não sabia quem era esse menino danificado e perdido que a beijava como se ele nunca mais fosse vê-la novamente. Como se ela fosse tudo o que ele queria. Agora suas próprias lágrimas caíam no rosto. Julie beijou-o com mais força, sem parar, sem querer que isso parasse, mas sabendo que tinha que fazer. Por apenas mais alguns minutos, ela se deixou afogar na sensação dele, de sua boca, seus lábios, sua língua, seu beijo... Este momento ofuscou o mundo real e levou para longe a miséria. Suas mãos percorriam as suas costas e braços, desesperado para mostrar para ela o quanto a queria.

Ela lutou contra um soluço e puxou sua boca da dele, beijando seu rosto, seu pescoço, se aconchegando contra o tecido de sua camisa. Suas mãos se moveram em seu peito, então envolveram em sua cintura, abraçando-o. Ela apenas queria segurar Matt, mesmo se fosse a última vez. Seus braços cercaram o corpo dela, e ele agarrou-se a ela. Houve dias, durante o ano anterior, quando ele a fez sentir-se segura e protegida ao abraçá-la. Tinha sido tão natural o deixar abraçá-la, tão fácil. Tão fácil que ela estupidamente nunca tinha questionado isso. Nenhuma daquelas vezes importava, porém, porque tudo antes de hoje tinha sido uma mentira.

Ele sussurrou em seu ouvido, sua voz quebrando.

— Julie, me diga que você se apaixonou por mim também. Eu sei que você fez. Posso sentir.

— Não, Matt — disse ela chorando. — Eu me apaixonei por Finn. Eu amava aquele garoto, mesmo que imaginário, maravilhoso, menino de fantasia. Aquele menino não era você. Ele era outra pessoa, alguém que nunca existiu. E... talvez parte de mim se apaixonou por alguma versão de você também, mas isso não foi verdadeiro também. E agora perdi os dois. Você partiu meu coração duas vezes.

— Por favor. Eu quis dizer tudo o que escrevi para você. Tudo. — Matt estava implorando para ela agora e apertou seus braços com força. — Eu costumava fazer paraquedismo e bungee jumping. Finn e eu fizemos aquelas coisas juntos. Depois que ele morreu, eu não poderia assumir mais riscos como esse. Não era justo com meus pais. Ou

Celeste. Eu costumava ser diferente. Minha vida era muito mais do que gerenciamento e enfrentamento e manter todos juntos. Havia mais de mim. Você começou a trazer isso de volta. Nós temos alguma coisa aqui, Julie. Você sabe disso.

— Nós não temos nada. — Ela enxugou os olhos em sua camisa. Matou-a dizer isso para ele. Ela sabia melhor do que ninguém quão frágil Matt estava agora e como muito de si mesmo ele estava dando para ela. — Por favor, não torne isso mais difícil. Por favor, não me faça te machucar mais. Mas, Matt... Nada do que aconteceu foi verdade.

— Eu preciso de você — ele implorou. — Você é tudo o que eu não sou.

— E você é tudo o que eu não quero. — Julie se afastou, quebrando seu abraço, e sacudiu a cabeça. — Se você me amasse, não teria feito isso. Você não poderia ter sido tão descuidado comigo. Você conhece a dor e perda melhor do que ninguém. — Ela odiava cada palavra que saía de sua boca. — E isso é o que você me deu. Eu sei que não é o mesmo. Eu sei que o seu caso é pior. Sinto muito por você, Matt. Por toda a sua família. Você passou pelo inferno. E você foi mais corajoso do que qualquer um. Mas eu estou machucada agora também. E não consigo te amar.



Capítulo 30

O despertador tocou, enchendo o quarto com uma música velha e melosa. Amaldiçoando-se por esquecer de desligar o alarme na noite anterior, Julie virou-se e puxou o cabo da parede, mas a música continuou tocando. Maldita bateria!

Ela tinha ido para a cama às sete da noite anterior, tendo murmurado algo para Erin através da porta por não se sentir bem. Seus olhos ardiam, e sua cabeça e coração doíam. Toda machucada. Não havia realmente nenhuma boa razão para levantar-se, a não ser para terminar de empacotar suas coisas. Ela estava se mudando para a casa de Dana no dia seguinte. Queria sair dali o mais rapidamente possível. Mas a ideia de reunir a energia que precisava para embalar foi ainda mais debilitante. Mesmo com a música torturante, o quarto escuro era seguro. O mundo estava à espera.

Esconder-se em seu quarto desde a conversa terrível com Matt era infantil, talvez, mas ela não se importava. Naturalmente, não era realmente seu quarto.

Era de Matt. Ele deve ter saído para que a família não tivesse de lidar com a agonia do quarto vazio de Finn. Ela jogou seu braço sobre os olhos. Pobre Matt, havia assumido o peso da dor da família.

Depois de ficar deitada na cama por mais uma hora, e sofrendo com “A Hora do Romance” na estação de rádio local, ela finalmente se arrastou das cobertas e sentou-se em frente ao seu computador. Havia mais uma coisa que ela tinha que fazer. Clicou na página de “Finn é Deus” uma última vez e releu suas atualizações de *status*. Atualizações de *status* de Matt. Era tão difícil conciliar a verdade com o que ela tinha acreditado por tantos meses. Ela moveu o cursor para removê-lo de sua lista de amigos e, em seguida, parou. Sob a sua foto do

perfil, ela viu. Era seu aniversário hoje.

Era o aniversário verdadeiro de Finn. Ela não podia tomar esta atitude e excluí-lo imediatamente.

Julie não entendia por que ela estava sentindo uma perda. Não era como se realmente tivesse conhecido Finn. Era Matt o tempo todo. Tecnicamente, ela não tinha perdido ninguém. Mas parecia que ela tinha. Para amplificar seu sofrimento, havia o fato de que machucara Matt tão terrivelmente no dia anterior. Isso poderia ser a pior parte de tudo. Julie ouviu o telefone de casa tocar, e, momentos depois, a voz de Matt encheu a casa.

— Julie! Julie!

Ela não o tinha visto desde o dia anterior, quando ela se afastou de seu abraço e fugiu para o quarto dela. A última coisa que queria era enfrentá-lo agora, mas o som de sua voz lhe dizia que algo estava errado.

— Julie. — Matt abriu a porta. — Celeste desapareceu.

— O quê? O que quer dizer com desapareceu?

— Ela não apareceu para o terceiro período hoje. Minha mãe acabou de ligar. Ela e Papai estão indo para a escola agora para ver se alguém a viu. Hoje é... hoje...

— Eu sei. — Julie se levantou. — É o aniversário de Finn. — Este dia deveria ser intoleravelmente doloroso. Ela correu até o armário e puxou a camisa de um cabide. — Nós vamos encontrá-la.

— Não sei onde ela poderia estar. Alguma coisa está errada. Ela nunca matou aula.

— Vai ligar o carro. Vou descer em um minuto.

Matt assentiu.

— Ok. Julie? Obrigado. Eu sei que você me odeia agora.

Ele desapareceu antes que ela pudesse protestar.

Dez minutos mais tarde, Matt e Julie estavam no carro indo em direção à escola de Celeste. Pareceu que valia a pena dirigir em torno da área, sobre a possibilidade remota de que ela poderia estar perto dali. Julie tinha tentado a casa de Rachel, mas sua mãe não tinha visto Celeste, e Rachel definitivamente havia ido à aula. Julie estava esperando que as duas meninas tivessem abandonado a escola juntas. A mãe de Rachel prometeu ligar se tivesse notícias.

Matt bateu no volante.

— Onde ela poderia estar? Aonde ela poderia ir?

— Ela vai ficar bem. Não teria feito nada estúpido. É um dia difícil para ela. Para todos vocês.

— Sim, é. — Ele manteve os olhos em linha reta. — Eu tive que dizer a ela sobre a nossa... conversa. Ela queria saber o que estava errado. Eu não acho que a ajudou.

— Sinto muito. Não queria parecer tão... insensível ontem. Eu só não posso... — As palavras dela sumiram. — Eu entendo por que você fez o que fez.

— Você não tem de explicar. Realmente.

Julie balançou a perna. Ela não queria pensar sobre o dia anterior. Matt parecia totalmente drenado. Ainda pior do que ela. E ele fechou-se com ela novamente. Aquele que estava derramando-toda-a-sua-alma tinha ido embora. Mas a única coisa que importava agora era encontrar Celeste. Ela olhou para fora da janela enquanto Matt dirigia ao redor sem rumo, esperando, desesperadamente, ver sua irmã. Julie fechou os olhos.

“Pense. Pense. Aonde é que Celeste foi?”

— Matt, vire à esquerda. Aqui. Aqui!

— Por quê?

— Eu sei onde ela está.

Ele puxou o volante e dirigiu em direção ao rio Charles.

— Ela não pode ter ido — disse ele, incrédulo. — Por que ela iria até lá?

— Ela foi para o local do acidente. Deve ter ido.

Ele acelerou pela Memorial Drive. Estava bonito o dia, com temperatura agradável, céu azul e uma brisa maravilhosa. A ironia de todos eles se sentindo tão miseráveis era inegável.

De repente, Matt parou o carro freando bruscamente.

— Lá está ela.

Os dois saíram e correram em direção a ela. Celeste sentou-se num banco de madeira, olhando para a água do rio. Matt e Julie atravessaram uma área gramada, andando entre os estudantes que liam em cobertores e ciclistas, fizeram uma pausa e se sentaram em ambos os lados da Celeste.

— É um belo dia para passear de barco, não é? — Celeste finalmente perguntou. Ela colocou a mão na de Matt, mas continuou olhando para o rio. — Eu sempre pensei que seria tão divertido ir para um passeio por esse rio em um barco.

— Nós poderíamos ir algum dia. Alugam canoas aqui, sabe? — Julie chutou seus pés para trás e para frente. — Eu adoraria fazer isso com você.

Eles se sentaram em silêncio por alguns minutos, vendo os barcos passarem.

Finalmente, Celeste se virou e olhou para Julie. Seus olhos estavam vermelhos e inchados, mas sua voz era clara.

— Eu não sou louca, você sabe.

Julie assentiu.

— Eu sei disso.

— Estou ciente de que Finn está morto. Apesar de minha associação aparentemente inquebrável com o Pôster do Finn, sempre soube disso. Eu não sou delirante.

— Eu entendo.

— Eu amava tanto Finn. Você realmente iria gostar dele, Julie. Ele era mágico, não era,

Matt?

— Ele era — Matt concordou. — Finn foi uma pessoa especial.

Celeste inclinou a cabeça em seu ombro.

— Você é mágico também. Eu amo você, Matthew. Sei que você acha que eu gostava de Finn mais do que de você. Isso não é verdade. Você é parte de mim como Finn é. Eu absolutamente adoro os dois. Sempre e para sempre. Se você tivesse morrido, teria havido um Pôster do Matt. Eu teria rido muito do seu nome.

Matt jogou a cabeça para trás e olhou para o céu azul.

— Querida, não... apenas precisa...

— Sinto muito, Julie — Celeste continuou. — Eu escolhi criar o Pôster do Finn, e eu escolhi acreditar que Finn foi viajar. Esta é minha responsabilidade. Eu tenho uma imaginação excessivamente poderosa e fiz todos respeitarem minhas fantasias. Não tive a intenção de enganá-la.

— Você não tem que pedir desculpas por nada — disse Julie.

— Você está indo embora amanhã. Eu não vou vê-la mais.

— Acho que vou sair hoje à noite, na verdade. Parece melhor. — Ela podia sentir Matt olhando para ela. — Mas você vai me ver o tempo todo. Você e eu nos encontraremos uma vez por semana na Harvard Square. Prometo.

— E Matt. Matt poderia vir também? — Celeste sugeriu.

— Vamos ver — disse Julie.

— Por favor, não fique brava com ele. É por minha causa que Matt fez o que fez. Ele está totalmente apaixonado por você, Julie. Cativado. Eu vejo isso em seus olhos. Mesmo embora ele pareça tremendamente desmoralizado hoje, ainda posso ver em seus olhos. Se você não está totalmente descontente comigo, não pode estar com ele também. Isso não é justo.

— Eu não estou descontente. — Julie recusou-se a olhar para Matt. Era muito confuso. Suas emoções eram excepcionalmente cruas, e ela não podia tolerar estar perto dele. Foi só por causa de Celeste que ela estava com ele no momento.

— Eu estou pedindo que você não abra mão de algo com este tipo de intensidade. É raro. Julie tinha que pará-la.

— Eu não posso ouvir isso agora. Sinto muito. Agora não.

— Você tem que deixá-la sozinha, Celeste. Ela já ouviu o suficiente. — Matt colocou o braço em torno do ombro de Celeste. — Você está bem? Nós estávamos preocupados com você.

Ela tentou sorrir.

— Eu vou estar. Será que você fica aqui comigo, Matt? Só por enquanto? Eu me sinto perto de Finn aqui.

— Se é isso que você quer, com certeza.

Ela se aconchegou no braço do irmão.

— Diga-me novamente sobre quando vocês acamparam no quintal, e como o tecido pegou fogo quando Finn decidiu assar o marshmallow dentro da barraca.

Julie levantou-se. Ela estendeu a mão e pegou as chaves do carro das mãos de Matt. Ele olhou para ela. Foi incrivelmente corajoso ele se sentar ali com Celeste, em um banco ao lado de onde a vida de seu irmão tinha sido violentamente e imperdoavelmente levada. Ela não podia suportar a tristeza nos olhos de Matt, e assim ela se concentrou nas chaves agora em sua mão.

— Eu vou levar o carro para casa e ligar para Erin e Roger.

— Julie. — A dor em sua voz a destruiu. — Obrigado. Por tudo.

— Matt... — Não era possível dizer adeus, ela virou-se e correu para o carro, dizendo a si mesma que seus olhos estavam ardendo por causa do vento cortante que vinha do rio.



Não havia fita suficiente para selar a última caixa de papelão. Dana e Jamie estariam lá em meia hora para ajudá-la na mudança. Realmente não havia muito para carregar em seu jipe, então pelo menos isso deveria ser rápido.

Houve uma batida na porta e Erin entrou no quarto.

— Parece que você está terminando. Posso fazer alguma coisa para ajudar?

Julie balançou a cabeça.

— Não. Eu acho que isso é tudo.

Erin sentou-se na cama e respirou profundamente.

— Você estava chorando.

Julie assentiu.

— Tive uma longa conversa com Roger e Matthew esta tarde. Obrigada por encontrar Celeste hoje. Estávamos em pânico, como você pode imaginar.

— Estou feliz que ela esteja bem. Isso é tudo o que importa.

— Fisicamente, ela está segura. Mas não está completamente bem. Nenhum de nós está. Julie, eu gostaria de dizer-lhe algumas coisas, se você não se importa. — Erin apertou as mãos. — Matthew me disse que você sabe sobre Finn. Sobre o acidente.

— Sim. Eu sinto muito. — Julie sentou-se ao lado de Erin. — Eu não sei o que dizer. Não consigo entender o quão difícil isso tem sido.

— Há algumas coisas sobre o acidente que você não sabe, e que podem ajudá-la a começar a compreender por que eu nunca parei com tudo isso sobre Finn.

— Erin, você não me deve uma explicação para nada. De verdade.

— Quero que você ouça isso. Pode ajudar com o que está passando. — Erin esfregou as mãos sobre os joelhos, parando antes de começar. — O acidente foi totalmente minha culpa. Eu nunca deveria estar dirigindo naquele dia. Eu matei Finn. Sou a única responsável pela morte do meu filho.

— Foi um acidente. Ninguém culpa você.

— Foi um acidente, sim, mas há mais do que isso. Duvido que Matthew conte essa parte da história, porque ele queria proteger-me. Percebeu que eu tenho um histórico de depressão grave? Está tudo bem. Houve segredos suficientes. Depressão não é nada para se envergonhar. Eu sei disso, mas ainda estou trabalhando nisso. Eu estava bem com a medicação que vinha tomando. Estava funcionando, eu estava feliz mesmo. Então fiz o que muitas pessoas fazem. Parei de tomá-los. Eu estava contente, apreciando a vida, e me senti tão forte que achei que não precisasse mais. Eu ficaria bem. Bom, não consegui. Ninguém com o meu tipo de depressão consegue. Entrei em uma espiral descendente tão rapidamente. Deve ter sido aterrorizante para minha família. Roger não conseguiu convencer-me a voltar a tomá-los. Sei que parece estranho, mas em um estado depressivo como eu estava não podia ver as coisas racionalmente. Eu me recusei. Estava desesperada e cansada de lutar contra isso. Naquele dia de fevereiro, eu estava completamente fora da realidade. Isolada e dissociada, realmente. Entrei no carro com o pensamento vago de que algo poderia me dar uma sensação de fuga. Não me lembro de isso acontecer, mas, aparentemente, Finn me ouviu ligar o carro. Ele correu atrás de mim e pulou no banco de trás. Eu dirigi à beira do rio. Agora posso ouvir indícios de sua voz, o que ele estava dizendo a mim, como estava tentando me levar de volta. Mas, naquele dia, enquanto dirigia, eu não tinha consciência de que Finn estava comigo, Julie. Você pode acreditar nisso? Eu estava tão fora de mim, que esqueci que meu filho estava comigo. Eu não podia vê-lo, ou entender o que estava dizendo para mim. Nada. Meu nevoeiro depressivo bloqueou tudo exceto o conceito de alívio, mesmo temporário. Foi fácil, bastou deixar o sentimento nublado assumir por um tempo. Dirigir sem rumo e deixar minha depressão ser responsável, senti como se fosse ajudar. Eu nunca deveria ter ficado por trás do volante naquele dia. O carro bateu em um pedaço de gelo preto, girou um círculo completo, e se chocou contra uma árvore.

— Erin...

— Você não precisa ouvir os detalhes do acidente. Basta dizer que foi horrível. Vou ser assombrada para sempre pelo que vi naquele dia. — Erin tocou uma mão no rosto e fechou os olhos. — Estava um tempo incrivelmente gelado. Houve acidentes por toda a cidade. A polícia considerou meu acidente um resultado do tempo. Puro e simples. O que era verdade, até certo ponto, mas eu ter deixado a medicação era a verdadeira razão de ter perdido o controle do carro. Roger conseguiu ajudar através da internação. Matthew não sabia, na época, que o acidente fora resultado da minha estupidez de ter parado de tomar os remédios. Dissemos a ele depois. Ele não lhe disse por não querer que você pense mal de mim. Talvez tivesse havido um acidente, mesmo se eu tivesse estado lúcida naquele dia. Mas Finn não estaria no banco de trás sem cinto de segurança e não teria morrido. A dura verdade é que eu matei o meu filho, Julie. É por isso que tenho evitado minha família desde aquele dia. Não mereço ser mãe. Não posso ser responsável por Matthew e Celeste depois do que fiz. Não sei como.

Julie colocou a mão nas costas de Erin.

— Você ainda é a mãe deles. Será para sempre.

Erin assentiu com a cabeça vigorosamente e abriu os olhos.

— Eventualmente, irei enxergar isso. Vou chegar lá. Preciso de alguma ajuda. Tenho essa máscara surpreendente por tanto tempo, ela tornou possível me manter seguindo em frente. O Pôster do Finn me ajudou a fingir. A partir de agora, preciso fazer melhor. Vou fazer melhor. Nós todos temos que encontrar uma maneira de passar por isso.

Tudo o que Julie podia pensar em dizer parecia inadequado. Ela envolveu os braços em Erin e a segurou enquanto ela chorou.



Capítulo 31

Era final de agosto. Julie abriu outro pacote de açúcar e derramou-o em seu café. Café Paradiso estava tranquilo aquele dia, o que foi bom porque significava que ela seria capaz de ouvir tudo o que Celeste tinha a dizer, sem distração.

Tal como tinha prometido, tinha tido encontros com Celeste ali toda segunda-feira à tarde, uma vez que Julie havia saído da casa dos Watkins. Às vezes, Celeste vinha sozinha, e às vezes Roger ou Erin vinham com ela.

Nunca Matt. Embora Julie não tenha respondido a qualquer dos e-mails de Matt, exceto uma vez, quando ela pediu-lhe para, por favor, nunca ser a pessoa que vinha com Celeste. Ela não estava pronta para vê-lo. Talvez um dia, talvez nunca.

Fazia três meses desde que Julie tinha dito adeus a ele no banco à beira do rio.

Ele tinha parado de escrever no último mês.

Dana estava tentando convencê-la durante todo o verão para falar sobre Matt, mas ela simplesmente não conseguia. A última vez que Dana tentou, Julie tinha quase despejado uma tigela de cereal na cabeça dela. Depois disso, sua colega de quarto teve o bom senso de não mencioná-lo.

O verão tinha sido bom. Silencioso, sem intercorrências, e talvez um pouco chato. Precisamente o que ela precisava. Julie vinha fazendo um estágio em uma pequena editora em Cambridge, uma posição que ela achou que ficaria bem em seu currículo. E a mantinha distraída. Kate tinha ido visitá-la em um fim de semana em julho, mas Julie estava surpreendentemente com menos saudade do que ela teria imaginado.

— Lá está ela!

Julie olhou para cima, ao mesmo tempo que Celeste jogou os braços ao redor de seu pescoço em um abraço.

— Ei, garota! Como foi o Cape? Eu senti sua falta na semana passada.

Celeste caiu em uma cadeira e jogou seu cabelo para trás. Ela estava levemente bronzeada e seu cabelo havia clareado ainda mais com o Sol de verão. Ela estava radiante.

— Oi, Julie. — Roger inclinou-se e deu a Julie um beijo na bochecha. — É bom ver você.

— Você também.

— Celeste está morrendo de vontade de ficar com você e contar-lhe sobre a sua triunfante expedição de pesca.

Celeste sorriu.

— Fomos todos para o alto mar pescar e peguei uma considerável anchova. Até mesmo o capitão ficou impressionado. A besta provocou uma briga incansável, e Matt teve que assumir para mim algumas vezes. No fim, saí com o sucesso na lista de captura do dia. Eu vou te mostrar fotos da próxima vez.

— Ela realmente foi incrível — disse Roger orgulhosamente. — O capitão cortou em filetes o peixe para nós, e Erin cozinhou para o jantar.

— Erin cozinhou? — perguntou Julie, chocada.

Roger riu.

— Incrível, não é? Minha mulher tornou-se obcecada com a cozinha e não tem tirado comida de uma caixa nas últimas três semanas.

— Estou sem palavras.

— Você vai ter que vir para o jantar uma noite. Não posso garantir que a refeição será inteiramente comestível, mas será caseira.

Julie assentiu educadamente. Ela não tinha voltado na casa desde que os deixara.

— Vou estar em um recital em duas semanas. Você viria? Rachel vai tocar trompete e eu vou tocar piano. Como você pode ver, é uma incomum espécie de dueto, e Rachel não é particularmente dotada de dons quando se trata de qualquer instrumento musical. — Celeste fez uma pausa. — Ainda mais o trompete. Ela troca sua falta de talento por um uso frequente de expressões faciais exageradas quando sopra no bocal.

— Claro que vou ao recital — Julie disse. — Estou feliz que você tenha sucesso tão grande no campo das artes.

— Participar compensou ter de estar presente semanalmente nas sessões de terapia individual e de terapia familiar. Acho-as desafiadoras e cansativas.

— Deve ser.

— Por mais que eu deteste a experiência, você pode imaginar como Matt se sente sobre

terapia. — Celeste sorriu.

Julie riu. Ela sabia exatamente quanto Matt devia odiar muito ter que ir.

— Não tem outra coisa para perguntar a Julie? — Roger desgrenhou os cabelos de Celeste.

— Eu tenho. Julie, isso é sério. — Celeste enfiou a mão na bolsa pequena que ela tinha sobre o ombro e tirou um envelope que colocou sobre a mesa.

— Este é um convite. Estou fazendo uma festa de despedida para o Pôster do Finn.

Julie estava atordoada. Ela pegou o envelope de Celeste e abriu. Os detalhes da festa tinham sido impressos em material caro, com uma fita pequena amarrada na parte superior do cartão.

— Sério?

— Sim. Eu estava inspirada pela festa que sua mãe fez para você quando você saiu de casa, e esta festa é com o mesmo espírito. Só que eu quero um *brunch*. Finn amava *bagels* e salmão defumado. Os únicos convidados serão você, mamãe, papai e Matt. É uma festa particular, por razões óbvias. Não será triste, no entanto. O plano é para o dia ser uma celebração. Pôster do Finn serviu a um propósito muito necessário e é importante mostrar a nossa gratidão.

— Para onde vai o Pôster do Finn? — Julie tinha visões do pôster do Finn sendo reduzido a cinzas sobre a grade, ou cortado em pedaços com uma faca.

Isso seria terrível. Ela tinha um carinho pelo irmão, contudo, disfuncional e imobilizado.

— Ele só vai até o sótão. — Ela encolheu os ombros. — Apenas no caso de precisar. E talvez chegará uma época em que vou achar que tudo sobre o Pôster do Finn fora uma experiência divertida. Eu poderia querer mostrá-lo para os meus netos um dia. Voltar a um tempo quando eu era uma criança altamente perturbada... Você sabe. Poderia ser divertido.

— Sim, poderia.

— Então você vai vir, certo?

Julie não podia dizer não.

— Absolutamente. Não há nada que me faça perder isso. — Ela poderia enfrentar Matt por um dia.

— Excelente. Assim, no próximo sábado, às onze horas, vamos comemorar. Por favor, note que é traje casual. Pôster do Finn não gostaria de ninguém em vestidos de baile ou smoking.

— Entendido.

Roger estalou os dedos.

— Droga. Eu pretendia usar o meu terno verde-limão e gravata combinando nesse dia.

Celeste gemeu.

— Minha mãe nunca iria permitir isso. Ela tem um gosto impecável. Eu vou buscar algumas bebidas. Volto daqui a pouco. — Ela se dirigiu ao balcão para pedir.

Julie olhou para Roger.

— Eu não posso acreditar que é a mesma garota que conheci quase um ano atrás. Ela parece incrivelmente feliz.

— Ela está. Está indo bem. Tem dias difíceis ainda, mas nos surpreende muito.

Julie se inclinou para frente.

— Sinceramente, estou contente por ela não ter perdido toda sua antiga Celeste. Como sua personalidade única.

— Eu também. — Roger brincou com um pacote de açúcar. — Como você está, garota? Você parece... subjugada.

— Estou bem. Apenas distraída, eu acho. Ocupada. Preparando-me para voltar para a aula.

— Aham. Se você diz. — Algo chamou sua atenção, e ele estendeu a mão para pegar. — Julie? Onde você conseguiu isso? É de Matthew? — Ele segurou a pedra de seu colar em sua mão.

— Ah. — Ela se encostou na cadeira, puxando-o de sua mão e apertou-o contra o peito.

Por mais que ela não pudesse suportar pensar em Matt, não tinha sido capaz de jogar o colar fora. Era parte sua e de Finn, e ela não se sentia como ela mesma sem ele.

Roger olhou.

— É de Matthew. Será que ele te disse o que é isso?

Confusa, ela balançou a cabeça. Ela realmente não tinha pensado sobre onde ele tinha conseguido. Obviamente não era das viagens pelo mundo de Finn. Ela assumiu que Matt pegou em uma loja próxima.

— Uau. Eu não via isso há anos. Quando Matt era criança, rochas e minerais o fascinavam. Ele participava ativamente do Clube de Minerais de Boston.

É claro que ele participava. Julie sentiu que a pontada de melancolia a atingiu mais do que gostaria de admitir. Ela conhecia Matt tão bem que doía.

— Eu costumava levá-lo em passeios de fim de semana com o clube — disse Roger. — Íamos a caminhadas em New Hampshire e Vermont. Uma vez até os Berkshires. E as crianças cavavam procurando pedras e outros enfeites. Todos os meninos adoram essas coisas, mas Matthew gostava muito. Ele manteve anotações sobre suas descobertas e fez tabelas e gráficos que guardava em um fichário. No que se trata de minerais esta não é uma parte terrivelmente emocionante do país para se viver, no entanto, Matt tinha esperança de que iria encontrar esse item especial. E Deus ajudou, ele achou. — Roger apontou para o colar. — Esse é um fragmento de purpurite. Não é o mineral mais sexy, eu acho, mas Matt estava sobre a Lua quando recolheu isso. Ele não deixava ninguém tocá-lo e manteve essa coisa em uma vitrine fechada por anos. — Ele inclinou a cabeça para o lado. — Eu não acredito que ele dividiria

isso. Você significa algo muito especial para ele, Julie. — Ela olhou para baixo e apertou a mão em torno do colar. — Olha, isso não é da minha conta, e eu não sei exatamente o que aconteceu este ano, mas sei que alguma coisa se desfez entre vocês dois. Tentei falar com ele sobre isso... Bem, você conhece Matt. Ele tem uma dificuldade em se abrir. Sei um pouco sobre ele se passando como Finn on-line. — Ele segurou e levantou a mão para parar Julie antes que ela o interrompesse. — Eu concordo. Foi uma coisa séria e estranha de se fazer, e isso não estava certo. Porém você pode ter se irritado sobre isso, mas espero que possa entender os motivos dele, foi a fim de chamar sua atenção.

Julie olhou para cima.

— Acho que sim.

— Você pode imaginar quanto tempo ele passou adulterando todas as fotos? Inventando novas oportunidades de trabalho voluntário? E quando ele mandou para Celeste o pacote, o pobre rapaz teve que rastrear o e-mail de um velho amigo no exterior, enviou o pacote para lá, para essa pessoa enviá-lo de volta para a casa para que ele tivesse a postagem certa. Para não falar de todo o trabalho que deve ter para manter suas histórias certas. — Ele sorriu. — Vamos lá, Julie. Esforço tem de contar para alguma coisa.

— Isso tem sido difícil para mim — disse ela. — Eu me sinto estúpida em dizer, considerando o que sua família passou, mas...

Roger parou.

— Você está autorizada a se sentir desse jeito. Matt é um idiota. E talvez você tenha outras razões para estar se segurando. Razões que não têm nada a ver com Matthew.

— Eu não sei no que confiar... em quem confiar.

Roger inclinou a cabeça para o lado.

— Olha, Finn era bom com todas essas coisas com meninas. Ele era legal, encantador e... magnético. Era absolutamente magnético. Mas Matthew é excepcional, também, apenas de uma maneira diferente. Deve ter sido difícil competir com Finn antes, e agora que Finn se foi, provavelmente é ainda pior para ele. Você não pode vencer a memória dos mortos. Querida, Matt não é o mais encantador dos jovens, mas seu coração estava no lugar certo. — Roger afagou-lhe a mão. — Ah, Julie. A execução de Matt pode ter sido desastrosa, mas não se esqueça de seu coração.

Imagens do ano anterior brilharam pela cabeça de Julie: Matt pegando-a na frente do “não apartamento”. Explicando fontes nerds. Relutante, levando-a para comprar dobradiças para Pôster do Finn. E-mails comerciais sobre possíveis esculturas de neve. Deitado sob a árvore. Discutindo, gracejando, defendendo suas tolas camisetas. As horas gastas em seu quarto. Ela pensou em como ele a tinha segurado quando ela saía do oceano gelado. E naquela noite, depois da Festa do pijama da Celeste, tocando-a com ternura em sua cama.

Como ele parecia quando finalmente colocou seus sentimentos para fora. A forma como ele se sentiu apenas por estar perto dela. A forma como o mundo parou quando ele a beijou.

E foi aí que ela percebeu. Julie olhou Roger e sorriu. Sentia-se completa, pela primeira

vez em semanas.



Capítulo 32

Matthew Watkins *Quando eu estragar tudo, só vou pensar nisso como o grupo se dissolvendo. E por “o grupo” quero dizer “Função do cérebro” e por “dissolução”, “falhando miseravelmente”.*

Julie Seagle *“A melhor maneira de segurar um homem é em seus braços.”*

Mae West

Celeste Watkins *Acho que a expressão deve ser “livre para ser eu OU você”, porque “livre para ser você E eu” me faz pensar em um transtorno dissociativo de identidade.*

Seu coração estava batendo incontrolavelmente. Julie teve de reunir todos os pedaços de coragem quando tinha acabado de tocar a campainha. Ela estava em tempo para a festa, mas esperava que não fosse tarde demais para a coisa mais importante.

Erin abriu a porta.

— Você está aqui! Olhe para você! Está maravilhosa!

Julie inclinou-se para um abraço, sorrindo para Erin em seu típico abraço desajeitado.

— É um grande dia, não é?

— Um dia muito atrasado. Vamos lá, estamos todos no quintal. — Erin esperou por Julie para entrar na casa. — Bem, vamos lá. Não seja tímida. Esta é praticamente a sua casa, também.

Julie forçou seus pés a se moverem.

“Respire, respire, respire.”

Elas caminharam até a sala de jantar. A bandeja com pães e patês estava na mesa de centro por debaixo de uma massa de balões e fitas que tinham sido ligadas às costas das cadeiras. A sala estava mais leve e mais alegre do que Julie já tinha visto.

— Conte-me sobre o seu verão, Julie. Você e eu mal nos vimos nesses meses, e não gosto de não saber o que está acontecendo com você. E você já está matriculada para as aulas de outono? Eu ficaria honrada de olhar suas opções de cursos com você. — Ela puxou uma cadeira. — Aqui, sente-se. Quer café?

Julie assentiu. Ela passou vinte minutos tentando o seu melhor para prestar atenção nos conselhos de Erin sobre o semestre seguinte. Ela tinha sentido falta de Erin e estava tão feliz de ver como ela estava engajada e genuinamente alegre.

Mas sua mente estava em outro lugar.

Celeste saltou pela sala e praticamente derrubou-a com um abraço.

— Por que ninguém me disse que você tinha chegado? Ah, meu Deus! São para mim?

Julie assentiu e entregou-lhe um enorme buquê de flores.

— Parabéns, amiga. Sei que este dia significa muito para você. E para mim, também.

— Vou descobrir se Roger está quase pronto — disse Erin. — Ele tem estado no porão durante duas horas, e a casa ainda está sufocante. — Ela abanou com a mão quando saiu da sala. — Agosto em Boston nunca deixa de enfurecer-me.

— Meu pai está mexendo com o sistema de aquecimento — explicou Celeste.

— Não vá perto dele até que ele tenha terminado, porque não é muito apto e já tomou dois pequenos choques. Viu Matt? Ele está escondido no quintal. Acho que está nervoso.

— Junte-se ao clube.

Celeste tocou o braço de Julie.

— Não fique nervosa, Julie. Isso vai funcionar maravilhosamente. Acredito em você. Em vocês dois.

— Vamos ver.

Julie atravessou a cozinha e foi para fora pela porta dos fundos da varanda.

Ele estava lá fora, no gramado, em pé, de costas para ela, suas mãos enfiadas nos bolsos da bermuda. Ele parecia incrível. Tudo sobre ele voltou, Julie tocou a palma da mão contra o peito, lembrando-se novamente de respirar para se acalmar.

— Matt.

Matt virou-se hesitante e deu um aceno tímido. Usava a mesma camisa “Nietzsche é meu garoto” que ele usou no dia em que o conheceu. Foi exatamente como deveria ser.

— Matty! — ela chamou o seu nome mais alto neste momento, se perguntando se ele podia notar o alívio que sentiu ao vê-lo. Ela desceu os degraus, precisando mais dele do que

jamais poderia ter imaginado. Tinha sido um longo verão de mágoa, mas pelo menos ela finalmente sabia o porquê de seu coração estar doendo.

Ela não podia alcançá-lo rápido o suficiente.

Matt correu e a pegou quando ela voou para seus braços. Ela envolveu-o pela cintura com as pernas e os braços ao redor de seu pescoço, abraçando-o com força. Fazia tanto tempo desde que ela tinha estado perto dele. Muito tempo.

— Julie. — Não havia nada mais maravilhoso do que a maneira como ele dizia o nome dela. Como ela nunca percebeu isso? — O que está errado? Você está bem? — Ela ouviu sua confusão e preocupação.

Ela riu quando se pendurou em Matt.

— Eu estou bem agora.

Ela fungou, consciente de que tinha se bagunçado inteira e estaria chorando em um instante. Mas isso é o que o amor faz com você. Angustiante, avassalador, esmagador, completo, complexo, o amor te faz cair de joelhos.

— Eu senti sua falta — ela sussurrou em seu ouvido. E ela tinha sentido. Sua voz, seu toque, a maneira como ele se movia... Tudo sobre ele.

— Sentiu? — ele perguntou em voz baixa.

— Sim. Muito.

Ele abraçou-a enquanto ela descansou a cabeça em seu ombro e passou as mãos sobre suas costas, nenhum deles disposto a deixar o outro. E com a forma como eles estavam colados um ao outro, ela sabia que esta não era como a última vez que tinham estado tão perto. Este não era um adeus.

— Eu sinto muito. Era sempre você — ela disse.

— O quê? — ele murmurou.

Ela levantou a cabeça e apertou a bochecha contra a dele.

— Sempre foi você. Eu pensei que fosse outra pessoa, mas era você. Você era a pessoa que eu sentia.

Julie o ouviu prender a respiração e ela baixou os pés no chão, mantendo o seu corpo contra o dele. Matt colocou as mãos nos seus quadris, puxando-a mais.

Deus, ele era tão perfeito. Em seguida, os lábios dele estavam nos dela, beijando-a com força, apaixonadamente. Diferente de antes. Não havia mais como fingir, não havia mais como negar, não havia mais tristeza. Seus dedos se moviam apenas sob a parte inferior de sua camisa, levemente raspando a parte inferior das costas, em seguida, sua cintura estava em suas mãos. Seu aperto era firme, sólido, reconfortante. Deus, a sensação de suas mãos contra sua pele... Ele beijou seu pescoço, seus lábios macios, sua língua quente, e sua respiração se acelerou. Ela choramingou em voz baixa. Ele era um cara que conseguia totalmente escolher o pior momento para deixá-los excitados. “Mais tarde”, ela disse a si mesma.

“Depois, eles poderiam ficar sozinhos.”

Julie forçou-se a recuar ligeiramente.

— Vamos lá. Nós vamos ter uma cerimônia em breve. — Ela agarrou sua mão e puxou-o para trás, determinada a não deixá-lo ir de novo. — E nós estamos de saída em uma hora.

— Eu poderia fazer um monte de coisas acontecerem em uma hora — Matt sugeriu.

Julie virou-se e levantou uma sobancelha enquanto caminhava para trás.

— Eu aposto que você poderia. — Ele estava fazendo isso ser tentador, fugir com ele, mas este dia era importante. — Prometo que você vai ter essa chance. Mas, agora, nós temos que ir comer. Você, Celeste, Pôster do Finn e eu sairemos juntos. Temos um lugar para ir.

— Nós temos?

— Sim. — Ela não conseguia parar de sorrir.

— Eu pensei que o Pôster do Finn estava sendo atribuído ao sótão para o resto de sua existência?

— Mudança de planos.

— Então, nós não podemos nos esgueirar em algum lugar e brincar? — Matt gemeu.

— Ainda não.

— É melhor ser um maldito de um bom plano.



— Olha, essa coisa de venda está realmente começando a me assustar. Não sei quando você se tornou uma dominatrix, Julie, mas minha irmã está no carro, por isso não parece adequado demonstrar suas habilidades especializadas na frente dela. — Matt levantou a mão para tirar a venda que Julie tinha amarrado sobre seus olhos.

— Não se atreva! — Celeste se inclinou para o banco da frente do Volvo e bateu na mão de Matt. — Comporte-se. Esta é uma boa surpresa.

— Estamos quase lá? Estou com fome — disse Matt. — Preciso fazer xixi. Estou entediado. Quanto tempo mais? Vamos jogar “o mestre mandou”. Oh, espere. Eu não posso. Estou com os olhos vendados. Esta é a pior viagem de todas!

— Matt, cale a boca! — Julie parou no lado direito da estrada, mantendo sua mão em Matt. — Apenas mais uma saída, e então chegaremos lá. As duas horas de carro vão valer a pena. Confie em nós.

— Quando você diz que vale a pena, você quer dizer que haverá dinheiro envolvido? A Apple terá uma conferência de imprensa em 22 dias, e eu tenho certeza de que eles estão liberando algum gadget descontroladamente desnecessário do qual eu preciso.

— Celeste, faça o seu irmão se comportar — Julie disse.

— O fato de que você ainda está segurando sua mão depois de ter sido persistentemente irritante durante todo o trajeto indica-me que ele agora é igualmente seu problema. Vou

aproveitar este passeio panorâmico e permitir que você gerencie as explosões irritantes de Matt.

— Ótimo. — Julie suspirou dramaticamente. — Lutas longas de conversa obtusa intercaladas com momentos de estarecedoras trivialidades sobre a história da internet. É uma compensação pelo charme ocasional, suponho — Julie admitiu. — Mas o que fazer, tenho que lidar com ele.

— Eu ainda estou aqui! — Matt gritou. — Consigo ouvir você falar de mim. Eu tenho sentimentos, sabe! — Ele falsificou um soluço e fungou em voz alta.

— Eu vou anotar isso — disse Julie.

— Oh, Julie, é a placa — Celeste disse. — Nós chegamos! Este é o perfeito bota-fora para Pôster do Finn. O Finn verdadeiro aprovaria. Você também vai, Matty.

Julie estacionou o carro.

— Adivinha onde estamos?

— Yosemite? Grand Canyon? — Matt disse. — Vegas? Oh, meu Deus, estamos em Vegas, não é? Celine Dion está aqui? Cher? Vamos nos bastidores? Não, é Museu Liberace. Eu posso sentir isso. É um sonho se tornando realidade! Esperei toda a minha vida por isso.

— Isso é ridículo, Matt — Celeste repreendeu. — Nós não estamos em Las Vegas. Tente mais.

— Disney World? O Mall da América? Pike Place Fish Market? Graceland?

— É lisonjeiro que ele pense que nós somos tontas o suficiente para submetê-lo a armadilhas para turista, não é? Celeste, ele nunca vai descobrir — disse Julie. — Vamos mostrar a ele. — Ela deslizou a venda de seus olhos e assistiu-o se ajustar à luz e ler a placa na frente do carro.

Matt estava falando sério agora.

— Eu nunca teria adivinhado, é aí que as duas estão me levando. — Ele fez uma pausa e mordeu o lábio, um sorriso suave se formando. — A última vez que estive aqui estava com Finn.

Julie bateu palmas.

— Nós vamos fazer paraquedismo.

Ele olhou para ela.

— O que quer dizer com vamos fazer?

Ela assentiu com a cabeça.

— Você não é muito brilhante, é? Quero dizer que você e eu vamos saltar de um avião e, em seguida, um paraquedas, uma coisinha salva-vidas, vai sair e vamos cair no chão em um segundo.

— Nós dois vamos?

— Sim — ela disse. — Eu quero ir com você, Matt. Dessa vez de verdade.

Ela adorava quando ele emudecia.

— E o Pôster do Finn também — disse Celeste. — Nós ligamos para o centro de paraquedismo esta semana. Eles se lembram de você e de Finn, e disseram que você poderia levar o Pôster do Finn quando pulasse. Eu acho que é uma maneira apropriada de comemorar. O Finn de verdade iria realmente gostar dessa ideia.

— Claro que vou levá-lo — disse Matt. — Claro. Julie, você tem certeza sobre isso?

— Sim — ela disse. E ela estava falando sério. Ela confiava nele completamente.

— Eu quero fazer isso com você.

Matt inclinou-se e colocou a mão sobre a parte de trás do seu pescoço. Ele puxou-a com cuidado, beijando-a suavemente e com perfeição.

— Eu sabia! — Celeste gritou. — Eu disse, Julie, não é? Eu disse que ia dar certo, e deu. Isso significa que não haverá mais brigas desagradáveis entre vocês dois? Achei essas brigas incrivelmente perturbadoras.

Julie inclinou-se para trás e riu.

— Eu não sei nada sobre isso. — Ela olhou para Matt nos olhos. — Mesmo assim, eu te amo.

Matt sorriu e piscou.

— Eu sei.

Celeste e Julie lhe deram um tapa.

— Este seria um momento adequado para não ser um idiota ou um espertalhão — disse Julie.

Celeste colocou a cabeça entre os bancos da frente.

— Seja o herói, Matt. Vamos. Você deveria ser o herói agora. A declaração romântica.

— Eu sei também — disse ele. Matt não hesitou um momento mais. — Julie, eu te amo. Eu absolutamente amo você.

— Bom — Celeste disse satisfeita. — Agora é hora de saltar.

INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES
E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

www.editorapandorga.com.br



Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Ficha catalográfica](#)

[Parte 1](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Parte 2](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Parte 3](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)